

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

SILVANA PARISI

**Separação amorosa e individuação feminina: uma
abordagem em grupo de mulheres no enfoque da
Psicologia Analítica**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor em
Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Maria Julia Kovács

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Parisi, Silvana.

Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica / Silvana Parisi; orientadora Maria Júlia Kovács. -- São Paulo, 2009.

272 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Mulheres 2. Individuação (Psicologia) 3. Separação conjugal
4. Grupos 5. Psicologia junguiana I. Título.

HQ1206-1216

Silvana Parisi

Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem
em grupo de mulheres no enfoque da Psicologia Analítica

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor em
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar
e do Desenvolvimento Humano

Aprovado em: ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Às pessoas que me ensinaram a amar:

Diana e Felipe, meus filhos

Luiz, meu companheiro

AGRADECIMENTOS

Muitas mãos participaram da “confeção” desta tese. As minhas digitaram e deram forma, mas teriam feito muito menos se outras tantas não estivessem por perto, apoiando, dando um empurrãozinho, apertando forte quando eu precisava ou simplesmente acenando de longe para me incentivar.

Em primeiro lugar quero agradecer à querida orientadora, Maria Júlia Kovács pelo estímulo e confiança. Paciente e atenciosa, sempre me acolheu e guiou com mão suave e segura desde a época do mestrado.

Agradeço a ajuda das mãos da banca de qualificação: Laura Villares de Freitas e Durval Faria, caros amigos que souberam me dar os “toques” que eu precisava.

Às mulheres participantes desta pesquisa, mais do que mãos que teceram junto comigo este trabalho, devo a confiança e a disponibilidade para partilharem seus segredos e dores, esperanças e desesperanças nos encontros do grupo.

Agradeço o carinho e a paciência de meus filhos Diana e Felipe que principalmente nos últimos meses da tese suportaram minhas ausências em espírito, mesmo que de corpo presente.

Agradeço à minha mãe de mãos tão habilidosas e agora enrugadas que me afagaram tanto nesta vida e à meu pai (*in memoriam*) que sempre incentivou e possibilitou meus estudos. Também agradeço à minha irmã Eliana que na fase final me desobrigou de encargos familiares para estar totalmente centrada na tese.

Minha gratidão imensa vai para Luiz Pitombo, “Lú”, querido e amado companheiro, pelo apoio, compreensão, carinho, estímulo e a oferta de um refugio sossegado para escrever. Uma presença essencial nos bastidores deste trabalho que me deu aconchego e força para enfrentar os desafios da criação.

Devo minha gratidão especial a Eliana Magalhães, amiga de longa data desde os tempos da faculdade que leu, acolheu, opinou e discutiu minhas idéias em incontáveis papos regados a cafezinhos, sempre atenta, carinhosa, interessada e prestativa numa interlocução inspiradora. Seguramente sem suas “mãos” esta tese seria diferente.

Agradeço também colegas e amigas que deram alguns toques preciosos e muito bem vindos na elaboração da tese: Bia Vidigal com sua precisão teórica e cuidado delicado e Ligia Miranda Azevedo, amiga antiga que além do carinho, contribuiu com valiosas idéias. Em especial agradeço a Vanda Di Yorio (ou Vanda Benedito) que com sua experiência e conhecimento na área de terapia de casais, avalizou e incentivou minhas idéias.

Ao João Meyer, amigo e conselheiro, agradeço pelos longos papos e cervejas nos momentos mais difíceis dos últimos anos e pelo “empurrão” para que eu fizesse pós-graduação.

À Irene e Lidia Aguilar, primas queridas, devo a compreensão pelas minhas ausências em momentos que gostaria de estar presente.

Agradeço especialmente a ajuda providencial da querida amiga Vera Maluf por sua disponibilidade para fazer a versão para o inglês e de Maria Carolina Scoz, que generosamente fez mais do que a revisão da tese, ofereceu suporte, acompanhou os momentos finais da escrita e deu sugestões preciosas: uma descoberta inesperada e frutífera.

À Jette Bonaventure agradeço pela acolhida amorosa e pelo carinho de tantos anos me acompanhando.

Ao Victor Pierre Stirnimann que com mão firme e atenta esteve na retaguarda durante o último ano acompanhando minhas instabilidades, agradeço o apoio, a torcida e as idéias inspiradas e instigantes.

Outras mãos foram essenciais na produção da tese: agradeço à Patrícia Costa, colaboradora do grupo piloto e à Fernanda Balthazar, colaboradora do grupo de pesquisa, pela disponibilidade, atenção e ajuda nas gravações, fotos e anotações. Também agradeço às mãos habilidosas que auxiliaram na trabalhosa tarefa de transcrição das fitas: Milson dos Santos Evaristo Junior e Mirian Silva. Não posso deixar de citar Edna Mendonça que sempre me incentivou e ajudou na divulgação da pesquisa para montar o grupo.

Agradeço ao apoio e estímulo do grupo de orientação e pessoal do LEM, Nancy Vaiciunas, Elaine Alves, Cláudia, Clodine, Maria Carolina, Juliana, Ana Paula, Carolina e especialmente Janaina pelas dicas práticas.

Agradeço a compreensão de meus pacientes pelas minhas ausências dos últimos tempos e ao grupo de mulheres pela confiança depositada em mim e por tudo que aprendi em nossos encontros por tantos anos. Também devo meus agradecimentos aos grupos da Jette e da Agnes por acompanharem à distancia meus esforços e aos colegas e à coordenação da faculdade Ibirapuera pelo apoio nas etapas finais da tese, em especial à Prof. Kathia Neiva e à Ivelise Fortim.

Em especial, minha gratidão ao inesquecível mestre Prof. Sandor (*in memoriam*) que me iniciou em Jung e em tantos outros conhecimentos.



Gustav Klimt

*Ó pedaço de mim, ó metade afastada de mim
Leva o teu olhar, que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento, é pior do que se entrevar.*

*Ó pedaço de mim, ó metade exilada de mim
Leva os teus sinais, que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco e evita atracar no cais.*

*Ó pedaço de mim, ó metade arrancada de mim
Leva o vulto teu, que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu.*

*Ó pedaço de mim, ó metade amputada de mim
Leva o que há de ti, que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada no membro que já perdi.*

*Ó pedaço de mim, ó metade adorada de mim
Lava os olhos meus, que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo a mortalha do amor, adeus*

“Pedaço de mim” (Chico Buarque)

RESUMO

PARISI, S. **Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da Psicologia Analítica.** Tese (Doutorado). 2009. 272 f. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

O presente trabalho teve como objetivo a compreensão da separação amorosa vivenciada pela mulher de meia idade relacionada ao processo de individuação através de um trabalho realizado em grupo vivencial sob o enfoque da Psicologia Analítica. O método utilizado na pesquisa foi qualitativo sob a perspectiva simbólico arquetípica. Foram realizados oito encontros de grupo com sete participantes na faixa etária de quarenta a cinquenta e cinco anos que estavam vivenciando uma separação amorosa. No grupo foram utilizados recursos expressivos, contos e mitos para favorecer a elaboração simbólica. A partir do material coletado observou-se uma grande diversidade de experiências em relação à perda como sentimentos de tristeza, solidão, desamparo, raiva, desejos de vingança, sensação de vazio e desorganização. Um tema comum manifestado pelas participantes foi a sensação de perda de identidade no relacionamento anterior ou em decorrência da separação. Identificou-se que esta perda estava associada a conteúdos inconscientes projetados no parceiro e na conjugalidade que ainda não haviam sido reintegrados à consciência. Verificou-se que em alguns casos a identidade estava alicerçada no vínculo simbiótico mantido com o parceiro. Reconhecer a raiva que estava na sombra do relacionamento, recolher as projeções depositadas no parceiro e ter que enfrentar a solidão se revelaram como oportunidades de diferenciação necessárias ao processo de individuação. Na compreensão dos dados, foi utilizado o referencial de mitos e contos para estabelecer algumas amplificações e analogias. Alguns padrões arquetípicos femininos mostraram estar ativados ou negligenciados na psique das participantes: a traição acionou uma Hera raivosa e vingativa em algumas mulheres, enquanto Afrodite parecia abandonada pelo desinteresse manifestado por algumas participantes para novos relacionamentos. Por outro lado a separação constelou arquétipos de deusas mais independentes em algumas mulheres que investem em trabalho e estudos. Observou-se que a temática da descida ao mundo inferior expressa nos mitos de Inana e de Core-Perséfone era constelada na vivência depressiva de algumas participantes, uma experiência necessária à elaboração do luto e ao enraizamento no Self feminino simbolizado pelo encontro com a deusa escura reprimida na cultura patriarcal. O grupo vivencial se mostrou eficaz para favorecer a elaboração do luto pela perda amorosa através da criação de um espaço ritual, permitindo a constelação de uma nova *coniunctio*. Os recursos expressivos e os contos e mitos utilizados facilitaram a expressão simbólica das participantes e mobilizaram as forças curativas da psique para iniciar a cicatrização das feridas ocasionadas pela perda. Constatou-se no grupo uma apropriação da própria trajetória de vida possibilitando assumir a responsabilidade pelo processo de individuação. São sugeridos novos estudos e o desenvolvimento de trabalhos em grupos vivenciais de mulheres e também de homens para lidar com a separação amorosa em consultórios e instituições de saúde, visando contribuir para a área de relações de gênero.

Palavras-chave: Mulheres, Individuação (Psicologia), Separação conjugal, Grupos, Psicologia junguiana.

ABSTRACT

PARISI, S. **Separation from love relationships and women's individuation: an approach into a group of women in the focus of the Analytical Psychology.** Thesis (Doctoral). 2009. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This thesis sought to understand the separation from a love relationship as experienced by middle-aged women related to the individuation process through experiential group work in the focus of Analytical Psychology. The method used in the research was qualitative, under a symbolic archetypal perspective. Eight group meetings were held with seven participants aged from forty to fifty-five who were undergoing separation from love relationships. Expressive resources, tales and myths were used in the group in order to favor the symbolic development. The material gathered showed a large diversity of experiences in relation to the loss, such as feelings of sadness, solitude, distress, anger, wishes of revenge, a feeling of emptiness and derangement. A common matter expressed by the participants was the feeling of loss of identity in the past relationship or as a result of the separation. It was identified that this loss was associated to unconscious contents projected in the partner and in the conjugality that had not yet rejoined their consciousness. It was verified that, in some cases, the identity was grounded on the symbiotic relationship had with the partner. To recognize the anger that was in the shadows of the relationship, to bring in the projections deposited in the partner and have to face solitude revealed to be opportunities of differentiation that are necessary for the individuation process. The referential of myths and tales was used in the understanding of the data, in order to establish some expansions and analogies. Some feminine archetypal standards were shown to be activated or neglected in the psyche of the participants: betrayal turned some women into an angry and vengeful Hera, while Aphrodite looked abandoned by the lack of interest for new relationships expressed by some participants. On the other hand, the separation constellated archetypes of more independent goddesses in some women who invest on their career and education. It was noted that the thematic of the descent to the underworld expressed in the myths of Inanna and Core-Persephone was constellated on the depressive life experience of some participants, a necessary experience for the elaboration of mourning and rooting into their feminine Self, symbolized by the meeting with the dark goddess repressed in the patriarchal culture. The experiential group was shown to be efficient to favor the elaboration of mourning for the loss of their love mate through the creation of a ritual space, allowing the constellation of a new *coniunctio*. The expressive resources and tales and myths used facilitated the symbolic expression and mobilized the healing forces of the psyche to start the healing of the wounds caused by the loss. The group demonstrated an appropriation of their own trajectories of life, allowing them to take responsibility for the individuation process. New studies are suggested, as well as the development of experiential group work with women and man to handle the separation from love relationships in clinical settings and health institutions, seeking to contribute to the gender relationship area.

Key Words: Women, Individuation (Psychology), Marital separation, Groups, Jungian psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Linha da vida de Dora	182
Foto 2 - Linha da vida de Lia	183
Foto 3 – Linha da vida de Beth	184
Foto 4 – Linha da vida de Miriam	185
Foto 5 – Linha da vida de Ione	188
Foto 6 – Linha da vida de Suzana	189
Foto 7 – Confecção dos mantos	196
Foto 8 – Manto Lia	200
Foto 9 – Manto Miriam	201
Foto 10 – Manto Beth	202
Foto 11 – Manto Clara	203
Foto 12 – Manto Suzana	204
Foto 13 – Manto Dora	204
Foto 14 – Manto coletivo	208
Foto 15 – Imaginação dirigida Dora	217
Foto 16 – Imaginação dirigida Clara	217
Foto 17 – Imaginação dirigida Beth	218
Foto 18 – Imaginação dirigida Suzana	218
Foto 19 – Imaginação dirigida Lia	219
Foto 20 – Imaginação dirigida Miriam	220
Foto 21 – O grupo na exploração dos materiais	232

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
I FUNDAMENTOS TEÓRICOS	18
O desenvolvimento psicológico da mulher	19
1.1. Os complexos	23
1.2. Feminino e Masculino	25
1.3. O animus	26
1.4. Individuação e meia idade	29
1.5. A mulher na atualidade	32
2. O Relacionamento amoroso e a <i>coniunctio</i>	37
2.1. As transformações do casamento	37
2.2. A dimensão amorosa	41
2.3. Mitos e lendas do amor	46
3. Separação e Luto - <i>separatio</i> e <i>mortificatio</i>	51
3.1. Luto e mundo inferior	55
4. O Grupo na Psicologia Analítica	59
4.1 Recursos expressivos e função transcendente	59
4.2 Grupo e espaço ritual	62
II OBJETIVOS	69
III MÉTODO	71
1. A abordagem	72
2. As participantes	75
3. Coleta de dados	77
4. Procedimentos	78
5. Compreensão dos dados	80
6. Considerações éticas	82
IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	84
1. Perda e resgate da alma	85

2. Retrato do grupo	89
2.1 Atividades e recursos utilizados no grupo	89
2.2 Retratos das participantes	95
3. O primeiro momento do grupo - Localização e reconhecimento das feridas	100
3.1 O eu perdido	101
3.2 As deusas negligenciadas	109
3.3 A desilusão	120
3.4 Fusão e diferenciação	130
3.5 A raiva	137
3.6 Traição	144
3.7 Solidão e desamparo	152
3.8 As lágrimas	160
4. O segundo momento do grupo – Retrospectiva e linha da vida	170
4.1 Era uma vez.....	172
4.2 A linha da vida	181
5. O terceiro momento do grupo – Recuperação – Nova pele	191
5.1 O curador ferido	192
5.2 O manto – <i>Coagulatio</i>	196
5.3 Caminhos de transformação	210
5.4 A mulher interior	216
5.5 Perdas e ganhos	222
6. O Processo grupal – uma nova <i>coniunctio</i>	226
7. Seis meses depois	236
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
VI REFERÊNCIAS	251
ANEXOS	260

APRESENTAÇÃO

Todo discurso sobre o amor se torna assim o discurso sobre si mesmo, a confissão mais íntima. (Carotenuto, 1994, p.27)

Sempre tive dificuldades com separações e despedidas. E tive muitas. Não posso dizer que tenham sido excessivas como às vezes acontece na vida de algumas pessoas que parecem marcadas por eventos trágicos ou perdas precoces. Suponho que tenha tido uma boa parcela de separações, como todo mundo depois de certa idade, creio. Algumas mortes. Essas, exigindo despedidas irreversíveis. Já fui casada, descasei. Namorados, vários. Separações desejadas, indesejadas, tristes. As rupturas de vínculos tão frequentes na vida das pessoas, sempre tiveram um sabor bastante amargo para mim. Doía, doía, depois passava. Mas a dificuldade para lidar com a separação foi uma tônica sempre presente. Desgrudar, deixar o outro partir, sabor de falta e de ausência calavam fundo. A sabedoria budista do desapego (privilégio daqueles que entenderam carnalmente que nada é permanente), embora desejada, nunca era alcançada.

Este doutorado foi marcado por turbulências. Uma morte familiar. E um afastamento temporário de meu companheiro, exatamente no momento em que eu estava para começar meu grupo de pesquisa. Foi visceral. Senti na carne mais uma vez a separação. Ouvir as participantes tocava em minhas feridas abertas. Por outro lado permitiu uma sintonia especial. Uma sincronicidade e tanto, como dizem os junguianos. Aquilo ecoava, falava dentro de mim, remexia. A única certeza era que o tema de minha pesquisa foi o caminho que o Self me ofereceu para lidar com esta questão em meu percurso. Ouviria de outras mulheres parte daquilo que eu também vivenciava em minha própria pele. Eu aprenderia alguma coisa com esta experiência. Viver a *separatio*, era o que estava constelado. E junto com elas.

Assim foi o recheio do doutorado. Agora, em *flashback*, volto ao início. Desde o mestrado, já queria realizar uma pesquisa com grupos vivenciais de mulheres. Já venho de uma prática com grupos de mulheres há vários anos, em diferentes contextos e formatos, desde workshops sobre mitos até grupos com um cunho mais terapêutico que mantém alguma periodicidade. Na dissertação, a menopausa foi meu tema (PARISI, 2002). Fiz uma análise da experiência simbólica vivida pela mulher neste período. Estabeleci relações com o padrão arquetípico de iniciação que envolve morte e renascimento. Entrevistei várias mulheres, mas

não foi possível realizar um grupo: a complexidade do trabalho que eu pretendia não seria viável no tempo escasso do mestrado. Retomei a idéia do grupo no doutorado.

“O como” eu já sabia: ia trabalhar com grupo de mulheres. Mas “o quê” ainda estava vago. Tinha imaginado um trabalho com mulheres em situações de crise ou perdas. Também pensei em sofrimento amoroso, dentro ou fora de um relacionamento. Eu queria era falar do Amor, com A maiúsculo, da dor de amar, de não amar, de mal amar. Também falar da ausência, da falta e da busca amorosa. Muito vasto e pretensioso. Aos poucos fui delimitando e cheguei à separação amorosa. Mas só na qualificação é que o tema realmente se configurou: a separação vivenciada pelas mulheres.

Mas eu ainda tinha dois objetivos: um era o estudo da vivência da separação para mulheres em seu processo de individuação e o outro era avaliar os efeitos de um trabalho grupal com recursos expressivos. A banca de qualificação me ajudou a colocar um limite às fantasias onipotentes. Não seria possível abarcar tudo. Agora, dou total razão à banca, na época, nem tanto. De certa forma, juntei os dois temas. Coordenei um grupo de mulheres que vivenciavam uma separação amorosa.

Mas, voltemos à separação, mais propriamente à perda amorosa. É o tema central deste trabalho. Sofrimento, luto, mágoa, desilusão, raiva, decepção, tristeza, vingança, traição já eram sentimentos conhecidos de minha prática de consultório. E na maioria, expressos por mulheres. Não que os homens não sofram e muito com a perda amorosa ou, de maneira mais geral, com problemas na esfera amorosa. Aliás, esta foi uma questão que me intrigou: haveria alguma diferença entre as formas masculinas e femininas de vivenciar a separação amorosa? Encontrei na literatura algumas opiniões sobre isto. Na abordagem psicanalítica, Caruso (1989) pondera que não se pode supor uma diferença fundamental entre homens e mulheres na vivência da separação amorosa: ambos sofrem uma desestruturação pessoal. Já na visão junguiana, autores como Neumann (2000) e Whitmont (1990) apontam uma dificuldade maior da mulher para lidar com situações de separação. Mas minhas buscas mais específicas sobre a separação na visão da Psicologia Analítica tiveram pouco resultado. Encontrei o tema abordado por autores que estudaram o relacionamento amoroso e/ou a terapia de casal, mas sem ter a separação amorosa como foco principal. Aprofundar-me nesta questão em relação às mulheres seria me aventurar em território não muito explorado na Psicologia Analítica, apesar de poder seguir algumas pistas e atalhos valiosos indicados pela teoria junguiana e por estes autores.

A questão amorosa e a separação sempre foram temas presentes em meu processo de individuação. Todas as vezes que tive que enfrentar rupturas ou crises amorosas, percebia

depois que aquela fase vivida na ausência de Eros tinha sido extremamente rica para meu desenvolvimento e amadurecimento. Apesar da dor, ou através da dor de ter que percorrer as terras desoladas sem o brilho do deus do amor, alguma transformação estava em andamento. Como diz Cowan (2007, p.176): “O processo de individuação não cessa quando Eros vai embora. Apenas ocorre de outra forma”.

Os mergulhos e as descidas ao mundo sombrio podem ser criativos e transformadores se conseguirmos estabelecer uma conexão com nosso interior mais profundo, nosso Self. Se houver uma entrega consciente do ego ao processo, vivendo o luto pela perda até o fim e pelo tempo que for necessário. Se nos deixarmos conduzir por aquelas partes dissociadas nem sempre conscientes, prestando atenção aos sinais que o Self nos indica.

O desenvolvimento da personalidade se dá ao longo da vida, mas em especial na meia idade – por volta dos quarenta anos, há um apelo, um “chamado” do Self para a completude, para a realização de si mesmo enquanto indivíduo singular, o que constitui a tarefa da individuação. Nesta época da vida costuma ocorrer uma crise, uma sensação de insatisfação e vazio. Algumas vezes o “divisor de águas” é uma doença, ou a perda de uma pessoa ou de um emprego, ou a aposentadoria, ou a separação do parceiro ou dos filhos que saem de casa – experiências doloridas que incitam à busca de novos significados. As mulheres que compuseram o grupo desta pesquisa estavam nesta faixa etária, o que foi intencional de minha parte. Aos quarenta ou cinqüenta anos há um razoável repertório de experiências amorosas, de escolhas feitas e de todo um caminho já trilhado. A separação pode ter vindo no “pacote” da crise da meia-idade dando um colorido diferente aos questionamentos característicos desta fase ou acentuando a sensação de fracasso e desorientação. Contudo, este quadro pode também oferecer a oportunidade de um genuíno encontro interior, através do confronto com os conteúdos inconscientes e de uma rendição consciente do Ego ao Self.

Muitas das mulheres que hoje estão na meia idade assistiram ou foram agentes das transformações das décadas anteriores que descortinaram inúmeras possibilidades de realização para a mulher e reformularam as relações de gênero, refletidas nas mudanças de relações familiares e amorosas.

Nunca foi tão grande como hoje o número de divórcios e separações. Mas nem assim os casais deixam de se unir prometendo ficar juntos até a morte. Após a separação, muitas vezes formam-se novos vínculos. As relações estão mais efêmeras; parece que a era do descartável se estendeu para o âmbito das relações amorosas. Neste cenário, as pessoas estão mais expostas a situações de rompimentos de vínculos, assim como a períodos de solidão e de novas buscas amorosas. E tudo num ritmo acelerado. Vivemos uma época de transição em

que os modelos patriarcais estão sendo abandonados, uma vez que já não atendem às necessidades coletivas de realização e ampliação de consciência. Mas ainda não há uma clareza sobre quais serão as novas formas de relacionamento entre homens e mulheres. É uma época de incertezas e desafios. Mas também de novas possibilidades criativas.

Frente às mudanças no comportamento amoroso observado na atualidade e às recentes conquistas das mulheres em termos de participação e de realização pessoal, qual o significado da ruptura amorosa no processo de individuação da mulher de meia idade? Como fazer para que esta experiência dolorosa possa ser transformadora e favoreça a individuação? Que recursos podem ser mobilizados para facilitar a elaboração desta perda? Estas foram algumas das questões que me conduziram neste trabalho.

Esta tese fala da perda amorosa e de sua dor. Dá voz à experiência de separação vivida por mulheres de meia idade. Fala de mágoas e tristezas. Mas também fala da busca de cicatrização destas feridas. Fins e recomeços. Descreve um trabalho em grupo que funcionou como vaso alquímico de transformação no qual a diversidade de vivências pode ser expressa e acolhida.

Meu processo pessoal se entrelaça com esta tese, como acontece com tudo em que colocamos a alma: “A arte requer o homem inteiro”, diz um tratado alquímico citado por Jung (1946/1987, p.66). O percurso como terapeuta e meu trabalho com mitos e grupos de mulheres certamente imprimiram uma marca própria em todo o processo de elaboração e condução da pesquisa. A terapeuta e a mulher estiveram de mãos dadas com a pesquisadora. Presumo também que eu não conseguiria me dedicar a um tema, e por tantos anos, que não tivesse profundas ressonâncias dentro de mim.

No primeiro capítulo apresento a fundamentação teórica que embasou este trabalho, situando primeiramente o desenvolvimento psicológico da mulher, o relacionamento amoroso e suas transformações, bem como algumas reflexões sobre a separação e a vivência do luto. Também discuto o trabalho em grupo vivencial na perspectiva da Psicologia Analítica.

Os capítulos II e III apresentam respectivamente os objetivos e o método utilizado nesta pesquisa.

O capítulo IV é voltado para os resultados e sua discussão. Dividi a compreensão dos dados em três momentos: o primeiro retrata e discute os principais temas trazidos pelo grupo em relação à perda. O segundo e terceiro momentos contêm a descrição e a análise do trabalho realizado com o grupo. Finalizo este capítulo com comentários sobre o processo grupal.

As considerações finais da pesquisa (novamente, o difícil exercício de uma separação...) constituem o capítulo V.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1. O desenvolvimento psicológico da mulher

Ao iniciar a apresentação dos fundamentos teóricos deste trabalho surge uma primeira questão da maior importância para o tema tratado. Mencionei acima alguns autores (NEUMANN, 2000; WHITMONT, 1990) que afirmam ser mais difícil para a mulher, dada sua natureza, lidar com problemas nos relacionamentos e com a separação amorosa. Mas quais seriam as características da natureza feminina que levariam a mulher a vivenciar a dissolução de vínculos como um problema particularmente difícil? É possível falar em “natureza feminina” sem incorrer em estereótipos e generalizações?

Um caminho possível para refletir sobre estas questões (que suscitam alguma polêmica) é percorrer o desenvolvimento psicológico da mulher em sua especificidade. Sem pretender desenvolver uma teoria completa sobre o tema, uma vez que só este capítulo constituiria uma outra tese, proponho-me a sintetizar algumas idéias que podem contribuir para uma melhor compreensão do desenvolvimento feminino. Na Psicologia Analítica é relativamente recente um olhar mais apurado sobre a psicologia da mulher. Estas formulações foram desenvolvidas principalmente por analistas pós junguianos e/ou feministas que se debruçaram sobre questões de gênero, buscaram referenciais mitológicos para (re)definir o feminino e a mulher e discutiram alguns postulados originais de Jung em relação à mulher que foram considerados preconceituosos e frutos da visão de sua época. Estas novas contribuições forneceram um panorama mais amplo e atual a respeito da mulher, algumas das quais serão mencionadas neste trabalho.

Entretanto, talvez se possa afirmar que Neumann (2000) no ensaio “*Os estágios psicológicos do desenvolvimento da mulher*” que foi publicado originalmente em 1953, assentou as bases para uma compreensão, na perspectiva junguiana, sobre o desenvolvimento psicológico da mulher, diferenciando-o do homem. Este mesmo autor, uma referência na Psicologia Analítica, em “*História da origem da consciência*” descreveu os estágios arquetípicos do desenvolvimento do ego através dos mitos, baseando-se na premissa de que a consciência individual tem que passar pelos mesmos estágios que determinaram a evolução da consciência da humanidade (NEUMANN, 1990b). Como se trata aqui de uma pesquisa que tem como foco a mulher, tomarei apenas o texto sobre o desenvolvimento da mulher aqui já citado como ponto de partida para este capítulo.

Para Neumann (2000) o primeiro estágio¹ do desenvolvimento tanto feminino quanto masculino é de uma unidade psíquica de não diferenciação entre ego e inconsciente, em que não há uma separação mãe-filho(a).² Este estágio é simbolizado pelo uroboro (a serpente que come a própria cauda) e se pode dizer que a criança está contida no uroboro materno ou na Grande Mãe. Mesmo nesta fase, em que não há qualquer consciência da diferença entre os sexos, este autor considera que há uma diferença na maneira como a filha e o filho percebem a mãe. O autor parte do pressuposto de que há uma diferenciação biopsíquica entre os sexos que se manifesta de maneira simbólica e arquetípica. Desta forma, a filha experiencia a mãe como um “tu” semelhante e não diferente. Assim, ao contrário do desenvolvimento do ego do menino que vai ocorrer em *oposição* à mãe (inconsciente), o ego da menina se desenvolve em *relação* a seu inconsciente. Esta identidade da filha com a mãe pode continuar a existir, ou seja, mesmo mulher adulta, pode continuar no relacionamento primal, fixada dentro da esfera da Grande Mãe, permanecendo desta forma imatura, mas não distanciada de si mesma. Uma expressão mitológica desta fase é o relacionamento de Deméter e Core, um mito que trata da relação mãe e filha. Neumann pontua que embora esta fase, que denomina de “conservação do Self”, possa ser vivida de modo saudável (não neurótico) pela mulher, é negativa em termos de desenvolvimento da consciência. Ela permanece dentro do clã materno. Pode haver uma hostilidade para com o masculino e com os homens que são vistos como “estrangeiros”. Este domínio do materno dificulta um relacionamento e encontro individual entre homem e mulher.

O segundo estágio é denominado de uroboro paterno ou patriarcal. Nesta fase há uma invasão de um poder desconhecido e numinoso. Neumann (2000) descreve que para a mulher esta fase é marcada pela experiência de ser dominada e penetrada, mas sem que haja projeção em um homem concreto; é sentida de modo impessoal e anônimo. Com o surgimento do uroboro paterno, forças interiores inconscientes irrompem na personalidade: “Porque o poder do inconsciente penetra e domina, a mulher o experiencia como algo masculino que a arrebatada, a toma, a traspassa e a transporta para além de si mesma.” (NEUMANN, 2000, p.20). No mito este estágio é representado pela virgem que é raptada por um deus ou é fecundada por um raio, chuva, touro, etc. Se a mulher permanece fixada neste estágio permanece vinculada ao “espírito-pai”, fascinada pelo espírito masculino (a filha do eterno pai), tornando-se um

¹ Por estágios ou fases Neumann entende que não se trata de “fantasmas abstratos de um passado histórico, mas antes imagens de constelações inconscientes que estão em ação agora, como em épocas anteriores, sendo necessárias ao desenvolvimento da consciência” (2000, p.16).

² Na visão junguiana a consciência tem suas raízes no inconsciente. O ego é o centro da consciência, enquanto o Self é o centro e ao mesmo tempo a totalidade da psique.

receptáculo da projeção da *anima*³ do homem (como sua inspiradora) ou refugiando-se num mundo de fantasias.

O próximo estágio é o patriarcado.⁴ A figura do herói masculino que liberta a donzela do uroboro patriarcal é a imagem mitológica que simboliza a passagem para esta fase. Se antes o masculino era impessoal e anônimo, agora aparece de forma pessoal, uma força externa e interna na mulher, em geral projetado em um homem real. O perigo para a mulher nesta fase é a perda do Self, da essência feminina. A transição para o patriarcado leva a uma identificação parcial da menina com o lado masculino, propiciando o desenvolvimento de uma pseudo masculinidade. Ela se “perde” no masculino, por assim dizer. É um desenvolvimento necessário, mas que, como diz Lima Filho (2002, p.147), representa a “perda da casa própria”: “o abrigo paterno é um lugar onde se sente amparada, mas por um *diferente*”. Este autor explica que o abrigo paterno, embora ofereça à menina amparo e fundamentos espirituais e éticos, “lhe proporciona bases masculinas estranhas ao núcleo de sua identidade de gênero” (LIMA FILHO, 2002, p.147). Para Neumann (2000) este estágio é exteriormente vivenciado no casamento patriarcal tradicional, no qual a consciência da mulher é puramente feminina e a do homem é puramente masculina, criando uma simbiose considerada por este autor como a coluna vertebral da cultura patriarcal.

A separação da fase matriarcal, necessária para o fortalecimento do ego de ambos, menino e menina, em termos culturais, se reflete numa desvalorização do feminino (que fica vinculado aos poderes do inconsciente) o que tem caracterizado nossa cultura ocidental há séculos. O efeito negativo para as mulheres e para o feminino é evidente: o feminino (tanto nos homens quanto nas mulheres) é sacrificado e vai habitar o subterrâneo no mundo das sombras.

Para caminhar em direção às fases mais elevadas de desenvolvimento a mulher precisará “trair o pai”, como afirma Lima Filho (2002, p.152), uma condição para que tenha autonomia e integridade. Para Neumann (2000) os estágios mais elevados do desenvolvimento feminino trazem a psicologia do encontro e a descoberta do Self, configurando conflitos característicos da individuação⁵

³ Em termos simplificados, “*Anima*” é o termo que designa as imagens arquetípicas do eterno feminino no homem. “*Animus*” é a contraparte masculina para a mulher. Voltarei a estes conceitos mais adiante neste capítulo.

⁴ Os termos patriarcado (patriarcal) e matriarcado (matriarcal) são utilizados no sentido de etapas do desenvolvimento da consciência tanto individual quanto coletiva. Quando se fala, por exemplo, em cultura patriarcal refere-se a um padrão de consciência dominante na cultura.

⁵ Individuação é um conceito fundamental na teoria junguiana e significa tornar-se um ser único e singular. Este conceito será apresentado com mais detalhes no decorrer desta seção.

Nesta fase de descoberta do Self, o encontro com o masculino agora acontece de forma internalizada. Reaparece a mãe, o relacionamento primal, mas sob a ótica de uma integração da personalidade. O trabalho da mulher nesta fase é conectar-se com a Grande Mãe, o solo feminino que, na fase do patriarcado, tinha sido abandonado. E é o próprio Self feminino que a impele a sair do patriarcado. Neumann ainda refere que nesta fase, com a descoberta que a mulher faz de si mesma, é comum ocorrer uma crise no casamento, especialmente quando este foi patriarcal. Define este tipo de casamento como uma solução coletiva em que os parceiros se unem de forma simbiótica, com uma acentuada e rígida divisão de papéis que implica em uma polarização de masculino e feminino na consciência e na repressão dos componentes contrassexuais da psique.

Neumann (2000) ressalta que a grande tarefa da mulher em nossa cultura está em desenvolver os aspectos masculinos e patriarcais da psique sem desistir de seu ser feminino. Assim, continua, exige-se mais dela do que do homem, pois a masculinidade e a feminilidade são, ambas, exigidas da mulher (do homem exige-se apenas masculinidade, pontua Neumann)⁶. Segundo este autor, a complicação maior para a mulher é que ela precisa do princípio masculino (que impulsiona seu desenvolvimento nas fases iniciais), mas não pode se distanciar demais do princípio feminino que é sua origem. Complementando estas idéias, Lima Filho (2002, p.148) diz: “O trabalho da mulher será o de curar a cisão mãe-filha [...] Ela precisa restabelecer a ligação fundamental com o Si-mesmo⁷ feminino do qual esteve afastada durante todo o período patriarcal do desenvolvimento”. Neste sentido, é uma “volta para casa”, mas não representa um retrocesso, afirma, pois não são desconsiderados os ganhos obtidos com o período patriarcal do desenvolvimento.

Voltemos às questões levantadas no início deste capítulo. A partir das idéias até agora apresentadas, é possível observar que para a mulher o masculino é o fator que impele para diante, enquanto que para o homem, o feminino retém. Desta característica Neumann (2000) depreende a dependência e carência maior da mulher no relacionamento com um homem e a aparente independência maior do homem para com a mulher. Dentro da perspectiva de um casamento mais tradicional, patriarcal (o que ainda é válido para muitas uniões na atualidade) a mulher estaria contida e mais temerosa de perda do vínculo, já que o masculino (do qual necessita) estaria projetado no parceiro. Ao contrário, nesta mesma perspectiva, o homem

⁶ Já não se pode dizer o mesmo na atual sociedade. Pesquisas recentes (FARIA, 2003; ALMEIDA, 2007) apontam que a crise contemporânea vivida pelo homem em relação à identidade masculina que lhe foi proposta, enfrenta conflitos e desafios análogos aos que a mulher enfrenta na busca de integrar o feminino desvalorizado.

⁷ Alguns autores e tradutores preferem o termo Si-mesmo em língua portuguesa ao invés de Self. Neste trabalho manterei o termo Si-mesmo para as citações a fim de manter fidelidade ao texto.

pode sentir-se preso ou sufocado pelo feminino, já que este representaria algo temido e regressivo para ele. Ainda voltarei a esta questão ao longo deste capítulo, pois na atualidade não se pode mais pensar nas relações entre homens e mulheres pautadas somente neste modelo.

1.1 Os complexos

Kast (1997b) também apresenta uma contribuição valiosa para a compreensão do desenvolvimento psicológico do homem e da mulher a partir dos complexos parentais. Os complexos explicam muitos dos conflitos e obstáculos encontrados nos relacionamentos, matizando a vida psíquica do casal com reações emocionais desproporcionais ou distorcidas em relação ao que de fato ocorreu. Primeiramente vou abordar a conceituação de complexo na Psicologia Analítica para depois estender-me à especificidade dos complexos da mulher. Jung (1934/2000, p.31) assim define o complexo afetivo:

É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente alto de *autonomia* [...] Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda sua força original.

Os complexos constituem nossas marcas e de certa forma, pode-se dizer, é o que nos torna singulares, com nossas preferências e aversões que manifestam as reações “complexadas”. Todos nós temos complexos. Ou, como afirma Jung (1934/2000), os complexos é que nos têm. Por isso fala-se em “possessão” por um complexo, dada a sua relativa autonomia sobre a vontade consciente. Eles são constelados⁸ por determinadas situações que atuam como disparadores de uma reação emocional típica: a pessoa pode perder o controle, se torna irracional e fazer coisas impensadas.

Em sua etiologia costuma haver um trauma ou choque emocional que pode ocorrer em qualquer época da vida, mas nas experiências da infância é que são formados os complexos que fornecem as bases da vida psíquica: os complexos parentais (materno e paterno). Em se tratando dos complexos parentais, diz Kast (1997b, p.32):

Em nossos complexos não se retratam simplesmente pai e mãe com seu comportamento exatamente como eles eram; os complexos parecem ser, antes, uma complicada fusão de algo factualmente experienciado e algo fantasiado, de expectativas frustradas, etc.

⁸ A palavra constelação é frequentemente utilizada nos escritos de Jung e se refere ao desencadear de um processo psíquico que aglutina determinados conteúdos. (JUNG, 1934/2000).

Ou seja, na origem dos complexos estão experiências e interações problemáticas ou marcantes da infância, mas que não constituem retratos fiéis dos pais concretos. O que ocorre é que situações semelhantes posteriores são interpretadas da mesma forma e reforçam o complexo; é quando dizemos que o complexo fica “ativado” ou é “constelado”. Além disto, por trás destas experiências com os pais pessoais existem as expectativas inconscientes quanto às imagens de pai e mãe que são arquetípicas. Estas imagens arquetípicas são vivificadas pela interação com os pais concretos. É importante ter este fato em mente quando lidamos com um complexo: apresenta uma casca pessoal, fundada na história e nas experiências vividas, mas seu núcleo é arquetípico.

Segundo Kast (1997b), é esperado que até a adolescência aconteça um desligamento dos complexos parentais para se poder adquirir autonomia e identidade próprias. Com base nesta autora, Faria (2003) explica que os arquétipos que estimulam o desligamento dos arquétipos parentais são a *anima* e o *animus*, para o homem e para a mulher, respectivamente, auxiliados pelo arquétipo do herói. Entretanto este desligamento não é simples e muitas vezes, devido às marcas originais dos complexos, pode ser adiado ou até impedido.

Na adolescência da menina, Kast (1997b) aponta duas formas possíveis de socialização: algumas já namoram cedo enquanto outras se dedicam ao desenvolvimento intelectual. Em ambas as formas estão presentes e mantidas as ligações com o complexo paterno, que aparece entremeado com o *animus* (projetado no namorado ou na vida intelectual). Para esta autora, o problema para as mulheres em nossa sociedade é que **não se exige o desligamento do complexo paterno**. Em sua visão, a menina pode cumprir seu papel social mesmo que não tenha desenvolvido uma identidade própria, ficando dependente da presença de um homem para ter a sensação de ser ela mesma. Mais tarde, pode continuar com este tipo de adaptação, realizando-se no mundo do pai e sempre fazendo o que é esperado que uma mulher faça (um comportamento característico de complexo paterno positivo). Se não se desligarem do complexo paterno e se não lidarem com o materno, terão dificuldades com situações de separação, afirma esta autora, uma vez que não encontraram sua própria identidade. Ela terá que lidar com a mãe e o complexo materno em busca de seu Self:

Se não fizer isso, ela depositará na relação com um parceiro – para além da projeção das experiências paternas e das expectativas não cumpridas em relação ao pai – os problemas maternos pendentes e as expectativas frustradas que ela tinha sobre a mãe (KAST, 1997b,p. 24).

Para a adolescente é complicado o desligamento do complexo materno, pois, também não se exige da menina o desligamento da mãe. Em termos ideais, ela precisa se desligar, mas

não abdicar da relação com a mãe. Neste processo de desligamento, pode acontecer que ela faça tudo diferente da mãe, posicionando-se contra ela. Mas esta atitude contrária à mãe também pode constituir um primeiro passo para encontrar sua identidade, já que começa a haver um desligamento. A necessidade que vai aos poucos sendo delineada é de uma reconciliação com a mãe. Esta reconciliação pode ser auxiliada por relações com outras mulheres, entre iguais, mas que são diferentes da mãe (KAST, 1997b).

Esta autora aponta algumas dificuldades para lidar com separações especialmente em mulheres que apresentam um complexo materno ou paterno originalmente positivo. O uso do termo “originalmente” se refere à configuração original, à marca da formação do complexo, que não necessariamente apresenta efeitos positivos ou negativos. A marca do complexo materno positivo se caracteriza por uma fé e otimismo em relação à vida. Entretanto, se o ego não se emancipou deste complexo, pode levar a certa paralisia e passividade, além de limites egóicos frágeis e inseguros. São pessoas fantasiosas e criativas, mas com pouca realização de seus potenciais. Em especial têm problemas com separação, sendo mais dependentes e com dificuldade de aceitar os processos de morte e perda naturais da vida, tendendo à reação depressiva em tais situações.

No caso do complexo paterno originalmente positivo sua identidade é derivada do pai e do complexo paterno, atribuída por este, pela relação com autoridades ou com o intelecto. Os homens e o masculino são idealizados, o que acarreta uma sutil desvalorização de si mesma como mulher. Se ela necessita desta forma da confirmação e admiração dos homens, quando vive a perda de uma presença masculina, perde sua auto-estima (KAST, 1997b).

1.2 Feminino e masculino

Percorremos até aqui algumas formulações teóricas que oferecem luz a respeito do desenvolvimento psicológico da mulher diferenciando-o do homem, mas ainda falta situar o que se entende por feminino e masculino e esclarecer o conceito de *animus*, que tem um papel fundamental no processo de individuação da mulher. Ainda procurando desenvolver algumas idéias a respeito das questões do início desta seção, recorro a outras contribuições teóricas que auxiliam nesta discussão ao abordar um tema que vem suscitando muitas controvérsias na atualidade no meio acadêmico junguiano: o feminino e a mulher. É, portanto com certa cautela que faço algumas ponderações a respeito, até porque, como já disse, não é objetivo principal desta tese.

Uma importante diferenciação deve ser feita: feminino não deve ser confundido com mulher e masculino não é o mesmo que homem. Quando esta distinção é feita e feminino e

masculino são vistos como princípios, é possível uma conceituação com abrangência maior e não contaminada por diferenças de gênero, mais sujeitas às influências culturais. Assim, como pontua Whitmont (1990), masculino e feminino são potencialidades presentes tanto em homens como em mulheres, mesmo que em proporções diferentes. Este autor prefere adotar os termos *Yin* para o princípio feminino e *Yang* para o princípio masculino, pois estariam menos associados a mulher e homem.

O princípio *Yang* é representado como o arquétipo da energia criadora ou iniciador da força, impulsividade e agressividade e tem características de calor e luz. Manifesta-se como espírito, fálico e discriminador. O princípio *Yin* é representado como receptivo, retraído, frio, úmido, escuro, gerador e é identificado com a natureza, com a terra e a lua.

Além disso, este autor oferece uma descrição destas polaridades que inclui um aspecto dinâmico e estático em cada um dos pólos. Esta é uma visão mais abrangente que amplia a compreensão do feminino sendo regido exclusivamente por *eros* e o masculino por *logos* (como foi entendido por muitos e gerou certa confusão conceitual). Assim, o aspecto dinâmico *Yang* revela um impulso fálico e agressivo, enquanto que no aspecto estático, manifesta-se como reflexão, consciência e discriminação. Na esfera *Yin*, o aspecto dinâmico relaciona-se a união, contato, envolvimento e *eros*, este visto como uma função de relacionamento. Já o *Yin* estático manifesta-se como materno-gestativo e receptivo, mas também frio e impessoal. Esta conceituação reflete mudanças significativas na visão de masculinidade e feminilidade em relação ao início do século XX, época em que Jung iniciou suas formulações.

1.3 O animus

Jung (1934/1978) denominou *anima* para o feminino de um homem e *animus* para o masculino da mulher. São figuras arquetípicas que representam o inteiramente outro e estranho ao ego. O conceito de *anima/animus* pode ser visto como uma grande contribuição de Jung para a compreensão do relacionamento entre homens e mulheres.

Para Sanford (1987) *anima* e *animus* são os *parceiros invisíveis* presentes em todos os relacionamentos. Em geral são projetados nas pessoas com quem nos relacionamos. Desta forma, comumente, o homem projeta sua *anima* na mulher e a mulher projeta seu *animus* no homem. Esta situação é, com frequência, causa tanto da atração e encantamento entre os parceiros quanto das dificuldades e conflitos nos relacionamentos, uma vez que as projeções são inconscientes e afetam a percepção que se tem da outra pessoa. Esta passa a ser o receptáculo da projeção, que tem sua base numa representação coletiva do masculino ou do

feminino e não individualizada e pessoal. Para o desenvolvimento psicológico é fundamental a conscientização destas projeções a fim de libertar o outro e o relacionamento de carregarem o fardo dos conteúdos inconscientes projetados. Ocorre então a apropriação destes elementos e a sua integração. Mas isto seria em termos ideais. Na prática não é tão simples assim. Por sua atuação nos bastidores dos relacionamentos eles são os “responsáveis” por incontáveis desentendimentos e decepções. Coloquei aspas acima intencionalmente. De fato, não escolhemos nossas projeções, elas simplesmente acontecem de forma autônoma: são conteúdos inconscientes. Mas somos, sim, responsáveis pelo que fazemos com elas. Nisto reside o papel vital do ego para a individuação, do qual não se pode furtar sob o risco de permanecermos presos a um modo coletivo de ser, meros espectadores de nossas existências.

As projeções de *anima/animus* refletem nossos conteúdos psíquicos. Através das projeções, eles se tornam *visíveis* e desta forma podem representar uma oportunidade para conhecermos nosso interior, pois representam algo que precisamos compreender a nosso respeito. Funcionam como uma ponte para as profundezas da psique, o que os torna mensageiros ou guias no processo de individuação. Pode-se afirmar como Stein (2004, p.133) que a experiência de *anima/animus* é a “Estrada Real (a via regia) para o Si-mesmo”, uma vez que na visão da Psicologia Analítica o lidar com os opostos na psique constitui a essência do processo de individuação.

Anima e *animus* são marcados pelos complexos materno e paterno e por isto é tão importante que ocorra sua diferenciação destas marcas originárias. Caso contrário sua influencia não permitirá um desenvolvimento da personalidade para fora dos complexos parentais. A pessoa tenderá a repetir as marcas destes complexos em suas escolhas, no modo como lida com seus relacionamentos e com sua vida de modo geral, reproduzindo o mesmo e velho texto vivido com “papai” e “mamãe”. Isto não quer dizer, no entender de Kast (1997b) que podemos nos libertar totalmente dos complexos parentais, mas é possível lidar com “aquelas mesmas dificuldades de sempre” que volta e meia aparecem.

Mas vamos compreender como o *animus* funciona na psique da mulher. Como todo arquétipo, o *animus* tem uma natureza dual, tanto positiva quanto negativa e sempre vai depender de como o ego se relaciona com esta figura arquetípica para vivenciar um ou outro aspecto.

Segundo Castillejo (1973), em sua faceta positiva o *animus* é o portador da tocha para a mulher, trazendo luz e foco. É positivo quando focaliza o que é relevante e negativo quando sua luz se dirige para o que é irrelevante. O problema é que o *animus* nem sempre ilumina as coisas certas, podendo levar a mulher a cair no convencional e coletivo. Se a mulher não lhe

diz onde focar sua luz, ela irá para qualquer lugar. E se a mulher aceita essa situação sem questionar, sem confrontá-la com seus próprios sentimentos, cai numa armadilha e assume o que escuta do *animus* como uma verdade absoluta. Aí certamente está uma fonte inesgotável de distorções na sua visão de mundo e de mal entendidos nas relações.

Há várias formas de manifestação da faceta negativa do *animus*. Uma destas formas é quando há uma identificação tão maciça que quem fala não é a própria mulher, mas a voz das regras gerais, muitas vezes crítica e dura, distante de seus sentimentos e incapaz de relacionamentos genuínos e pessoais. Usa-se a expressão “possessão pelo *animus*”. A mulher que está possuída pelo *animus* tem sua alma feminina roubada. Ela pode ter sua vida criativa paralisada, vítima de uma autocrítica feroz que a imobiliza e impede de realizar seus potenciais no mundo. Cai prisioneira de um julgamento autoritário que suga sua energia e a fragiliza. O *animus* negativo costuma aparecer na psique de uma mulher como uma voz cheia de autoridade, cheia de “deverias” e regras, de opiniões baseadas no consenso geral, mas não naquilo que é verdadeiro para ela. Em síntese (e simplificando) apesar das inúmeras possibilidades de manifestação do *animus* através das marcas pessoais dos complexos parentais (especialmente do complexo paterno), existem basicamente duas formas de atuação do *animus* negativo: a passividade e paralisia ou uma identificação com o *animus* que torna a mulher dominadora e dona da verdade.

Estes dois tipos de manifestação do *animus* também são desenvolvidos por Leonard (1997) que apresenta algumas idéias interessantes a respeito do efeito das feridas no relacionamento pai e filha (ou das marcas do complexo paterno) na formação do *animus*. Descreve dois padrões psicológicos presentes na mulher: a “*puella*” e a “amazona encouraçada”. A *puella* é a eterna menina, frágil e dependente que delega sua própria força para figuras masculinas e a amazona é a mulher endurecida cuja identidade adotou o masculino heróico como modelo. A *puella* precisa descobrir a força que há nela, saindo da posição de vítima impotente e frágil. E a amazona precisa sair da identificação com o masculino que torna sua vida estéril, a fim de reencontrar a natureza feminina, seu corpo e sua sensibilidade.

Para Castillejo (1973) a *anima* é a alma do homem, mas o *animus* não é a alma de uma mulher. Ele a leva até sua alma, ajudando a expressá-la no mundo: o *animus* atua como guia, um psicopompo. O *animus* ilumina o que a mulher naturalmente já sabe, para ela saber que sabe. Pode ser um aliado inestimável em seu caminho de individuação. Mas a mulher precisa reconhecê-lo e confrontá-lo, para que o *animus* esteja a serviço do ego e deixe de controlá-lo. Segundo Roy (1994) a mulher na atualidade necessita se libertar da identificação

do *animus* e se reconectar com sua feminilidade reprimida e ferida.

Pude desenvolver trabalhos grupais com mulheres com o objetivo de lidar com o *animus* negativo. Constatei como é difícil e ao mesmo tempo sutil fazer esta discriminação entre a voz do *animus* e a voz da própria mulher (PARISI, 2006). Mas também descobri a riqueza de realizar estas descobertas em grupo que desempenha um papel de espelho nestes confrontos e fortalece a conexão com o Self feminino.

Assim como a *anima*, o *animus* aparece geralmente projetado nos parceiros de nossos relacionamentos e constituem a fonte de nossas atrações ou repulsões. As paixões são a expressão mais evidente destas projeções, que tomam e fascinam a personalidade, pois estão impregnadas com a força numinosa do arquétipo.

Mas *anima* e *animus* não são só fatores de atração nos relacionamentos. Passado o enamoramento, eles começam a aparecer de forma bem diferente do que nas fases iniciais da relação. Para Jung (1959/1982, p.13) a relação *anima/animus*, seja de forma positiva ou negativa, é emocional e coletiva, pois os afetos aproximam a base instintiva e universal da relação. Ele diz: “todas as vezes que o animus e a anima se encontram, o animus lança mão da espada de seu poder e a anima asperge o veneno de suas ilusões e seduções”

Os duros embates destes encontros (desencontros) constituem o dia a dia de nossos relacionamentos íntimos, que ficam carregados e impregnados com as disposições “animosas” destes parceiros internos. Por isto dizem autores junguianos (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980; VARGAS,1997; DI YORIO, 1996) que o relacionamento amoroso é um lugar propício à individuação, tal é a oportunidade que nos é oferecida se ousarmos olhar para o que *anima/animus* espelham para nós através do que foi projetado em nossos parceiros de carne e osso.

1.4 Individuação e meia idade

Já mencionei o conceito de individuação, mas é necessário defini-lo melhor e refletir sobre seu papel na meia idade uma vez que este trabalho pretende compreender a separação amorosa articulada à individuação feminina nesta etapa da vida. O processo de individuação é considerado um conceito fundamental na Psicologia Analítica. A seguir, vejamos como Jung (1934/1978 p.49) o define:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois traduzir individuação como “tornar-se si-mesmo”.

A individuação leva a uma ampliação da consciência cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. Representa uma luta consciente da pessoa para tornar-se aquilo que ela “é”, ou aquilo que ela está destinada a ser, um processo que é impulsionado pelo próprio Self, pois nesta concepção há uma tendência natural e instintiva da psique para a auto-realização. A imagem de uma semente é ilustrativa, pois contém em si o germe, o potencial para o desenvolvimento futuro. Fala-se em “processo” de individuação, pois na verdade trata-se de um caminho e não de um alvo ou estado alcançado, estático ou concluído. Jung (1946/1987, p.67) explica que “a meta só importa enquanto idéia; o essencial porém é o opus (a obra) que conduz à meta: ela dá sentido à vida enquanto esta dura”. A meta deste processo é a realização do Self, ou do Si- mesmo.

Mas a idéia de individuação não está associada a individualismo. Em toda a teoria junguiana esta distinção fica bem nítida. A ampliação de consciência e a diferenciação da personalidade que caracterizam a individuação diminuem a projeção de conteúdos internos sobre os outros, o que favorece relacionamentos mais autênticos. Como aponta Hollis (1995, p. 65): “todos os relacionamentos são indicativos do estado de nossa vida interior, e nenhum relacionamento pode ser melhor do que nosso relacionamento com nosso próprio inconsciente”

O desenvolvimento da personalidade se dá ao longo de toda a vida e depende da relação que o ego estabelece com o Self. Como centro da totalidade da psique o Self sempre impulsiona o ego para uma adaptação, seja à realidade exterior na primeira metade da vida, seja à realidade interior, na segunda metade da vida. Mas o relacionamento entre o ego e o Self em geral é conflituoso o que acarreta uma boa dose de dificuldades e desafios nas várias etapas da vida. Na primeira metade da vida o foco principal está no desenvolvimento do ego e de uma persona estruturados, o que garante uma adaptação à cultura em que se vive.

Cada vez mais, com a maturidade há uma exigência do Self em direção à completude, de ser “in-dividuo” ou seja, não dividido. A crise da meia idade traz para a pessoa os confrontos necessários à integração de aspectos que foram negligenciados e até então dissociados de sua personalidade, pois o foco na segunda metade da vida deve ser dirigido para esta busca de inteireza da personalidade. Há um movimento da psique em direção à totalidade através da integração das partes conscientes e inconscientes da personalidade o que leva à consciência do Self. Neste processo, o ego, que até agora desempenhava um papel heróico para se firmar no mundo, deve se colocar a serviço do Self, o que representa uma mudança considerável e não isenta de conflitos e crises. Desta forma, na concepção original de Jung, a individuação se dá de forma quase exclusiva ou enfatizada na segunda metade da vida. Esta idéia tem sido questionada por muitos pós-junguianos, que

consideram que o processo de individuação está presente na vida toda e não somente a partir da segunda metade da vida (SAMUELS, 1989).

Aqui vou me limitar a apresentar as definições mais clássicas do significado da individuação na meia idade, uma vez que de modo geral há concordância de que nesta época da vida começa a surgir uma demanda maior para uma busca do sentido da vida de forma mais profunda e consciente. Geralmente, neste momento da vida, surgem as questões: quem sou eu? Para que estou aqui? Qual o significado da minha vida? Há uma necessidade de busca de significado e de revisão da própria vida. Se na juventude a psique estava orientada para a conquista de um lugar no mundo externo, para forjar um ego capaz de se posicionar, de fazer escolhas, na metade da vida, o olhar se volta para o mundo interior. É comum a sensação de vazio, de insatisfação, de fracasso das expectativas, o que traz a chamada crise da meia-idade.

Se antes, na primeira metade da vida, a questão era “**ou isto ou aquilo**”, fazer escolhas entre opções excludentes, a partir da meia idade, a questão colocada é “isto e aquilo”. Ou seja, o que não foi vivido ou integrado à consciência, agora também cobra seu caminho para ser vivido. O mecanismo compensatório da psique conduz este movimento no sentido de um equilíbrio intrapsíquico: a unilateralidade da consciência que foi necessária ao desenvolvimento e fortalecimento do ego, agora é compensada pelas atitudes e conteúdos que estavam inconscientes. Von Franz (1969) comenta que o processo de individuação em geral começa com uma ferida da personalidade e com o sofrimento que a acompanha, chegando a uma espécie de “chamado”, mesmo que nem sempre seja reconhecido.

Para a mulher nesta etapa da vida, muita coisa pode estar em jogo. Ela pode ter que enfrentar as decepções de um casamento terminado, a necessidade de encontrar um novo sentido em sua vida profissional ou a saída de casa dos filhos já crescidos. Ou pior, tudo isto ao mesmo tempo, o que não é incomum. Além disto, não há modelos coletivos válidos para a mulher de meia idade que a amparem para enfrentar os abalos e mudanças que ocorrem nesta época. Na atualidade observa-se uma tendência para prolongar a juventude e manter a aparência, a vitalidade e a produtividade no ritmo de sempre ou até mais. Nesta fase da vida também começam os sinais do climatério que podem ser desestabilizadores para muitas mulheres. Em nossa sociedade, a juventude é tão valorizada que a mulher a partir dos quarenta ou cinquenta anos pode se sentir uma “carta fora do baralho”: se estiver sozinha, ela pode sentir que suas perspectivas no “mercado” amoroso diminuíram, o que costuma ser um golpe para sua auto-estima.

Para Hollis (1995) nesta fase da vida há uma boa chance de que o casamento tenha terminado ou esteja com problemas. O modelo de fusão inicial do casamento não funciona

mais, pois a vida em comum desgastou as projeções de *anima* e *animus* nos parceiros. A diversidade do outro pode emergir como um duro golpe para as expectativas de que ele carregaria o nosso fardo. Se esta situação não for enfrentada e transformada, a projeção pode recair em um novo parceiro.

Entretanto, se de um lado, este quadro pode ser desalentador, por outro, também pode apresentar um chamado para a individuação. O balanço da meia idade, ao trazer à tona o que não foi vivido, permite que algo seja feito a respeito. Mesmo que algumas escolhas não possam mais ser mudadas nesta altura da vida, pode-se abrir espaço para experimentar aspectos até então ignorados ou reprimidos que estavam na sombra. Pode-se, no processo de recolhida das projeções, aliviar os relacionamentos da carga de ter que atender às necessidades e desejos um do outro. Pode-se começar a assumir a responsabilidade pela própria jornada, abrindo mão da atitude arrogante do ego comprometido com um ideal de perfeição. A separação amorosa, que pode ter vindo de mãos dadas com a crise da meia idade, traz um convite à individuação.

Para a mulher contemporânea a meia idade pode apresentar o desafio de ser fiel a si própria sem ter que atender às expectativas coletivas do que é ser mulher. Também é sua tarefa de individuação libertar-se da identificação com o *animus*, como já apontado, conquistando sua energia positiva. Vamos explorar um pouco mais as questões da mulher na atualidade no próximo tópico.

1.5 A mulher na atualidade

A emancipação das mulheres que começou no século XIX e ganhou expressão e realização na segunda metade do século XX mudou o cenário da vida feminina, pelo menos no mundo ocidental. A situação das mulheres contemporâneas trouxe inúmeros desafios e uma exigência cada vez maior de eficiência no campo profissional e de busca de realização pessoal. As mulheres hoje vivem uma situação inédita em termos históricos, sociais e psicológicos. Entraram definitivamente no mercado de trabalho, saíram do âmbito doméstico, adquiriram o direito sobre seus corpos e ganharam o espaço externo.

Há apenas cem anos atrás, a identidade feminina estava quase exclusivamente vinculada às funções da maternidade mas no decorrer do último século muitos dos objetivos femininos foram alterados. Novos papéis se tornaram possíveis para a mulher, uma nova participação cultural e social se abriu para além das fronteiras do lar. Entretanto, estas mesmas conquistas geraram uma série de conseqüências e conflitos não só para a mulher, mas também para a sociedade de forma geral, que exigem novas adaptações e mudanças. Entre

eles, a configuração familiar foi diretamente afetada, com a mulher mais ausente da casa e dividindo o papel de provedor e do cuidado dos filhos com o marido. Ou, na ausência deste, sendo única provedora e sobrecarregando-se com dupla ou tripla jornada.

As mulheres de hoje casam-se e têm filhos mais tarde, algumas não se casam e se dedicam exclusivamente à vida profissional. Podem escolher seus parceiros, ter ou não filhos, dedicar-se a uma carreira. São mudanças que despertaram inúmeras questões no âmbito das relações de gênero, dos papéis sexuais e dos papéis familiares e que trouxeram mudanças e ambigüidades no âmbito psicológico. A mulher muitas vezes se vê prensada entre o modelo anterior e o atual, esforçando-se arduamente para ser "mulher maravilha" mas também profundamente exaurida afetivamente. Segundo Paiva (1989), as mulheres de hoje devem cumprir todas as tarefas antes desempenhadas apenas pelos homens e ainda manter todas as suas velhas atribuições e a mesma feminilidade que lhes foi historicamente atribuída. A imagem vendida pela mídia é de mulheres independentes, eficientes, bem sucedidas profissionalmente, bem resolvidas sexualmente, e ainda bonitas, atraentes, e sempre jovens. Ao mesmo tempo espera-se que sejam mães modernas e esposas amorosas. Este é o modelo de mulher moderna, o papel esperado a ser bem desempenhado, sua nova *persona*.

Mesmo que todas essas mudanças afetem homens e mulheres, as mulheres foram e serão as herdeiras, agentes e testemunhas de todas essas transformações sócio-culturais, tendo que compatibilizar velhos modelos a novas necessidades e expectativas. Os antigos modelos de feminilidade se alteraram e desafios diferentes surgem no horizonte das mulheres, exigindo novas posturas e elaborações. Como aponta Moraes (2000) a mulher contemporânea percebe que tem maiores oportunidades de se desenvolver, com uma participação econômica, social e política ativa. Mas, complementa, isto tem seu preço, pois, se aumentaram as fontes de satisfação, também cresceram as chances de frustração.

Whitmont (1991, p.209) afirma que "a feminilidade não pode mais limitar-se à receptividade, à passividade e à função maternal". Esta afirmação traduz o pensamento de toda uma geração de pós-junguianos que fizeram uma revisão sobre o feminino e as mulheres à luz das transformações culturais pós-feminismo e da análise do inconsciente de homens e mulheres da atualidade. Destacam-se neste sentido os estudos (BOLEN,1990; DOWNING,1987; PERERA,1985 entre outros) de arquétipos femininos, imagens mitológicas que apresentam um espectro amplo de possibilidades femininas além do padrão de mãe, filha ou esposa como, por exemplo, as deusas virgens Ártemis e Atena, que são imagens mais independentes do feminino. É importante ponderar, como fez Guggenbuhl-Craig (1980) que cada época histórica tem seus arquétipos dominantes femininos e masculinos e o

comportamento é determinado pelos padrões predominantes naquele momento na psique coletiva. Hoje assistimos a um emergir de possibilidades arquetípicas abertas para a mulher que não havia há apenas um século atrás. Muitos autores junguianos (WOODMAN,1994; WHITMONT,1994; ZWEIG, 1994) hoje falam de um feminino consciente, uma nova feminilidade que está surgindo na consciência coletiva e que está permitindo o resgate de aspectos do feminino que estiveram à margem, na sombra da cultura patriarcal dominante durante séculos ou milênios.

O estudo de Perera (1985) sobre o mito de Inana apresenta uma bela e elucidativa imagem deste processo. Este mito relata a descida desta deusa ao mundo inferior que é regido pela deusa da morte, Ereshkigal. No mundo dos mortos, Inana é despida de suas vestes a cada portão, conduzida à presença de Ereshkigal, que a mata com seu olhar aniquilador. Inana é pendurada num poste e depois de três dias é resgatada à vida e retorna ao mundo superior. É um mito que trata de um processo de iniciação cujo simbolismo central é a vivência simbólica de morte e renascimento. A autora relaciona este mito a uma redenção do feminino que foi despotencializado pelo patriarcado tanto para homens e mulheres como para a cultura ocidental. Ela considera que o mito aponta para uma cura da cisão ocorrida entre os aspectos do feminino aceitos pelo patriarcado e os que ficaram na sombra:

O nosso planeta passa por uma fase – o retorno da deusa que foi pressagiado nesse mito. Na época de seu surgimento a ênfase centralizava-se na descida da deusa, na perda de suas energias e símbolos para a cultura, e no resgate subsequente desses valores simbolizados por Ereshkigal. O mundo atual poderá presenciar a *circulatio* completa, pois, gradativamente, uma extensão enorme do feminino foi sendo reprimida, e já está há muito tempo no mundo inferior (PERERA,1985, p. 26).

A deusa Inana representa uma imagem do feminino mais completa do que as deusas gregas que, por sua vez, apresentam aspectos parciais do feminino arquetípico. Inana reúne vários atributos: deusa da guerra, do amor sexual, da fertilidade, das transições e da cura, do céu e da terra. Mesmo sendo uma deusa tão poderosa, os aspectos escuros do feminino já estavam cindidos e relegados ao mundo dos mortos na imagem de Ereshkigal. É justamente esta a jornada empreendida por Inana: encontrar sua irmã sombria, restabelecendo a conexão com este lado do feminino. Neste percurso há o sacrifício da persona e dos padrões anteriores. Há também uma disposição ativa em sua descida: ela desce voluntariamente (diferente de Core-Perséfone que foi raptada ou de Psiquê cuja descida ao Hades foi imposta). Vejo nesta postura ativa e na descrição da deusa Inana uma imagem de uma “receptividade ativa”, representando um feminino não restrito ao *Yin* estático.

A consciência patriarcal que prevaleceu em nossa cultura ocidental até a atualidade com sua visão de ordem, limites, racionalidade e objetividade, sem dúvida representou um ganho em termos culturais, trazendo a possibilidade de dominar a natureza pela técnica e pela ciência, bem como, controlar os impulsos irracionais, na construção da civilização. No entanto, a rigidez e a unilateralidade características deste padrão de consciência, criaram uma cisão no feminino e reprimiram o que era considerado como ameaçador para sua estabilidade.

É possível que uma imagem como a de Inana possa ser inspiradora para a mulher contemporânea, que vivendo há séculos dentro do padrão de consciência patriarcal esteve carente de um modelo que expressasse por inteiro sua natureza, que a tornasse “uma em si mesma”, que é o sentido atribuído à palavra “virgem” (HARDING, 1985). Um modelo do feminino que possa incluir a vivência da sexualidade mais espontânea e lúdica, a assertividade e a agressividade e não só a capacidade de gerar, mas também de destruir: o feminino em seus aspectos instintivos e primordiais, imagem da deusa da vida e da morte.

Para Whitmont (1991, p.217) o novo modelo de feminilidade requer a descoberta e a expressão da capacidade ativa, iniciadora, e transformadora. Para expressar esta feminilidade a mulher precisará ser capaz de auto-afirmação e de sintonizar com seus próprios instintos:

O papel arquetípico da nova feminilidade é ser a sacerdotisa da plenitude da vida tal qual ela é, com suas armadilhas imprevisíveis e sua insondável profundidade, com sua riqueza e sua escassez, seus riscos e erros, alegrias e dores.

Esta concepção sobre o feminino consciente (ou sobre a nova feminilidade) está ancorada na visão de que nossa cultura está coletivamente no limiar de uma importante transição, um passo evolutivo para uma nova consciência. E é o feminino que anuncia essa transformação (BOLEN, 1994).

Alinho-me com Moraes (2000, p.71) quando afirma que o desafio na atualidade é “trazer o feminino para a mesma estatura do masculino e tornar a ambos, disponíveis tanto para homens quanto para mulheres”. Em termos do relacionamento com o *animus*, como falamos, para a mulher, isto significa não ser governada pela sua voz, mas ao contrario, poder estabelecer uma parceria com o lado masculino. No nível externo trata-se da mesma busca de parceria que também se vê nas relações entre homens e mulheres na atualidade e que passa por tantas transformações, tantos desencontros.

Depois de percorrermos estas idéias sobre o feminino e a mulher, retomo as questões levantadas no início desta seção. Os autores consultados ofereceram indicações que permitem algumas reflexões e novos questionamentos, mas não uma resposta suficientemente abrangente ou conclusiva. Não se pode considerar que o caminho da individuação feminina

seja mais difícil que o do homem. Há, sim, algumas tarefas complexas específicas à mulher, assim como há também questões específicas do desenvolvimento masculino como demonstram estudos recentes sobre a masculinidade e os homens. Na atualidade não é possível afirmar, como o fez Neumann há mais de cinquenta anos, que se exige mais da mulher do que do homem. Além disto, estabelecer comparações e traçar as diferenças de rota feminina e masculina não é a questão desta tese. Apenas tomei como ponto de partida minha observação clínica e a afirmação de alguns autores sobre as dificuldades das mulheres para lidar com situações de separação, para iniciar a apresentação dos fundamentos teóricos vinculados ao tema estudado: a vivência da mulher na perda amorosa. Mas talvez seja possível afirmar que – se não houve um desligamento dos complexos parentais, se não houve a dissolução da identificação com o *animus* e se não houve a reconciliação com a mãe e com o feminino – seja mesmo muito difícil para a mulher lidar com situações de separação. Ela fica sem chão, não tem base própria para se firmar em uma existência separada do parceiro. Não tem acesso a seu masculino interior, não tem conexão com o feminino arquetípico. Ela desmorona. Empreender a descida mesmo que de forma involuntária pode ser a única saída para encontrar sua identidade. Mas seria ainda válido afirmar em face de tantas transformações sociais e psicológicas que as mulheres de hoje ainda são tão carentes e dependentes do parceiro masculino (como também sugeriu Neumann)? Por certo para algumas mulheres que se encontram dentro de um casamento mais tradicional e patriarcal isto pode ser verdadeiro, mas outras possibilidades arquetípicas se descortinaram para as mulheres ocidentais e isto tem trazido novas formas de relacionamento e caminhos de individuação feminina diferentes do modelo patriarcal. Nesta perspectiva como é que as mulheres contemporâneas estão enfrentando suas desilusões amorosas e fazendo suas escolhas? Qual seria o desafio da individuação constelado na separação amorosa para a mulher na atualidade?

Um novo modelo está surgindo e certamente as relações entre homens e mulheres são afetadas ou refletem estes novos ventos. Vamos nos deter especificamente nestas questões sobre os relacionamentos amorosos na próxima seção.

2. O Relacionamento amoroso e a *coniunctio*

Para compreender a experiência psicológica da mulher na separação amorosa é necessário fazer algumas reflexões sobre as relações amorosas e o casamento. Antes de estar separada a mulher esteve vinculada a um parceiro. É impossível, portanto, falar de separação, sem pelo menos apresentar algumas idéias sobre o casamento.⁹ Início esta seção apresentando uma breve retrospectiva da história do casamento na sociedade ocidental, forma institucionalizada de relação homem-mulher que sofreu modificações ao longo do tempo até os dias atuais.

2.1. As transformações do casamento

Na Grécia antiga a mulher era sempre dada ao seu marido por seu pai juntamente com certo número de bens materiais. De modo geral, a mulher passava da casa paterna (*oikos*) à casa do marido com o fim de dar continuidade ao seu *oikos* uma vez que a família se baseava no parentesco por linha paterna. Na sociedade grega a maternidade era a função mais importante da mulher; a mulher recém-casada só se transformava realmente em *gyné*, mulher casada, quando dava à luz seu primeiro filho e este era reconhecido pelo pai (ZAIMAN, 1990).

Segundo Veyne (1991) em Roma o casamento era um ato privado dos cidadãos, um contrato de dotes e não de casamento; não escrito, era uma situação de fato que criava efeitos de direito. As pessoas se casavam para esposar um dote e para ter filhos legítimos que garantiam a sucessão e o núcleo dos cidadãos e o amor conjugal não era base do casamento nem condição do casal. O divórcio acontecia quando um dos cônjuges desejava se afastar. Quando casava, a esposa passava à família do marido; no entanto, quando se divorciava a mulher levava seu dote. No casamento romano a mulher era vista como uma criança grande que devia ser cuidada por causa de seu dote.

(...) um marido é senhor da esposa como dos filhos e dos domésticos; sua mulher ser infiel não constitui um ridículo, e sim uma desgraça, nem maior nem menor do que se sua filha engravidasse (...) Se a esposa o engana, criticam-no por falta de vigilância ou de firmeza e por deixar o adultério florescer na cidade (VEYNE, 1991, p.50).

⁹ Neste trabalho refiro-me a casamento com uma conotação ampla, podendo ou não ser formalizado. Especificamente neste tópico abordarei o casamento como instituição social.

Na Idade Média, o casamento ocupava uma importância primordial como meio de criação e conservação das estruturas de poder e propriedade. Principalmente nas classes mais elevadas aos jovens e principalmente às moças não se permitia a escolha de seus cônjuges – esse destino era traçado pelas gerações mais velhas. Segundo Opitz (1990, p.366):

Um bom casamento era uma comunhão entre homem e mulher, mas, segundo os ensinamentos morais da Igreja, ele só era realmente bom quando o homem “governava” e a mulher obedecia incondicionalmente.

As obrigações conjugais pesavam principalmente sobre a mulher cujo corpo devia gerar os herdeiros legítimos do marido. Portanto, a norma de fidelidade conjugal se aplicava com maior rigor às mulheres do que aos homens. A vida conjugal nesta época era sobretudo um estilo de vida, baseada na necessidade de regulamentação das relações sociais e não uma comunhão de almas entre duas pessoas (OPITZ, 1990).

A Idade Média assiste a partir do séc. XII à introdução do modelo do amor cortês, ou trovadorismo, nas cortes medievais, modelo que se insere e generaliza até os dias de hoje nas relações homem-mulher (DUBY, 1990). Dada a importância que o amor cortês teve como influência nas relações amorosas é interessante tecer algumas considerações. Segundo Campbell (1992) a tradição trovadoresca está ligada ao amor e não ao casamento. Os homens deviam mostrar seu valor à dama que poderia ser casada com o castelão ou já prometida a outro homem. Nestas tradições medievais o conflito ocorria entre a honra e o amor. Para Duby (1990), embora exista uma tendência a se considerar o amor cortês como platônico, pelo menos em suas intenções não o era. Constituíam-se como um jogo em que os jovens prestavam serviço à dama e dessa forma eram “servos” da mulher amada. Se a dama aceitasse e cedesse ao envolvimento era ela a “presa”. Contudo a mulher não dispunha livremente de seu corpo, este pertencia a seu pai e depois a seu marido – era, portanto, constantemente vigiada. Essa constituía a aventura dos amantes: correrem os riscos de serem descobertos. Desenvolveu-se toda uma série de regras e códigos de como cavaleiro e dama deviam se portar, adiando e dosando a entrega e as vantagens concedidas, expressos na criação literária da época. Segundo Duby (1990) o amor cortês serviu para a consolidação da ordem, inculcado em uma moral fundada na moderação e na amizade, constituindo-se num exercício de controle e num teste de virilidade dos cavaleiros: “Sem dúvida, o que não era senão um jogo, e um jogo de homens, ajudou as mulheres da Europa feudal a levantar-se de seu rebaixamento” (DUBY, 1990, p.330). Entretanto, continua este autor, a distância hierárquica entre homens e mulheres não se reduziu sensivelmente.

Nossa idéia de amor romântico é herdeira do trovadorismo. O romantismo do séc.XIX resgata o ideal do amor. Segundo Mezan (2003) nessa época se constitui a subjetividade moderna em que o indivíduo é detentor de uma interioridade feita de afetos e emoções e se forma a idéia de que o casamento deve ser a expressão do amor que um cônjuge sente pelo outro.

Unem-se amor e casamento institucional, pelo menos como meta idealizada. O sonho da união conjugal institucional acoplado à união por livre escolha se tornou parte fundamental do conceito ocidental de casamento. O auge desta visão do casamento se dá nos meados do séc XX quando os casamentos passaram a ser estáveis e a família nuclear se fortaleceu, ficando a mulher destinada ao lar e aos cuidados dos filhos e tendo o homem como único provedor (GOMES, 2003). Eram raros os divórcios e o “até que a morte nos separe” era a regra.

É interessante mencionar a análise de Giddens (1992) sobre as transformações do relacionamento amoroso ao considerar o amor romântico uma força social envolvida com transições importantes que afetaram o casamento e outros contextos da vida social. Em sua concepção o amor romântico enfatiza a intimidade, um encontro de almas com a percepção de que o outro preenche um vazio e proporciona uma história de vida prolongada em comum. A mulher é vista de maneira mais ativa ao conquistar e enternecer o parceiro e não como a princesa passiva a ser resgatada pelo valoroso herói. Giddens (1992, p.58) complementa:

O caráter intrinsecamente subversivo da idéia de amor romântico foi durante muito tempo mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre [...]. Mas um casamento eficaz, ainda que não particularmente compensador, podia ser sustentado por uma divisão de trabalho entre os sexos, com o marido dominando o trabalho renumerado e a mulher o trabalho doméstico. Podemos ver neste aspecto como o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher “respeitável”. Isto ao mesmo tempo permitia aos homens conservar distância do reino florescente da intimidade e mantinha a situação do casamento como um objetivo primário das mulheres.

Com a divisão das esferas de ações entre homens e mulheres, o amor se tornou uma tarefa basicamente das mulheres que se transformaram em especialistas do coração. Ainda segundo Giddens (1992) as amizades entre as mulheres não só ajudaram a suportar as decepções com o casamento como também se mostraram compensadoras por si só (o que é um dado interessante no âmbito desta pesquisa).

Segundo Gomes (2003) o casamento tem sido um importante fator de estabilização social e psíquica, mas na atualidade as pessoas não estão mais se sentindo tão acolhidas e apaziguadas pela instituição do casamento quanto em épocas passadas. Na opinião desta autora a situação atual após os anos 70 apresenta-se mutável e entre vários fatores que estariam atuando aponta que a estabilidade da família nuclear parece ameaçada pelos casamentos monogâmicos desfeitos e que a reformulação radical dos papéis masculinos e femininos não esclarece as atribuições de cada gênero. Descreve um cenário bastante desolador no qual as mulheres se queixam de homens desatentos, distanciados, pouco interessados no diálogo íntimo e nos sentimentos de homens que se ressentem de mulheres sempre insatisfeitas e amargas. Conclui:

Nesse quadro de insatisfação freqüente, a sedução da liberdade, da variedade sexual irrestrita e do fim das responsabilidades do vínculo conjugal são bastante irresistíveis, para ambos os sexos (GOMES, 2003, p.15).

Para Ramos (2003), terapeuta familiar e de casais, na atualidade vemos outras formas de parcerias e diferentes modalidades de criação e procriação; os relacionamentos são mais efêmeros ou ao menos não tão duradouros e as relações dos membros do casal sofreram mudanças significativas: o homem deixa de ocupar o lugar de provedor único e de poder quanto às decisões econômicas e a mulher, ao colaborar com o orçamento doméstico, passa a dividir o poder. Neste sentido, o relacionamento torna-se mais simétrico. Por outro lado, as expectativas de cada membro do casal estão confusas e contraditórias. A mulher ainda deseja contar com um marido provedor, embora não o admita facilmente e tem dificuldades em dividir o espaço doméstico pois sempre foi a “dona da casa”. O homem, que se sente aliviado com a participação da mulher no orçamento doméstico, fica incomodado por ela não se ocupar dele como antes.

Entre os motivos que transformaram a estrutura familiar, destacam-se o controle da natalidade com a descoberta da pílula anticoncepcional e a inserção da mulher no mercado de trabalho, adventos que possibilitaram uma postura mais ativa tanto dentro quanto fora de casa (RAMOS, 2003).

A sociedade atual aceita com mais facilidade tanto as separações como os recasamentos, não discrimina mais as mulheres separadas ou os filhos de pais separados como antigamente. Segundo Ramos (2003, p.66) a idéia do “descartável” contaminou a vida de relação e os casais de hoje têm menos tolerância para construir o relacionamento pouco a pouco: “A separação passou a se apresentar como uma saída natural para um relacionamento insatisfatório e desgastado.”

Complementando estas idéias Giddens (1992, p.68) afirma que está surgindo um novo tipo de vínculo amoroso denominado “relacionamento puro”:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.

Esta nova modalidade de relacionamento não está necessariamente associada a casamento, embora este cada vez mais se pautar por esta nova forma de relação que é vista como parte de uma reestruturação genérica da intimidade. O que mantém o “relacionamento puro” é a aceitação dos parceiros de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique sua continuidade. Este autor considera os homens retardatários neste processo; é a mulher que desenvolve a transição entre o amor romântico e o relacionamento puro. Os homens mantêm-se, em geral, excluídos do domínio da intimidade, tendendo a ser especialistas em amor apenas em relação às técnicas de sedução e conquista.

Pelo exposto até aqui pode-se observar a mudança do “até que a morte nos separe” para “até que a morte do amor nos separe”. A duração do casamento nunca foi sinônimo ou garantia de felicidade, embora esta tenha sido a busca romântica por uma parceria para toda a vida: um ideal que nos dias atuais está desmoronando e dando lugar a outras modalidades de vinculação, como o “relacionamento puro” apontado por Giddens. Neste cenário de laços amorosos menos permanentes, fica evidente que as pessoas estejam mais expostas a situações de rompimentos e de perdas em seus relacionamentos.

Na seção seguinte vamos explorar o relacionamento amoroso sob a ótica da Psicologia Analítica.

2.2 A dimensão amorosa

O encontro amoroso entre o homem e a mulher simboliza a união dos princípios masculino e feminino, que constituem os opostos universais. A diferenciação da consciência ao longo da vida se processa principalmente através da vivência dos opostos e de sua integração. Através de sucessivas identificações e diferenciações a pessoa vai se tornando uma individualidade mais plena, “torna-se aquilo que ela é”, meta da individuação. Segundo Di Yorio (1996) a relação conjugal pode ser considerada um dos caminhos mais propícios ao processo de individuação, expressão da vivência de união das polaridades.

O encontro amoroso é uma experiência arquetípica, como afirma Moraes (2000). Esta afirmação significa que as formas externas deste encontro podem ser as mais variadas, mas

em essência, representa sempre a busca pela completude através do parceiro que espelha o “outro” desconhecido dentro de nós.

O que é vivido no palco do relacionamento amoroso tem um grande poder de transformação na vida dos parceiros envolvidos, através das crises, separações, confrontos e vicissitudes do cotidiano do relacionamento. Para Carotenuto (1994, p.19), o amor “revela o homem a si mesmo”, pois este só conhece a sua verdadeira natureza no momento em que se enamora.

O mundo do apaixonado e do amante não é o mundo dos mortais. Ele está tocado pelo que o transcende, pelo divino. E sendo ou não correspondido, já está ferido. Paixão (pathos) é sofrimento insaciável, pois o outro a quem se deseja fundir está sempre apontando sua alteridade e, portanto, a solidão existencial e a impossibilidade desta fusão. Mas é justamente por esta característica que entregar-se a este “sofrimento” traz a possibilidade de uma abertura para a própria singularidade, para a forma de sentir e ser no mundo. Como expressa Clarice Lispector (1990, p.177):

Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos. A solução para esse absurdo que se chama “eu existo”, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista.

A dimensão amorosa por sua natureza é paradoxal, pois a experiência de fusão está indissolúvelmente ligada à experiência de afastamento e separação. Para Colonna (1980), amor e separação são duas polaridades extremas e entrelaçadas onde o terceiro elemento implícito é sempre o conhecimento. Conhecimento do outro como separado de nós e conhecimento daquele outro em nós mesmos e que só através do ato amoroso e da separação se torna realidade e diversidade fora de nós.

Nesta dualidade ou paradoxo da dimensão amorosa, que Carotenuto (1994) denomina binômio de “presença-ausência” e também de “amor-morte”, encontramos a vivência dos opostos de luz e sombra inerentes ao amor, refletindo contradições e flutuações, em uma alternância de afastamento e reencontro. O amor, descrito por este autor como uma centelha do divino, ilumina por um instante nossa vida, expõe nossa vulnerabilidade e nos põe sempre diante de algo incompreensível que transcende os limites de nossa existência. O amado se torna insubstituível porque somente ele evoca dimensões profundas e particularíssimas naquele que ama. O outro é o portador daquilo que nos falta, daquilo sem o qual estamos incompletos.

Uma imagem arquetípica que simboliza a união dos opostos é o casamento sagrado ou *hierogamos*. Qualls-Corbett (1990, p.102) descreve o casamento sagrado:

Esse ritual religioso, como muitos outros, baseava-se numa necessidade psicológica. Uma dimensão espiritual essencial da vida era projetada para fora e concretizada na representação da união sagrada. Dois elementos, masculino e feminino, uniam-se na presença de um terceiro, o divino. A necessidade psicológica simbolizada pelo matrimônio sagrado é o movimento da psique em direção à totalidade (...). Psicologicamente o casamento sagrado simboliza a união dos opostos. É a aproximação, em igualdade de status, do princípio masculino e do feminino, a conjugação da consciência e da inconsciência, do espírito e da matéria. É processo místico através do qual elementos desconectados reúnem-se para formar um todo.

Para Qualls-Corbett (1990) o casamento sagrado se manifesta em três níveis que se influenciam mutuamente: interpessoal, intrapessoal ou intrapsíquico e transpessoal. No primeiro é quando duas pessoas vivem um experiência compartilhada em que cada um é visto mais por aquilo que verdadeiramente é, em que as projeções de *anima* e *animus* não se manifestam. No nível intrapsíquico ocorre a união dos opostos de maneira interior, com a integração de *anima* e *animus*. Neste nível os impulsos criativos são realizados concretamente e assume-se a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento, há maior empatia pelas pessoas e respeito às diferenças. No nível transpessoal o matrimônio sagrado se relaciona à união com o divino, imagem da união mística, que envolve o mistério da transformação do físico para o espiritual e inversamente, do espiritual para o físico.

Na alquimia o casamento sagrado corresponde à operação *coniunctio*, que é o ponto culminante da *opus*. O simbolismo da alquimia foi amplamente estudado por Jung que demonstrou como o procedimento alquímico é um produto da psique inconsciente e representa o processo de individuação. Apresento aqui um comentário de Jung (1946/1987, p.38) sobre o simbolismo da expressão *coniunctio*:

O papel fundamental que a alquimia atribui à idéia do matrimônio místico não nos surpreenderá, se atentarmos para o seguinte: a expressão *coniunctio* usada frequentemente para designá-la significa, antes de mais nada, aquilo que hoje chamamos de ligação química e aquilo que atrai os corpos a serem ligados entre si e hoje é chamado afinidade. Antigamente porém, eram usados os termos mais variados, todos eles com uma conotação de relação humana e, em especial, erótica, como *nuptiae* (núpcias), *matrimonium* e *coniugium* (matrimônio), *amicitia* (amizade), *attractio* (atração) e *adulatio* (adulação).

Apoiado nos pressupostos junguianos, Edinger (1990a, p.239) explica que o amor é fundamental para a fenomenologia da *coniunctio*: "o amor pelo objeto é o aspecto extrovertido da individuação [...] o aspecto extrovertido da *coniunctio* promove o interesse social e a unidade da raça humana; o aspecto introvertido, a conexão com o Si-mesmo e a unidade da psique individual".

A base da instituição do casamento e do relacionamento amoroso é a imagem arquetípica da *coniunctio*, do casamento místico ou sagrado em seu aspecto extrovertido, que busca no objeto exterior a ligação com seu par oposto. As vicissitudes e os conflitos vividos pelo casal, representam as dificuldades no processo de união dos opostos na psique.

Edinger (1990a) explica que no simbolismo da *coniunctio* há duas fases: uma *coniunctio* inferior e outra superior. A *coniunctio* inferior é a união de substâncias que ainda não estão completamente separadas; a *coniunctio* superior é o alvo da opus, a união dos opostos purificados. É importante ressaltar que a *coniunctio* inferior sempre é seguida pela *mortificatio* ou pela *separatio*, o que corresponde em termos psicológicos às identificações do ego com conteúdos inconscientes, que se “contamina” e depois terá que se diferenciar, se “descontaminar” destes conteúdos para que a *coniunctio* superior seja possível.

Mas, como observa Sanford (1987, p.148) os opostos só podem se unir dentro de uma personalidade individual, um ser inteiro. Portanto, a união do masculino com o feminino, a *coniunctio*, não pode ser realizada enquanto projetarmos uma metade de nós num parceiro humano: “Se quisermos que nossos relacionamentos humanos sejam bem sucedidos, teremos de ser capazes de distinguir os parceiros divinos dos humanos.” Sanford se refere à projeção de *anima/animus* que estão por trás de nossos envolvimentos amorosos e constituem os principais fatores de atração e vinculação. Por trás destes movimentos da psique e do coração está o Self que nos leva à busca de inteireza, primeiramente de forma projetada no outro. Partes inconscientes serão vividas de forma externa, personificadas no parceiro. É através da difícil e (dolorosa) tarefa de reintegração destas partes projetadas que se pode trilhar a individuação, unindo os pares de opostos na psique.

Jung (1925/1976a) considera que só se pode falar de um relacionamento individual, ou de um verdadeiro relacionamento psicológico no casamento, se os cônjuges conhecerem as motivações instintivas e inconscientes que os uniram. Até este ponto, afirma, há uma identidade inconsciente entre o casal. Em sua avaliação, raramente um casamento evolui para uma relação individual sem crises.

Vargas (1986) diferencia a paixão do amor. A paixão é uma enorme busca que fascina a personalidade revelando um momento simbólico rico, mas passageiro. Há uma projeção no parceiro de qualidades que se necessita para desenvolver conteúdos inconscientes ou como tentativa de resolução de complexos neuróticos. Quando a paixão termina, o relacionamento pode evoluir para uma separação quando não existirem polaridades e igualdades que justifiquem a vida em comum, acabando o desejo e a atração. Do contrário, pode haver a transformação da paixão em amor. Só quando passa a paixão é que se pode construir um

relacionamento de amor, o que implica o respeito às individualidades. Neste caso apenas pode-se falar de uma relação de alteridade, em que as diferenças e singularidades podem ser expressas e vividas na conjugalidade.

No livro *“O casamento está morto: viva o casamento!”* Guggenbühl-Craig (1980) aborda de forma tão instigante e original o tema do casamento, que vale a pena mencioná-la. Questiona o modelo de casamento que busca felicidade e bem estar mas que não leva à individuação. Cada vez mais, afirma, o casamento está se tornando um caminho para a salvação, uma vocação e cada vez menos uma instituição de bem estar:

O casamento não é confortável e harmonioso; antes é um lugar de individuação onde uma pessoa entra em atrito consigo mesma e com um parceiro, choca-se com ele no amor e na rejeição e desta forma aprende a conhecer a si próprio, o mundo, bem e mal, as alturas e as profundezas (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 72).

Nesta concepção, o casamento que visa o bem estar está “doente” e fadado a “morrer” mesmo que os parceiros continuem juntos, pois nele não há espaço para a salvação da alma, para a individuação. Busca-se no parceiro a promessa de felicidade, uma garantia de harmonia, o que exige pagar o preço com o não desenvolvimento da individualidade.

Estas concepções sobre relacionamento de alteridade, casamento de individuação, se equacionam com as idéias de Giddens (1992) já apresentadas na seção anterior, apontando para a forma de “relacionamento puro” que vem surgindo na atualidade. Neste modelo de relacionamento o amor é “confluyente”, ou seja, presume igualdade na doação e no recebimento emocionais e há uma abertura em relação ao outro, com suas peculiaridades próprias: “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico” (GIDDENS, 1992, p.72).

A partir das idéias apresentadas é possível refletir juntamente com Moraes (1994, p.24) que na atualidade emerge a crença na possibilidade de um relacionamento amoroso baseado no interesse partilhado, menos contaminado com projeções, capaz de tolerar e conviver com diferenças e de suportar a vulnerabilidade da entrega afetiva, o que levará à:

(...) criação de uma nova ética nos relacionamentos que abarque, por um lado, a liberdade de dispor do próprio desejo e, por outro, a sensibilidade às demandas do outro. Certamente, uma tarefa nada fácil. Aqui reside, talvez, o maior desafio a ser enfrentado para a instalação de uma nova utopia amorosa.

2.3 Mitos e lendas do amor

Na literatura, na música e na mitologia talvez nada tenha sido retratado com tanta riqueza e de forma tão bela como as histórias de amor e paixão, o que revela a força e o fascínio despertados por este arquétipo na vida humana em todos os tempos. Os grandes clássicos da literatura apresentam sempre um colorido trágico que mescla amores impossíveis com traição, sofrimento e morte. Para citar apenas alguns, menciono *Romeu e Julieta*, *Tristão e Isolda*, *Madame Bovary*, *Anna Karenina*, e as óperas *Carmen* e *Madame Butterfly*, entre tantos outros. O cinema explorou muitas destas e de outras obras clássicas que atingiram assombrosas bilheterias. Lembro de “*E o vento levou*”, filmado na década de trinta, que é considerada a produção hollywoodiana mais comentada de todos os tempos. Outro filme belíssimo é o de Fellini, produzido em 1957, “*Noites de Cabiria*”, que apresenta de forma pungente as desilusões de uma mulher ingênua em busca do amor. Um filme mais recente que me marcou foi o tocante “*As pontes de Madison*”, que sempre teve o poder de me comover em todas as (várias) vezes que o assisti. O amor e a “dor de cotovelo” também estão entre os temas predominantes na música popular brasileira, como nas composições de Lupicínio Rodrigues, Chico Buarque, Tom Jobim e Vinícius de Moraes, apenas para citar alguns.

Seria impossível, embora bastante tentador, avançar neste mundo de dramas literários, da música e da filmografia que encantaram e comoveram platéias ao longo dos tempos. Restrinjo-me a traçar alguns temas básicos que estão por trás destas histórias: seus mitologemas, as imagens mitológicas recorrentes que aparecem nos mitos, histórias e contos de fadas (WHITMONT, 1990). Apresento a seguir somente alguns mitos que trazem em relevo a temática feminina nas questões amorosas.

Afrodite, Vênus para os romanos, é a grande deusa do amor e da beleza. Sua beleza está conectada com um tipo particular de energia – graça, carisma e magia pessoal. Segundo Homero, excetuando-se Atena, Ártemis e Hera, nenhum deus ou mortal pode escapar de seus poderes. É a deusa de todo amor sensual. Mas é um amor que gera essencialmente amor e não necessariamente prole e que transcende a sexualidade. A deusa Afrodite, ligada à função sentimento, representa a habilidade de discriminação dos sentimentos, uma consciência amorosa, de conexão e transformação.

Um aspecto que chama a atenção, como aponta Downing (1987), é que Afrodite é não somente a amada, mas a amante, a encantadora que é ela própria encantada. Fere, mas também é ferida, o que fica evidente no mito de Adônis, no qual, Afrodite chora pela morte do jovem amado. Para esta autora, Afrodite ensina a arte do amor e da paixão que sempre faz sofrer, mas transforma e cura antigas paixões.

Quando Afrodite é o arquétipo dominante na personalidade da mulher, esta se apaixona facilmente e tem grande magnetismo pessoal, tornando-se, como as hetairas¹⁰ na Grécia antiga, musa inspiradora que desperta o Eros criativo do homem. Mas o poder de atração de Afrodite também pode ter um lado destrutivo: para o parceiro, se ela age de forma inconseqüente e aventureira; para si própria, ao fazer escolhas inadequadas, prendendo-a a homens que a exploram sexualmente, violentos ou imaturos (BOLEN, 1990).

Afrodite teve inúmeras ligações, mas seu maior romance foi com Ares, deus da guerra, com quem teve os filhos: Harmonia, Deimos (terror) e Fobos (medo). Esta sua associação com Ares aponta para o lado sombrio e temido das paixões que podem subjugar a personalidade. Por outro lado, seu marido era o deus coxo Hefestos, o artesão do Olimpo, considerado o deus do fogo subterrâneo, representando o princípio criativo do inconsciente, o que aponta para a associação de Afrodite com a criatividade.

Segundo Downing (1987) Afrodite, como deusa do momento presente, ensina a aceitação da transitoriedade e o reconhecimento que a paixão é por natureza passageira, mas, nem por isto, deixa de imprimir intensidade e sofrimento ao relacionamento.

O mito de **Eros e Psiquê** está associado a Afrodite. Em sua detalhada análise, Neumann (1990a) relaciona este mito ao desenvolvimento psicológico da mulher. Este mito mereceria um capítulo à parte, tal é sua relevância como metáfora do relacionamento amoroso e do caminho de individuação feminina. O mito de Eros e Psiquê, que representa o modelo arquetípico do relacionamento do amor (eros) com a alma (psique) narra todo o caminho de transformação da jovem e ingênua Psiquê em busca do amado que se afastou após ter sido descoberta sua verdadeira identidade, até então desconhecida por Psiquê. Ferida pelas flechas de Eros, Psiquê “apaixonou-se eternamente pelo próprio amor” (NEUMANN, 1990a, p.27). A revelação do deus, que é acompanhada por dor e separação, expulsa Psiquê do paraíso da inconsciência e da idealização em que vivia. Inicia, então, sua jornada de individuação. O encontro verdadeiro com o outro, no amor, como já apontamos, envolve sempre a consciência e, portanto, separação e sofrimento.

Psiquê em sua jornada se apresenta a Afrodite, mãe de Eros, que impõe a realização de quatro tarefas. Afrodite aqui aparece em seu aspecto de uma mãe terrível, perseguindo a jovem, mas ao mesmo tempo representa a força que impele seu desenvolvimento.

As quatro tarefas têm significados simbólicos importantes. A primeira delas consiste em separar uma grande quantidade de grãos misturados. Parecia impossível realizá-la, mas

¹⁰ Na antiguidade, a hetaira ou hetera (literalmente, companheira) era a mulher capaz de ser confidente espiritual e sexual de um homem (WOOLGER; WOOLGER, 1995).

Psiquê é auxiliada por formigas que separam os grãos em montes. Depois teve que retirar flocos de lã dourada de carneiros selvagens e agressivos. Um júnco a aconselha a esperar o por do sol quando os carneiros ficavam sonolentos para conseguir obter a lã. A terceira tarefa parecia mais difícil ainda: ela tinha que encher uma jarra com a água de um rio mortal que cai de um rochedo guardado por terríveis dragões. Quem a ajuda é a águia de Zeus. A última e mais mortal tarefa era ir ao reino dos mortos, levando uma caixinha para Perséfone enchê-la com unguento de beleza. Mais uma vez recebe auxílio, agora de uma torre que lhe dá indicações e conselhos de não ceder aos pedidos de ajuda que encontrará pelo caminho. A cada tarefa que cumpre, Psiquê integra aspectos de seu *animus*: habilidade de discriminação e objetividade, aprende a lidar com a agressividade de uma maneira feminina e desenvolve coragem e disciplina. O mito termina com o reencontro de Eros e Psiquê, que finalmente se unem no Olimpo. Este mito retrata um percurso heróico feminino em busca do amor que teve que passar pela separação, saindo da inconsciência da fusão inicial do relacionamento para alcançar um estágio mais evoluído de consciência: uma *coniunctio* superior.

O mito de Eros e Psiquê contém o tema do conto de fadas **A Bela e a Fera**. Bela é uma jovem que para salvar seu pai, vai viver num castelo com a Fera, que na verdade é um príncipe enfeitado. Com a convivência, Bela aprende a amá-lo e o feitiço se desfaz. Leonard (2000) pondera que a tarefa de Bela é não se deixar enganar pelas aparências e superar seu medo. Ela precisa lidar com sua fera interior e também descobrir seus potenciais criativos (os tesouros no castelo). Bela precisa amar a fera nela e no homem de sua escolha para poder resgatar esse aspecto tanto em si própria como no relacionamento, retirando as projeções de poder e sexualidade primitivas de seu parceiro.

Hera é a deusa que representa o matrimônio. Esposa de Zeus, Hera (Juno para os romanos) é a rainha dos céus e compartilha o poder com seu marido. Como esposa divina Hera personifica a capacidade de assumir compromissos, de lealdade e fidelidade, protetora das uniões legítimas e do casamento tradicional. Representa o arquétipo do casamento sagrado, o *hierosgamos* (BOLEN, 1990).

Na maioria de seus mitos, Hera é apresentada como muito ciumenta e vingativa quando traída por Zeus, perseguindo suas amantes e os filhos destas uniões em constantes competições com Zeus pelo poder. As frequentes brigas com Zeus representam as tensões que desestabilizam o casamento, demonstrando a dificuldade da conjunção dos opostos dentro do processo de individuação (DOWNING, 1987).

Era celebrada na primavera como Hera *Parthenos* (jovem Hera ou virgem Hera), no verão e no outono como Hera *Teleia* (Hera, a perfeita, a plena) e no inverno como Hera *Chera*

(Hera, a viúva, ou não casada), simbolizando três estados da vida de uma mulher: antes, durante e depois do casamento (BOLEN, 1990).

A mulher tipo Hera deseja ser esposa, sentindo-se incompleta sem um companheiro. Em geral é atraída por homens bem sucedidos, projetando no homem o marido idealizado e fazendo dele o centro de sua vida, do qual é emocionalmente dependente. Mas quando ele não realiza suas expectativas, ela se torna crítica e rancorosa, podendo com isto contribuir para deteriorar o relacionamento. A mulher que está fortemente identificada com Hera pode se sentir oprimida em um casamento insatisfatório, incapacitada de se separar e limitando muito sua vida que gira exclusivamente em torno do papel de esposa. Segundo Bolen (1990), apenas excetuando-se Deméter, Hera é a que mais sofre entre as deusas.

O mito de Hera nos ensina sobre a separação como nos mostra Downing (1987) que em “*Coming to terms with Hera*” oferece uma visão da deusa que vai além da idéia estereotipada sobre seu ciúme. Este traz a percepção dolorosa de que Zeus não pode satisfazê-la e que ela projetou nele seu *animus*. Conta o mito que quando Hera se cansou das infidelidades de Zeus, ela se afastou e ficou recolhida. Zeus a procura e faz uma brincadeira, fingindo que vai se casar com uma estátua. Hera acha graça e acabam fazendo as pazes. A cada separação, Hera se banhava numa fonte e sua virgindade era restaurada (Hera *parthenos*) para depois unir-se a Zeus (Hera *Teleia*). A deusa se renova periodicamente e assim revigora seu casamento com Zeus, o que fornece uma importante indicação da necessidade do distanciamento e da separação no relacionamento para que se possa reencontrar a própria essência na solidão. Tendência à fusão e necessidade de afastamento, os ingredientes que se confrontam no casamento, estão expressos nessas imagens do mito de Hera.

Os temas do ciúme e da traição retratados na mitologia de Hera também estão presentes no mito de **Medéia**, mas levados a um grau extremo. Na versão de Eurípides, atingida pelas flechas de Eros, Medéia se apaixona pelo herói Jasão, líder dos argonautas que estavam em busca do velocino de ouro. Medéia opõe-se a seu pai e salva Jasão, fugindo com ele. Depois de anos de casamento, Jasão a abandona para se casar com a filha do rei Creonte. Medéia, tomada de ira, mata a amante de Jasão enviando-lhe vestes envenenadas que a queimam e depois assassina os próprios filhos para se vingar de Jasão. Representando um feminino sombrio, o mito de Medéia mostra uma dinâmica que ainda continua atual para muitas mulheres que vivem o abandono do marido por causa de uma mulher mais jovem. Uma “mulher como Medéia”, na visão de Rinne (1997, p.107), fará de tudo para impedir o fim de uma relação:

sua atenção gravitará mais do que nunca em torno do seu parceiro [...] Chegando a separação, ela estará cheia de raiva [...] mas, sobretudo, desesperada, porque seus medos mais profundos se confirmaram, seus desejos não se realizaram.

Uma infinidade de mitos e histórias aborda outros possíveis percursos femininos nas relações amorosas, enfatizando um ou outro aspecto. Entre estes, menciono os mitos de Penélope e Ulisses, Teseu e Ariadne. Limitei-me aqui a alguns mais revisitados e que apresentam associações evidentes com o tema deste trabalho.

3 Separação e luto – *separatio e mortificatio*

Nesta seção vamos abordar a temática da separação amorosa relacionada ao processo de luto que o rompimento do vínculo evoca.

Estatísticas recentes mostram que o número de divórcios no Brasil aumentou, revelando um crescimento de 200% em relação a 1984:

Segundo os técnicos do IBGE, a elevação das taxas de divórcio revela uma gradual mudança de comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitar o divórcio com maior naturalidade e a acessar os serviços de Justiça de modo a formalizar as dissoluções [...] No que diz respeito à natureza das separações realizadas no Brasil, em 2007 a maior parte delas (75,9%) foi consensual, enquanto as separações não consensuais foram 24,1% do total. A pesquisa ressalta, nas estatísticas sobre divórcios, a "hegemonia das mulheres" na guarda dos filhos menores. No ano passado, em 89,1% dos divórcios, a responsabilidade pela guarda dos filhos menores foi concedida às mulheres. (IBGE: Taxa de divórcio cresce 200% em 23 anos no país, 4/12/2008)

A pesquisa ainda aponta que o número de casamentos no país vem crescendo desde 2003. São dados que revelam as mudanças que vimos apontando na seção anterior. Chama atenção que as mulheres mantêm a hegemonia na guarda dos filhos e que o número de casamentos aumenta. As pessoas se separam mais, mas continuam se casando ou pelo menos legalizando mais suas uniões e desuniões. Quanto à guarda dos filhos ser mais concedida à mulher, parece que nesta área ainda não há mudanças tão acentuadas: a função de cuidar dos filhos permanece atribuição da mulher.

Giddens (1992) relaciona o aumento de separações e divórcios na atualidade como um efeito da emergência do “amor confluyente” e não como sua causa. Como vimos, ao contrário do amor romântico que preconiza o “para sempre” da relação, o “amor confluyente” se afasta da busca da pessoa especial e valoriza o relacionamento especial em que se permanece até “segunda ordem”.

A visão de Guggenbühl-Craig (1980) complementa e aprofunda estas idéias trazendo a questão da individuação para o tema do divórcio. Defende que o critério para se divorciar deve ser procurado não no grau de patologia ou dificuldade apresentado no casamento, e sim, no casamento representar ou não para ambos os cônjuges um meio de salvação ou individuação. Seu argumento é que o meio de individuação pelo casamento consiste em que não se pode evitar o encontro dialético com o parceiro, mesmo quando as coisas se tornam difíceis e desagradáveis. O casamento é uma das possibilidades de individuação, não a única, afirma. Mas se o casamento é a via de individuação daquele casal, não será um lugar sem

conflitos ou dificuldades, o que não quer dizer que seja facilmente dissolvido. O autor observa até que encontra maior tendência à dissolução nos casamentos menos problemáticos, que veneram ao altar do “bem estar”.

Também Di Yorio (1996, p. 110) aborda a individuação em relação ao tema do divórcio. A separação do casal pode ser a conseqüência da retirada de projeções antes depositadas no parceiro e reintegradas à consciência:

O fato de a psique ter a propriedade de integrar novamente aqueles conteúdos projetados favorece, em alguns casos, a separação dos cônjuges. Isso porque um deles, ou ambos, não necessitam mais um do outro como hospedeiro de elementos psíquicos, aos quais cada um, a partir da assimilação consciente desses aspectos, passa abrigar dentro de si. E, se mais nada resta para este casal, após o confronto consigo mesmo, por meio da relação com o parceiro, a separação se constitui um caminho possível para a individuação de ambos, um caminho aberto para a transformação dessas personalidades.

Para esta autora o desejo de separação é também um símbolo que mesmo acompanhado de graus variados de sofrimento e sendo adequadamente discriminado, evita uma paralisia do casal, incompatível com a necessidade contínua de desenvolvimento da personalidade.

Até aqui percorremos idéias a respeito de algumas implicações ou efeitos que podem levar ao divórcio. Vamos verificar as conseqüências da separação para os indivíduos envolvidos, o sofrimento e a dor vivenciados com a dissolução do vínculo, aproximando-nos mais do tema desta tese.

No livro “*Casamento, término e reconstrução*” Maldonado (2000) descreve o que acontece antes, durante e depois da separação. Intercalando suas observações com centenas de depoimentos de pessoas que vivenciaram a separação, apresenta esta passagem da vida sob vários ângulos e circunstâncias diversas. Afirma que são raros os casais que conseguem se separar de forma civilizada: a maioria passa por sentimentos violentos, no meio de dores, ódios, culpas. Parece mais fácil acusar ou se culpar do que perceber a contribuição de ambos para o término do relacionamento. Segundo esta autora poucos casais se separam por consenso real, quase sempre um dos parceiros é que explicita o desejo de separação ou concretiza a decisão. Os primeiros tempos após a separação costumam ser mais tumultuados, com as mais variadas reações possíveis como ódio, euforia, desespero, alívio e até uma aparente indiferença. A separação acarreta um rompimento de hábitos e rotinas estabelecidos com a convivência provocando mudanças nos estilos de vida e relacionamentos com familiares e amigos. Frente à separação as pessoas estão diante de novos caminhos: para algumas é preciso um tempo de solidão; outras entram em relações que repetem os padrões

anteriores; há aquelas que refazem o casamento em bases diferentes. A desvinculação é lenta e gradual. Maldonado (2000, p106) descreve a dor da separação:

A dor profunda da separação é uma dor primordial, arcaica, na medida em que se refere à perda da relação e ao corte ou ao abalo dos aspectos simbióticos. Surge, muitas vezes, a angústia da morte, da desintegração, da solidão, da loucura, da percepção de que o outro não é um pedaço da gente, o fim da ilusão da união, do dois-em-um.

O rompimento do vínculo evoca lembranças e dores de outras separações e perdas sofridas anteriormente. A tentativa frustrada de negar a realidade da perda leva algumas pessoas à violência. O vínculo de ódio, vingança e perseguição pode se arrastar durante anos, diz Maldonado (2000). Vemos estes exemplos extremos de até onde a violência e o desespero podem levar em casos que se transformam em manchete na televisão e na mídia.

Na abordagem Psicanalítica, Caruso (1989, p.20) em “*A separação dos amantes*” afirma que a separação amorosa tem o gosto da morte em vida: “o outro morre em vida, mas morre dentro de mim”. E ainda, acrescenta, há um problema mais doloroso em termos narcísicos: é a minha morte na consciência do outro. A separação amorosa segundo este autor representa uma “catástrofe do ego”, um abalo na identidade que aciona mecanismos de defesa como forma de evitar a morte psíquica (ou mesmo física), o desespero e a depressão. Menciona a agressividade como primeiro mecanismo de defesa, que esconde a seguinte acusação: “como você foi capaz de me abandonar?” Este ódio permite uma desidentificação com o objeto, mas ao mesmo tempo, uma união com ele. A indiferença é outro mecanismo de defesa citado, numa atitude do tipo: “pouco me importa”. Outra forma de defesa é uma fuga para adiante, que pode ser em atividades ou na busca por novos prazeres. Por último fala de uma “ideologização” como defesa, que se vincula a uma atitude estoica, heróica ou ligada a uma devoção religiosa ou mística.

A partir de uma perspectiva lacaniana Nasio (2007) aborda o sofrimento pela perda em “*A dor de amar*”. Sem pretender aqui enveredar por explicações conceituais, é interessante mencionar algumas de suas observações que contribuem para a compreensão de nosso tema. Define a dor de amar como o afeto que traduz na consciência a reação defensiva do eu quando, ao viver a comoção, luta para se reencontrar. Diante da perda do objeto amado o eu apela para suas forças e as concentra num único ponto: a representação psíquica do amado perdido, procurando manter viva sua imagem mental. Descreve a reação do eu para amortecer a perda em dois movimentos: um de “desinvestimento”, em que há um esvaziamento do eu e outro de superinvestimento na representação do amado que se perdeu. Estes dois movimentos é que geram dor.

Na Psicologia Analítica, Carotenuto (1994) é o autor que apresenta em profundidade e às vezes de maneira poética a fenomenologia da experiência amorosa refletindo sobre suas ambivalências e paradoxos. Descreve o sofrimento após o rompimento de uma relação amorosa como uma desestruturação e como a ruína de uma organização psicológica que havia sido lentamente construída. Afirma que nenhuma outra perda pode aniquilar uma pessoa como o fim do amor, porque com ele a pessoa se sentia viva e autêntica. Para este autor, a dor mais intensa que um indivíduo sofre sempre se insere no mundo das paixões. As penas de amor sempre envolvem profundamente a pessoa inteira que fica exposta às faltas, à distância e à perda.

[...] o outro, que dividiu conosco a nossa experiência e agora vai embora, não pode deixar-nos verdadeiramente, porque o que construímos faz agora parte das nossas almas, como dois líquidos que se uniram e depois se separam devem necessariamente cada um trazer moléculas do outro. Isso não impede que o "rasgo" seja duro de aceitar, porque não é fácil de compreender; e então quem abandona é oprimido pela culpa, e quem é deixado é arrasado pela destruição. (CAROTENUTO, 1994, p.131)

A separação amorosa está associada ao simbolismo da operação alquímica *separatio* que através de diversos processos efetua a separação dos componentes antes misturados na *prima materia*. Psicologicamente representa a separação entre sujeito e objeto, entre o eu e o não-eu, um processo de diferenciação entre os pares de opostos, necessário ao ego em seu desenvolvimento. A *separatio* está vinculada ao simbolismo da *mortificatio*; pode ser experimentada como morte. Mais adiante nesta seção voltaremos a abordar o significado da *mortificatio*.

Segundo Edinger (1990a) Éris, a deusa da discórdia que provocou o julgamento de Páris ao jogar a maçã dourada entre os deuses, preside a *separatio*. Uma *separatio* pode ser anunciada quando aumenta o antagonismo numa relação antes harmoniosa em que havia uma identidade inconsciente. A necessidade de diferenciação é indicada pela constelação deste simbolismo em sonhos e nos conflitos que emergem.

É interessante apontar que a *separatio* é considerada uma operação intermediária, um requisito para a *coniunctio* superior. Edinger (1990a, p.224) cita um texto alquímico que reproduzo aqui dada sua proximidade simbólica com nosso tema: "Purifica marido e mulher separadamente, a fim de que possam unir-se de modo mais íntimo; porque se não os purificares, eles não podem amar um ao outro". A *separatio* é vista como uma operação de purificação e deve preceder a *coniunctio*.

3.1 Luto e mundo inferior

Vamos examinar o simbolismo e as reações de luto apresentados pela perda do parceiro no relacionamento amoroso. O luto pode ser definido como uma resposta característica à perda de um objeto valorizado, seja a pessoa amada, emprego, status, casa, país, ideal, parte do corpo. Varia muito de indivíduo para indivíduo em intensidade e duração dependendo do contexto, padrão de apego, grau de vulnerabilidade e da qualidade de vínculo com o anteriormente existente (CASELATTO, 2005).

Segundo Kovács (1992) ao longo da vida sempre nos deparamos com situações de perdas, separações, experiências de morte em vida e que implicam sentimentos de dor, ruptura, tristeza. Desta forma, a perda e sua elaboração constituem elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano.

Apoiada em Bowlby (1985)¹¹ Kovács (1992) descreve as quatro fases características do luto: A fase inicial é de choque, que pode se manifestar através de desespero, raiva e até descontrole e dura desde horas até semanas. A fase seguinte é a de busca da pessoa perdida. Nesta fase convivem dois processos contraditórios: a certeza da perda e a esperança do reencontro. Podem aparecer sentimentos de raiva quando a pessoa sente que é responsável pela morte do outro ou pela frustração da busca inútil. A terceira fase é a de desorganização e desespero quando a perda já é vista como realidade. Nesta fase pode se manifestar uma depressão reativa ou até mais patológica. A última fase é de reorganização em que se processa a aceitação da perda definitiva e a constatação de que uma nova vida precisa ser iniciada.

O tempo do luto é variável, podendo até durar anos. Em alguns casos, o processo de luto nunca termina. Alguns fatores interferem no processo de luto podendo ou não agravá-lo: o relacionamento do enlutado com a pessoa perdida (relacionamentos carregados de ressentimentos são mais difíceis de elaborar); idade e sexo do enlutado; causas e circunstâncias da perda; a personalidade do enlutado e a rede social e de apoio ao enlutado (KOVÁCS, 1992).

Kovács (1992) menciona uma supressão da manifestação do luto nos tempos atuais, o que pode trazer conseqüências do ponto de vista psicopatológico. Segundo esta autora muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas a um luto mal elaborado. O que vai se caracterizar como um processo de luto complicado é se os mecanismos de defesa acionados para lidar com a perda mecanismo persistirem. Um exemplo é a negação que não permite o prosseguimento da elaboração de uma perda, porque esta não é vista como definitiva.

¹¹ Bowlby, J. *Apego, perda e separação*. São Paulo: Martins Fontes, 1985

Ao discorrer sobre a “morte em vida”, Kovács (1996) analisa as experiências que nos fazem pensar a morte como são as separações, as doenças e as transições ocorridas ao longo das diversas etapas da vida em que também o espectro da morte se faz sentir. Mas aponta que mesmo nas situações mais dolorosas podem ocorrer transformações e da morte pode emergir uma nova vida.

A experiência subjetiva no momento de perda e dor presente na vivência do luto remete à mítica viagem à terra dos mortos ou mundo inferior como o Hades dos gregos, ou o Kur dos sumérios. A viagem pelo mundo dos mortos está representada na alquimia pela operação *mortificatio* ou *putrefactio*, associada ao estágio da *nigredo* e vinculada ao negrume, derrota, tortura, mutilação, morte e apodrecimento. Costuma ser experimentada como derrota e fracasso, mas pode dar início a um processo de transformação (EDINGER, 1990a).

A experiência da descida e da *nigredo* costuma ser imposta pela vida, seja a partir do interior, seja a partir do exterior através de acontecimentos aos quais somos submetidos. A viagem ao mundo inferior representa uma morte simbólica, da qual, nos mitos, os heróis renascem, simbolizando um profundo processo de transformação, um ritual de passagem ou iniciação.

A morte simbólica está presente em todos os rituais de iniciação; representa o momento central destas cerimônias. Segundo Eliade (1958) a iniciação é uma experiência existencial básica da condição humana, pois esta implica sempre em crises, provações, sofrimento, morte e renascimento, em que a morte prepara o novo, um nascimento espiritual a um novo modo de ser.

A ida do herói ou heroína ao mundo dos mortos representa a entrada no inconsciente, e em geral corresponde a um estado depressivo. Embora Jung não tenha desenvolvido uma teoria sistemática sobre depressão, deixou várias idéias espalhadas ao longo de sua obra. Para Jung (1912/1986) a depressão representa um esvaziamento da libido na consciência o que leva a um acúmulo de energia no inconsciente. Através do sistema de auto regulação da psique ocorre uma introversão involuntária como forma de compensação a uma atitude unilateral da consciência: há um esvaziamento de energia no ego que pode se manifestar como depressão. Se os conteúdos do inconsciente forem assimilados e integrados, há uma renovação e transformação na consciência. A depressão vista desta forma não é necessariamente patológica e está associada ao processo necessário de transformação da personalidade.

Moore (1994) vê o estado depressivo como uma visita de Saturno, o deus ancião e ceifador, frio e distante e sugere que procuremos o significado destes sentimentos, aceitando sua visita. Para este autor, a depressão é vista como uma iniciação, um rito de passagem da

alma. Recebemos a visita de Saturno quando vivemos um processo de luto e é esperado que sentimentos de tristeza, desespero, dor, desamparo, raiva e inconformismo estejam presentes, pois fazem parte das reações do luto.

Rosen (1993) em *“Transforming depression”* defende a idéia de que nas depressões severas o ego deve morrer simbolicamente para que possa ocorrer a cura e uma transformação significativa. Denomina este processo de egocídio, no qual acontece uma experiência arquetípica de morte e renascimento simbólicos.

Harding (1970) em seu belo artigo *“The value and meaning of depression”*, aponta para o significado da depressão como um encontro com o Self. Esta autora diferencia a depressão que ocorre por frustrações e decepções que ocorrem durante a vida, das situações em que a libido é retirada da consciência porque algum conteúdo inconsciente atraiu a energia para que pudesse ser conscientizado. Nesta depressão, que ela considera criativa, algum aspecto importante de nossa totalidade psíquica foi negligenciado, permaneceu não atendido e agora clama por sua assimilação:

Assim, um significado da experiência da depressão é que nossa totalidade, nossa individuação, o Self não consegue mais esperar enquanto percorremos caminhos egoístas, ou buscamos legitimar os anseios do ego e assim o Self nos leva, nos conduz para o território selvagem da depressão, pois Deus lá espera, e a comunicação entre a terra e o céu só nos será revelada se ao menos pudermos esperar pela visão (HARDING, 1970, p. 15)(tradução minha)¹²

A dor amorosa vivida na separação constela o processo de luto e de viagem ao mundo inferior com maior ou menor intensidade. É uma experiência de morte, de algo muito significativo que foi irremediavelmente perdido, de sonhos que se desintegraram estando presentes a sensação de fracasso e culpa, podendo caracterizar um estado depressivo. Neste estado somos tragados para um mundo interior árido e sem perspectivas.

Em um estudo sobre divórcio, luto e transformação, Bacon (2002)¹³ relaciona o luto vivido no divórcio a um processo alquímico de transformação. Ao analisar as histórias de sete mulheres que passaram por um divórcio não desejado, a autora conclui que a vontade de vivenciar profundamente o luto pelo fim de seus casamentos pôde resultar em uma nova experiência de vida, mais rica e profunda.

¹² “And so one meaning of the experience of depression is that our wholeness, our individuation, the Self, can no longer wait while we follow egotistic ways or even seek for legitimate ego fulfillment, and so the Self brings us, drives us, into the wilderness of depression for God waits in that place, and communication between earth and heaven is even then about to be revealed to us, if only we will attend to the vision”. Obs: O termo wilderness neste caso, se refere à natureza selvagem da terra não cultivada.

¹³ Infelizmente só pude ter acesso ao resumo deste trabalho que parece ter afinidades com a presente pesquisa.

Ducati (2005) vê a separação nas relações amorosas como um luto não reconhecido socialmente em nossa cultura, não havendo rede de apoio para os enlutados que, em geral nem são reconhecidos como enlutados. Esta autora aponta que no divórcio ocorrem muitas perdas: perda da conjugalidade, da identidade, da convivência com a família e filhos, da casa, de um ideal. Mesmo que na separação a morte seja psíquica, há um luto que envolve sentimentos semelhantes ao da morte física: sentimentos de fracasso, de impotência e de finitude. Maldonado (2000) também afirma que não há suporte social para ajudar as pessoas que passam pelo rompimento amoroso.

No caso da separação amorosa, por tratar-se de um luto em geral não reconhecido socialmente e que não há rituais para o descasamento em nossa cultura, como apontado por Ducati (2005) supõe-se maior dificuldade para lidar com este sentimento. Esta autora observa que as pessoas separadas têm necessidade de criar um ritual pessoal ou um marco de despedida, por exemplo, limpando e pintando a casa ou se desfazendo de objetos que representam o laço do casamento. Aponta que o ritual é necessário para auxiliar na elaboração da perda e para o início da reorganização.

Nasio (2007, p.87) também fala sobre o ritual. Define o processo de luto como um lento e penoso processo de desamor para com o morto para amá-lo de outra forma: “ficar de luto é aprender a amar de outra forma o morto, amá-lo sem o estímulo de sua presença viva”. Neste processo que exige tempo e trabalho, o ritual ajuda. Segundo este autor, o ritual é uma maneira de garantir que ele está “dentro de mim” e que não está aqui.

Nos cuidados que podem ser oferecidos ao enlutado Kovács (2007) menciona o ritual citando Imber-Black (1991)¹⁴ que ressalta a importância da retomada de rituais em relação às perdas e ao grau de desorganização que promovem. Os rituais são muito específicos para cada cultura, apresentam símbolos e ações dramáticas que facilitam a expressão de sentimentos e favorecem a segurança psicológica, trazendo um sentido à perda.

Vamos nos deter especificamente no tema do ritual na próxima seção dada sua proximidade com a proposta desenvolvida no grupo vivencial de mulheres para lidar com a perda amorosa.

¹⁴ Imber- Black, E. Rituals and the healing process. In: WALSH, F. & MC. GOLDRICK, M. *Living beyond loss. Death in the family.* Nova York, W. Norton & Co: 207-223.1991.

4. O grupo na Psicologia Analítica

4.1 Recursos expressivos e função transcendente

Jung foi pioneiro ao trazer para a psicoterapia recursos não verbais como a pintura, a escultura e mesmo o movimento. Em seu ensaio sobre a “Função Transcendente” (1958/2000) que foi escrito em 1916 e só publicado em 1958 sem alterações significativas, relata a descoberta do efeito benéfico de trabalhar as imagens internas dando uma forma visível ao distúrbio emocional. Para isto sugere o desenho, a pintura, a modelagem e a dança. Jung (1958/2000a, p.xi) desenvolve este texto a partir da questão: “de que maneira podemos confrontar-nos com o inconsciente?” descrevendo a técnica de imaginação ativa pela primeira vez, embora ainda não a tenha denominado desta forma, como um caminho para estabelecer um diálogo entre consciente e inconsciente. Este “diálogo” entre o ego (centro da consciência) e o inconsciente é condição básica do processo de individuação, em que os opostos são confrontados, surgindo um terceiro elemento que é a função transcendente.

O alternar-se de argumentos e de afetos forma a função transcendente dos opostos. A confrontação entre as posições contrárias gera uma tensão carregada de energia que produz algo de vivo, um terceiro elemento [...] A função transcendente aparece como uma das propriedades características dos opostos aproximados (JUNG, 1958/2000, p.22).

Jung (1958/2000a) sugere que o meio para estabelecer este diálogo é através de pinturas, desenhos ou outros canais de expressão em que o conteúdo inconsciente ganha uma forma visível e palpável com a qual se pode interagir: começa a haver uma colaboração, uma aproximação com o inconsciente através da cooperação da consciência. O ponto de partida da imaginação ativa pode ser uma imagem de sonho ou um estado afetivo incompreensível e difuso. Há uma interação “ativa” que se dá através do ego consciente, o que difere de uma imaginação “passiva” em que se é simplesmente um espectador das imagens internas. Através desta interação, ambos, consciente e inconsciente, se modificam.

Em “*Os objetivos da psicoterapia*” Jung (1929/1981a, p.46) complementa estas idéias:

Mas, afinal, por que razão levo os pacientes a se exprimirem por meio de um pincel, de um lápis, de uma pena, quando atingem um certo estágio em sua evolução? Antes de mais nada, o que interessa é que se produza um efeito. [...] Nesta fase, passa a ser ativo. Passa a representar coisas que antes só via passivamente e dessa forma elas se transformam em um ato seu. Não se limita a falar do assunto. Também o executa.

Vemos neste parágrafo que a confrontação com as figuras do inconsciente se dá a partir do ego, ao mesmo tempo permitindo que o inconsciente também se expresse. Isto dá condições de que o paciente desenvolva certa autonomia para lidar com seu próprio inconsciente, que é um dos objetivos propostos por Jung. Mas, não basta a representação das imagens, acrescenta, é necessário compreendê-las a fim de que sejam integradas à consciência.

Em relação a esta compreensão, entretanto, há ressalvas. Ainda no ensaio sobre a função transcendente Jung (1958/2000a, p.17) alertou para o perigo de se supervalorizar uma compreensão intelectual sobre o conteúdo do material produzido “o que faz com que se perca o caráter essencialmente **simbólico** do objeto”. (grifo meu)

Chegamos aqui ao conceito que está intrinsecamente associado à função transcendente: o símbolo. É pertinente reproduzir a definição de símbolo dada por Jung (1921/1976b, p.543) que apresenta um significado bastante diferenciado em relação a outras abordagens:

O símbolo pressupõe sempre que a expressão escolhida constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível para um estado de coisas relativamente desconhecido, mas que se reconhece como existente ou como tal é reclamado [...].

Nesta definição se evidencia que o símbolo conserva elementos desconhecidos à consciência, ou seja, algo permanece inacessível e inapreensível. Esta qualidade faz do símbolo um mediador entre consciente e inconsciente, entre o oculto e o revelado. Jung (1921/1976b) enfatiza que o símbolo só é “vivo” enquanto seu sentido ainda não for esclarecido, enquanto for a “melhor expressão possível”. Jacobi (1986, p.91) sintetiza algumas idéias de Jung a respeito da função transcendente e do símbolo:

À capacidade da psique de formar símbolos, isto é, de unir pares de opostos no símbolo para uma síntese, Jung chama de *sua função transcendente* que ele não entende como uma função básica (como o pensar ou o sentir que são funções do consciente), mas como uma função complexa, composta de várias funções; e ‘transcendente’ não significa para ele uma qualidade metafísica, mas o fato de que, por meio dessa função, se cria uma passagem de um lado para o outro.

Jacobi (1986) também ressalta o papel do símbolo para impulsionar a consciência e manter a vida psíquica em constante fluxo, exercendo um efeito restaurador e curativo à psique.

Depois desta necessária incursão conceitual, retorno à imaginação ativa. Kast (1997a) oferece indicações práticas e detalhadas sobre o trabalho com imagens sugerindo várias técnicas de imaginação como um treino para se desenvolver as habilidades imaginativas;

desta forma propõe um caminho para a imaginação ativa. Esta autora considera as técnicas de imaginação indicadas para as pessoas que precisam se aproximar de suas emoções e lidar de forma mais simbólica com problemas atuais de vida. Recomenda também estas técnicas para casos em que há sentimentos negativos e de vazio.

Byington (1993) analisa o emprego de técnicas expressivas por psicoterapeutas, alertando para os perigos de sua utilização fora dos parâmetros da psicoterapia, ou seja, como fins em si próprios. Ressalta que as técnicas psicoterapêuticas modernas estão se desenvolvendo cada vez mais em direção à vivência, argumentando que a capacidade da elaboração racional exclusiva para causar transformação psíquica chegou ao seu limite e sugere que o caminho do desenvolvimento da técnica psicoterápica é o caminho da mobilização da vivência pelas técnicas expressivas.

Na Psicologia Analítica utiliza-se a expressão “elaboração simbólica” para se referir ao processo dinâmico que acontece na relação entre a consciência, o Self e o símbolo que tem um efeito transformador sobre a personalidade (HALPERN-CHALOM; VILLARES DE FREITAS¹⁵, 2006). A utilização de recursos expressivos, bem como de outras técnicas, visa facilitar a elaboração simbólica. Halpern-Chalom e Villares de Freitas (2006) propõem denominações específicas para os diversos tipos de recursos utilizados em contextos grupais: *recursos culturais facilitadores da elaboração simbólica* como a narrativa de contos e mitos e *recursos individuais facilitadores da elaboração simbólica* como pintura, dramatizações, escultura entre outros. Também discriminam entre *recursos fixos* que são concretizados em obras plásticas ou escritas e *recursos efêmeros* em que estão incluídos o movimento corporal, as dramatizações, música e imaginações que se mantêm apenas na memória. Considero esta denominação bastante útil em termos didáticos por oferecer uma contextualização mais precisa e a consolidação de uma prática que vem se desenvolvendo na Psicologia Analítica.

As imagens dos mitos e contos de fadas se inserem neste trabalho ao trazer para a consciência os símbolos do processo vivido e com isto colocam em movimento e liberam a energia psíquica que estava bloqueada. Como diz Estés (1994, p. 30): “As histórias são bálsamos medicinais [...] A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias.” As imagens arquetípicas dos mitos e contos oferecem um respaldo coletivo às questões universais da alma humana, inspirando e indicando caminhos.

¹⁵ Esta autora aparece também como “Freitas” em outras citações. Aqui respeitei a forma como aparece neste texto: “Villares de Freitas”.

Hillman (1981, p.17) também discorre sobre o valor terapêutico e profilático dos mitos e estórias. Em sua visão, quanto mais afinado for o lado imaginativo da personalidade, menor será a ameaça do irracional e a necessidade de repressão: “O cultivo da alma faz-se ao lado de uma deslateralização da consciência e da restauração de sua conexão com os padrões do pensamento mítico e metafórico”. Recomenda “reestoriar” o adulto com a finalidade de restaurar a imaginação.

Em minha prática com grupos vivenciais utilizo diversos recursos de forma alternada visando oferecer um leque amplo de possibilidades de acesso e expressão de conteúdos inconscientes para favorecer o processo de elaboração simbólica. Muitas vezes mitos ou contos eram narrados e posteriormente eram oferecidos materiais plásticos para a expressão dos aspectos mobilizados individualmente que depois eram partilhados e elaborados conjuntamente no grupo. Algumas vezes era proposta uma imaginação dirigida como uma forma de trazer para a experiência pessoal a temática apresentada na história relatada. Utilizando estes recursos, o material do mito adquiria uma conotação e um significado individual, favorecendo a elaboração simbólica e a ampliação da consciência. Em outros grupos, o ponto de partida não foi um mito ou conto, mas um tema desenvolvido e vivenciado através de recursos expressivos. Desta forma todo aquele encontro do grupo ocorria em torno de um tema central.

4.2 Grupo e espaço ritual

Terminei minha dissertação de mestrado (PARISI, 2002) apontando para a necessidade de serem criados espaços rituais para as mulheres poderem realizar com segurança a passagem da menopausa. Nesta pesquisa retomo a proposta de criar este espaço para lidar com a perda amorosa através do grupo vivencial de mulheres. Portanto, é necessário esclarecer o que entendo por espaço ritual no contexto psicológico e como se insere o trabalho em grupo vivencial nesta perspectiva.

A importância do ritual na vida social e cultural é tal que Da Matta (1978) chega a afirmar que sem o rito, as sociedades humanas não existiriam. Podemos compreender essa afirmação considerando que os rituais sempre cumpriram a função de ajudar os indivíduos a passarem pelas transformações que são parte da vida e que requerem mudanças nos padrões tanto conscientes quanto inconscientes (CAMPBELL, 1995). Momentos importantes da vida individual e/ou coletiva sempre foram marcados por rituais, o que tornava suportáveis as passagens e mudanças, ao ser atribuído um significado compartilhado pelo grupo social.

Whitmont (1991) defende a necessidade de desenvolvermos rituais significativos na atualidade, uma vez que os rituais tradicionais perderam sua força. O novo ritual estaria voltado para a individualidade em formas interpessoais e grupais. Mas, aponta, para ser genuíno este novo ritual deve ser “descoberto” e não fabricado. A função do ritual é oferecer possibilidade de aceitação e contenção dos afetos mobilizados, transformando a sua energia em formas de cooperação. O ritual é visto como um jogo dramático, um ato lúdico, mas que deve ser vivido como significativo, caso contrário não promove transformação.

Ao estudar o mito e o ritual nas assim denominadas sociedades arcaicas e tradicionais, Eliade (1972) aponta para o papel dos ritos como forma de “reatualizar” periodicamente os mitos, ou seja, o mito é lembrado e reconfirmado pelo ritual. Recitando e celebrando os mitos, há uma reintegração ao tempo das origens e a pessoa se torna contemporânea dos eventos evocados, compartilhando da presença dos deuses ou dos heróis: “[...] ao “viver” os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável” (ELIADE, 1972, p. 21). Por “viver” os mitos, Eliade se refere à experiência ritual e usa o termo “experiência religiosa”, ao distingui-la da experiência ordinária da vida cotidiana.

Vejo nessa explicação uma descrição bastante fiel do que ocorre no trabalho vivencial dentro do contexto grupal. As imagens arquetípicas das histórias relatadas e das produções vivenciais são confirmadas, “reatualizadas” pelo grupo. A imersão favorecida pela vivência através de trabalhos com imaginação ou com materiais plásticos cria uma atmosfera diferente no grupo, algo que abre para uma dimensão mais sutil onde a intuição, os sentimentos e as sensações corporais são solicitados a participar deixando em segundo plano os aspectos cognitivos ou verbais. Muitas vezes presenciei uma atitude de reverência e profundo respeito do grupo para com os trabalhos produzidos pelos outros membros, assim como pelas suas colocações pessoais, num clima que toca o que podemos chamar de “sagrado”, cerimonial. A utilização combinada do referencial arquetípico presente nos contos e mitos, que fornece o pano de fundo coletivo, com as técnicas expressivas parece ser facilitadora da criação deste “campo simbólico” que sai do tempo e do espaço profanos e ingressa na dimensão do “sagrado”.

No grupo assim concebido, como espaço ritual, há a possibilidade de trazer ao concreto o que foi experienciado internamente, e esta é uma das funções do ritual, segundo Johnson (1989, p.119). Ao *fazer* alguma coisa para expressar o símbolo, diz Johnson, “alguma coisa que envolva nosso corpo e nossas emoções – o símbolo se torna uma realidade viva para nós”. Para este autor, do ponto de vista psicológico, o ritual é o comportamento simbólico cumprido

conscientemente e é uma importante ferramenta para conectar o ego ao Self. Recomenda fazer algo concreto com os sonhos e com a imaginação ativa, realizando pequenos atos simbólicos como uma representação física das imagens e do sonho.

A suposta fórmula dos iniciados em Eleusis: “Eu vi, eu disse, eu fiz” assinala a transformação propiciada pelo rito: a percepção da imagem; a expressão pela palavra e a representação solene (WHITMONT, 1991, p.267). Nesta fórmula encontro a síntese do “ritual” realizado nos grupos vivenciais em que o indivíduo acessa o mundo das imagens, depois partilha sua experiência traduzindo-a em palavras e finalmente representa, talvez apenas alternando a sequência final algumas vezes.

O ritual ocorre num espaço que é considerado sagrado – o *temenos* da Grécia antiga. O *temenos* no mundo antigo era uma fronteira colocada ao redor de um templo. Uma delimitação era feita em torno do local onde seria erguido um templo, separando este território do espaço comum e profano. Hall (1992) relaciona esta imagem arquetípica do *temenos* ao espaço terapêutico, em que se delimita um tempo e um lugar para o encontro analítico que tem condições específicas e regras de funcionamento. Esta delimitação ocorre igualmente no grupo uma vez que o próprio dinamismo grupal cria as condições para manter ou não esse espaço seguro e delimitado. De início, certamente é o coordenador do grupo que estabelece essas condições, através não só das regras, horários e acordos de funcionamento, mas principalmente ao garantir o acolhimento e a atitude observadora, atenta. Uma metáfora possível em relação ao papel do coordenador do grupo vivencial é, por vezes, a de um guardião, não como uma figura armada e defensiva, mas um protetor sensível deste espaço ritual e sagrado.

No terreno mitológico, o dinamismo da deusa Héstia é analisado por Freitas (2005b) em relação ao grupo vivencial. Não possuindo uma representação figurada como os outros deuses, Héstia encarna a chama viva do lar ou da cidade, lugar de moradia da alma. Representa um espaço centralizado, remetendo ao simbolismo do círculo, do fogo, da lareira e da casa que estão associados a esta deusa. Destaco aqui as qualidades espaciais desta deusa que promovem o acolhimento e a capacidade de centralizar-se. O grupo vivencial oferece este lugar de Héstia, que “transcende o físico” [...] mais do que fazer ou ser algo, trata-se de simplesmente **estar** e deixar que as coisas aconteçam (FREITAS, 2005b, p.134) (grifo meu). Um espaço em que os símbolos podem ser expressos e compartilhados, um espaço anímico que cria intimidade e comunhão.

Jung privilegiou a análise individual e muitos de seus seguidores se mantiveram neste âmbito. Assim como o próprio Jung, estes analistas colocaram objeções quanto à psicoterapia

grupal argumentando que no grupo diminui a sensação de responsabilidade à medida que aumentam a segurança e proteção que a situação grupal oferece, havendo o perigo da pessoa se manter infantilizada e dependente já que o foco é a adaptação social. Outro argumento neste sentido é que o grupo impede a experiência do Self pelo próprio indivíduo, o que só pode ser encontrado quando o paciente está só (VON FRANZ, 1999a).

Já outros analistas pós-junguianos defendem o trabalho grupal de uma forma complementar à análise individual ou mesmo como processo psicoterapêutico (WHITMONT, 1991; HALL, 1992; ZINKIN, 1998). Whitmont (1991) foi um dos pioneiros do trabalho junguiano com grupos, relacionando o processo terapêutico com o ritual e defendendo a utilização de técnicas psicodramáticas. Hall (1992) denomina o tipo de psicoterapia que pratica de “terapia de grupo processual” em que se permite que as situações terapêuticas se desenvolvam sem o uso de técnicas que as provoquem. Hall não considera a psicoterapia grupal um substituto da análise individual, recomendando uma combinação entre as duas.

Zinkin (1998) estabelece relações entre a Psicologia Analítica e o modelo de análise grupal de Foulkes¹⁶, concluindo que são compatíveis no sentido de que o processo e a meta de individuação na Psicologia Analítica também descreve o processo e a meta para o indivíduo na análise grupal.

Recentemente encontramos alguns trabalhos brasileiros, em dissertações e teses utilizando o grupo a partir de um enfoque junguiano, o que demonstra o crescente interesse em desenvolver aplicações diferentes do modelo clássico de análise individual. Entre outros, menciono a dissertação “*Grupos de psicoterapia de curto prazo sob o enfoque da Psicologia Analítica*” (CHANDER, 2001); a tese de Faria (2001) que analisa as questões da paternidade através de um trabalho realizado com grupo de pais; a tese de Freitas (1995), a respeito da Persona em trabalho com máscaras em grupos vivenciais e a dissertação de Rodrigues de Oliveira (2006) que utiliza sessões de um grupo terapêutico para discutir o processo grupal e o conceito de materialidade na Psicologia Analítica. O Dossiê Jung na revista Psicologia USP (2005a) traz um artigo de Freitas que apresenta um panorama dos grupos vivenciais na Psicologia Analítica, defendendo sua relevância para a promoção do processo de individuação.

Nos últimos Congressos Latino Americanos de Psicologia Junguiana (2003- 2006) foram apresentadas algumas experiências clínicas desenvolvidas em contextos grupais, dos quais destaco alguns: Gallbach (2003) descreve um trabalho de grupos de vivência de sonhos

¹⁶ Foulkes propõe um modelo de análise do grupo pelo grupo, todos no papel de analistas e analisandos. (FREITAS, 2005)

reconhecendo a interface e interação de processos individuais e coletivos; Rodrigues de Oliveira (2003) enfoca o processo grupal e os fenômenos transferenciais vividos em um grupo terapêutico com o uso de recursos expressivos; Freitas (2006) em seu trabalho sugere a noção de “processo de gruação” para designar a experiência vivida pelos grupos ao longo dos encontros, análogo ao processo de individuação; e, de minha autoria, um trabalho realizado com grupo de mulheres sobre o *animus* (PARISI, 2006).

Mas, como afirma Hall (1992), a terapia de grupo ainda é um tema controverso em muitos círculos junguianos. Ainda há pouca literatura e pesquisas enfocando o trabalho grupal na abordagem junguiana em comparação ao interesse teórico e prático para com a clínica individual. Em muitos dos trabalhos realizados em contexto grupal, o foco é dirigido para o tema estudado e há pouca discussão quanto ao processo grupal envolvido.

Na Psicologia Analítica observo diversas modalidades de abordagem grupal: é possível diferenciar entre grupos vivenciais, grupos temáticos, grupos terapêuticos, grupos de curto prazo entre outras possíveis denominações e especificidades. Um grupo vivencial mesmo tendo efeitos terapêuticos, não necessariamente é uma psicoterapia de grupo: sua finalidade e contextualização podem estar mais voltadas para sensibilizar e mobilizar para um processo analítico em época posterior ao grupo vivencial. Ou o trabalho em grupo vivencial acontece de modo concomitante e complementar à análise individual, contribuindo para novas percepções e elaborações, às vezes acelerando o processo individual. São inúmeras as possibilidades.

Considero necessário um maior aprofundamento e estudos sobre estas potencialidades do trabalho grupal na perspectiva junguiana em várias modalidades e enfoques. Poder conciliar aquilo que à primeira vista parece incompatível: a profundidade do pensamento junguiano sobre a psique e abordagens mais voltadas para curto prazo ou focadas, discutindo também sua utilização e limites em contextos diversos da situação analítica.

Faria (2001) em seu trabalho com grupo de pais considera importante incrementar pesquisas mais amplas no âmbito de grupos na Psicologia Analítica e conclui que a individuação não se opõe às dinâmicas grupais e sociais, desde que estes contextos não sejam utilizados para uma adaptação normatizadora do indivíduo ao coletivo. Este autor assinala o trabalho em grupo como um “lócus” onde cada indivíduo pode se diferenciar, assim como ver o outro enquanto diferente, embora semelhante em seu fundamento arquetípico.

O próprio conceito de individuação inclui a dimensão da comunidade humana, como expõe Jung (1945/1981c, p.103):

[...] muito embora a tomada de consciência da individualidade possa corresponder ao destino natural do ser humano, ela não é o fim último [...] A individuação é 'o tornar-se um' consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda, em que também nos incluímos.

No campo simbólico e mitológico, citando Freitas (2005b) já mencionei a analogia da deusa Héstia, com o processo que ocorre nos grupos vivenciais; focalizei suas características espaciais e capacidade de centralização. Além de Héstia identifiquei também a atuação de outras divindades femininas como metáforas do trabalho com grupos de mulheres, especialmente a deusa Afrodite.¹⁷ Grande deusa do amor, como descrito anteriormente é também a deusa da criação e da transformação. Bolen (1990) a nomeia "*a deusa alquímica*", pois, sendo enfocada e ao mesmo tempo receptiva, seu dinamismo sempre inspira a uma nova vida e à mudança. Afrodite é deusa do relacionamento, do princípio de Eros e da empatia, da função sentimento, ingredientes essenciais para o relacionamento grupal, que criam e mantêm uma atmosfera acolhedora e amorosa. Acompanhada pelas Graças (Carites), Afrodite imprime essa qualidade ao ambiente, no perfume e nas cores vibrantes e delicadas das flores e na abundância dos frutos. O tempo de Afrodite é o tempo presente, do "aqui e agora", do sensorial e do efêmero da vida. Nas vivências do grupo, esta qualidade se manifesta quando se presentifica uma emoção, quando um conteúdo de um mito ou história é mobilizado e "reatualizado" em termos pessoais, quando com frequência é pedido que a pessoa se identifique "aqui e agora" com a produção ou imagem relatada¹⁸. Bolen (1990) assinala esta qualidade de Afrodite em todo trabalho criativo, destacando sua presença na função do terapeuta que mantém o campo energético como pano de fundo para a comunicação acontecer, sem, no entanto perder o foco, pois o tipo de consciência de Afrodite é tanto enfocada quanto difusa e receptiva.

Outras deusas também se constelam no grupo de mulheres, enquanto qualidades necessárias à coordenação, mas também retratando dinâmicas e movimentos do próprio grupo: temos a maternal presença de Deméter no colo generoso e nutridor, muitas vezes oferecido também por alguma participante; a discriminação e o foco de Atena, tão necessários na condução da dinâmica grupal; a intuitiva e sensível Perséfone, com sua habilidade de transitar entre os dois mundos, estabelecer pontes entre consciente e inconsciente; a força

¹⁷ Em se tratando de um grupo voltado para as questões amorosas, a analogia com Afrodite se faz mais evidente.

¹⁸ Utilizo muitas vezes técnicas de Gestalt-terapia que se valem deste recurso de tomar o personagem ou a imagem como uma parte sua.

selvagem de Ártemis, expressão da feminilidade mais instintiva e arcaica das deusas lunares, deusa que encarna a solidariedade feminina.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender a experiência da separação amorosa em mulheres de meia idade relacionada a seu processo de individuação através de uma abordagem em grupo vivencial no enfoque da Psicologia Analítica.

Em decorrência do objetivo acima pretende-se também:

1. Desenvolver estratégias grupais facilitadoras da elaboração simbólica para lidar com a perda do relacionamento vivenciada pelas participantes.
2. Oferecer subsídios para uma atuação psicológica na área da saúde da mulher com grupos vivenciais de mulheres para lidar com situações de perdas baseada na abordagem junguiana.

MÉTODO

1. A abordagem

A abordagem utilizada nesta pesquisa seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Bilken (1994), a investigação qualitativa tem como objetivo a compreensão dos significados de comportamentos e experiências próprios de seres humanos. Os investigadores qualitativos procuram compreender o processo através do qual as pessoas constroem sentidos, além de descrever em que esses consistem, recorrendo para isto à observação. A busca de compreensão acerca da experiência psicológica de mulheres na vivência da separação amorosa, objetivo desta pesquisa, implica nesta apreensão dos significados atribuídos pelas participantes a partir de sua própria experiência, ou seja, de sua subjetividade.

Como este estudo se apóia nos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica é importante considerar alguns aspectos dessa abordagem relacionados ao método, tendo em vista sua especificidade.

Em sua dissertação, Penna (2003) estuda e discute o método de investigação do paradigma junguiano em relação à metodologia de pesquisa qualitativa. Neste estudo, a autora conclui que diversos aspectos do paradigma junguiano – tais como a relatividade do conhecimento humano diante da infinitude do inconsciente coletivo, a busca de integração dos opostos sem anular as diferenças e a aceitação dos paradoxos e contradições inerentes à natureza humana – estão afinados com a ciência pós-moderna e com os pressupostos das metodologias qualitativas atuais. Penna (2003) levanta a necessidade da formulação de uma metodologia de pesquisa própria desse paradigma, sugerindo a denominação *simbólico arquetípico* para sintetizar o tratamento metodológico dispensado ao material psicológico.

O fenômeno psíquico a ser investigado na Psicologia Analítica é o símbolo, que constitui a única chave possível para o conhecimento. Nesta concepção o símbolo é o produto intermediário comum entre o consciente e o inconsciente, a síntese entre o coletivo e o individual. O presente estudo teve como foco a experiência simbólica das participantes na situação grupal, como forma de investigação e compreensão da dinâmica envolvida com a perda amorosa. Os símbolos observados e expressos forneceram tanto a condução quanto a compreensão do trabalho com o grupo.

A observação do fenômeno psíquico na Psicologia Analítica, descrito por Penna (2005) em artigo posterior, constitui uma experiência viva de participação e diálogo entre o sistema observante e o observado, em que ambos são transformados pelo processo de

conhecimento. A metodologia junguiana propõe um método de investigação dos fenômenos que inclui tanto uma perspectiva subjetiva quanto objetiva da realidade psíquica.

Desta forma, esta pesquisa está inserida num método que privilegia as significações do subjetivo e do dinamismo da relação interdependente entre sujeito e objeto e que é ainda mais potencializado em um contexto grupal. Este se constitui num processo vivo e dinâmico e, portanto não mensurável e fixo. Neste sentido, o presente estudo é condizente com características da metodologia de pesquisa qualitativa segundo Bogdan e Bilken (1994) como a preocupação com o contexto da investigação, a descrição do fenômeno, o interesse maior pelo processo e pela busca do significado, além de levar em conta aquilo que é freqüentemente invisível a um observador exterior, fazendo luz à dinâmica interna das situações.

Segundo Chizzotti (1998) a própria formulação e delimitação do problema é um processo que vai se definindo através de uma imersão do pesquisador no contexto do fenômeno, na busca dos significados e suas inter-relações. Foi desta maneira que se desenvolveu esta pesquisa, uma construção passo a passo, a partir das primeiras formulações das questões até o próprio trabalho realizado com o grupo. O trabalho com recursos expressivos em grupo é um processo que se cria a cada encontro com uma grande riqueza de trocas, interações e mobilizações vivenciais que constelam um campo simbólico único e particular daquele grupo com repercussões as mais variadas, tanto para as pessoas participantes quanto para a coordenação.

Esta pesquisa se aproxima do método de pesquisa-ação. Thiollent (1996, p.14) define a pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa social de base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema em questão estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Neste estudo houve uma cooperação entre as participantes e a pesquisadora através das ações terapêuticas e vivenciais propostas com o objetivo de lidar com as questões trazidas ao grupo. Na concepção de Thiollent, na pesquisa-ação há uma ampla interação entre pesquisadores e pesquisados, o que favorece resolver ou esclarecer os problemas encontrados, implicando numa participação efetiva dos interessados. Estes não são meros informantes na pesquisa-ação, o que traz uma semelhança desta pesquisa com este tipo de metodologia uma vez que o trabalho grupal na abordagem junguiana é dialético, artesanal e afeta os dois lados (coordenador e participantes) assim como no encontro analítico. Jacoby (1992), baseando-se em Jung, aponta que a análise é um processo dialético no qual médico e paciente estão

envolvidos como pessoas completas em que ambos são transformados. Para Penna (2005), a relação entre sujeito e objeto é uma relação dialética e simbólica, na qual ambos participam ativamente do conhecimento.

Entretanto, apesar de, como aponta Turato (2003), a pesquisa-ação estar mais voltada para os aspectos sociopolíticos, institucionais e educacionais do que para o enfoque psicológico das relações interpessoais, este estudo ainda mantém muitas relações com a metodologia de pesquisa-ação. Além da ação (e criação) conjunta entre pesquisadora e participantes, o processo de grupo vivencial não deixa de envolver aspectos educativos, como diz Jung (1929/1981b) ao descrever as etapas do processo psicoterapêutico: uma das etapas é o que ele denomina “educação para o ser social” no sentido de um desenvolvimento da capacidade de adaptação. Não se pode negar que o processo terapêutico abre possibilidades novas de funcionamento psíquico para os indivíduos envolvidos e neste sentido pode ter uma função e alcance educacional e social. Mesmo que nesta pesquisa não tenha sido proposta uma psicoterapia de grupo, e sim, um grupo vivencial, este costuma apresentar efeitos terapêuticos. Além disto, foi nosso objetivo nesta pesquisa buscar um novo referencial para lidar com a separação amorosa, oferecendo subsídios para práticas psicológicas na área da saúde.

Outra aproximação metodológica se dá com relação ao método de pesquisa clínico-qualitativa definida por Turato (2003, p.242):

A partir das atitudes existencialista, clínica e psicanalítica, pilares do método, que propiciam respectivamente a acolhida das angústias e ansiedades do ser humano, a aproximação de quem dá ajuda e a valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, este método científico de investigação, sendo uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativos genéricos das ciências humanas, e pondo-se como recurso na área da psicologia da saúde, busca dar interpretações a sentidos e a significações trazidos por tais indivíduos sobre múltiplos fenômenos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença, com o pesquisador utilizando um quadro eclético de referenciais teóricos para a discussão no espírito da interdisciplinaridade.

O método de pesquisa clínico-qualitativo se caracteriza pelo trabalho de campo em *settings* de saúde que são definidos como ambiente natural; pela valorização de elementos psicanalíticos como ferramenta básica tanto no *setting* como na discussão dos resultados; por ter o pesquisador como instrumento principal da investigação em campo; pela preocupação maior com o processo e não com o produto; pelo papel do pesquisador como *bricoleur*, produzindo sua teoria e compondo-a de fragmentos encontrados no campo; pelo ponto de partida do pesquisador tanto das próprias experiências e percepções como das teorias (TURATO, 2003). A meu ver, este método, sendo um refinamento e particularização da metodologia qualitativa genérica, afina-se com o que foi proposto nesta pesquisa, que

privilegiou um olhar para os significados e símbolos expressos no grupo e para as percepções enquanto pesquisadora com uma formação clínica.

No método da pesquisa clínico-qualitativa, há uma preferência pela entrevista como técnica mais indicada para este método, que Turato (2003) chama de entrevista clínico-psicológica, feita em profundidade e acompanhada de refinada auto-observação. Nesta pesquisa o instrumento utilizado foi a realização de sessões de grupo vivencial e não entrevistas, o que a diferencia da proposta de Turato.

Em síntese, considero que o método desta pesquisa se caracterizou por uma pesquisa qualitativa na perspectiva simbólico arquetípica apresentando afinidades com a pesquisa-ação e com o método clínico-qualitativo.

2. As participantes

As participantes da pesquisa foram sete mulheres com idades de quarenta a cinquenta e cinco anos, que vivenciavam uma separação amorosa. O critério do tempo de separação não foi decisivo para a inclusão da participante na pesquisa, mas sim a mobilização emocional ainda apresentada associada ao rompimento, uma vez que cada pessoa tem um tempo variável de elaboração da perda. Desta maneira, interessava principalmente saber se a separação era um fato ainda experimentado subjetivamente de forma dolorosa e difícil: este foi o principal critério adotado para a inclusão na pesquisa. O tempo de união, se era ou não um vínculo formalizado e se havia ou não filhos desta união também não foram aspectos considerados para a delimitação das participantes, tornando-se dados aleatórios. Apesar de que a decisão pela separação e sua explicitação pode envolver formas diferentes de vivenciar a perda, este também não foi um critério utilizado para a participação na pesquisa, a fim de garantir no grupo de pesquisa uma diversidade maior de experiências em relação à separação.

Foram excluídas viúvas desta pesquisa, pois, embora estejam presentes sentimentos de luto e sofrimento pela perda, sua dinâmica envolve outras questões e especificidades. Na viuvez, além de ter ocorrido uma morte concreta, não houve uma escolha voluntária pela separação. Nos divórcios e rompimentos, o fato dos parceiros continuarem existindo pode gerar expectativas de reatar o vínculo, ou leva a uma convivência necessária e muitas vezes conflituosa, por conta das obrigações em relação aos filhos do casal, o que não acontece no caso da morte real.

Também foram excluídas participantes com patologias acentuadas como depressão grave, quadros psicóticos e obsessivos que demandassem um acompanhamento psicoterapêutico individual e/ou medicamentoso, pois nestes casos uma abordagem grupal poderia ser contra-indicada.

A tabela a seguir apresenta a caracterização das participantes no momento em que o grupo foi formado:

Tabela 1 Perfil das participantes						
Participante	Idade	Nível escolar	Tempo de união	Tempo de separação	Decisão separação	Filhos
Dora	40	Superior	12 anos	2 meses	ela	2
Lia	43	Superior	20 anos	1 ano	os dois	0
Clara	44	Superior	*11 anos **18 meses	*2 anos ** 2 meses	ele ele	2
Beth	48	Superior	24 anos	2 anos e 3 meses	ele	2
Miriam	50	Superior	10 anos	2 meses	ele	1
Ione	52	Superior incompleto	29 anos	1 ano e 4 meses	ele	3
Suzana	55	Superior	30 anos	1 ano e 5 meses	ele	3

. * Período de casamento. ** Namoro pós-divórcio. **Obs:** Para preservar o sigilo, os nomes das participantes são fictícios. O tempo de separação se refere ao rompimento do relacionamento (separação de corpos) e não necessariamente separação oficializada.

O número de sete participantes mostrou ser adequado. Uma das participantes desistiu no quarto encontro, o que não chegou a prejudicar a coleta de dados. Um grupo constituído por seis a oito membros viabiliza a criação de uma dinâmica acolhedora e rica para o trabalho expressivo e a elaboração simbólica. Este número também permitiu que a coordenação estivesse atenta a cada elemento do grupo e às sutilezas do processo grupal.

Quanto à idade das participantes, estimou-se que mulheres na faixa etária dos quarenta anos já tenham vivenciado (ou estejam vivenciando) situações de separações e perdas amorosas significativas e que necessitam de uma nova elaboração ou novas perspectivas em função deste momento de suas vidas. Em geral é por volta desta faixa etária que ocorre a crise da meia idade ou passagem do meio, como já foi abordado na página 30.

Em relação ao nível sócio-econômico e cultural, as participantes são mulheres de classe média, com nível educacional médio ou superior. Houve a preocupação de formar um grupo mais ou menos homogêneo em termos de experiências sócio-culturais, uma vez que não é o foco deste estudo estabelecer comparações de mulheres entre as diversas camadas sociais ou culturais. O mesmo se aplicou à orientação sexual das participantes: em função de garantir

um grupo mais homogêneo, optei por incluir no grupo somente mulheres heterossexuais. Embora separações amorosas ocorram independentemente da opção sexual, e neste sentido não há qualquer atitude preconceituosa, há inegavelmente especificidades psicológicas e sociais nos dois grupos que implicariam outras variáveis a serem avaliadas. Portanto, a pesquisa ficou restrita ao âmbito do relacionamento amoroso homem/mulher.

3. Coleta de dados

Foi realizado um grupo de mulheres em encontros semanais com duas horas e meia de duração por sete semanas de agosto a outubro de 2007. Houve um oitavo encontro combinado pelo grupo que ocorreu um mês depois do último encontro semanal, em novembro de 2007.

O número de encontros realizados permitiu um acompanhamento tanto do processo individual das participantes quanto da dinâmica grupal. A duração de duas horas e meia garantiu não só a realização das vivências e conversas sem ser cansativo, mas também a viabilização da disponibilidade das participantes dentro de sua agenda semanal. Entretanto, observei que em vários encontros do grupo o tempo foi escasso para atender às necessidades do grupo em fazer comentários após as atividades propostas. Quando isto ocorreu, de comum acordo, estendemos o tempo para mais quinze ou vinte minutos.

O grupo foi formado a partir da adesão voluntária das interessadas em participar. Foi realizado um contato telefônico e uma entrevista individual em data prévia ao início do grupo. Os encontros do grupo ocorreram em meu consultório, o que garantiu um ambiente privativo e acolhedor para o estabelecimento de um vínculo de confiança e um espaço apropriado para o desenvolvimento de atividades corporais e a utilização de materiais plásticos.

O trabalho com o grupo foi realizado com a utilização de recursos expressivos como pintura, modelagem em argila, trabalho corporal, técnicas de dramatização, imaginação dirigida e imaginação ativa. Também foram relatados contos de fadas ou mitos como forma de mobilização e discussão de temáticas de interesse levantadas pelo grupo. Este tipo de trabalho com recursos expressivos na abordagem junguiana visa favorecer a elaboração simbólica. Penna (2005), ao apresentar uma análise do método de pesquisa na Psicologia Analítica recomenda as técnicas expressivas como instrumentos para a apreensão dos símbolos tais como sonhos, fantasia dirigida, imaginação ativa, relaxamento, desenho, pintura, dramatização e outras. No capítulo IV serão apresentadas as atividades realizadas com o grupo em cada encontro.

O registro de campo foi feito com base nas gravações e em anotações realizadas durante e logo após o trabalho com o grupo. Também houve o registro fotográfico das produções realizadas (pintura, argila, desenhos, costura) pelas participantes. Em algumas atividades vivenciais também foram solicitados relatos por escrito das participantes. As fotos são apresentadas ao longo do capítulo seguinte e alguns relatos escritos encontram-se nos ANEXOS.

Contei com a presença de uma colaboradora-observadora em todos os encontros do grupo que teve o papel de auxiliar no registro e coleta de dados, gravando e tirando fotos, além de fazer anotações sobre o observado.

Durante o percurso desta pesquisa, foi realizado um grupo piloto em dois encontros apenas com o fim de verificar a forma de registro e testar a presença de uma colaboradora e o tempo de duração dos encontros. A realização deste grupo piloto foi uma alternativa bastante adequada à metodologia de pesquisa qualitativa, uma vez que nesta há maior ênfase no processo do que nos resultados como descrevem Bogdan e Bilken (1994), é um fazer “passo a passo” e uma construção cuidadosa antes, durante e depois do campo, em que o conhecimento se faz de maneira indutiva. Através desta experiência com o grupo piloto avaliei que a presença de uma colaboradora foi bastante positiva no grupo, permitindo que eu me liberasse da preocupação com o registro dos encontros. Embora eu não pudesse mais contar com a mesma colaboradora anterior, mantive a idéia e outra colaboradora pode assumir esta função nos encontros do grupo de pesquisa.

4. Procedimentos

O primeiro procedimento para a coleta de dados foi a divulgação da pesquisa para obter a adesão espontânea de mulheres interessadas em participar do grupo. Foi feito um folheto de divulgação da pesquisa (ANEXO A) convidando à participação que foi distribuído e/ou enviado via internet para colegas. O primeiro contato com as interessadas foi telefônico em que uma prévia seleção já era feita. Apenas alguns dias após a divulgação, recebi inúmeros telefonemas de mulheres interessadas em participar. Algumas pessoas não puderam ser incluídas na pesquisa: idades muito distantes da pretendida para o grupo e algumas viúvas. Nesta conversa telefônica eu explicava sucintamente o objetivo da pesquisa e obtinha dados como idade, disponibilidade horária, tempo de separação, interesse e motivação para participar na pesquisa.

A seguir, foi realizada uma entrevista individual com as participantes cujas características e disponibilidades, segundo os critérios de inclusão, poderiam participar da pesquisa. A entrevista aconteceu em meu consultório, em dias e horários diferentes, sem o uso de gravador e teve duração aproximada de trinta a quarenta minutos com cada interessada. Nesta entrevista procurei obter informações a respeito da separação amorosa e de como estava sendo vivenciada, se estava em terapia ou outro tipo de tratamento e sobre sua motivação para participar. Também foram explicitados os objetivos da pesquisa e como/quando aconteceriam os encontros do grupo. A confirmação de sua participação e a data do primeiro encontro do grupo foram dadas posteriormente por telefone. Todas as mulheres que foram entrevistadas participaram do grupo que começou em agosto de 2007, aproximadamente um mês após a entrevista individual.

No primeiro encontro do grupo, na sala de espera, as participantes preencheram uma ficha com seus dados, leram e assinaram o termo de consentimento. Foram apresentadas à colaboradora e também informadas sobre a garantia de sigilo.

No início de cada encontro (excetuando-se o primeiro) eram solicitados às participantes comentários sobre o encontro anterior, o que permitia a livre manifestação de conteúdos pessoais, relato de acontecimentos da semana ou temas que estivessem mais mobilizados. Esta parte inicial acontecia por tempo indeterminado, em geral funcionava como um aquecimento para o encontro do dia e às vezes chegava a ocupar metade do tempo que tínhamos. Em seguida era proposta uma vivência que podia ser o relato de uma história, uma imaginação dirigida ou um trabalho com material plástico. Com frequência tive que alterar o planejamento ou adiar alguma atividade em função do tema que surgia naquele dia e que exigia maior aprofundamento ou a utilização de outro recurso mais adequado. Nos encontros do grupo foram utilizados recursos expressivos variados visando facilitar uma diversidade de vivências, levando em conta que cada pessoa tem habilidades e canais próprios de expressão. Também foram reservados momentos diferentes para elaborações pessoais e coletivas; um momento mais introspectivo, algumas vezes também em duplas e outros com o grupo todo. Em seguida à realização de cada atividade sempre havia uma conversa grupal a respeito das produções ou vivências o que permitia a expressão espontânea de questões individuais e trocas entre as participantes. A descrição detalhada das atividades vivenciais e dos seus objetivos em cada encontro do grupo será apresentada no capítulo IV, página 88.

5. Compreensão dos dados

A compreensão dos dados foi baseada nas concepções desenvolvidas por Penna a partir da perspectiva da Psicologia Analítica em relação à pesquisa qualitativa operacionalizada segundo alguns passos sugeridos por Minayo (2000) sobre a análise e interpretação dos dados coletados.

A análise do material (compreensão do fenômeno) na Psicologia Analítica, segundo Penna (2005) envolve a leitura simbólica. Esta autora descreve o processo de produção e acumulação de conhecimento na Psicologia Analítica em que a compreensão do fenômeno psíquico se refere à interpretação dos símbolos observados, tendo o objetivo de traduzir os fatos em termos psicológicos e compreendê-los de forma que o material desconhecido (inconsciente) possa ser conscientizado: “A compreensão do fenômeno – símbolo – abrange as etapas de tradução, interpretação, elaboração e integração do desconhecido à consciência conhecedora” (PENNA, 2005, p.90).

Segundo Penna (2005), a tradução dos símbolos é conduzida pelo pensamento simbólico que opera por associações, analogias e comparações entre as diversas áreas do conhecimento e entre as diversas funções da consciência. Para a compreensão dos fenômenos delimitando-se e reconstituindo-se o contexto subjetivo a partir das associações pessoais para em seguida interpretá-los. Propõe o termo “processamento simbólico” para a ferramenta utilizada na compreensão dos dados. Neste processo a integração das funções da consciência:

[...] promove uma produção de conhecimento de ordem intelectual, perceptiva, valorativa e intuitiva. Desta forma, mais do que um pensamento simbólico, como foi proposto por Jung, trata-se de um processamento simbólico do material (PENNA, 2005, p.87).

A amplificação simbólica é o recurso utilizado na Psicologia Analítica para favorecer a tradução e interpretação do material simbólico. A amplificação se baseia no pensamento comparativo e analógico a partir de referenciais mitológicos, históricos e culturais que ampliam o contexto e o significado das imagens, principalmente em seu sentido arquetípico, estabelecendo as bases para um caminho de ligação do individual com o coletivo.

Penna (2003) discute esta forma de compreensão dos dados através da amplificação simbólica que lança mão de vários recursos técnicos atualmente amplamente utilizados na metodologia de pesquisa qualitativa e considera a amplificação o procedimento básico de produção de conhecimento na pesquisa científica proposta pela Psicologia Analítica.

Como as imagens evocadas no trabalho vivencial são sempre simbólicas, vale lembrar que a visão do símbolo na Psicologia Analítica oferece “aberturas”. O símbolo inspira, instiga, põe a energia em movimento e nunca é totalmente decifrado, enquanto símbolo vivo (JACOBI, 1986). Falamos, portanto de amplificação simbólica e não de um trabalho reduutivo. Nas palavras de Bachofen¹⁹, citado por Jacobi (1986, p. 75): “O símbolo evoca a intuição; as palavras sabem apenas explicar [...]”. Neste sentido é que as imagens e as vivências trazidas pelo grupo foram tratadas, como pontos de partida, que inspiraram intuições, percepções e sentimentos e nunca com a pretensão de esgotar significados.

Inspirei-me na proposta de organização e análise dos dados proposta por Minayo (2000) que envolve uma leitura cuidadosa do material coletado, a organização dos dados, o levantamento dos temas mais relevantes e uma análise final que retoma o material empírico para uma interpretação que ocorre num movimento dialético entre o empírico e o teórico, o particular e o geral.

Realizei primeiramente a escuta e transcrição das fitas gravadas dos encontros do grupo, através de uma imersão, deixando-me impregnar pelas impressões intuitivas que emergiam. Nestas primeiras leituras das transcrições comecei a fazer anotações e a organizar os dados em temas que iam sendo observados nas falas das participantes. Aos poucos eu já tinha vários dados sobre um mesmo tema que começaram a ser agrupados em categorias ou temas mais relevantes. Neste momento comecei a construir a interpretação dos dados empíricos com a sustentação teórica, numa “costura” entre a teoria e o material dos encontros, tecendo analogias e utilizando o referencial mitológico que permitiu as amplificações realizadas. Desta forma, houve um cruzamento entre as experiências individuais manifestadas nos depoimentos e nas produções e o repertório imaginário coletivo e simbólico num diálogo constante com autores da Psicologia Analítica. Esta forma de organização, leitura e compreensão dos dados teve como consequência uma apresentação do material coletado nesta pesquisa simultânea à sua análise e discussão.

Uma analogia importante feita com o processo vivenciado pelas participantes foi a “perda da pele” que representou um fio condutor para a análise do material. Eu tinha duas perspectivas possíveis de análise: os conteúdos temáticos trazidos pelas participantes e o processo vivido pelo grupo e ainda não sabia como iria proceder para poder abarcar todo o material coletado ao privilegiar um ou outro caminho de análise sem perder dados significativos. A analogia da perda da pele me permitiu fazer a “costura” entre estes dois tipos

¹⁹ Bachofen, J.J. Estudos sobre o simbolismo dos túmulos dos ancestrais. In: Direito materno e religião primitiva. Leipzig, 1927.

de análise, que foi dividida em três momentos do trabalho grupal, acompanhando a sequência aproximada do processo vivenciado pelo grupo, entrelaçado aos temas mais relevantes observados. Esta analogia e a divisão da análise serão apresentadas no capítulo seguinte, na seção intitulada: “Perda e resgate da alma”.

6. Considerações éticas

Considerando que o trabalho em grupo envolvia mulheres em situações de sofrimento, foram tomados cuidados para que a exposição pessoal não provocasse maior fragilização ou danos psicológicos. Desta forma, baseada na Resolução CNS196/96, os seguintes aspectos foram enfatizados:

- Respeito à dor e ao sofrimento que as participantes estavam vivenciando em relação ao tema proposto.

- Explicação clara dos objetivos da pesquisa.

- Respeito ao desejo ou não de participar da pesquisa.

- Esclarecimento sobre a possibilidade de se retirar da pesquisa se e quando fosse desejado pela participante. No decorrer dos encontros houve uma desistência de participação na pesquisa que foi justificada por telefone e prontamente acolhida.

- Solicitação da leitura e assinatura de um termo de consentimento, autorizando a gravação dos encontros e o registro fotográfico do material produzido bem como a utilização dos dados na pesquisa, o que ocorreu no primeiro encontro do grupo. Este termo encontra-se no ANEXO B.

- Houve o cuidado de respeitar o desejo eventual de não gravar os encontros do grupo, Não houve este tipo de solicitação no grupo realizado.

- Foi garantido o sigilo sobre a identidade das participantes da pesquisa, assim como das pessoas por elas citadas. Houve o cuidado de omitir quaisquer dados que pudessem identificá-las. Nas fotografias tomou-se o mesmo cuidado de preservar a identidade das participantes.

- Foram respeitadas as informações relatadas, sem emissão de juízo de valor, tanto nas entrevistas realizadas e nos encontros do grupo quanto na compreensão dos dados.

- Foi oferecido um espaço individual para escuta e apoio das participantes que assim o desejassem ou necessitassem durante o processo grupal. Esta solicitação não ocorreu. Cabe mencionar que cerca de seis meses depois da finalização dos encontros do grupo foi realizada uma entrevista individual com quatro das seis participantes (duas delas não puderam

comparecer) a fim de avaliar o desenvolvimento e efeitos do trabalho e permitir o questionamento e o esclarecimento de eventuais dúvidas surgidas durante o processo. Nesta entrevista reafirmou-se a disponibilidade para oferecer apoio se assim necessitassem.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

1. Perda e resgate da alma

“Eu me senti sem pele” (Miriam)

Essa fala de Miriam na entrevista inicial foi emblemática de como pode ser perturbadora a separação amorosa. Ouví-la fortaleceu a idéia que eu tinha de contar a história “Pele de foca, pele da alma” para o grupo. Vou resumi-la a partir do relato de Estés (1994).²⁰ Este conto é também intitulado “A mulher-foca” e tem sua origem nos países frios do norte, nas regiões glaciais.

Conta a história de um homem que viva muito só. Uma noite ele se deparou com uma cena que o impressionou. Ele viu um grupo de mulheres-focas nuas nadando ao luar. Fascinado pela cena, resolveu roubar uma das peles de foca que estavam num rochedo. Privada de sua pele, uma delas não pode voltar ao mar como foca e acabou aceitando a proposta que o homem lhe fez de permanecer com ele durante sete anos. Após este período ele devolveria sua pele e decidiriam o que fazer depois. Ela foi viver com ele e tiveram um filho. Quando se cumpriu o prazo de sete anos, ela começou a definhar, sua pele ressecou e seus olhos se tornaram opacos. O casal discutiu e o homem se recusou a devolver a pele, com medo de que ela fosse embora. Uma noite seu filho despertou ouvindo um chamado longínquo. Levantou-se no meio da noite e foi ao penhasco onde viu uma enorme foca prateada bem longe no mar. No penhasco o menino tropeçou em uma trouxa e descobriu que era a pele de sua mãe e levou-a para casa. A mãe cheia de gratidão a vestiu imediatamente e pegando o menino nos braços o levou junto consigo para o mar. Após assoprar ar nos pulmões do filho, eles mergulharam fundo. Lá encontraram as outras focas e assim permaneceram juntos por alguns dias. O brilho e as formas da mulher foca se recuperaram. Mas chegou o momento de devolver o menino à terra, pois ainda não era a sua hora de ficar naquele mundo. Conta-se que o menino cresceu e se tornou um famoso tocador de tambor, cantor e contador de histórias e às vezes era visto numa rocha perto do mar parecendo falar com uma certa foca.

Quando comecei a analisar o material bruto dos encontros, ficou claro que muito do trabalho realizado com o grupo teve como símbolo a conscientização das perdas e da necessidade de seu resgate. Essa perda era uma metáfora para o processo vivido pelas participantes com a separação, o que podia ter vários significados tais como a perda de um referencial da própria identidade ou a dor de estar em carne viva, exposta e desprotegida.

²⁰ A versão completa deste conto encontra-se no ANEXO C.

Estar sem pele, ter a pele roubada, perdida, arranhada, machucada, ressecada e definhar são imagens que retratam momentos de perda, momentos de vulnerabilidade e de dor.

Antes de prosseguir vou explorar um pouco o que representa essa pele. A pele é o órgão dos sentidos mais extenso do corpo. Dentre as inúmeras funções e características da pele destaco aqui algumas que interessam por se relacionar ao nosso tema. A pele é fronteira, estabelecendo os limites com o mundo exterior. E é também através da pele que contactamos o mundo externo, através de receptores sensoriais. A pele revela o que se passa no interior, seja por sinais de emoções como enrubescer ou empalidecer, seja por manifestar sinais de processos e doenças do interior do corpo como inchaços, irritações, alergias, etc. Somos tocados pelos outros através da pele, podemos ser afagados ou feridos. Ao longo da vida a pele se renova continuamente, tendo uma capacidade surpreendente de regeneração. Há uma evidente quantidade de doenças de pele de origem psicossomática. E por último menciono existirem várias expressões populares que se referem à pele: “casca grossa”, “à flor da pele”, “em carne viva”, “salvar a própria pele”, etc.

Na linguagem psicológica usamos com frequência os termos “feridas” e “cicatrizes” para nos referirmos aos eventos que deixaram marcas profundas na psique. É quase lugar comum na literatura do mundo psicológico.

A imagem da pele pode aparecer relacionada à persona, “a pele psíquica entre o ego e o mundo” nas palavras de Stein (2004). Hopke (1995) ao discutir o conceito de persona a compara a uma pele que nos protege e também revela quem somos. Comumente associada à máscara ou aparecendo nas imagens de roupas e vestuários em sonhos, a persona constitui o invólucro do ego ao se defrontar com o mundo social.

O sentido atribuído por Estés (1994) para a pele da foca na história, entretanto, vai além da persona. Ela identifica a pele da mulher foca como sendo a pele de sua alma, representando o elemento natural e instintivo da psique da mulher. Como ela é uma mulher foca, seu habitat natural é a água, e ficar sem sua pele é estar desprovida de sua natureza, de sua verdadeira identidade, o que a faz secar e perder o brilho. A autora analisa o conto enfocando os ciclos da mulher e assinala as pistas que o conto oferece para a volta ao que ela chama de “lar da alma”.

Na Psicologia Analítica, desde Jung, o termo “alma” é usado por muitos autores, para se referir à psique. Para Hillman (1984, p.42) a palavra “alma” é um símbolo e não um conceito, em função de sua ambigüidade e por não se sujeitar a uma definição, o que a torna

mais apta a conferir sentido e transformar acontecimentos em experiências. Este autor refere-se a uma condição denominada pelos povos primitivos de “perda da alma”:

Quando isso acontece a pessoa fica fora de si, incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior com a humanidade [...] Ela não será mais um verdadeiro ser humano até conseguir recuperar a alma. Ela não está mais nas coisas.[...] Entretanto o que ela tem não é uma doença, e também não está fora de seu juízo. Essa pessoa simplesmente perdeu a alma.

Para Hillman (1984), podemos perder e realmente perdemos a alma; e o homem moderno encontra-se com frequência neste estado descrito acima, de falta de conexão consigo e com o mundo exterior.

A partir do conto “Pele de Foca”, Estés (1994, p.332) descreve um caminho de recuperação e resgate da pele da alma que foi perdida, fornecendo indicações para a mulher em seu processo de individuação. Em sua análise, estar em sua pele é estar em casa, se sentir inteira:

Quando a mulher se encontra nesse estado, ela se sente inteiramente dona de si mesma, em vez de se sentir fora de si mesma, a se perguntar se está agindo corretamente, se está pensando certo. [...] A volta periódica ao estado selvagem é o que reabastece suas reservas psíquicas para seus projetos, sua família, seus relacionamentos e sua vida criativa no mundo objetivo

Apesar de ter utilizado essa história como tema para o grupo, o que permite traçar analogias muito ricas com o momento vivenciado pelas participantes, ela não se refere exclusivamente a situações de separação amorosa. Esta pode ser uma entre inúmeras situações na vida que expõe a mulher a uma perda significativa de sua pele. Esta perda como apontado por Estés (1994) pode acontecer de incontáveis maneiras na vida de uma mulher e não se restringe a situações de abuso ou de ferimentos causados por fatores externos ou eventos traumáticos. Não é, portanto, uma visão que coloca a mulher como vítima do outro ou do ambiente que a cerca. A própria desconexão com sua alma e natureza selvagem é que representa a perda da pele. Esta desconexão pode ter acontecido no relacionamento conjugal através de pactos inconscientes que a distanciaram do lar de sua alma, além da vivência de perda da pele no processo de separação. Destas possibilidades é que surgiu a idéia de utilizar o conto como tema para o grupo.

O significado do roubo da pele está associado ao deixar-se roubar, permitir um excesso ou não se dar conta de que o roubo está acontecendo. Em outras palavras, o roubo é representativo de um desvio ou de uma sub-utilização da energia psíquica que resseca e tira o brilho da alma. O homem que pratica o roubo é visto por Estés (1994) como sendo o próprio ego da mulher que comanda e submete a alma, mantendo-a prisioneira, distanciada de seu lar,

em uma relação entre ego e Self que costuma ser desarmoniosa ao longo da vida. Penso que o pescador pode ser visto também como seu *animus* que agindo de forma negativa, ao “possuir” o ego da mulher, rouba sua vitalidade e paralisa sua vida criativa.

A história “Pele de Foca” teve imediata ressonância nas participantes. Todas se identificaram com a mulher-foca, relacionando a perda da pele a várias situações de suas vidas, seja durante seu relacionamento ou na situação de separação. Momentos de perda, confusão ou desvio da alma.

Utilizei a metáfora da perda e resgate da pele como eixo para descrever e analisar o processo ocorrido no grupo – também foi essa a linguagem simbólica usada com as participantes nos encontros. O símbolo, tal como definido por Jung (1921/1976b), sempre contém algo desconhecido, que toca o mistério e não tem seu sentido esgotado através de interpretações ou racionalizações. Daí a utilização (numa espécie de “licença poética”) do símbolo da perda e resgate da pele da alma – dessa forma amplio significados, insinuo possibilidades e evito conclusões restritivas.

Na seção seguinte, a fim de facilitar a compreensão dos dados, primeiramente apresento uma síntese dos encontros e atividades realizadas com o grupo, bem como uma breve caracterização das participantes. Em seguida optei por apresentar o material colhido no grupo, juntamente com sua análise e discussão. Para facilitar a leitura, as falas das participantes estão em itálico e as citações de autores são apresentadas em outra fonte.

Dividi a análise dos dados em três momentos do processo grupal: o reconhecimento e localização das feridas e perdas; o segundo momento que iniciou um trabalho com as trajetórias individuais e aprofundou o contato e a consciência das feridas e um terceiro momento de recuperação e resgate que apresentou o início de cicatrização das feridas. No primeiro momento, foram levantados e analisados os temas e conteúdos mais significativos trazidos pelas participantes enquanto nos dois momentos seguintes o foco de análise dirigiu-se para o trabalho e as atividades efetivamente realizadas no grupo.

Ao apresentar os temas em cada um destes tópicos procurei acompanhar a sequência aproximada do processo grupal. Por “sequência aproximada” eu me refiro ao fato de ser um processo vivido pelo grupo; não há uma linearidade, pois muitas das percepções se fizeram gradualmente, num movimento espiral ou circular. Assim muitos temas que apareceram nos encontros iniciais eram expressos e retomados em momentos posteriores de diferentes maneiras, com novas elaborações e intensidades, em uma composição viva e pulsante.

2. Retrato do grupo

2.1 Atividades e recursos utilizados no grupo

A seguir farei uma breve descrição do trabalho realizado em cada encontro do grupo, apresentando as atividades e recursos desenvolvidos e seus objetivos. Na seção seguinte serão descritos e analisados os conteúdos que as participantes trouxeram no decorrer do encontros. Estavam previstos inicialmente sete encontros semanais mas, por consenso do grupo, foi realizado um oitavo encontro após um mês.

Primeiro encontro:

“Pedaço de mim” – Apresentação inicial

O primeiro encontro foi voltado para a apresentação das participantes e do trabalho a ser realizado e ao mesmo tempo visava criar uma atmosfera acolhedora, um aquecimento inicial do grupo. Para isso, além de uma primeira apresentação sucinta e mais formal, também foi realizada uma atividade com o mesmo fim.

Esta atividade consistia na escolha pelas participantes de dois objetos de sua própria bolsa, um de que gostasse e outro de que não gostasse. Em seguida esta deveria se apresentar ao grupo através desses objetos, dizendo: Eu sou... (nome do objeto) descrevendo suas características, sempre usando a primeira pessoa. Poderia dizer também: “quando eu sou...”. Esta proposta tinha o objetivo de expressar algumas facetas de suas personalidades através do objeto escolhido, favorecendo uma apresentação menos elaborada racionalmente. Ao assumir a fala na primeira pessoa, criava-se a possibilidade de apropriação e percepção de características e aspectos pessoais menos conscientes.

Outro recurso utilizado foi colocar a música tema dos encontros do grupo: “Pedaço de mim” de Chico Buarque. A orientação foi para que ouvissem a música percebendo os pensamentos e sentimentos evocados. Em seguida foi solicitado para escreverem ou pintarem o que a música tinha despertado. Essas produções foram apresentadas e comentadas na roda.²¹ O que se pretendia com a música era sensibilizar o grupo para o tema da perda amorosa, ou seja, já começar a adentrar propriamente na temática dos encontros seguintes ao contatar sua dor observando a expressão pessoal.

Finalizamos o encontro com as participantes formando um círculo em pé de olhos fechados, cada uma colocando uma mão sobre sua região cardíaca e outra na região do

²¹ Este momento de trocas e comentários no grupo era sempre proposto sucedendo a cada atividade realizada.

umbigo. Esta postura foi escolhida por oferecer acolhimento e possibilidade de centrar-se e sendo realizada em círculo, também favorece o sentimento de pertencer ao grupo.

Segundo encontro

Reflexões sobre o “eu” – Recuperando as histórias

Num primeiro momento do grupo solicitei que as participantes se apresentassem à participante que não havia comparecido no primeiro encontro e que também comentassem o que tinha acontecido e sido mobilizado no encontro anterior do grupo.²²

Em seguida a essa troca sugeri algumas questões como pontos de partida para reflexão: Quem sou eu? Quem fui eu? Como foi minha trajetória até aqui? Como sou alguém “em relação”? Quais foram as figuras masculinas importantes em minha vida? Que padrão existe? Será que o padrão se repete? Solicitei que escrevessem a respeito disso e depois seus escritos foram comentados em duplas. Em seguida as duplas apresentavam suas reflexões ao grupo. Esta atividade tinha o objetivo de fazer uma retrospectiva a respeito de suas histórias amorosas partindo das figuras masculinas importantes de suas vidas – a começar da relação com a figura paterna – e tentar identificar um padrão existente neste percurso. Além do grupo ser um espaço para expor sentimentos e promover sua acolhida, também se garantia um espaço para reflexão e reconhecimento da dinâmica pessoal, das escolhas e responsabilidade envolvida na construção de seus percursos. A idéia de proporcionar as discussões em duplas visava favorecer uma troca mais íntima e detalhada, criando laços e maior cumplicidade entre as pessoas de cada dupla.

Ainda com o objetivo de aprofundar esta reflexão sobre a própria trajetória focalizando a vivência amorosa, ao final do encontro solicitei uma tarefa de casa: escrever uma história da própria vida, mas localizada em outro tempo e espaço, na terceira pessoa e começando com “Era uma vez...”. Introduzir o elemento de fantasia na história visava criar um distanciamento facilitador de uma nova visão sobre os mesmos fatos de sua vida, oportunizando uma releitura a partir de uma outra perspectiva.

Terceiro encontro

“As mortes na vida e a linha do tempo” - Lembrando de perdas

²² Em todos os encontros iniciava-se com comentários sobre o encontro anterior, permitindo a livre expressão de conteúdos e temas pessoais e propiciando uma partilha entre as participantes. Essa troca inicial atuava como aquecimento para o encontro do dia além de me ajudar a avaliar como estava sendo vivenciado o trabalho grupal. Essa primeira parte do encontro acontecia sem um tempo pré-determinado.

O terceiro encontro foi voltado para aprofundar as histórias escritas e os temas abordados no encontro anterior. A principal intenção era desenvolver uma maior percepção de possíveis padrões repetitivos atuantes na biografia pessoal e começar a localizar as feridas associadas não só aos seus relacionamentos, mas também identificar os marcos importantes e momentos dolorosos da vida, que se relacionassem a perdas significativas. O intuito era aprofundar a consciência das feridas e perdas ocorridas ao longo de suas trajetórias, inserindo a perda atual num contexto de vida. Além disto, visava propiciar a descoberta do papel de protagonistas de suas histórias, a partir da perspectiva de um enredo maior. Além de uma conversa no grupo todo, também foram realizadas duplas com o mesmo objetivo.

Utilizando material de pintura e desenho, fizeram em seguida uma linha da vida ou do tempo. Nesta linha deveriam assinalar com uma cruz em preto os momentos vivenciados como perdas significativas. O objetivo desta proposta era dar uma expressão de forma não racional aos conteúdos biográficos, a fim de identificar as feridas e as situações de perda, e ao mesmo tempo fornecer uma conexão com as origens e com as possibilidades futuras. Uma imagem visual de eventos passados, da vida em construção, com suas etapas e marcos.

Quarto encontro

“A perda da pele” – A conscientização das feridas

Neste encontro foi proposta uma avaliação do que havia sido vivenciado até o momento, pois ainda tínhamos mais três encontros previstos; estávamos no meio do processo. Esta avaliação pretendia me fornecer elementos sobre os efeitos da dinâmica grupal e assim encaminhar as atividades seguintes.

Foi lida a história: “Pele de foca, pele de alma”.²³ Após o relato, foram feitas reflexões, procurando estabelecer associações com suas histórias pessoais.

Quinto encontro

“Manto de cicatrizes” – Início da elaboração

A partir das avaliações do encontro anterior, propus que estendêssemos de sete para oito encontros, a fim de garantir uma maior elaboração do grupo e poder avaliar o processo algum tempo depois, pois este oitavo encontro foi combinado para depois de um mês.

Propus uma reflexão com base nas seguintes questões: “Quais são e onde estão minhas feridas?” Cada participante escrevia suas “feridas” em um papelzinho sem se identificar,

²³ Esta história encontra-se transcrita na íntegra no ANEXO C.

como se estas fossem segredos e depois o colocava numa sacola. Estes papezinhos eram distribuídos aleatoriamente, cada participante lia o que estava escrito e fazia comentários a respeito, num primeiro momento sem saber a quem pertencia. A proposta era comentar fazendo sugestões e com uma postura de acolhida para o que estava escrito. A seguir a autora se identificava e relatava o que havia sentido em relação ao que fora dito sobre seu “segredo”. Esta por sua vez, lia o papel em suas mãos e assim, sucessivamente, até todas terminarem.

A finalidade desta atividade era mais uma vez identificar as próprias feridas, mas já pensando maneiras de lidar com elas, desenvolvendo recursos para uma maior elaboração. Ao darem sugestões e acolherem as feridas da outra, estavam se espelhando, podendo acessar aspectos saudáveis e curativos.

Após esta rodada dos “segredos”, a atividade seguinte foi direcionada para expressarem de forma concreta suas experiências e cicatrizes através da confecção de um manto ou colcha de retalhos, a que chamei de “manto de cicatrizes”. Para tal foram oferecidos retalhos de tecidos, fitas, cola, agulha e linha, lantejoulas. A proposta de confecção era uma representação simbólica da recuperação das feridas. No fazer da costura e da cola, pedaços de “pele” eram remendados atribuindo um novo significado às cicatrizes.

Sexto encontro

“Manto de poder” – A força coletiva

Este encontro foi dedicado a perceber e elaborar individual e coletivamente os significados dos mantos confeccionados no encontro anterior. A idéia era transformá-lo em um manto de proteção e poder. E neste sentido torná-lo símbolo de uma reconstrução, encontrando novos sentidos e re-significando as perdas.

Esta elaboração aconteceu em várias etapas. Primeiramente através de seus comentários espontâneos sobre o encontro anterior e sobre os mantos. Em seguida, propus que cada uma apresentasse seu manto ao grupo falando na primeira pessoa, “como se” fosse o manto. Sugeri que nesta fala mostrassem o que este manto poderia fazer para a sua dona, qual seria sua função.

Ao final da rodada em que cada participante se apresentou como manto, propus que cada uma o “imantasse”, como uma espécie de magia, através de uma afirmação ou gesto, criando um campo de força. Seria um gesto ritual criado individualmente pelas participantes. Depois do trabalho anterior de aquecimento, elas sintetizavam numa frase ou gesto simbólico o significado que queriam atribuir a seu manto pessoal.

Faltava apenas uma composição coletiva final, um símbolo daquele grupo e daquela vivência. Pedi para em silêncio montarem um manto coletivo, dispendo seus mantos individuais no chão da sala, a fim de formar em conjunto, uma peça única. O objetivo desta composição era propiciar uma identidade do grupo, fortalecendo os vínculos e a consciência de uma identidade feminina comum a todas como mulheres.

Sétimo encontro

“A mulher interior” – Encontros e resgates

Depois das trocas iniciais, falei de forma breve sobre as deusas gregas, como sendo imagens internas da mulher. A finalidade de trazer estas imagens era fornecer um pano de fundo arquetípico às experiências psicológicas da mulher, oferecendo alguns instrumentos para a compreensão do próprio funcionamento. Trazer este tema ao grupo também era um aquecimento para a vivência seguinte.

Conduzi uma imaginação dirigida²⁴ com um banho de purificação e um encontro com a “mulher interior”. O objetivo desta vivência era fornecer um símbolo para liberar-se do passado e propiciar o acesso a uma imagem feminina interna, estabelecendo uma nova conexão com o feminino. Por ser o último encontro semanal, estávamos no fim de um processo, eu queria garantir um fechamento do trabalho com o grupo até esse momento e que elas levassem para suas vidas algum conteúdo que trouxesse força e inspiração, representado pela conexão com o feminino arquetípico. Depois da vivência, foi oferecido material de pintura e argila para se expressarem.

Foi combinado que haveria mais um encontro do grupo dentro de um mês. Para este último encontro solicitei que fizessem um exercício de se projetar para o futuro: como seria sua vida daqui a dois, cinco ou dez anos? Como seria o desfecho futuro do “Era uma vez...” (a história escrita anteriormente). Outro exercício sugerido foi uma reflexão em termos de perdas e ganhos, em relação à separação. Estas sugestões visavam o fechamento de atividades do grupo além de abrir espaço para uma projeção no futuro, ampliando a vivência deste momento presente para perspectivas e desenvolvimentos posteriores.

²⁴ Esta imaginação dirigida encontra-se transcrita na íntegra no ANEXO E.

Oitavo encontro

“Perdas e ganhos” – Um balanço

Foi proposta a reflexão sobre as perdas e ganhos: O que posso dizer que perdi e que ganhei? Que sacrifícios eu tive que fazer ou estou fazendo? Solicitei que fizessem uma lista sobre isto em um papel e depois comentamos a respeito no grupo. O objetivo desta atividade era uma avaliação pessoal a respeito do que foi experimentado no grupo em relação à elaboração da perda amorosa através de um balanço sob a perspectiva de um processo em andamento, algo não estático e com potencial para transformação.

2.2 “Retratos” das participantes

A fim de facilitar a leitura da análise dos dados coletados apresento uma breve descrição das participantes como se fossem registros fotográficos de suas histórias seguidos de minhas impressões sobre sua participação no grupo. Os nomes são fictícios para garantir o sigilo e alguns dados que pudessem identificá-las foram alterados ou omitidos. As frases e palavras em itálico são falas das participantes.

Suzana: *“Meu mito era casar para sempre, até que a morte nos separe.”*

Suzana tem 55 anos, fez curso superior na área de Psicopedagogia. Foi casada por trinta anos e tem três filhos adultos. Está separada há cerca de um ano e meio. Seu marido saiu de casa, mas ela só se deu conta de que era realmente uma separação meses depois, pois ele dizia era só um *“tempo”*. No momento está em terapia. Fala que fez muitas concessões e que vivia fusionada ao marido, vivia a vida dele e dos filhos, *“sem limites”*. Acha que estava iludida. Hoje diz que está se redescobrando.

Desde o primeiro contato demonstrou estar muito decepcionada com a *deslealdade* do marido. Ao mesmo tempo investe em seu crescimento, tomando mais consciência de si própria. Sua participação no grupo sempre foi muito positiva, demonstrando interesse e envolvimento. Uma marca de Suzana no grupo foi sua postura equilibrada, gentil e atenciosa.

Dora: *“Eu me abrutalhei muito, eu larguei muito mão de mim.”*

Dora está com 40 anos. Tem curso superior de enfermagem, mas abandonou a profissão e se dedica a outras atividades. Teve dois filhos em seu casamento de dez anos. Está separada há apenas dois meses. Ela tomou a decisão pela separação: saiu de casa com os filhos durante a madrugada. Vive uma separação bastante conflituosa e tempestuosa; não voltou mais para casa e não tem mais contato com o ex-marido. Está sendo medicada com antidepressivo e ansiolítico. Desde o primeiro contato e durante os encontros do grupo demonstrou revolta e raiva, atribuindo culpa ao ex-marido pelos conflitos do casal. A impressão que passa muitas vezes é que está transbordando: tem muita necessidade de contar ao grupo suas experiências. Às vezes parece se *“orgulhar”* pela atitude corajosa de romper o vínculo. Sua postura é direta e assertiva; exuberante.

Ao longo dos encontros do grupo, foram observadas algumas mudanças em seu comportamento: vinha com roupas mais femininas e se enfeitava mais. Parece que começou a entrar em contato com sua vulnerabilidade.

Miriam: “*Não sei se estou morrendo ou se estou nascendo.*”

Miriam tem 50 anos. Formou-se em Ciências Sociais, mas trabalha como terapeuta corporal. Veio de outro estado do Brasil há dez anos para acompanhar seu parceiro com quem esteve unida por esse período. Tem só uma filha de um relacionamento anterior. Ao vir para São Paulo deixou tudo para trás para investir nesta relação. Foi seu companheiro que decidiu se separar e ainda está em pleno processo de separação, há cerca de dois meses. Conta que há aproximadamente dois anos ele estava como um “*elástico*”, mostrando-se ambíguo. Sente que hoje sofre por uma coisa que pensou que “*era e não era*”. A separação trouxe uma sensação de “*estar sem pele*” e de estar num “*deserto*”: demonstrou estar muito machucada, decepcionada e magoada com o ex-companheiro. Já fez terapia. Seu discurso revela profundidade e um percurso trilhado de trabalho pessoal e de autoconhecimento.

Durante os encontros sempre foi bastante participativa, com muita necessidade de se expressar, sendo às vezes até prolixa, falando sempre de modo subjetivo e intenso. A intensidade é uma característica marcante de Miriam, mesmo em suas produções plásticas, nas quais ela se entregava corporal e vividamente, expressando suas emoções e fortes vivências internas.

Lia: “*Fico mais no concreto, programado, sistemático.*”

Lia tem 43 anos, recém-formada em Psicologia. Separada há um ano de uma união de vinte anos, da qual não teve filhos. Relata que de início não sofreu com a separação, sentiu mais o *baque* recentemente, após o término da faculdade, pois antes se sentia preenchida com as atividades da graduação. A separação foi uma decisão tomada em conjunto. Conta que a relação se desgastou e no final já estavam perdendo o respeito. Durante o relacionamento viveu muito em função do companheiro, mas sua entrada na faculdade e seu envolvimento acadêmico mudaram a dinâmica do casal. Diz que tem levado a separação como um “*trator*”, que pôs uma *casca* sobre si e acha que vai ser importante lidar com isto no grupo. Faz terapia.

De todas as participantes, Lia é a que pareceu estar mais “*resolvida*” em relação à separação. Mesmo que possa estar defendida, não revela mágoa nem angústia. Uma vivência muito mobilizadora para Lia foi a imaginação dirigida com a mulher interior o que a surpreendeu, pois não tem facilidade para “*entrar*” em vivências. Parece que o grupo ajudou a quebrar um pouco sua “*casca*” e se aproximar mais de seus sentimentos.

Clara: *“Agora bem que eu queria alguém que cuidasse de mim.”*

Clara está com 44 anos. É enfermeira e docente na área. Separada há dois anos de um casamento de onze anos, do qual tem dois filhos. Mais recentemente manteve um relacionamento com outra pessoa que se afastou há dois meses. Esta última separação trouxe *“todas as dores”*, conta que chorava diariamente. Está sendo acompanhada terapeuticamente e toma antidepressivo.

Clara se apresentou sempre de forma objetiva, sem falar muito, restringindo-se ao necessário. Por trás disto, transmitia uma grande tristeza. É o que mais chamou a atenção durante os encontros do grupo: a intensidade de seu sofrimento em relação à última perda. Em vários encontros chorou silenciosamente, mas poucas vezes suas lágrimas foram expostas abertamente no grupo: era um choro fundo e contido, quieto e dolorido. Em seu relato aparece o medo da solidão e o sentimento de abandono e desamor, mas sem demonstrar raiva. Responsabiliza-se pela perda e demonstra estar com a auto-estima muito baixa. O que a sustenta é a dedicação ao trabalho, única fonte de prazer e realização desde esta última separação. Nos últimos encontros, observou-se uma mudança em Clara: ela se mostrou mais assertiva, confiante, participando mais no grupo e relatando estar mais fortalecida.

Beth: *“Eu tenho mais direito de ser feliz do que ele.”*

Beth está com 48 anos, é artista plástica. Está divorciada há dois anos e três meses de um casamento de vinte e quatro anos. Tem dois filhos adultos que não moram com ela, pois o filho foi morar com o pai e a filha está no exterior. Há mais ou menos um ano teve outro relacionamento do qual está separada há um mês, por opção dele. Há cerca de três meses foi morar com sua mãe.

Beth demonstrou estar magoada com os filhos pois esperava que estes fossem seus cúmplices contra o ex-marido. Este está se casando com outra mulher, o que a incomoda pelas decorrências materiais, pois ele está em uma situação financeira muito melhor agora. Sentiu-se traída por ele e de certa forma, pelos filhos. Ao mesmo tempo não quer ficar na posição de vítima, não quer ser vista como *“a coitadinha”*. Nos primeiros encontros do grupo, Beth parecia querer mostrar que já estava tranqüila em relação à separação, mas aos poucos foi expressando toda a raiva, decepção e mágoa.

Ione: *“Eu sou tão tradicional, nunca ia abrir a boca para me separar.”*

Ione tem 52 anos. É oriental, veio para o Brasil com doze anos. Foi casada por vinte e nove anos e está separada há um ano e quatro meses. Tem três filhos adultos. Para ela a

separação foi um choque: a decisão foi do marido. O casamento estava em crise mas ela não cogitava separar-se. Ainda se sente magoada. Ficou deprimida, foi buscar ajuda psicológica e depois psiquiátrica. Está tomando antidepressivo e ansiolítico.

Viveu um casamento tradicional seguindo o modelo cultural de suas origens; seu marido também é oriental. Quando casou, abandonou os estudos e se dedicou à vida familiar. Depois da separação, voltou a estudar e trabalhar, mas diz que sempre quis trabalhar: “*nunca quis ser dona de casa*”. No grupo revelou que nem sabe porque se casou, acha que foi porque seus pais queriam.

Sua participação no grupo foi pequena, compareceu a dois encontros apenas: o primeiro e o terceiro. Antes do quarto encontro telefonou dizendo que não viria mais. Justificou-se pela distância de sua casa, pois tinha que enfrentar muito trânsito e também por não estar aproveitando muito – “*tem muita conversa*”, disse.

Mulher

Ser poroso

Sensível

Contemplativo

Intempestivo para lembrar

Que o coração aperta

Que o coração parece não caber num peito tão pequeno!

Fechar a porta?

Como com os olhos!

Devoro cada imagem-movimento do mundo que rouba minha atenção
porque me toca.

O que um toque rouba de mim?

- O silêncio das vísceras.

(Kátia Bastos)²⁵

²⁵ Kátia Bastos é uma das participantes da pesquisa que autorizou explicitamente a identificação da autoria de suas poesias. Nos dados da pesquisa a autoria de suas falas permanece protegida por um nome fictício.

3. O primeiro momento do grupo – Localização e reconhecimento das feridas

O primeiro momento do grupo caracterizou-se pelo relato das participantes sobre as experiências de suas separações. Através das apresentações e atividades iniciais propostas elas falavam e expressavam suas emoções. Havia uma grande necessidade de desabafar e dividir suas histórias com as outras. Percebi que o foco dos encontros iniciais estava voltado para esta exposição de suas feridas e perdas, como o sofrimento e sentimento de injustiça, a raiva que algumas participantes sentiram com a separação ou com a forma como esta aconteceu, o sentimento de ser traída, a decepção, a tristeza e o medo da solidão. Todas as manifestações apresentavam as feridas, suas queixas e dores. Havia também uma busca de cumplicidade, um reconhecimento de semelhanças e diferenças.

À medida que apresentavam suas histórias e sentimentos ao grupo, as feridas se tornavam mais conscientes, quase palpáveis. Eram visualizadas e compartilhadas. Procurei dar espaço para que esta conscientização acontecesse, pois para que a dor pudesse ser de alguma forma aceita, elaborada e transformada, um primeiro passo era reconhecê-la e acolhê-la. Saber onde é que estava doendo, que tipo de dor era e qual sua extensão e profundidade. Essa foi a tônica dos encontros iniciais do grupo: a localização e o reconhecimento das feridas e perdas.

Passo em seguida a analisar os temas relativos às perdas e feridas resultantes ou concomitantes à separação.

3.1 O “eu perdido” - Transformações na identidade

Talvez a perda mais significativa sentida pelas participantes tenha sido a perda do “eu”, ou seja, a percepção de transformações na própria identidade. A separação traz mudanças significativas na identidade, na noção de quem se é depois do rompimento. Há uma desestruturação que ocorre em vários níveis que envolvem a personalidade e a auto-imagem da pessoa. Este sentimento de transformação na identidade foi experimentado em maior ou menor grau por todas as participantes de diferentes maneiras:

*“(...) eu **fui abrindo mão** de um monte de coisas da minha vida, acabei virando outra pessoa, inclusive, eu acho, **eu virei outra pessoa**, agora eu estou em um resgate da velha Lia, porque eu fui ficando de outro jeito”. (Lia)*

*“Eu acho que a gente perde o senso de nossa identidade mais profunda, e **faz da relação nossa alma**; então na hora que aquilo acaba, cadê ele, cadê o meu corpo?” (Miriam)*

*“Ainda **nem sei direito quem eu sou** porque meu nome no papel não condiz com aquilo que eu sinto, o estado civil não quer dizer nada pra mim, fico às vezes confusa (...) a coisa toda é muito recente (...)”. (Dora)²⁶*

O tema do “eu perdido” percorreu a maioria dos encontros. Já desde o primeiro encontro, na troca de comentários após a atividade realizada, as participantes trouxeram dificuldades de falar na primeira pessoa como era solicitado e com isto identificaram como este “eu” tinha sido perdido. Posso até dizer que o “eu perdido” constituiu o tema que esteve subjacente a grande parte do trabalho desenvolvido com o grupo. A partir do reconhecimento das perdas e das feridas vivenciadas com a separação, em um nível mais profundo, foram constatados os rasgos ocasionados na identidade original. Pedacos de pele que faziam parte da constituição da identidade foram perdidos.

Na psicologia analítica a noção de identidade está relacionada ao ego. Whitmont (1990, p.206) define o ego como “o centro, sujeito e o objeto da identidade pessoal e da consciência, isto é, a consciência da identidade pessoal que se prolonga e continua através da seqüência de tempo, espaço [...]” Este autor sugere o termo “complexo de identidade” para referir-se ao ego.

O ego é imensamente mutável – ao longo da vida, se altera e desenvolve através das interações com o mundo em seus perigos, frustrações e contrariedades. Segundo Stein (2004), apoiando-se em Jung, o núcleo do ego não muda naturalmente – são as “colisões” com o mundo exterior e interior que fazem o ego crescer. Uma situação como a separação pode ser vivenciada como um abalo significativo para o ego, e vai depender da força e estrutura egóica

²⁶ As falas das participantes serão apresentadas em itálico. Os grifos foram utilizados para destacar as expressões que considereei significativas em suas falas

do indivíduo a capacidade para lidar com as emoções e as frustrações envolvidas em todo o processo de ruptura do vínculo. Desta forma, uma estrutura de ego mais maleável ou flexível terá melhores condições de se desenvolver através do sofrimento e da dor inevitáveis nesse processo.

O conceito de identidade não se relaciona somente às experiências do ego. É a partir do Self, o arquétipo da totalidade da psique, que o ego e a personalidade se desenvolvem. A relação ego-Self terá um papel crucial ao longo da vida, pois em geral as exigências do Self estão em desacordo com os valores estabelecidos do ego. Segundo Edinger (1990b), a conexão entre o ego e o Self tem importância vital para a saúde psíquica já que a integridade e estabilidade do ego dependem desta conexão. A partir dos estágios iniciais do desenvolvimento psicológico de identificação do ego com o Self, que este autor chama de “ego inflado”, vai ocorrendo um estranhamento entre ego e Self decorrente dos confrontos com a realidade. No entanto, a dissolução da identificação original, necessária ao desenvolvimento da consciência, costuma danificar o eixo ego-Self em graus variados, criando o estado de alienação (“ego alienado”). Ao longo da vida há uma alternância contínua entre a união e a separação ego-Self que constitui o próprio processo de desenvolvimento psicológico.

Segundo Di Yorio (1996, p.30), problemas no desenvolvimento da relação ego-Self causam dificuldades psicológicas ligadas à identidade e auto-estima: “O abalo emocional provocado por essas desordens acaba sendo potencializado no caso do relacionamento conjugal” Em sua visão, o casamento pode reativar as ansiedades primárias – como o medo do abandono, rejeição, desvalorização, solidão, entre outras – ligadas às etapas anteriores de formação do ego e da identidade.

Pode-se pensar que a alma (e aqui prefiro recorrer ao termo “alma”) alicerçada nesta relação ego-Self, dependendo de como se dá esta relação, terá ou não condições de se desenvolver na direção de cumprir seu destino individual e trilhar a individuação. A noção de “perda da alma” refere-se à perda de conexão entre ego e Self, ao estado psíquico que Edinger (1990b) denomina de ego alienado. No entanto, como aponta este autor, em condições normais, é justamente esta experiência de alienação que constitui um prelúdio necessário à consciência do Self. Pode representar uma experiência transformadora, uma iniciação num novo estado de ser.

Neste sentido, a separação do casal pode estar a serviço de um impulso do Self para o crescimento individual, exigindo sacrifícios e escolhas pelas quais o ego terá que se responsabilizar. Mas a separação também pode ser consequência de defesas egóicas para

evitar os confrontos que exigiriam mudanças e o crescimento da individualidade através dos desafios que a relação propicia.

Um aspecto importante relacionado à identidade é a persona, que também sofre abalos com a separação, dependendo de seu grau de identificação com o ego. As necessidades de adaptação à cultura e à coletividade constituem a persona, termo que se refere à máscara do ator no teatro grego. São os papéis desempenhados no mundo social e que atendem às expectativas tanto do meio externo quanto às aspirações da própria pessoa; mas há uma diferença entre o papel e a verdadeira identidade íntima.

Com frequência há uma identificação do ego com a persona de forma inconsciente e é importante que haja uma diferenciação entre os dois para um desenvolvimento psicológico adequado. Precisamos ser conscientes de quem somos enquanto indivíduos separados das exigências externas (WHITMONT, 1990). Uma das armadilhas do desenvolvimento da persona é a superidentificação com ela, quando há uma preocupação excessiva em adaptar-se ao mundo social, uma confusão entre o papel e a individualidade – é quando se diz que a persona está “colada” ao ego. A persona pode ser e é transformada muitas vezes no decorrer da vida: assumimos vários papéis e mudamos nossa forma de apresentação ao mundo. Os acontecimentos e mudanças ocorridos no ambiente são fontes de transformações na persona, pois desencadeiam novas necessidades de adaptação. Uma situação como a separação é uma mudança que vai exigir revisão e reorganização da persona. Se, por exemplo, houve uma identificação muito grande da identidade com o papel de esposa, criando uma espécie de “aderência” ao ego de forma rígida, será mais difícil seu “descolamento” e a adaptação à nova situação. Partes de pele serão arrancadas junto com a máscara quando esta for retirada.

A perda do eu no relacionamento – “virar outra pessoa”

Muitas vezes a percepção foi de que a “perda do eu” ocorria durante a relação e que a separação veio denunciá-la, trazendo tal perda à consciência. Em outros casos, foi na separação que houve o sentimento de perda de parte da identidade. Mesmo que na realidade vivenciada esses dois tipos de “perda do eu” possam coexistir, é importante diferenciá-los: durante a união e no processo de separação.

No encontro com o outro modificamos o que é intrínseco ao estabelecimento do vínculo; há uma mudança de nossa organização psicológica para entrar em sintonia com o parceiro: “ter um vínculo, significa basear a existência não mais na própria individualidade, não mais em referência a nós mesmos, mas em referência a outra pessoa” (CAROTENUTO, 1994, p. 125).

A participante Lia diz: “*virei outra pessoa*” no relacionamento. Talvez seja inevitável “ser outra pessoa” quando se está em um relacionamento de intimidade como é o conjugal. Somos vistos de outra forma, partes de nós cabem melhor, se amoldam com facilidade ao outro. Mas outras partes podem ficar abafadas ou excluídas e muitas vezes a sensação é de que partes essenciais ficaram de fora, o que pode ocasionar a percepção de ter se tornado alguém diferente. Isto pode acontecer também como forma de manutenção da relação, através de concessões ou repressões, como descrito por Lia ao “abrir mão” de muitas coisas.

O conto “Pele de Foca” ilustra este tipo de perda de identidade. A mulher foca tem sua pele roubada pelo pescador e vai definhando e ressecando aos poucos. Sem sua pele, a mulher foca perde sua identidade original, a conexão com sua natureza básica *animal* e selvagem. Muitas mulheres descrevem-se como “ressecadas” e “opacas” no contexto do casamento. Na pele temos nossas digitais, o código genético intransferível e único, aquilo que nos identifica além de nos proteger e oferecer limites com o meio externo. Perdê-la é perder o que nos torna singulares, é perder o senso de nossa identidade. O pacto com o pescador acaba tendo um preço muito alto. O que a faz aceitar este pacto e acreditar que sua pele será devolvida em sete anos? Em nome de quê muitas mulheres permanecem em relações que desrespeitam sua natureza original? Que armadilha esse pacto interno pode representar para sua alma?

Uma compreensão sobre o funcionamento em geral dos relacionamentos é importante para esclarecer como pode ser vivenciada a separação. A intensidade da fusão ou da concessão que excluiu partes da personalidade pode ter sido uma causa significativa do desgaste do relacionamento. O tipo de vínculo criado na relação – seja a interdependência ou a fusão – é fruto também do modo como é constituída a personalidade de cada parceiro em função de seus complexos parentais. Muitas relações se sustentam às custas do desenvolvimento individual de um dos parceiros ou dos dois em nome da manutenção do vínculo; os conflitos são evitados e ficam na sombra. Por trás de uma aparente harmonia pode haver um manancial de ódios, ressentimentos e toda uma gama de emoções não aceitáveis em que cada um responsabiliza o parceiro (de forma velada ou explícita) por suas próprias frustrações. O processo de individuação que poderia ocorrer no casamento fica comprometido ou paralisado e a separação pode ser a saída para que a individuação possa prosseguir.

É interessante mencionar as idéias de Guggenbühl-Craig (1980) a esse respeito. Sua concepção diferencia o casamento como meio de individuação, do casamento que busca o bem-estar e a felicidade. No casamento de individuação não se pode evitar o confronto com o parceiro, mesmo quando as coisas são difíceis:

Muitos casamentos murçam, secam e perdem o caminho de individuação porque os casais tentam facilitar suas situações através de repressão e exclusão de suas características mais importantes e essenciais [...]. Quanto mais confrontos se faz, mais interessante e fecundo se torna o caminho para a individuação (GUGGENBÜHL –CRAIG, 1980, p. 114).

No entanto, esse mesmo autor aponta que certa dose de sacrifício é inerente e necessária à individuação, o que até pode solicitar concessões da personalidade do indivíduo, uma renúncia que tem um sentido ritual. Isto pode soar paradoxal, pois para se “tornar completa” e “inteira”, a pessoa terá que sacrificar algo importante de si própria: “A maioria das pessoas casadas precisam, até certo ponto, renunciar a certas partes de suas personalidades” (GUGGENBÜHL- CRAIG, 1980, p.122). Parece-me que a chave deste paradoxo está no “até certo ponto”, que significa a capacidade de encontrar a medida para este “sacrifício”, não por conformidade ou medo de confrontos, mas por escolha consciente e necessária. Aqui não há posicionamentos extremos: nem martírios, nem tiranias. Adaptações são necessárias e trazem crescimento, mas não as custas de desequilíbrios.

A perda do eu na separação – “cair no vazio”

Outro aspecto de perda do eu se relaciona à sensação de perda da alma no processo de separação. Partes importantes ficaram depositadas no outro e sem elas se vive pela metade – “a metade exilada de mim”.

Uma fala de Miriam bastante significativa e muito emocionada ocorreu logo após escutarmos a música “Pedaço de Mim”, no primeiro encontro do grupo:

“ essa metade de mim, não tanto como o outro, mas como eu mesma, isso mexe com o corpo, porque eu acho que eu tenho uma maneira muito corporal de viver as coisas, eu acho que eu fiz do outro o meu corpo, [emociona-se, começa a chorar] então precisou ele não estar mais ali, um outro lado de mim, literalmente, onde tudo era muito estranho para mim, o cheiro não era igual, a letra não era igual, todas as coisas menos a pessoa que era a razão de eu estar ali, não estava mais ali, então foi muito um abismo indescritível, senti caindo em um vazio absoluto, num nada, nada de mim, então é como se eu tivesse desaparecido enquanto corpo.”
(Miriam)

Se o parceiro era minha alma, meu corpo, como existir na sua ausência? Há um vazio ocasionado pela perda, uma sensação de aniquilamento.

Para Carotenuto (1994) no momento da ruptura a organização psicológica criada no vínculo é perturbada e a própria existência é posta em discussão. O senso e o valor do próprio ser, do próprio eu, ficam arrasados. Com a separação perde-se uma referência que dava contornos definidos ao existir, o que atinge a dimensão corpórea. O corpo que era visto e

confirmado pelo outro, através do olhar e do desejo, na separação, perde sua possibilidade de ser:

Quando nos vêm a faltar aqueles olhos que nos desejaram, aquelas mãos que nos acariciaram, aquela dimensão 'diversa' que testemunhou e sublimou nossa existência corpórea, quando nos vem a faltar tudo isso, o nosso corpo se torna obscuro: fica completamente zerado (CAROTENUTO, 1994, p. 79).

A intensidade da sensação de vazio também está relacionada ao que foi projetado no parceiro e no casamento. A própria escolha e o estabelecimento do vínculo são frutos do jogo das projeções mútuas e que sempre permeiam as relações amorosas e conjugais. A relação do casal é matizada pelas projeções de conteúdos inconscientes, especialmente os arquétipos do feminino e masculino que mantêm uma certa complementaridade. Na ruptura do vínculo, alguns destes conteúdos ainda podem estar projetados no outro, às vezes de forma mais acentuada para um dos parceiros. A sensação de vazio, de faltar um pedaço é a expressão simbólica deste estado. Se partes importantes da alma ainda estão depositadas no parceiro, a separação é realmente uma vivência de mutilação ou de cair no vazio, o que afeta a sensação de identidade. Um vazio de significado, pois o sentido se ausentou, ficou no outro. A questão da projeção será aprofundada mais adiante nesta tese, já que por sua relevância merece um destaque à parte.

Não ser mais um “nós”

Agora não há mais um casal, volta-se a ser um só. Aquela pessoa que existiu em parceria não é mais a mesma de hoje. O “nós” deixa de existir e de ser uma referência para a identidade.

*“E essa coisa de você se apropriar, que eu acho que eu, nesses trinta anos, eu acho que **eu fui muito “nós”**, então essa semana ficou aquela coisa, puxa, e eu, eu, né? Então achei isso um exercício de retomar e é mais ou menos isso que estou fazendo. Neste período **eu fiquei tão fusionada** que a minha identidade era, embora, eu tenho sempre sido a Suzana, feito as minhas coisas, não sei o que...” (Suzana)*

O relacionamento conjugal é baseado na premissa de que os parceiros se constituam como um casal, ou seja, que se forme um “nós”. Este terceiro elemento constituído é a entidade “casal” e que vai sendo construída a partir dos projetos em comum, das expectativas e fantasias depositadas e investidas na relação. O casal ainda costuma contar com uma rede social que mantém e fortalece a união para garantir a sobrevivência, a educação dos filhos, a criação do patrimônio, etc. Uma interdependência que é necessária e intrínseca ao vínculo

conjugal. Vargas (1997, p.10) chega a afirmar que no casamento, em grau maior ou menor, sempre há uma vinculação simbiótica: “sempre que há ligação há dependência.”

Mas a entidade casal, ao exigir sua parcela de sacrifícios e adaptações, pode “engolir” a individualidade. A própria identidade se confunde ou pode estar “colada” ao casamento, como Suzana relata.

Esta tendência de fazer do casamento o centro da vida e da identidade de uma mulher pertence à esfera do padrão arquetípico da deusa Hera. Suzana se mostra como mulher que durante trinta anos foi a esposa dedicada, por trás do homem de sucesso que seu marido se tornou. Embora “fizesse suas coisas”, o papel de esposa parece ter sido central. Para a mulher com uma tipologia Hera a ruptura atinge justamente o centro de sua identidade, pois “o casamento é uma experiência arquetípica para ela” (BOLEN, 1990, p.220). Lembremos que a deusa Hera é a esposa de Zeus e personifica a capacidade de assumir compromissos e de ser leal, protetora das uniões legítimas e do casamento tradicional. Parece haver no caso de Suzana uma identificação do ego com a persona, no papel de esposa. Quando esta persona perde sua função, a identidade é atingida, já que a base de sustentação para o ego era mantida pela identificação com o papel desempenhado.

Como já mencionei, a separação conjugal pede a revisão desta persona, ao colocar em cheque o preço pago pelas suas adaptações e que podem ter suprimido outras capacidades do ego. Stein (2004, p. 107) afirma que a relação entre ego e persona têm objetivos e tendências contraditórios. Segundo este autor, o ego movimenta-se no sentido da separação, da autonomia e da individuação. Ele continua: “Mas, outra parte do ego, que é aquela onde a persona ganha raízes, movimenta-se na direção oposta, no sentido do relacionamento e adaptação ao mundo dos objetos”.

Lia se refere a este “nós” da relação de outra maneira:

“(...) às vezes você vai a um restaurante, você pede um prato e você não sabe nem porque pediu aquilo, você gostar, porque é ele que gosta, porque já faz tanto tempo que vai junto, que sempre pede, meu Deus, cadê eu aqui? Cadê eu?” (Lia)

Algumas atividades e hábitos adquiridos na convivência do casal não cabem após a separação. Lia se dá conta de que até suas preferências eram influenciadas pelo gosto do parceiro. A tendência à adaptação no vínculo conjugal parece ter o poder de fazer a pessoa perder algumas referências pessoais em maior ou menor intensidade; há uma mistura que se reflete nas coisas mais simples do cotidiano. Mesmo que não seja uma dependência ou simbiose vivenciada de forma especialmente dolorosa quando há o rompimento, agora há a necessidade de diferenciação, como ela constata.

Nos dois casos, a separação traz à tona esta “mistura” anterior, a mudança do “nós” para o “eu”. “Quem sou eu agora?” é a questão que se coloca em primeiro plano. Assim escreve Carotenuto (1994, p.131):

No momento em que somos testemunhas e súcubos de uma devastação psicológica, a vida nos oferece uma chance que não devemos deixar escapar (...), porque ela é um daqueles momentos que nos fazem compreender, nos fazem conhecer quem somos nós.

A perda do “nós”, com a separação pode levar a mulher a ocupar um lugar indesejado, como diz Beth:

“A primeira coisa que me incomoda é que as pessoas olham para mim e parece assim: ‘Coitada, o marido dela traiu, largou ela, trocou ela por uma de 28 anos inteirinha’.(...)Isso me dá uma angústia, uma depressão. Na verdade, eu não sou coitada, na verdade, eu me libertei. Eu não quero que as pessoas pensem isso de mim. (...) tem muita gente que olha pra mim: traída, parece que está escrito na minha testa, “coitada, traída”, eu odeio isso, eu odeio; por isso eu sei quem pensa isso de mim eu caio fora...” (Beth)

Beth não quer ser vista como “coitada”, “traída”. É uma persona que ela não quer vestir; mas porque isto incomoda tanto? Seria uma projeção da visão que ela mesma tem de si? Esta fala de Beth chama atenção: seria esperado ouvi-la há quarenta anos atrás quando os divórcios não eram tão freqüentes em nossa sociedade. Havia uma preocupação com o estigma da mulher divorciada que podia mesmo ser vista como “coitada” ou “traída” – a própria imagem da Hera abandonada por um Zeus infiel. Será que ainda nos dias de hoje estar separada e ter sido traída ou “trocada” evoca a mesma atitude preconceituosa? A sociedade parece aceitar melhor a mulher divorciada, mas a traição ainda pode não ser aceita da mesma maneira. Fica a questão.

3.2 As deusas negligenciadas - Identidade feminina

O tema anterior “O eu perdido” conduz à reflexão sobre identidade feminina. Discorri sobre as transformações na identidade de forma geral, mas é importante aprofundar o tema relacionando-o especificamente a questões do feminino. Já mencionei também as adaptações necessárias ao casamento que podem abafar ou suprimir certas características da personalidade de um dos parceiros. Cabe agora examinar: afinal o que se “perdeu” na identidade destas mulheres? Que aspectos da identidade feminina foram deixados de lado na relação conjugal ou com a separação? A separação pode trazer um apelo para a reintegração destas partes esquecidas?

Algumas participantes revelam aspectos que ficaram à margem ou excuídos durante o relacionamento ou após a separação:

*“Se não fosse a separação eu talvez não teria a chance de desenvolver esse lado profissional. Deixei de estudar quando estava namorando para me dedicar à família, para marido, casa, dona de casa (...) Foi bom ter vindo para cá, porque **com essa separação, me despertei, virei outra pessoa.** São Paulo tem muito mais oportunidade, e de fato, está sendo uma oportunidade pra mim (Ione)”*

*“(...) e eu **fui anulando esse lado romântico, essa coisa mais delicada**, a ponto que um dia eu perguntei literalmente para ele: “Escuta, você quer que eu tenha um pinto que eu não tenho!”(Dora)*

Falar de identidade feminina é andar sobre um terreno minado; corre-se o risco de tropeçar em estereótipos ou permanecer na superfície. Se no capítulo I, apresentei o desenvolvimento da mulher na perspectiva da Psicologia Analítica, vou explorar aqui outros aspectos relacionados à identidade feminina. Vários modelos e tipologias do feminino desenvolvidos na visão junguiana ajudam na compreensão sobre o funcionamento psíquico da mulher, como a de Wolff (1956)²⁷ citada por Whitmont. Mas há críticas a respeito deste modelo que caracteriza os quatro tipos de personalidades femininas (mãe, amazona, médium e hetaira)²⁸ como sendo primariamente relacionadas ao masculino e, portanto, secundárias ou dependentes deste (WHITMONT, 1991; YOUNG-EISENDRATH, 1994). Segundo Whitmont (1991) qualquer tipologia apresenta o perigo de se tornar um sistema de compartimentos limitadores, mas de qualquer forma, é útil por oferecer uma ordenação, e com isto, acrescento, uma referência, um eixo de análise para o comportamento das mulheres em geral.

²⁷ Wolff, T. *Structural forms of the feminine psyche*. Zurich: impressão particular, 1956.

²⁸ Os tipos femininos de Toni Wolff são agrupados em dois pares de opostos. Um funciona na área pessoal (a mãe e a hetaira, esta última voltada para o relacionamento com o homem) e o outro no âmbito não pessoal (a amazona, independente e competidora e a médium, focada na experiência subjetiva) (WHITMONT, 1990)

Particularmente, tenho afinidade e familiaridade com o modelo proposto por Bolen (1990) que apresenta uma visão mais ampla da mulher ao usar o referencial mitológico das deusas gregas como padrões arquetípicos que influenciam interiormente as mulheres e a divisão das deusas em categorias: deusas virgens, vulneráveis e alquímicas. As primeiras (Atena, Ártemis e Héstita) se caracterizam por sua independência e autonomia, apresentando uma consciência focada e objetiva, sendo pouco afetadas pelas expectativas coletivas sociais e culturais. As deusas vulneráveis (Hera, Deméter e Perséfone), por outro lado, são orientadas para o relacionamento, suas identidades dependem da qualidade de seus vínculos e de alguma forma cada uma delas foi humilhada ou vitimada. A deusa alquímica é Afrodite que apresenta características das outras duas categorias: ao mesmo tempo focada e receptiva.

O mito com sua linguagem simbólica permite o acesso e o reconhecimento imediato da atuação dos arquétipos através das imagens e histórias, de um modo não reduutivo. Portanto, um único mito é aberto a inúmeros significados. Além disto, as categorias de deusas de Bolen descrevem com maior abrangência o padrão feminino caracterizado pelas deusas virgens que trazem mais luz à questão do *animus* nas mulheres. A consciência das mulheres no padrão arquetípico de deusa virgem pode ser focada sem ser necessariamente vista como um *animus* que está agindo por ela. Ou seja, há um funcionamento próprio do feminino que é capaz de discriminação, objetividade, foco e racionalidade, por exemplo, sem que isto seja interpretado como uma mulher possuída por um *animus*. Esta contribuição amplia a visão original de Jung a respeito das mulheres e da natureza feminina; uma visão criticada nos círculos junguianos e feministas como sendo preconceituosa e limitada em relação às capacidades femininas.

A partir deste referencial mitológico é que vou examinar os aspectos da mulher abafados ou esquecidos no relacionamento conjugal ou com a separação. Um referencial que utilizo em vários momentos deste trabalho e que também foi comentado no grupo com as participantes da pesquisa.

Como afirma Bolen (1990, p.51), “todas as deusas são padrões potenciais na psique das mulheres”. Mas em cada mulher alguns padrões podem estar presentes e outros não, dependendo de vários elementos como a predisposição inerente da mulher, sua família, cultura, circunstâncias e fases da vida, etc. Alguns destes padrões podem se alternar, coexistir ou se manifestar em diferentes ambientes e relacionamentos ou também ser conflitantes em muitos aspectos. Em geral, a mulher não manifesta todas as facetas e qualidades de deusas ao mesmo tempo – algumas são preponderantes e mais desenvolvidas durante toda a vida ou por alguns períodos, enquanto outras podem permanecer inconscientes, ou seja, potenciais não

desenvolvidos que atuam de modo primitivo e não diferenciado, como funções inferiores ou conteúdos da sombra.

“Ser só mãe” – Deméter e a *puella*²⁹

A experiência da maternidade para as mulheres tem o poder de ativar o arquétipo da deusa Deméter. Mas se este for muito dominante, pode excluir ou conflitar com outras facetas da vida feminina, como retratado neste diálogo:

Clara - Na minha opinião ...eu acho que eu perdi ...também eu nem sabia, quando teve o nascimento dos meus filhos; então, se houvesse uma deusa que era mãe, acho que sou eu, me identifico; então eu virei aquela mãe ...

Lia - Você virou só mãe?

Clara - Mãe e conciliar mãe e dois empregos. Eu adoro o que eu faço, trabalho muito e tenho prazer; então eu acho que eu comecei a perder a identidade quando aquele ser ... uma criança, dependia de mim, para tudo.

Miriam - Seu marido ficou sem lugar?

Clara - Acho que ...hoje ele até fala, ele teve muito ciúmes, meu filho está, hoje ele sabe, fez terapia, que era ciúmes doentio; por que, era aquela coisa de cólica até três meses, então solicitava muito, e até algumas ...não dá tempo nem de pentear o cabelo, eu me via com uma camiseta, uma calça, que toda hora eu tinha que tirar para amamentar, porque chorava, porque era cólica ... eu consigo visualizar algumas coisas, acho que você perde a identidade quando você tem alguma doação, seja pelo companheiro ou seja pela família, pelos filhos, eu acho.”

Clara expressa com clareza como a presença tão forte de Deméter obscureceu a influência de outras deusas em seu casamento, exceto pela presença do arquétipo da deusa Atena, através de sua dedicação ao trabalho. Uma combinação de Deméter e Atena parece ter eclipsado a mulher e a esposa em seu relacionamento. Clara é enfermeira, uma profissão que também se caracteriza pelo cuidado com os outros, o que reforça a identificação com Deméter, por ser mais uma área em que esta deusa pode predominar.

O mito de Deméter conta do rapto de sua única filha Core (Perséfone) por Hades, o deus do mundo dos mortos. Deméter em seu desespero vagou pela terra em sua procura e chegou ao reino de Eleusis onde disfarçada de ama cuidou do filho de seus governantes. Ao ser descoberta em seu disfarce, furiosa, ordenou que fosse construído um templo e para lá se retirou. Com este recolhimento e pesar da deusa dos grãos houve uma seca terrível e a terra ficou ameaçada de extinção. Deméter recusou o pedido dos deuses de retornar ao Olimpo. Zeus acabou cedendo e enviou Hermes para Hades a fim de trazer sua filha de volta.

²⁹ “Puella” é o termo latino que se usa para designar menina. Leonard (1997) denomina “puella” um dos padrões psicológicos presentes em muitas mulheres em contraposição ao outro padrão, a “amazona de couraça”. A *puella* representa a mulher que ainda permanece uma menininha, dependente e frágil, padrão esse já descrito no capítulo sobre o desenvolvimento psicológico da mulher.

Perséfone, entretanto aceitou comer as sementes de romã oferecidas por Hades e por isto não poderia mais retornar à mãe de modo completo: uma parte do ano ela teria que ficar no reino dos mortos com seu marido.

A deusa Deméter representa o arquétipo materno; rege todos os aspectos ligados à maternidade e à nutrição física e psicológica dos outros. É presença fundamental quando a mulher engravida e tem filhos, sem a qual a vida não floresce e germina. No mito, ao se retirar para o templo, nada mais brota e a terra seca: uma manifestação da raiva depressiva de Deméter que pode tornar a vida árida. Mas, aponta Bolen (1990), é justamente em sua capacidade de prover e no seu instinto maternal que se encontra sua potencial fraqueza: cuida dos outros, mas não cuida de si; não sabe dizer “não” e colocar limites e com isto se esgota e sobrecarrega; pode também sufocar os outros ao mantê-los dependentes ou fazer chantagens colocando-se como vítima.

Clara, assim como outras mulheres sob influência de Deméter, pode negligenciar sua vida amorosa e sexual. O cuidado com os filhos se torna o centro de sua vida. É clássico o relato dos ciúmes de maridos ao nascerem os filhos, pois deixam de ser objeto dos cuidados “maternais” das esposas. Quando o relacionamento arquetípico mãe-filho é o modelo dominante em um casal, pode se instalar uma crise no relacionamento com o nascimento da criança (concreta), sentida como ameaça ao padrão anterior. Hillman (1981) discorre sobre como o casamento evoca inevitavelmente a criança arquetípica do casal. No casamento a criança abandonada encontra seu lar. Mas as demandas e exigências desta criança psíquica dos pais podem impedir a constelação do arquétipo da *coniunctio*: “é nesse ponto que surgem as verdadeiras batalhas entre a criança real e a criança psíquica dos pais, decisiva para se saber qual das duas será abandonada” (HILLMAN, 1981, p. 29). Quando a criança abandonada é constelada desta forma no casamento sobra pouco ou nenhum lugar para a conjugalidade: um ou ambos os parceiros buscam no outro o pai ou a mãe para esta criança interna.

É interessante comentar que nos encontros do grupo, Clara demonstrou apresentar características de uma Core-Perséfone, a filha de Deméter. Seu abandono, a dificuldade e o medo de ficar sozinha, a sensação de não saber cuidar de si própria sem um companheiro, mostram aspectos de uma Core-Perséfone, uma “*puella*”: a menina que ela própria abandona e não sabe cuidar, o aspecto de sombra de Deméter. Há um sentido invertido nesta dinâmica. A Deméter amorosa que poderia proporcionar um colo acolhedor para ela própria é vivida exteriormente, no cuidado com os outros. Projeta nos outros, nos filhos, alunos e pacientes a criança a ser cuidada e com isto sua menina interior é abandonada.

O templo de Afrodite abandonado

Algumas mulheres sentem que após a separação estão fechadas para novos relacionamentos:

“É, eu fiquei realmente, fiquei pensando, porque eu sou um bicho muito sexual. E assim, por enquanto a coisa está morta, está encapsulada ali; mas eu não quero que continue assim...”
(Dora)

Lia - (...) Agora dá preguiça de pensar em investir de novo. Outro dia a minha manicure falou isso, falou assim: ‘O tempo está passando, hein, menina, já vai fazer um ano e meio! E aí, nada de namorar?’ Eu falei: ‘Ixi, dá uma preguiça só de pensar!’ Uma preguiça...

Miriam - Não consigo ter o menor... Nem passa pela minha cabeça.

Lia - Então, eu vejo um mocinho bonitinho bem, eu já observo bem, entendeu? Inclusive porque está começando a fazer falta, mas de pensar em envolvimento... Aí não me animo, por enquanto não me animo.

Coordenadora - Por que não tem envolvimento?

Lia - Ah,, dá trabalho, sabe? Fico pensando em conhecer uma pessoa...

Clara - Contar toda a história...

Lia - Continuar com essa pessoa...

Beth - Contar tudo...

Lia - É, não sei, me dá preguiça.

*Miriam - **Eu sinto descrença**, não é nem preguiça, é uma descrença, acho que é um desinteresse com a descrença. Eu não sei por que (...) mas uma descrença.*

Afrodite, a grande deusa do amor e da beleza, da sensualidade e do prazer, pode ficar esquecida após a separação. Seja porque outras deusas foram ativadas, ou porque a esfera de influência de Afrodite está ferida, o fato é que seu templo não é mais freqüentado por algumas mulheres. Como expressa Dora, temporariamente pelo menos, sua sexualidade está “encapsulada”, “morta”. Às vezes parece que estas mulheres estão ressentidas com Afrodite, temerosas de novamente ficarem expostas às flechas de Eros, o filho de Afrodite, o que fica evidente na fala de Miriam ao mencionar sua descrença. Parece haver uma decepção com o reino de Afrodite. Considerada por Bolen (1990) uma deusa alquímica devido a seu poder transformador, era temida pelos deuses e mortais, pois excetuando-se as três deusas virgens (Atena, Artemis e Héstia) ninguém podia escapar a Afrodite. A entrega característica da paixão que esta deusa evoca expõe os amantes ao sofrimento e às penas do amor. Afrodite convida à sensibilidade e receptividade; nos torna vulneráveis. E nada mais compreensível que evitar o risco da paixão quando as feridas não cicatrizaram, quando a pele ainda está sensível demais. É mais seguro ficar sem Eros. Cowan (2007, p.182) comenta sobre o temor coletivo ao deus Eros:

Talvez todo esse medo de Eros provenha do fato de que esse deus nos leve a confrontar com a chocante realidade de que temos poucas defesas contra emoções intensas, e contra a dor dilacerante envolvida no ato de amar e nas perdas

Esta mesma autora descreve que quando este deus parte, sentimos que perdemos a conexão com o mundo, com as outras pessoas e com o Self. A experiência de estar sem Eros nos coloca em um mundo gelado e vazio, onde falta a fé de que haverá um futuro; nos tornamos impenetráveis e intocáveis pelos outros.

Lia tem “preguiça” para se envolver com outra pessoa. Embora essa “preguiça” seja também a expressão de uma proteção contra Eros. De fato sua energia não está disponível para Afrodite, pois está mais voltada para investir em outras áreas de interesse como seus estudos e a nova profissão de psicóloga. Agora estão constelados aspectos da deusa Atena, uma deusa virgem, o que lhe garante uma certa imunidade em relação aos poderes de Eros e Afrodite.

Outra forma de abandono a Afrodite – e que pode ocorrer durante o casamento – aparece no relato de Dora:

*“(...) porque quando eu digo que **eu perdi o meu feminino**, eu sei aonde eu perdi, eu sei que ele está aqui no meio de uma bagunça, então eu tenho que esperar fechar tudo para achar. E quando eu digo o feminino, são coisas básicas do tipo arrumar cabelo, do tipo colocar a mesa, arrumar uma mesa para servir alguém, fazer questão de estar com as unhas feitas, se preocupar se tem um furo na meia, essas coisas mais detalhistas, que eu acho que eu me brutalizei muito, me adaptei muito ao modo que o M. vivia e que a mãe dele vive. (...) para mim nunca tinha dinheiro, nunca podia ir ao cabeleireiro, me arrumar, porque isso era desperdício, mas ele podia ter meia dúzia de capacetes diferentes, ele podia ter uma coleção de canetas enormes(...) mas eu não podia ter a bolsa da moda porque isso era frivolidade. Então acho que nesse aspecto, eu me **abrutalizei muito**, eu larguei muito mão de mim e, na hora em que eu larguei mão de mim, eu **deixei de gostar, de gostar de mim**”.* (Dora)

Dora sente que deixou de ser feminina por não se preocupar com sua aparência, ou cuidar de detalhes da casa. Podemos observar em seu depoimento a perda da conexão com alguns aspectos relacionados a Afrodite como deusa da beleza que imprime graça e cuidado com a aparência e com o ambiente. As Graças (ou Cárites) faziam parte do séquito de Afrodite e eram responsáveis pela toaleta da deusa. Estas divindades eram patronas da gentileza e da graça, sempre charmosas e educadas, inspiravam o deleite com a vida, a música e a arte (MACLEAN, 1992).

Ao abandonar o reino de Afrodite e das Graças, Dora se desvincula de alguns aspectos de sua personalidade, acionando a figura de uma ogra. Ou inversamente, a constelação da imagem arquetípica da ogra ou bruxa parece ter afugentado Afrodite e seu séquito:

*“E eu me brutalizei e **me vesti numa casca de ogra**. É bem a coisa da transformação mesmo, da Fiona, entendeu? Só que eu era a Fiona princesa e topei virar uma Shreka para viver com o Shrek, só que não fazia mais sentido!”* (Dora)

Uma ogra, figura dos contos de fadas é um tipo de bruxa, em geral apresentada como gigante, feia ou até grotesca, que devora carne humana ou criancinhas. Representa a Grande Mãe terrível em seu aspecto elementar negativo (NEUMANN,1996). “Vestir uma casca de ogra” é identificar-se com o lado selvagem e destrutivo do feminino arquetípico: a deusa escura e sombria. Possivelmente a dinâmica do relacionamento conjugal de Dora fez aflorar este lado destrutivo do feminino. Para Young-Eisendrath (1995), analista junguiana e terapeuta de casais, a identificação da mulher com os poderes da bruxa e da mãe terrível acontece quando há uma desvalorização do feminino e quando a confiança básica é baixa. Esta autora recorre à imagem da bruxa em sua análise de casais quando o complexo materno negativo é ativado no relacionamento.³⁰ Young-Eisendrath (1995, p.66) descreve a mulher que vivencia o complexo materno negativo e que desempenha regularmente o papel da bruxa na família:

[...] chamam-na de ‘chata’, ‘mãe dominadora’ ou nos círculos junguianos, de mulher ‘possuída pelo animus’ [...] é feia, exigente, ‘gorda’ [...] magicamente poderosa e voraz em seu apetite para engolir crianças e homens. [...] O traço mais marcante da bruxa é o ódio por si mesma.[...] A mulher identificada com a bruxa desistiu de seu corpo há muito tempo. O excesso de peso é uma característica proeminente...

Outra associação que pode ser feita a partir da descrição de Dora de se “abrutalhar” é com a deusa Ártemis em seu aspecto sombrio e selvagem. Ártemis é uma deusa virgem, considerada a menos civilizada das deusas gregas. Juntamente com Hécate e Selene compõe uma deusa lunar tríplice. É a protetora de tudo que é selvagem e natural, mas pode apresentar uma outra faceta dura, cruel e implacável quando ofendida. Um dos animais de Ártemis é o javali selvagem simbolizando sua agressividade destrutiva.

Dora demonstra apresentar características de uma mulher com influência de Ártemis. Sua própria escolha amorosa revela este aspecto ao se referir a seu marido como o homem de Marlboro, um homem forte e capaz de domar cavalos selvagens, no início do relacionamento:

“(...) Meu homem de Marlboro, ele vai me domar do jeito que... eu nunca fui uma pessoa muito fácil, eu sou um bicho meio arisco, mas ao mesmo tempo eu sou extremamente leal. Tinha aquela coisa do macho mesmo, que eu precisava de uma voz masculina, imagina descendente de italianos, sabe? (...) Para viver o sonho de ter um macho, de um homem de Marlboro, eu abri mão de crescer enquanto Dora ou de viver enquanto Dora. Eu fui deixando partes minhas de lado, para viver do modo dele, para seguir a história que ele queria escrever”. (Dora)

³⁰ Young-Eisendrath (1995) relaciona o complexo materno negativo com a idéia de desvalorizar o feminino da própria identidade.

Esta é uma fala característica de Ártemis, que tem no parceiro um companheiro de aventuras capaz de igualar-se a ela ou até superar sua independência e autoconfiança. No entanto esta configuração mais positiva da deusa deu lugar posteriormente a seus aspectos destrutivos e selvagens: a princesa se transformou em ogra.

Atena e Hera

Após a separação algumas mulheres retomam os estudos, dedicam-se ao trabalho, conquistam mais autonomia e independência:

*“(...) agora **estou me soltando**, agora ninguém conhece a Ione, porque é um lado diferente, eu sempre quis trabalhar...” (Ione)*

*“(...) sei que **me senti muito desrespeitada**, os meus desejos que eu queria fazer profissionalmente, politicamente, isso sempre foi muito desconsiderado, tanto que eu fui fazer Psicologia com 40, porque na época, imagina, que babaquice que era fazer Psicologia. Então eu fui sempre muito pouco levada em consideração, o que eu queria, o que eu desejava (...). E aliás, acho que **estou nesse movimento agora de ir atrás realmente do que eu quero**, do que eu gosto, se estou a fim eu faço, se não estou a fim eu não faço. E essa é uma coisa boa porque nesse casamento, no caso de 20 anos, acabou que no final eu estava fazendo uma caralhada de coisa que não tinha nada a ver comigo. Sem a menor vontade, sem a menor... Chega uma hora em que você: Ai, que tédio”. (Lia)*

Os estudos e a vida profissional são áreas de influência típicas da deusa Atena. Deusa da sabedoria e das artes, protetora das cidades e de numerosos heróis, estrategista e racional, é considerada uma das três deusas virgens. O termo “virgem” se refere à noção apontada por Harding (1985, p.174) de mulher que é “uma em si mesma”, ou seja, não pertence a nenhum homem:

A mulher que é virgem, uma-em-si-mesma, faz o que ela faz não por causa de qualquer desejo de agradar, não para ser amada ou aprovada, não por causa de nenhum desejo de obter poder sobre o outro, nem para atrair seu interesse ou amor, mas porque o que faz é verdadeiro.

As deusas virgens personificam os aspectos independentes e ativos das mulheres. Elas eram invulneráveis ao sofrimento e intocáveis nos relacionamentos. Praticamente não sendo influenciada pela opinião ou pelas expectativas dos outros, a mulher com características dominantes de uma deusa virgem age de acordo com seus próprios interesses e motivações. É o que descreve Lia que agora vai atrás do que “realmente quer e gosta”.

A esse respeito, uma questão que se pode colocar é: o que teria impedido a participação da deusa virgem no casamento? Que pactos teriam sido feitos que não permitiram a constelação de Atena durante o relacionamento conjugal? Teria ocorrido uma

incompatibilidade entre a deusa Hera, primordialmente a esposa e a protetora do casamento, e os aspectos mais autônomos de uma deusa virgem? Seria esta deusa uma ameaça ao tipo de vínculo estabelecido pelo casal já que sua autonomia e impermeabilidade não colocam em primeiro plano as necessidades do outro?

No caso de Ione, cuja origem oriental foi determinante para viver um casamento dentro de um modelo tradicional patriarcal, parece que o preço pago pela manutenção do casamento por trinta anos foi o não desenvolvimento de sua vida profissional. Ione abandonou os estudos, nunca trabalhou e investiu integralmente na família, desempenhando o papel que lhe fora atribuído de esposa dedicada. Segundo ela, nos últimos anos do casamento começou a mudar:

*“(...) insatisfação com a vida que eu levava, eu fazia, mas na verdade não queria fazer aquilo, parece que estava sendo uma obrigação, (...) aí eu era assim, pontualíssima, era responsável, muito séria (...) eu também era assim, boazinha, aparentemente, tudo certo, durante quase mais de dez anos, mas chegou nos últimos cinco, oito anos, eu não agüentei, me rebelei, chega, agora não vai ser aquela coisa de sempre, agora vou ser uma outra pessoa, foi assim que meu marido não agüentou (risos), ela não é mais a mesma, está diferente, eu falava tudo que eu queria, aí chegou uma hora, **esgotou, comecei a botar tudo para fora, explodiu tudo**”. (Ione)*

Parece que a pressão interna para o desenvolvimento de outras facetas de sua personalidade pode ter finalmente eclodido em um comportamento mais “rebelde”, saindo de uma postura de submissão e rigidez vivida até então. Mesmo assim, vale dizer, a separação era impensável para ela:

*“Por mim, eu **sou tão tradicional**, nunca ia abrir a boca para me separar. Esperando que alguém tomasse alguma atitude; e eu não queria separação, porque a gente sempre acha que não devemos separar, muito chato, eu iria fazer de tudo, o possível para conciliar... mas, infelizmente meu marido achou melhor separar...”*

É compreensível a situação descrita por Ione, representante de uma cultura tradicionalmente patriarcal onde há uma marcada restrição de desenvolvimento e ativação de deusas mais autônomas na psique das mulheres. Entretanto, é interessante que na era pós-feminismo, em que deusas como Atena e Ártemis puderam ser resgatadas até como baluartes de uma nova condição feminina, mulheres ocidentais ainda se encontrem em situação semelhante. É o que a participante Lia retrata quando se refere a seu casamento. É possível que a aproximação da meia idade tenha sido um estopim para despertar sua Atena que estivera adormecida. E que, até então, o relacionamento tenha se sustentado à base de projeções complementares e funcionais, às custas do desenvolvimento individual dos parceiros, deixando de ser um lugar fértil e criativo para propiciar a individuação.

Entretanto, pergunto-me se para a mulher que é mais voltada para o relacionamento e as funções de *eros*, com uma tipologia de Hera, não seria difícil escapar a essa projeção e desempenho de papel centrado exclusivamente no vínculo conjugal. É como se o apelo para se dedicar ao casamento e ao marido ocupasse o primeiro plano em detrimento de outros interesses (ou deusas) que passam a ser “menores”. A deusa Hera costuma exigir seu culto da mulher que é casada. Surpreende que ainda hoje, numa época em que as mulheres têm à sua disposição outros arquétipos femininos, Hera ainda possa conflitar ou impedir a influência de outras deusas. Sua hostilidade à Afrodite em especial e a outras deusas é uma marca que a isola e limita. Quando está comprometida em um relacionamento, a mulher tipo Hera costuma ser pouco solidária às outras mulheres, que são vistas como possivelmente ameaçadoras à estabilidade do vínculo. Penso que em sua faceta de Hera *Chera* (viúva) encontra-se um potencial para sua transformação através da aceitação da separação e a abertura para outros aspectos (deusas) do feminino. Em minha prática de consultório observo que dificilmente uma Hera que não esteja com problemas em seu relacionamento procura ajuda psicológica e tampouco se dispõe a participar de grupos de mulheres. Participar deste tipo de grupo seria um caminho bastante indicado para “fazer as pazes” com as outras deusas e acessar outras possibilidades de vivenciar sua feminilidade.

A jovem Ártemis – a perda da menina interior

Outro aspecto da identidade feminina apareceu neste comentário de Miriam:

“Miriam - Você quer saber, quando eu era adolescente, imagina, eu sofrer por homem ... me aguarde, nunca...”

Lia – Duas, imagina...

Miriam - Eu? Esse olhinho aqui, imagina ... você não tem idéia, homem ... quando eu lembro daquela adolescente, aonde que ela foi parar?”

Miriam se refere à memória de quando era jovem e imune às paixões, o que remete à menina Ártemis. Conta o mito que esta, quando menina, sentou-se no colo de Zeus, seu pai, que encantado lhe ofereceu tudo o que quisesse. Ela lhe pediu a castidade eterna, arco e flechas, ninfas e cães de caça. Sendo uma deusa virgem, Ártemis era invulnerável e particularmente intocável, representando o aspecto mais arredo da natureza feminina selvagem. Deusa da caça e dos lugares ermos, era a protetora das jovens especialmente na pré-adolescência. Von Franz (1995) cita o costume na Grécia antiga de consagrar meninas de boa família entre 12 e 16 anos ao serviço de Ártemis de Brauron que tinha a forma de uma urso. Neste período elas se comportavam de modo grosseiro, sem tomar banho e eram

chamadas de “ursinhas”. Von Franz comenta que, protegidas sob a pele de urso, garantia-se que as meninas alcançassem certa maturidade sem se envolver muito cedo com sua sexualidade. Durante certo tempo estavam intocadas e protegidas pela deusa.

“Onde foi parar essa menina?” É a pergunta que Miriam se faz agora. Onde estará a pele de urso para lhe dar imunidade ao amor e trazer a vitalidade e a energia de Ártemis? Hancock (1994) constata que a menina interior, vivaz e alegre é uma imagem que a mulher carrega em sua memória e que pode ser a chave para reconquistar o senso do eu que havia antes que as projeções e expectativas dos outros a moldassem. Esta autora afirma que a imagem desta menina traz o potencial para destrancar a essência feminina das mulheres. A pergunta de Miriam transmite este anseio de conectar-se com sua menina interior, sua pequena Ártemis.

3.3 A desilusão - Retirada de projeções

A separação carrega consigo uma longa esteira de desilusões e decepções. A imagem idealizada e valorizada que se fez do outro desde o início do relacionamento se desfaz. De modo geral a separação pode ser vista como conseqüência da perda e retirada das projeções anteriormente depositadas no parceiro. É um processo que costuma ser doloroso, o que foi retratado de diversas maneiras no grupo:

“(...) o que você falou de não esperar que o outro adivinhe o que você quer ou o que você precisa é o grande erro no geral. Pelo menos eu acho que esse foi um grande erro meu de quase sempre, achar que as coisas estão meio implícitas, como se a coisa tivesse... fosse meio mágica. Então o outro tem que adivinhar os meus pensamentos, os meus desejos, as minhas vontades, mas na verdade não é assim que acontece” (Lia).

*“(...) Eu acho que eu acabei me apaixonando pelo que eu construí dele, **pela imagem que eu construí**, aquele homem de Marlboro, que doma o potro selvagem, arisco e tal, e eu via a possibilidade de ser mãe. Sempre foi um sonho, sempre quis ser mãe, desde os meus quinze anos de idade ou quando era criança e brincava de boneca: “O que você quer ser quando crescer? Eu quero ser mãe!”(Dora)*

*“(...)A mesma coisa, aquela mesma voz, aquela mesma maciez que eu amei, essa mesma voz, essa mesma maciez eu odiei, porque com ela mesma que eu fui atingida, então tudo isso deu uma zonzeira na minha consciência porque a coisa era a mesma, é tudo a mesma coisa.(...)A mesma pessoa com as mesmas armas, não é uma arma diferente, a **mesma arma que me fez amar aquele homem, me fez odiar aquele homem ...**” (Miriam)*

Quem é este “outro” capaz de despertar tantas emoções como a paixão e o desejo, raiva e inveja, fantasias e expectativas as mais diversas? Muito do que se vê na outra pessoa corresponde às nossas motivações, conteúdos e imagens internas. Pode-se afirmar que é impossível precisar com objetividade o que é o real e o que é fruto de nossos pensamentos e sentimentos, pois as projeções estão sempre matizando nossas percepções.

Para maior clareza convém definir o conceito de projeção na Psicologia Analítica. Von Franz (1999b) apresenta uma diferenciação entre a visão da psicanálise e a concepção de Jung sobre a projeção. Segundo esta autora na perspectiva freudiana a projeção acontece quando a pessoa neurótica se livra de um conflito emocional deslocando-o para outro objeto. Já na visão junguiana esta é uma entre outras possibilidades, pois todos os conteúdos psíquicos ainda não conscientizados aparecem de forma projetada em objetos externos que de certa forma oferecem um “gancho” para a projeção. Não é um exagero dizer que tudo sobre o que ainda não temos consciência aparecerá projetado no mundo externo:

[...] as projeções servem até como uma verdadeira ponte entre o indivíduo, o mundo exterior e as outras pessoas. As projeções geram o jogo da simpatia e antipatia inconscientes [...] (VON FRANZ, 1999b, p. 283).

O relacionamento amoroso é um palco especial em que as projeções dirigem o espetáculo. Entram em cena seus protagonistas principais: *anima* e *animus*³¹, usualmente definidos como os arquétipos contra-sexuais da psique, do “totalmente outro”. Do elenco, costumam fazer parte como atores coadjuvantes a sombra, a criança arquetípica e as imagens parentais. A escolha amorosa, a atração e as fantasias tecidas em relação ao parceiro são sempre movidas pelos processos projetivos. Por meio da projeção (sempre inconsciente) o casal se sente atraído mutuamente, se apaixona. Jung (1925/1976a) ao discorrer sobre o casamento afirma que não se pode falar em verdadeiro relacionamento psicológico se não há consciência. Ele quer dizer que em geral as pessoas (especialmente os jovens) quando se casam só tem um conhecimento incompleto de si e do outro. Para Jung, o que uniu o casal de início foram as motivações inconscientes e haverá um longo caminho até que possam ser conscientizadas, o que em geral (mas nem sempre) começa a acontecer na segunda metade da vida.

O Outro Mágico – a idealização

A expectativa de ser amado, amparado e protegido é denominada por Hollis (2002) de busca pelo “Outro Mágico”. Representa a procura por um porto seguro e alma gêmea, alguém que curará as feridas trazidas da infância. Para este autor, por detrás desta busca do Outro Mágico estão as imagos parentais arquetípicas, pois a primeira experiência de si origina-se do relacionamento com o Outro primordial, os pais. Neste sentido, o casamento evoca a criança interior, ao oferecer um lugar em que ela pode ser acolhida e protegida.

Nas falas transcritas acima Lia retrata esta expectativa mágica a respeito do outro ao esperar que o parceiro adivinhasse seus desejos. Dora também relata que idealizou seu marido como o homem de Marlboro que iria domá-la. São imagens que vêm carregadas com uma forte idealização que certamente o parceiro não poderia atender. A figura de um herói está embutida no “homem de Marlboro”. E a imagem de uma deusa mãe provedora parece estar por trás de alguém que adivinhe todos os desejos.

A idealização do parceiro é o ingrediente que nos encanta e apaixona. É nele que vemos a promessa de felicidade, de reconstruir o paraíso, “de voltar para casa”. Para Carotenuto (1994), no relacionamento amoroso somos fascinados pela promessa que o outro representa. Segundo este autor, estamos sempre em busca de completude, de reparar uma

³¹As definições e discussões a respeito dos conceitos de *anima* e *animus* já foram apresentadas no capítulo I, pág. 26.

perda inicial, e no encontro amoroso é como se houvesse uma única pessoa capaz de remediar esta falta; o parceiro torna-se a encarnação desta possibilidade.

Segundo Sanford (1987) a *anima* e o *animus* são os parceiros invisíveis que estão presentes em todos os relacionamentos. Eles parecem estar fora de nós porque estão projetados nas outras pessoas. Uma vez que a projeção é um espelho de nossos conteúdos psíquicos, talvez aí resida a maior riqueza do relacionamento amoroso: através do reflexo no espelho que o outro nos oferece temos a oportunidade de conhecer nosso interior. Lembro de uma frase que ouvi certa vez, mas cuja fonte desconheço: “na paixão pintamos o outro de dourado, mas as tintas e o pincel são nossos”. Nada mais real. O poeta Fernando Pessoa (1991) traduziu em palavras essa existência prévia de uma imagem amorosa que, em algum momento, encontrará um objeto de projeção:

*Quando te vi amei-te já muito antes:
Tornei a achar-te quando te encontrei.
Nasci para ti antes de haver o mundo.
Não há cousa feliz ou hora alegre
Que eu tenha tido pela vida afora,
Que o não fosse porque te previa,
Porque dormias nela no futuro.*

Note-se que é como se a pessoa se apaixonasse por si mesma: o “outro” seria apenas o pretexto para o amor. Por mais verdadeira que seja, esta idéia soa a narcisismo. É preciso ter cautela: ao explicar e psicologizar o amor, dissecamos seus componentes, patologizamos ou falamos em “apenas projeções”. Qual é o lugar para a poesia e o lirismo? Tudo se reduz a “meras” projeções? Nada como as imagens da literatura, da mitologia e da música para expressar o indizível da experiência amorosa. É por esta razão que concordo com a advertência de Carotenuto (1994, p.65) de que o relacionamento amoroso não se resume a projeções, mesmo que elas sejam inevitáveis como em todas as relações:

O outro existe, “e como”, e não se pode dispensá-lo. Os conteúdos daquela promessa são meus e não poderiam deixar de sê-lo; mas o outro é o seu **evocador**, único e **insubstituível** e, a partir deste momento, se torna o fiador. (grifo meu)

Sublinhei as palavras “evocador” e “insubstituível”, pois elas expressam a densidade e ao mesmo tempo a sutileza de um aspecto importante na questão da projeção. Projetamos sempre, é claro, mas a projeção vai na direção daquela pessoa específica, naquele momento único. É ela que oferece o “gancho” necessário para a projeção ocorrer. É ela que evoca e mobiliza os conteúdos arquetípicos e pessoais que colocarão em movimento a energia

psíquica para o bem ou para o mal: para promover crescimento através da relação ou para repetir e confirmar os padrões anteriores de relacionamento.

As flechas de Eros representam o estado de ser fisgado e ferido pelo amor: é quando acontecem as projeções. Na paixão, a centelha divina do deus nos toca (e fere), o que representa uma experiência arquetípica, pois na visão da Psicologia Analítica, os deuses simbolizam os arquétipos do inconsciente coletivo. Isto dá a dimensão do paradoxo inerente à vivência amorosa onde se mesclam e contaminam os conteúdos de fundo arquetípico e coletivo às singularidades dos complexos pessoais. Uma vivência que é tão universal e ao mesmo tempo tão única e pessoal.

Através do fascínio que a imagem do outro representa vemos a força dos arquétipos. Pode-se pensar na intencionalidade do deus que está por trás dirigindo este processo. Ao se tornarem visíveis é como se *anima* e *animus* quisessem ser reconhecidos e a projeção fosse a forma de nos mobilizar. É interessante a proposição de Cowan (2007, p.191) de colocar Eros no centro do processo de individuação, no lugar que a Psicologia Analítica insere o conceito de Self. Para esta autora, Eros é o guia do processo, é ele que a alma procura:

Eros é realmente a força vital que urge para que nos tornemos cada vez mais, e mais, quem realmente somos, para que nos aprofundemos em nós mesmos o máximo possível e para que entendamos, em algum lugar da psique, que nossa grande missão na vida não é vencer a morte, mas encontrar Eros.

A experiência da paixão traz a visita de Eros. Mas no exato momento em que somos atingidos por suas flechas, estamos irremediavelmente feridos, algo de nosso interior já está no outro pela projeção. Este passa a ser o portador de algo que nos pertence e por isto se torna tão essencial. Psiquê acende a lamparina, pela primeira vez vê Eros em sua simultânea divindade e concretude, mas é ferida com uma de suas flechas e o perde. Dora comenta a esse respeito:

*Dora - Eu estou com esta foto desde a semana passada dentro da minha agenda porque eu queria trazer para mostrar, eu acho que aqui eu perdi a minha pele. Não dá para ver a cara dele, não dá nada, mas a situação em si, é a cena, **foi aqui que eu me apaixonei e que eu perdi a minha pele.***

Lia – Você está falando que apaixonar-se é perder a pele?

Dora – Neste momento eu me apaixonei e perdi a minha pele. Não que apaixonar-se seja perder a pele, mas neste momento aconteceram dois fatos, eu me apaixonei e perdi a minha pele, porque eu desisti de vários sonhos meus, de várias coisas que eu sonhava em termos profissionais, fui atrás de outros sonhos que eu tinha, que era de casar, de ter filhos, de constituir uma família, e de ter um macho.

Beth – Mas é que essa história de perder a pele eu vejo como que aconteceu uma coisa ruim, não é? Quando perdeu a pele...

Dora – Pois é.

Beth – Na verdade, eu acho que para você não foi uma coisa ruim.

Dora – Não é assim. É porque foi uma...

Beth – Depois terminou ruim, mas não...

Dora – Não, ela foi recheada de várias coisas e o que mais me incomoda na situação toda é que eu abri mão muito de mim, eu me perdi muito(...).

Não teria ela alguma razão ao dizer que perdeu a pele quando se apaixonou? Embora Beth não suporte a terrível metáfora que equaciona apaixonar-se à perda da pele (o que faz sentido, já que a pele é o maior órgão do corpo, aquilo que fisicamente diz “quem somos”), Dora não aceita o consolo. Na experiência da paixão nos desnudamos, somos transportados para outro reino, perdemos as referências habituais: essa é a “tese” que Dora defende firmemente. Assim também entende Carotenuto (1994, p.84):

Na situação amorosa a nossa existência é particularmente indefesa, justamente porque, de um ponto de vista psicológico, estamos completamente expostos em relação ao ser amado. [...] Ser seduzido significa perder as próprias certezas

Em suas falas, Dora se refere às projeções depositadas no marido e no casamento, foi atraída pelo que visualizou em sua presença: o sonho de casar, ter filhos, constituir família, ter um “macho”. Mas hoje sua leitura desta vivência tem o gosto amargo de ter abandonado outros sonhos. Vale questionar: o que fez com que suas projeções iniciais se transformassem em mágoas e que persista a sensação de que a paixão teria sido uma espécie de “desvio de rota”? Vamos discutir isto no tópico seguinte.

Recolher a projeção

Voltemos à promessa que o outro representa. Fomos seduzidos, flechados, encantados, enfeitiçados, bebemos da taça do amor como Tristão e Isolda. Estamos no paraíso, mas infelizmente (ou felizmente) é um estado temporário. A promessa de paraíso tem prazo de validade. Usa-se a expressão: recolher as projeções. Mas como é que elas se retiram? Não é simples recolhê-las assim como se fossem as roupas de um varal, pois é um processo que ao final implica reconhecer a responsabilidade pela própria vida, pela individuação. Em um primeiro momento, a convivência revela o contraste entre a imagem projetada e a realidade do outro. Isto é, a paixão não resiste quando submetida à prova da realidade cotidiana: a idealização do outro se desmancha frente à suas imperfeições e, com isso, as projeções se desgastam.

No seguinte diálogo, Dora relata esta decepção:

“Dora - E, realmente, tem muitas mágoas, no meu casamento eu dancei sozinha, ele dançou a valsa comigo e depois ficou tomando uísque, sei lá o que ele fez, e eu fiquei sozinha.

Clara – Já começou aí a decepção...

Dora - Você entendeu? A lua de mel foi uma desgraça...

Clara – Nossa, você agüentou 10 anos?

Dora - **A noite de núpcias não teve.** Estávamos em Cancun em um ambiente maravilhoso em um hotel maravilhoso, dinheiro no bolso, tudo perfeito. Pergunta quantas vezes rolou... Nenhuma. No quarto tinham duas camas, como as camas americanas, ele dormiu em uma e eu dormi na outra. As sete camisolas que eu levei, eu não usei nenhuma, eu dormi tudo de camiseta.

Beth é outra participante que conta o desapontamento que sentiu quando estava grávida:

*“Sabe o que me veio na hora que você começou a falar? Me veio uma cena: a primeira vez que eu viajei depois que eu casei, eu estava com cinco meses de gravidez, eu tinha ido para X, meu pai tinha uma casa, e nós fomos, meu irmãos, meus pais, J, eu e mais uns amigos; e lá eu lembro que ele encheu a cara, eu fiquei super mal, e ele saiu com os amigos e demorou para voltar. Eu preocupada, falei para o meu irmão: vamos atrás do J, para ver onde ele está. Ai nós fomos para o centro procurar ele, de repente eu vejo ele com outra mulher, estava bêbado de cair, **foi a maior decepção da minha vida**, acho que foi aí, engraçado eu lembrar disso agora assim ... foi aí que... posso ter perdido a pele naquele momento?” (Beth)*

Como ele foi capaz de agir assim? O príncipe começa sua transformação em sapo (ou em ogro, como já vimos em falas de Dora). A relação conjugal é recheada de situações deste tipo, de pequenas ou grandes decepções e um abismo começa a surgir entre a imagem interna e a pessoa concreta: “Nenhum ser humano pode concorrer com os deuses e deusas em todo seu brilho e glória” diz Sanford (1987, p. 30). Somos todos falíveis e assim como o parceiro não atende às nossas expectativas, também não podemos realizar as projeções depositadas em nós. É um fardo pesado para ambos carregar as projeções de felicidade e, quanto mais intensas, mais difícil se torna o processo.

Às vezes, quando as projeções já não se encaixam, surge o sentimento de traição, como Miriam expressa:

*“(...) as coisas que eu mais admirei, que eu me apaixonei, se tornaram depois as armas contra mim no final... não é contra mim ... um jogo, estava tudo ali desde o começo, mas estava ali a outra face da história (...) então **com quem eu estava me relacionando?** (...) Eu acho que eu me relacionei muito mais com uma camada fina, uma máscara, uma aparência (...)” (Miriam)*

Miriam parece não reconhecer mais o parceiro, é como se ele se revelasse a seus olhos agora com as mesmas características, mas que em sua percepção, se voltaram contra ela. Foi tudo mentira? Uma ilusão aparente? Como pode a mesma pessoa despertar sentimentos tão opostos?

A questão que se coloca aqui é: o que se faz com as projeções? Elas são inconscientes e, portanto, não podem ser evitadas; fazem parte do movimento natural da psique. Mas quando começam as frustrações que ocorrem pelo desencaixe da projeção com a pessoa

concreta, é criada a possibilidade de ser reconhecida. Para Di Yorio (1996) o desenvolvimento do vínculo conjugal vai depender da capacidade de lidar com estas frustrações inevitáveis, e que são proporcionais ao quanto foi idealizado em relação ao parceiro. É uma tarefa difícil desistir das fantasias de completude e da promessa de paraíso que o parceiro representou. Mas para caminhar para uma relação de “amor real”, ou de um “verdadeiro relacionamento psicológico” é preciso amadurecer e abdicar da fantasia do “outro mágico”. Pode-se permanecer com a fantasia infantil não atendida em relação ao parceiro e com isto cristalizar a projeção: o outro sempre ficará com o papel de vilão que decepcionou e não cumpriu sua “promessa”. Ou pode-se dar o salto corajoso de assumir a própria responsabilidade e olhar para o interior, aceitando que não se pode esperar de ninguém uma garantia de felicidade. Este é o desafio em relação às projeções, uma tarefa que Adélia Prado (1998, p. 95) entende como a busca de um “amor feinho”:

*Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.
Uma vez encontrado é igual fé,
não teologa mais.
Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.
Tudo que não fala, faz.
Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.
Amor feinho é bom porque não fica velho.
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:
eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:
eu quero amor feinho.*

O outro como vilão

Autores junguianos que trabalham com terapia de casais (VARGAS, 1997; DI YORIO, 1996) entendem a relação conjugal como importante contexto para propiciar a individuação e o desenvolvimento da personalidade. Este caminho passa pela reintegração das projeções que foram depositadas no parceiro, o que possibilita um vínculo criativo em que se respeita a individualidade de cada um. Entretanto, se as projeções não são reintegradas, a vida psíquica fica estagnada, as projeções se cristalizam e os parceiros vivem em pé de guerra. As expectativas frustradas são dirigidas ao outro que vira o bandido da relação. Esta situação fica evidente na fala de Beth:

“(...) Eu não errei, bom, os dois erraram no casamento, mas quem aprontou na hora H, quem saiu, quem traiu, quem mentiu, quem foi cafajeste, fechou a porta e parou de pagar a conta, foi ele.” (Beth)

O papel do grande vilão fica com o parceiro, que muitas vezes carrega o fardo da dinâmica inconsciente do vínculo. Muitas vezes, *anima* e *animus* estão contaminados por conteúdos da sombra conjugal e um dos parceiros fica “encarregado” de atuá-la, concretizando a projeção. Di Yorio (1996) comenta que no relacionamento conjugal é freqüente as projeções exercerem certo domínio sobre quem as recebe, podendo até controlar sua conduta. Ambos ficam presos em uma armadilha paralisante, tanto o que recebe a projeção como o emissor que precisa do outro para depositar seus conteúdos.

A desvalorização do parceiro também é uma maneira de cristalizar a projeção e impedir seu reconhecimento, o que aparece na fala de Dora:

“Porque ele tomou uma cartela inteira, pra tentar se matar, né? E, assim, pra mim ali eu perdi, porque eu sempre tive um exemplo em casa de um homem guerreiro, batalhador, provedor, honesto, digno, e pra mim ele não era nada mais daquilo.”(Dora)

Dora não suportou a frustração de seu marido não ser mais o portador da imagem projetada de herói salvador, do homem de Marlboro, como já vimos. Ele não correspondeu ao ideal masculino heróico de potente domador de cavalos, uma projeção arquetípica de seu *animus*-herói não integrado. A decepção é dirigida contra ele na forma de desvalorização. “E ainda por cima foi tão fraco que tentou se matar!” – esse é o subtexto que lemos no depoimento anterior. Em vários momentos do grupo Dora se refere ao parceiro como “ogro”, “cocozinho”. Afinal o vilão foi ele que não sustentou sua projeção. Nesta dinâmica o parceiro é visto como alguém que não cumpriu sua promessa, sua parte do acordo inconsciente firmado pelo casal, portanto não é possível aceitar suas limitações e falhas humanas. Esta dinâmica atua como um mecanismo defensivo que poupa o emissor de reconhecer e assimilar a projeção como algo de seu interior. A mensagem subjacente a esta situação é: “enquanto o papel de vilão, inadequado, fraco, traidor, cafageste, etc. permanecer com o parceiro, eu não preciso olhar para mim, para meus conteúdos e minha auto-imagem não é afetada – eu continuo a pessoa “normal”:

Miriam também apresenta sentimentos no mesmo sentido:

*“o sentimento que eu tenho é assim: eu vivi uma relação e ele viveu só ele e me teve com ele quando aquilo convinha a ele... Eu tenho um sentimento claro que eu descobri no final com a maior complexidade, que **eu vivi uma relação e ele não**, é como se ele quisesse que eu ficasse invisível quando eu não fosse mais conveniente e estivesse sempre presente quando fosse conveniente”(Miriam).*

Novamente vemos aqui as atitudes de um vilão atribuídas ao parceiro: ele foi o egoísta da relação, ele me usou para sua conveniência e eu não, eu estava inteira. Este olhar crítico e

acusatório em relação ao parceiro pode ser necessário em um primeiro momento a fim de proteger o ego e a auto-imagem quando a dor é muito grande. Na separação, os machucados podem estar tão à flor da pele que é melhor não mexer muito fundo, ficar só na superfície por um tempo, uma necessidade de sobrevivência. Até certo ponto, culpar o outro pode ser uma medida para salvar a própria pele. Mas permanecer mais do que o necessário nesta atitude sem dúvida é uma prisão, pois impede o crescimento. O parceiro ainda continua sendo o portador dos conteúdos sombrios, vivenciado como um “carcereiro” da alma. Sem dúvida a percepção das limitações do outro pode ser o início do processo de retirada da projeção. Um caminho muitas vezes árduo assim como foi o de Psiquê depois de perder Eros. Ela teve que se submeter a Afrodite e cumprir tarefas quase impossíveis a fim de reencontrá-lo novamente.

A projeção de vilão se estende aos homens de maneira geral. Em vários momentos do grupo, as participantes fizeram comentários a este respeito:

“Na verdade eles não se separam se eles não têm outra.” (Beth)

“(...) mas o porquê que eles usam essa historia da traição ou se aliam, eles precisam desta força de uma outra mulher pra conseguir se desfazer de alguma coisa?” (Dora)

“(...) porque do lado do homem tem isso, né, eles querem uma mulher que nem a mãe...” (Beth)

“(...) e no fim eles saem assim, quem faz o luto é a gente mesmo.” (Suzana)

Não somente os ex-parceiros recebem a projeção de vilão, elas generalizam: todos os homens são essencialmente egoístas, imaturos e insensíveis. “Eles” procuram uma mãe no casamento e traem com facilidade. “Eles” nem fazem o luto. Muitos preconceitos evidenciam-se nestas falas. Parece que elas precisam explicar o comportamento masculino e ao mesmo tempo se unir numa confraria feminina para falar mal dos grandes vilões.

Pode ser fortalecedor para o ego, em tempos de vulnerabilidade, encontrar eco para a projeção da sombra. Está aí a origem da criação dos bodes expiatórios e dos preconceitos raciais, sociais, culturais ou de gênero. Aqui um inimigo comum é eleito: o gênero masculino é visto de forma desvalorizada.

“Pelo teu discurso, eu entendo que de repente estaremos fadadas não como uma maldição ou uma perdição a essa coisa, então, enquanto o homem não crescer e não for gente o suficiente para olhar para dentro de si, nós mulheres estaremos fadadas a sermos ou a grande salvação, a grande paixão ou o grande monstro da vida dele, então, em termos de evolução eles estão lá no girino” (Dora).

É indolor e mais fácil generalizar, atribuindo as deficiências aos homens. Mesmo que seja uma atitude defensiva e natural da psique, ao fazer isto, deixa-se de lidar com as questões pessoais envolvidas. As crenças passam a ter valor de verdade absoluta; as expectativas e o

comportamento são regidos por elas e tendem a se perpetuar, impedindo o autoconhecimento e a possibilidade de descobrir e lidar com a alteridade do parceiro masculino em sua singularidade. Esta visão traz também o risco de uma condenação à solidão: se todos os homens são fracos, não há sentido em se abrir para novos relacionamentos

3.4 Fusão e diferenciação - Limites

Associado aos temas da identidade e das projeções encontra-se o tema da fusão e diferenciação. Quando são projetados no parceiro aspectos essenciais da personalidade é como se houvesse uma aderência entre os dois: é preciso ficar perto dos conteúdos projetados para se sentir inteiro. A identidade pode estar alicerçada neste relacionamento, uma vez que a ligação consigo próprio se faz através da outra pessoa. Nesta dinâmica não há limites precisos entre o eu e o outro. É tão difícil “desgrudar-se” (ou, num neologismo útil aqui: “desmisturar-se”) que para sair desta fusão pedaços consideráveis de “pele” são arrancados.

No grupo esta situação foi constatada em alguns depoimentos:

“Olha, eu sempre falei: o R era sempre o R em qualquer lugar, começava a história com o R e eu acho que estou fazendo um exercício agora de me achar nesta história e ocasionalmente ele pára... eu falei do R, R... agora fiquei pensando... Eu estou fazendo um esforço porque tudo, ele era a pessoa e eu era aquela mistura, aquela massa que ficava ali...” (Suzana)

“O porquê que acontece essa fusão, que eu vou chamar de neurótica (...) não sei se é ou não, mas essa fusão onde você deixa de ser você para assumir às vezes uma identidade, posturas, ideais, que não são teus em detrimento do outro, né? Onde que está a metade da Dora que se deixou... o que na verdade ela falou: você pede o prato, você não sabe nem porque, a Lia falou, quem é que gosta na verdade daquilo? De onde que chegou esta fusão? Porque isso é... pra mim isto é neurótico.... Doente”. (Dora)

As palavras de Suzana são bastante expressivas: “eu era aquela mistura, aquela massa que ficava ali”. Elas revelam o estado de fusão e de indiferenciação característicos de um vínculo simbiótico. Na simbiose descrita por Kast (2006), uma pessoa se funde tão completamente a outra que qualquer distinção entre elas parece irreal. Na visão desta autora o medo da separação e do isolamento caracteriza uma parceria simbiótica: a pessoa envolvida em um vínculo deste tipo não ousa existir como um indivíduo. Ainda citando Suzana:

*“Porque vai chegando um ponto em que **você perde o limite** e não sei se eu sou eu ou se sou você, onde é que está...” (Suzana)*

A fusão é característica das fases iniciais da paixão. “Você é minha vida” “não existo sem você”, “sem você, meu amor, eu não sou ninguém” são expressões repetidas desde sempre por todos os enamorados e em inúmeras canções.

Platão (1957) em *"O Banquete"* procura explicar porque os seres humanos parecem precisar uns dos outros através do mito do Andrógino: antes os sexos da humanidade eram três, e não dois, como hoje. O terceiro era o andrógino, de dupla natureza. E os três eram inteiros em sua forma, como um círculo, com oito membros, uma cabeça, mas dois rostos opostos um ao outro. Mas estes seres primordiais ousaram desafiar os deuses e como punição foram cortados em dois.

Ora, fendido o físico em dois, cada metade sentia saudade da outra e juntavam-se; envolvendo-se com os braços e enlaçados uns nos outros, no desejo de unificar-se, iam morrendo na inanição... (PLATÃO, 1957, p. 60)

Zeus, com pena desta situação, resolveu mudar seus genitais de posição para que gerassem um do outro, pois não era assim antes. E a partir de então:

cada um de nós, quando separado, é apenas uma tésseira³² complementar de homem pois, cortado ao meio como os peixes, busca sempre o seu complemento... E quando alguém encontra a sua outra metade, a outra metade de si mesmo... o par se perde nas maravilhas do amor, da amizade e da intimidade, a ponto de não quererem, por assim dizer, separar-se sequer por um instante (p.61).

Esta intensa nostalgia de uma unidade perdida é a matéria básica da experiência amorosa. A vinculação simbiótica presente na paixão se baseia na idéia de alma gêmea, união de duas metades, de dois seres dependentes um do outro para se sentirem inteiros, em que cada um preenche necessidades fundamentais do parceiro. E a separação temida ou vivida é sempre o fantasma que ronda os apaixonados. As estrofes da música “*Eu te amo*” de Chico Buarque e Tom Jobim³³ retratam magnificamente este sentimento:

*Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir
[...]
Se nós nas travessuras das noites eternas
Já confundimos tanto as nossas pernas
Diz com que pernas eu devo seguir
[...]
Se entornaste a nossa sorte pelo chão
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu
[...]
Como, se na desordem do armário embutido
Meu paletó enlaça o teu vestido
E o meu sapato ainda pisa no teu [...]!”*

Pernas que se confundiram, o sangue de um vazando pelo corpo do outro, roupas enlaçadas... imagens de uma convivência íntima que se desgastou. Como sair da fusão, como partir? Como separar?

A idéia de simbiose foi abordada por Jung (1921/1976b, p.532) que tomou emprestado do antropólogo Lévy-Bruhl³⁴ o termo “*participation mystique*” para se referir à indiferenciação entre sujeito e objeto:

³² Tésseira (do latim *tessera*) 1) designação comum aos objetos que serviam de senha entre os primitivos cristãos. 2) cubo ou dado marcado nas seis faces 3) Tabuleta quadrada na qual os chefes militares traçavam suas ordens para um subalterno, o tesserário, transmitílas aos subalternos (FERREIRA, 1975)

³³ As letras das músicas de Chico Buarque foram obtidas no site www.chicobuarque.com.br

³⁴ Lévy-Bruhl. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, 1912.

Entende-se por '*participation mystique*' um modo peculiar de vinculação psíquica ao objeto. Consiste no sujeito não conseguir diferenciar-se nitidamente do objeto, vinculando-se a ele em virtude de uma relação direta a que poderíamos dar o nome de identidade parcial. Essa identificação baseia-se numa unidade *a priori* do objeto e do sujeito. Portanto, a '*participation mystique*' é um remanescente desse estado primordial (p. 532).

Para Jung, a dissolução desta identidade inconsciente (arcaica)³⁵ acontece pelo tornar-se consciente da própria individualidade no processo de individuação, ou seja, a essência da individuação é o processo de diferenciação, de se tornar único.

Ao analisar as transformações na identidade (pág. 106) já mencionei como o vínculo conjugal convida ao estabelecimento de uma simbiose, ou uma "participation mystique" entre os parceiros em maior ou menor grau. Há uma dependência mútua que não deve ser considerada patológica simplesmente por estar presente, pois é natural que nas relações mais íntimas haja algumas áreas de dependência. A esse respeito, Vargas (1997) problematiza a noção de que a dependência seja algo ruim e indesejado. Ele propõe uma distinção entre a dependência criativa (que propicia desenvolvimento psicológico) e a dependência defensiva (que é limitadora e paralisa a vida psíquica). Segundo este autor, no casamento pode haver simbiose em certas áreas ou durante alguns períodos, o que não é necessariamente indicador de patologia.

Em todo relacionamento existem movimentos de união e separação. Fases de fusão dão lugar a fases de separação. Para Carotenuto (1994, p.95) a dimensão amorosa se caracteriza pela alternância de afastamento e reencontro.

Este é um componente fundamental da relação amorosa e onde ele falta, onde há aparente segurança, provavelmente não há relação. Quanto mais profundo é o laço, tanto mais somos necessários a quem amamos e estes a nós, tanto mais vivemos o medo da perda: alguém se tornou para nós indispensável (...). Uma relação profundamente psicológica tem como fato essencial o reconhecimento da diferença. Por outro lado, é a distância psíquica que permite o estar-juntos, porque aí se faz a experiência da presença do outro.

Se a simbiose e a dependência são condições inerentes à relação amorosa, a questão a ser levantada aqui não é sua presença, mas a possibilidade de ser um impedimento para o desenvolvimento da personalidade. Pode haver uma acomodação na simbiose, como afirma Kast (2006) ou então a fase de simbiose pode durar demais, não permitindo que o afastamento seja vivenciado. Esta autora associa morte à simbiose, apontando esta última como uma forma de se evitar mudanças na vida ao buscar sempre algo sólido e seguro. É interessante esta idéia de que a permanência no estado de fusão pode constelar a morte, pois remete ao simbolismo

³⁵ Jung também se refere à "participation mystique" como identidade primitiva, arcaica ou inconsciente.

de retorno ao ventre da terra, ao abraço da morte, da Grande Mãe em seu aspecto elementar negativo. (NEUMANN, 1996).

A tendência é que após a fase da paixão, com a diminuição da idealização do parceiro, a simbiose possa ser atenuada ou mesmo dissolvida. Na visão junguiana isto geralmente se dá de forma mais nítida na segunda metade da vida, na crise da meia idade, como já vimos no capítulo I. Assim como na adolescência, nesta fase da vida há uma nova crise de identidade, agora com o foco na necessidade de revisão interior e busca do sentido da vida. Os conflitos nos relacionamentos podem surgir nesta fase, deflagrando as diferenças e singularidades; estas, não mais se complementam: “Diante da perspectiva da meia-idade, nós nos vemos obrigados a substituir o modelo de fusão porque ele simplesmente não funciona” (HOLLIS, 1995, p.66).

Convém lembrar que as participantes da pesquisa têm idades variando de quarenta a cinqüenta e cinco anos e tiveram casamentos que duraram no mínimo dez anos, o que sugere a vivência de questões características da meia idade em seus relacionamentos. A crise no vínculo conjugal pode representar um convite à individuação e a uma relação de alteridade em que os parceiros possam se relacionar respeitando a individualidade de cada um ou pode ser vivida como uma ameaça à segurança – sentimento esse que gera o esforço (frequentemente inútil) de abolir as diferenças para manter o vínculo simbiótico.

Limites e doação

A separação pode trazer à consciência de forma dolorosa o estado anterior de fusão vivido na relação conjugal, muitas vezes através da percepção de não ter colocado limites ou de ter “doado-se” demais ao parceiro. As falas seguintes retratam esta situação:

*“Isso, eu acho que eu **cedi, concedi, me doei** porque quis, porque amei, porque curti, só que eu não dei limite; foi, foi...tudo **sem limite**, e não, assim, que eu me arrependa, mas eu acho que é um pouco demais, eu me perdi ...eu poderia ter falado: olha isso não. Mas sempre achava assim: hoje tudo bem vai, sempre tinha uma desculpa, está nervoso, está preocupado, isso, aquilo, então, alguns momentos me pegava um pouco; mas todo mundo tem seus dias, ele não deve ter feito por maldade, enfim ... então foi passando, e eu acho que eu deveria ter pelo menos pontuado, ter dito: olha tudo bem eu fiz porque eu quis, mas está me machucando, eu acho que está passando, eu acho que você extrapolou, imagina que absurdo e eu não tive esse limite, então eu fui deixando (...) não tinha fronteiras, permissiva mesmo, no sentido de “pode tudo”, e uma preocupação porque como eu não fazia para o outro, eu acho que eu saquei foi assim, todo mundo, acho que toma um pouco por base a si mesmo, então, como eu não ia fazer para o outro, então eu não fiquei preocupada em falar... você está fazendo isso para mim, eu achava que o outro ia perceber que fez uma coisa que foi além... porque eu não faço... então, eu achava ... fez, mas não deve ter feito porque é dele ou porque vai fazer sempre (...) agora não posso culpá-lo nem ao mundo porque eu fiz com o coração, eu poderia ter batido o pé e ter falado: chega, aqui não vai mexer, não encosta em mim, pisou no meu pé*

eu vou pisar no seu, mas era meu também, uma coisa que, agora eu estou conseguindo ter um pouco de raiva, de achar que a pessoa foi sacana mesmo, estava interessada; antes eu achava que não existia isso, sempre eu tinha uma justificativa...” (Suzana)

*“Miriam - Eu acho que não é porque a gente quer se doar; na aparência a gente está se doando, agora **o que é que sustenta essa doação?** Eu acho que no meu caso o que eu procurei observar aqui foi isso, e aí, eu olho para elas feministas, esquerdistas... como que ela conseguiu se tornar outra pessoa? Abrir mão do maior valor que era ela mesma (...) uma pessoa questionadora e ela chegar a esse mesmo lugar que nós chegamos por outros caminhos sem ser por posições tão radicais, talvez, mas, isso para mim é muito curioso porque, eu vejo que eu terminei, tem essa coisa que por algum caminho por mais diferente que seja, colocar o outro como mais importante, para mim sempre foi assim, por algum caminho o outro é mais importante, então, eu não aprendi a negociar, eu me tornei inexistente, eu me tornei invisível, eu não mostrei que dói, que tem carne, que pulsa...”*

Suzana - Pisou no meu pé, está puxando o meu cabelo, o meu espaço...

Beth - Você não se colocou em primeiro lugar.

Miriam -... Eu não me coloquei, como se ele...

Suzana - Não existe o eu.

*Miriam - Outra coisa, querer entender demais o outro; **eu passo por cima dos meus sentimentos**, não, preciso aprender como ele funciona, não, se ele esta falando isso só porque ele não gosta de mim, ele não, ele age assim com a mãe, com a comadre e ... é assim, então eu tenho que bancar a escolha... paciência”*

“Às vezes eu fico pensando se esse é um ponto comum de nós todas aqui; porque abrir mão de si mesma, achando que está dando o melhor de si...” (Miriam)

O que explica esta falta de limites? Já examinamos acima que o casamento é propício para o desenvolvimento de um vínculo simbiótico, mas paradoxalmente (e de forma até concomitante) também apresenta uma tendência natural para o afastamento e a separação. A necessidade de trilhar a própria individuação não invalida o relacionamento, ao contrário, o casamento pode ser um terreno fértil de crescimento individual, como aponta Guggenbühl-Craig (1980) ao falar do casamento de “salvação” (ou de individuação) ao contrário do casamento que busca o bem estar, a acomodação. Esta alternância de união-separação constitui justamente um dos paradoxos do relacionamento conjugal e um de seus maiores desafios: conciliar a necessidade de união e a necessidade de individuação.

Mas o medo da perda e da solidão pode impedir a vivência da fase de separação e afastamento que seria criativa para o relacionamento. Pode-se permanecer vinculado ao parceiro mantendo a ilusão da união perfeita, sem conflitos, segura e estável. Uma espécie de prisão tanto para si como para o outro: há uma recusa de vivenciar as diferenças e as frustrações da relação e uma tendência a manter a persona que seja adequada ao casamento. A necessidade de diferenciação não vivida e conscientizada permanece na sombra e pode ser um ingrediente fatal para a relação. Em nome de uma aparente harmonia podem ser feitas excessivas concessões que geram ressentimentos e hostilidades muitas vezes não expressadas ou não conscientizadas, como vimos no relato de Suzana. Ela esperava que o marido se

comportasse como ela: se ela não faz, por que ele faria? É característico da “participation mystique” pressupor que a outra pessoa sinta e pense da mesma maneira que nós.

Ao não experienciar a distância que cria espaço e “areja” a relação, esta passa a sufocar. Ao não permitir a vivência das pequenas mortes, a relação morre. Pois somente pessoas separadas, e com isto quero dizer inteiras e distintas, podem estabelecer uma verdadeira relação psicológica, nos termos que Jung (1925/1976a) aponta. Sem que haja um desenvolvimento individual por parte dos parceiros não há como estabelecer um verdadeiro relacionamento, pois áreas muito extensas da psique permanecem inconscientes e projetadas.

Recorro mais uma vez às palavras de Estés (1994, p.172): “É fato que dentro de um único relacionamento amoroso existem muitos finais”. Para esta autora a morte deve participar de todos os relacionamentos amorosos. Denomina natureza da “vida-morte-vida” às forças instintivas presentes em todas as relações e que funcionam em ciclos de fins e recomeços, mortes e renascimentos: uma vivência necessária para que o amor seja forte e profundo.

Se os parceiros não puderem suportar esses processos da vida-morte-vida, não poderão se amar além das aspirações hormonais (...). O desejo de forçar o amor a prosseguir somente no seu aspecto mais positivo é o que faz com que o amor acabe morrendo, e para sempre (ESTÉS, 1994, p.179).

Encarar de frente a natureza da “vida-morte-vida” demanda reconhecer e respeitar os próprios limites e também os limites do outro. Demanda expressar e permitir a vivência de aspectos não tão aceitáveis ou agradáveis; suportar a tensão das diferenças. Nesta visão, colocar limites é ter consciência das diferenças, é criar espaço para a relação “respirar”, o que é muito diferente de criar antagonismos, lutar pelo poder ou meramente se afastar.

É possível que mesmo nos dias atuais seja mais difícil para a mulher afirmar suas necessidades de individuação. Segundo Hollis (1995) apesar de na atualidade haver um leque maior de possibilidades disponíveis para a mulher escolher o próprio caminho, sua consciência é mais suscetível às expectativas externas. Para este autor a mulher pode ter de dar um salto maior do que o homem para ser ela mesma. Isto porque para muitas mulheres é naturalmente mais fácil cuidar do outro do que de si, como disse esta participante:

*“(...) é muito mais fácil ser enfermeira, é muito **mais fácil cuidar do outro** do que de mim” (Clara).*

É neste sentido que Neumann (1990a) analisa as recomendações da última tarefa de Psiquê. Esta consistia em ir ao Hades, o mundo dos mortos, e pedir a caixinha de beleza de Perséfone para entregá-la a Afrodite. Uma das instruções que recebeu para realizar esta tarefa

era recusar ajuda a quem a solicitasse em seu trajeto pelo mundo dos mortos. Se ela fizesse isto, nunca mais iria retornar ao mundo dos vivos. Neumann aborda esta recusa como sendo necessária para a mulher poder se firmar em seu caminho e não ser tentada pelo que denomina “piedade ilícita”. Neste momento, algo que é tão natural para a psique feminina como ajudar ao próximo e doar-se, seria fatal para seu desenvolvimento. Em alguma etapa de seu processo de individuação será necessária esta aprendizagem de dizer não, de estabelecer limites e não ceder.

Retorno ao conto “Pele de foca” em que, ao aceitar o acordo com o homem, a mulher-foca aos poucos perde seu brilho e resseca: ela está longe do lar de sua alma. Estés (1994, p.353) alerta para a necessidade da mulher se permitir e às vezes até lutar para ter acesso a essa volta ao lar:

Quando a mulher fica muito tempo longe do seu lar, ela se torna cada vez menos capaz de avançar na vida. Em vez de optar por arreios de sua própria escolha, ela como que fica pendurada na vontade dos outros (...). A volta ao lar é de especial importância se a mulher se dedicou profundamente a questões práticas e passou da hora.

É possível que para algumas mulheres, especialmente aquelas que “passaram da hora” e que se mantiveram protegidas em uma relação simbiótica, a separação concreta possa permitir essa “volta ao lar”. O que não é conscientizado acontece como destino. É uma questão a ser levantada aqui: seria a separação uma forma de diferenciação forçada? Uma alternativa que o Self preparou para sair do estado de simbiose e que impulsiona a individuação?

3.5. A raiva

A raiva pode surgir como uma força adormecida rompendo diques se as feridas da alma forem muito extensas. O sentimento de raiva foi um dos temas mais presentes em vários momentos dos encontros do grupo. Este sentimento apareceu de várias formas nas falas de algumas participantes, de modo mais ou menos explícito e em geral dirigido à figura do parceiro.

“E eu terminei a minha relação chutando porta, de falar “porra”, aqueles palavrões todos que eu nunca falei na vida, aos berros para os vizinhos todos ouvirem e ainda saí, e a partir desse dia, foi quando eu comecei a achar a liberdade (...) foi só depois que eu chutei porta, que eu revelei o pior de mim, que eu xinguei ele dos piores nomes, tipo “viado”, “canalha, palavras que eu nunca usei, não fazem parte do meu repertório.” (Miriam)

“Eu fiquei com tanta raiva dele que falei: Eu não quero nada dele, nem o nome”. (Beth)

“Quero que ele se exploda”. (Dora)

É impressionante o que pode levar a reações tão intensas como estas. A raiva é uma reação natural e saudável quando se está machucado. Ao ser dirigida para o objeto que teria causado o ferimento, há uma tentativa de preservação do ego – é o outro que merece ser destruído e não eu. Quando algo dói dentro de nós queremos a qualquer custo encontrar uma causa e saímos em busca de explicações e culpados. Pode-se ver essa raiva como defesa e proteção necessárias à sobrevivência. Estés (1994, p.447) descreve essa raiva oportuna: “Existem ocasiões em que se torna imperioso liberar uma raiva que abale os céus” e complementa que é preciso que seja em relação a uma ofensa grave, algo que tenha atacado a alma. São as ocasiões em que é preciso “mostrar os dentes” e defender o território. Essa explosão de raiva é uma questão de vida ou morte, como expôs Miriam:

“Não foi contra ele não, eu senti que foi uma coisa no meu corpo, de saúde, até hoje essa experiência está dentro. Bati mesmo, era um ódio que não cabia em mim, se eu não chutasse, ou eu morria ou eu ia ter que matar. Eu não ia matar, nossa, meu corpo vibrava”. (Miriam)

Chama a atenção também no relato de Miriam que ela própria se espantou com sua reação. Xingar, chutar, gritar não fazem parte de seu repertório. Apareceu um outro lado seu desconhecido. Diz que revelou o pior de si mesma. Essa “revelação” remete a um emergir da sombra. Na sombra estão os aspectos inconscientes não aceitos, incompatíveis com o ego consciente e a persona.

Na cultura ocidental, a expressão da raiva é vista como negativa e é reprimida pertencendo à camada da sombra tanto coletiva como pessoal, o que faz com que confrontar-se com ela cause estranheza; é algo que não reconhecemos como nosso pois não faz parte da identidade consciente.

O modelo romântico vigente em nossa cultura do “viveram felizes para sempre” atrelado ao casamento e ao relacionamento amoroso de maneira geral, favorece uma armadilha. Se o outro representou a promessa de felicidade e de paraíso, é de se esperar que a percepção do descumprimento desse acordo tácito seja vivenciado como uma profunda “traição” (seja esta concreta ou não) e, portanto, mobilize respostas intensas. É possível que a intensidade desta reação esteja relacionada à quantidade de energia investida nesta expectativa. A própria sensação de decepção é propícia à constelação dos complexos pessoais que matizam o tipo de reação à frustração, seja de fracasso pessoal, seja de uma raiva destrutiva em relação ao outro exterior ou se desta experiência retiramos energia para seguir o caminho. A esse respeito concordo com Hollis (2002) que descreve o quanto depositamos no outro nossa fantasia de alma gêmea, alguém que irá nos entender plenamente e satisfará nossos anseios mais profundos, que ele chama de “Outro Mágico”. Por trás da busca deste “Outro Mágico” está a força arquetípica das imagos parentais que irão influenciar as escolhas amorosas. Tal fantasia cria sofrimentos quando descobrimos que o outro não irá assumir a responsabilidade por nossas conquistas, nem por nossas feridas – daí nos ressentirmos e ficarmos irritados e raivosos com o outro que nos decepcionou. Muitas vezes a separação apenas finaliza este processo que lentamente inviabilizou o relacionamento.

A raiva também é uma das reações possíveis na segunda fase do luto tal como descrito por Kovács (1992). No caso de morte concreta a raiva pode aparecer pela frustração da busca inútil do outro que morreu, ou por se sentir responsável pela morte do outro ou culpando a pessoa que morreu por não ter se cuidado. Em todas estas manifestações os sentimentos são contraditórios e ambivalentes, pois ao mesmo tempo há ódio dirigido à inegável perda que ocorreu, concomitante, muitas vezes, com amenos sentimentos de lamento e tristeza.

Ainda menciono Caruso (1989) em “*A separação dos amantes*” que baseando-se na abordagem psicanalítica aponta a agressividade como um dos mecanismos de defesa acionados para lidar com a perda do objeto de amor que leva a uma regressão ameaçadora para o ego. Esta agressividade origina a desvalorização daquele que abandonou, permitindo assim uma desidentificação com o objeto.

Vingança: As Erínias

Essa raiva pode se expressar em sentimentos de vingança, como relatado por Dora:

“(...) mas lembro com muita satisfação a última frase que eu disse pra ele. Porque foi um oficial de justiça para tirá-lo, eu saí de casa, ele não queria sair da minha casa, e

*eu com as crianças, acampada, e eu falei: “essa sacola não te pertence”, eu falei para a empregada, pega uma sacola de lixo, porque ele vai sair da minha vida do mesmo jeito como ele entrou, sem nada. E realmente, eu tive esse prazer, de colocar as roupas dele, pouco, o que ele conseguiu pegar ali (...) tive o prazer de saber que os pais não queriam abrigá-lo na casa deles e **eu deixei que ele levasse da minha casa e da minha vida somente os sacos de lixo.**” (Dora)*

Observa-se o prazer que Dora sente ao ver seu marido saindo de casa levando somente os sacos de lixo com suas roupas. Em outro momento chega a comentar que o que ela fez era o que as outras participantes gostariam de ter feito com seus maridos (o que não despertou a anuência do grupo, que permaneceu em silêncio). É com certo orgulho e satisfação que conta como foi sua separação, revelando estar tão tomada pela raiva que até perdeu a crítica. Ela saiu de casa de madrugada, na surdina, com seus filhos e não voltou mais, somente para expulsar o marido com um oficial de justiça.

Vejo nestas falas de Dora uma mulher possuída ou pelo menos inspirada pelas divindades da vingança feminina: as implacáveis Erínias ou Fúrias. Sanford (1999) situa as Erínias como deusas que agem em defesa quando são praticados atos contra um relacionamento de amor primordial como o casamento e a maternidade. Sanford (1999, p.124) exemplifica com a frase: “O inferno não possui uma fúria como a da mulher ultrajada” para descrever a intensidade implacável destas divindades. Nas palavras de Sanford, são “as guardiãs do mundo da Mãe”, vingadoras daquilo que é considerado fundamental pelos valores femininos: Onde quer que as leis de eros e da ordem natural das coisas sejam violadas, vemos emanar da vida a energia negra da represália exemplificada nas Erínias” (SANFORD, 1999, p.124).

De uma forma diferente outra participante também partilha deste desejo vingativo, ao fantasiar o arrependimento do ex-marido:

“Mas olha é uma vitória, já pensou daqui uns anos, ele parar, pensar e falar: puxa me arrependi, porque eu me separei? Acho que o meu ego vai lá em cima” (Beth).

O desejo de vingança aqui aparece como uma imagem de fantasia, como se o futuro pudesse lhe trazer a satisfação de ser finalmente vingada. Em vários momentos do grupo esta participante manifestou sentir-se injustiçada:

*“O que está me ferindo mais hoje é... Eu não errei, bom, os dois erraram no casamento, mas quem aprontou na hora h,, quem saiu, **quem traiu, quem mentiu, quem foi cafajeste**, fechou a porta e parou de pagar a conta, foi ele. Então hoje está assim, a vida dele está linda, ele casou (...) está todo lindo, pimpão, a vida está andando, continuando feliz e a Beth está aqui, entendeu? Não acontece nada. Então eu falo:“**Puxa, eu não mereço isso**”, ele quem aprontou, **ele não merece ter essa felicidade**. Como é que é a consciência do cara? Ele podia*

ter feito tudo diferente, podia ter pago as dívidas, podia ter saído e falado: “Olha, eu me apaixonei por outra, não quero continuar”, podia ter sido diferente”. (Beth)

É interessante notar que o maior incômodo de Beth não é a separação em si, mas o fato de que ele “aprontou” e agora está feliz e ela não, como se o fato de ela ter sido “correta” fosse garantia de felicidade. Não vê como sendo justo seu ex-marido permanecer na impunidade. Vejo nesta fala de Beth o padrão de atuação de outra divindade grega que também está relacionada à vingança: Nêmesis, que significa “punição justa”. É como se Beth invocasse a presença desta justiça divina. Uma das companheiras da deusa Têmis, Nêmesis, era enviada sempre que aquela fosse ofendida ou desconsiderada. Têmis é a deusa daquilo que é correto, da ordem correta de tudo que existe na natureza e também na vida humana, presidindo os limites e fronteiras que regulam os relacionamentos entre os seres humanos (Sanford, 1999).

Os sentimentos de vingança expressos nas falas acima também remetem à vingativa deusa Hera, que perseguia as amantes de Zeus e os filhos destas uniões. Em sua forma mais exacerbada e dramática temos a tragédia de Medéia que destruiu os próprios filhos quando foi traída e abandonada por Jasão. Aqui vemos os efeitos nocivos da raiva e da vingança, pois ao destruir os filhos, Medéia destrói o potencial criativo, o aspecto renovador (representado pelos filhos) da situação vivida. Destrói também as marcas vívidas da relação ao matar os filhos, uma prova de fracasso. Este é um dos perigos da vingança que corrói, agindo como veneno que afeta a própria pessoa que busca a vingança, constituindo-se assim numa faca de dois gumes.

De maneira um pouco mais leve uma das participantes expressou também um desejo vingativo ao brincar com a idéia de como os ex-maridos estariam dali a alguns anos: “(eles estariam) *aqui fazendo terapia; porque as mulher que eles abandonaram, não os querem mais*” (Suzana). Vale comentar que houve uma descontração geral no grupo quando Suzana verbalizou isto.

Mas em todas estas manifestações de raiva e desejos vingativos um elemento se faz presente: a manutenção do vínculo. Pela raiva se permanece ligado ao outro, não havendo uma aceitação da perda, pois há na raiva um investimento emocional naquilo que o outro ainda é capaz de suscitar. Se antes o parceiro despertava amor e companheirismo, agora desperta raiva, ressentimento ou mágoa; ou seja, ainda ocupa um lugar de destaque na vivência emocional

É difícil perdoar

A dificuldade em perdoar também foi comentada no grupo:

“Quando o J falou: “Olha eu vou me separar” e tal, depois de uma semana conversando, ele ainda morou em casa, um dia ele chegou lá e falou assim para mim: olha não sei não se daqui uns anos a gente vai voltar. Eu falei assim para ele: ‘J na hora que você sair dessa porta com as suas roupas, você não entra mais nem na minha casa, nem na minha vida, acabou’”(Beth)

“Eu conheço pessoas que estão separadas há vinte anos e ainda sentem raiva... Eu não conheço pessoas que perdoaram ...Eu tenho uma amiga que ficou muito bem financeiramente e ela diz que perdoou, mas eu sei que ela não perdoou.”(Beth)

É como se Beth dissesse: o estrago que o outro causou é tão grande que não há perdão possível. Ficará eternamente preso à danação. Mas com isso, sem perceber, me ato a ele e vou ao inferno junto. Aparentemente exclui-se o ex-marido, como Beth. Procura-se o aniquilamento do outro, já que ele foi o “causador” de uma ferida tão grande e foi capaz de uma ofensa tão imperdoável para o ego, a única maneira possível de suportar isso é condená-lo. Entretanto, é uma prisão permanecer anos a fio sem perdoar, como as pessoas a que Beth se refere, procurando justificar sua própria dificuldade para o perdão. É uma visão que limita e empobrece a vida: o mundo fica dividido entre culpados e inocentes, não há possibilidade de negociação. Não há diálogo viável. Além disto, como a energia ainda permanece presa à imagem do parceiro, pelos desejos vingativos, não há possibilidade de abertura para novas conexões.

O perdão parece ser a saída para uma libertação. Ao perdoar o outro, eu assumo a responsabilidade por minha vida, por meu destino. Deixo de ser vítima. O que vem com o peso de assumir a própria individuação, e por isso não é um caminho fácil. Mesmo com o preço alto que se paga ficando na raiva, ela ainda parece uma opção mais cômoda, pois aparentemente exige menos esforço. Pois enquanto a raiva estiver dirigida para fora, poupa-se do trabalho de olhar para dentro.

A raiva como mestra – a raiva legítima

O estopim para uma vivência transformadora pode ser o reconhecimento da raiva. Esta raiva pode ter ficado silenciada por muito tempo, escondida atrás de um comportamento aceitável de querer agradar ao outro e de uma vida de relação à base de muitas concessões. Este parece o caso de Suzana que está podendo se permitir sentir raiva, algo que nunca tinha experimentado:

“(...) uma coisa que eu achei que foi fundamental, essa coisa da raiva que eu não tinha, eu não. Acho que a minha vida inteira eu não tinha raiva, eu não conseguia ter raiva, agora eu tenho um lado que fala: opa pêra ai, o cara foi sacana sim”. (Suzana)

Entrar em contato com a sensação de ter sido desprezada ou usada propiciou o sentimento de raiva e injustiça. O sentimento de “não merecer isto”, como já ilustrado por Beth há pouco, é um primeiro passo para recuperar a auto estima. Parece que esta recuperação passa pelo estágio da raiva e até de responsabilizar o outro pelo ocorrido. Sem dúvida, há um risco nesta raiva. Permanecer na raiva além do tempo necessário nos deixa na posição de vítimas por manter a fantasia infantil de que o mundo é branco ou preto, bom ou mau. Nesta postura há certa ingenuidade que impede a aceitação das ambigüidades e contradições da vida, principalmente no campo dos sentimentos.

A raiva que fica sendo alimentada age como um veneno de efeito paralisante para a própria pessoa, um fogo que pode queimar a energia vital. Sobre isso Estés (1994, p.456) comenta:

Trata-se de uma defesa cuja manutenção é muito cara, depois de passada a necessidade da sua proteção. Após algum tempo, ela arde incessantemente, polui nossas idéias com sua fumaça e prejudica outras formas de visão e percepção.

Quando falo da raiva como um primeiro passo, estou me referindo a uma raiva que tem sua legitimidade por certo período de tempo. É a raiva que pede para ser reconhecida, que vem com o senso de justiça. Lembremos que Diké (justiça) é uma das filhas de Têmis, e tem como companheira Nêmesis. Ultrapassar a medida, cometer um excesso em consequência da *hybris* (o descomedimento) era punido por estas divindades visando restabelecer o equilíbrio (BRANDÃO, 1986).

Conectar-se à raiva traz uma grande força ao ego. Uma força que vem dos subterrâneos da psique. A raiva é como gasolina, um combustível para o movimento, mas depende de como vamos usá-la. Por isto ela é a portadora de uma nova energia e tem potencial para transformação. São as deusas da justiça e da vingança as convocadas a vir em auxílio da mulher. Receber a visita dessas deusas, por vezes tão assustadoras como as Erínias, nos põe em contato com os poderes da Grande Mãe em seus aspectos primordiais e escuros. Aspectos inconscientes do feminino arquetípico que estavam na sombra. Há a possibilidade de uma conexão com o Self feminino e assim a vida pode se renovar. Foi neste sentido que coloquei como título deste tópico a afirmação de Estés de que a raiva pode ser nossa mestra por algum tempo, que podemos aprender com ela.

Chutar a porta e xingar como fez Miriam, é a expressão concreta dessa fúria que vem das entranhas. Uma força poderosa que quando desperta pode gerar violência, um fogo

devastador e irracional que se expressa no corpo e pelo corpo, pois se encontra em um nível arcaico, pré-verbal: “(...) *eu senti que foi uma coisa no meu corpo, de saúde, até hoje essa experiência está dentro (...)*” (Miriam). Só depois de ter se permitido essa experiência ela diz que encontrou a liberdade.

Mas há um caminho a ser percorrido a partir do reconhecimento da raiva e esse caminho passa pela liberação advinda do perdão e da retomada de responsabilidades.

Ausência de raiva

Mas nem todas as participantes reagiram com essa explosão de raiva. Lia, por exemplo, comenta que raiva não foi um sentimento presente na separação:

“Mas eu acho que já passou mesmo a fase da raiva. Nunca tive muito a fase da raiva, eu tive muito acho que desde o começo essa coisa que você teve, esse sentimento de profunda tristeza mesmo, de... lancinante sabe assim, de doer mesmo, mas raiva, não sei se eu tive raiva, sinceramente. Porque eu acho que se eu fosse ter raiva eu iria ter muita raiva de mim, porque eu acho que quando a coisa desanda, desanda por causa de dois, não é por causa de um.” (Lia).

É interessante essa fala de Lia, lembrando que a decisão pela separação foi tomada em conjunto. É possível que a maneira como se deu a separação tenha propiciado uma maior consciência e uma responsabilidade partilhada pelos dois. Não há como atribuir culpa ao outro, já que também ela tomou parte na decisão. Assim, a tristeza pode ser vivenciada e não houve, como diz, a fase da raiva. Não houve um abandono, um sentir-se traída ou ultrajada. Em outro momento ela diz:

“(...) eu acho que a coisa foi desgatando de tal forma, que a hora que a gente resolveu separar, foi para se salvar mesmo, sabe? Porque senão a coisa ia ficar num nível assim, insuportável. De um agredir o outro, não só... de humilhar o outro na frente das pessoas, sabe, assim, tipo, ‘você é um bosta’, eu acho que a gente se salvaguardou”(Lia).

Será que essa é uma maneira mais civilizada de viver a separação? Parece que quando não se ultrapassam os limites de respeito ao outro e a si próprio, há uma oportunidade de cada um sair mais inteiro do relacionamento e talvez a raiva não seja acionada, ou só de forma muito mais amena. A perda pode ser aceita e vivida como a tristeza descrita por Lia, que fala de uma tristeza lancinante, mas não de raiva. Não havendo atribuição da culpa ao outro, pode-se permanecer com a própria parcela de responsabilidade, sem que o outro precise ser destruído a fim de garantir a sobrevivência.

3.6 Traição

Nos bastidores das mágoas e ressentimentos, da raiva e dos desejos de vingança encontra-se com frequência a traição, uma das experiências mais dolorosas da existência humana. Foi assim com algumas das participantes que relataram a traição concreta do parceiro:

“Porque ele fez uma coisa bacana comigo, né? Tipo, tchauzinho, e do nada, mentiu, falou que queria dar um tempo no casamento, que se sentia sufocado, e alguns dias depois já estava morando com a outra” (Beth).

*“Acho que é a mesma coisa que todo mundo fala de traição também. Porque meu filho tinha dois anos, o primeiro, aí ele me contou, aí eu chorei muito, fui para a minha sogra e ela falou assim, procura uma terapia; só ela que soube; e aí depois foi, foi indo, foi indo, aí **teve várias outras vezes (...)**” (Clara)*

Além de Clara e Beth, Ione e Suzana também relataram infidelidades do marido. Este é um dado interessante, pois representa quatro das sete participantes do grupo, o que pode demonstrar o quanto é frequente a traição nos relacionamentos conjugais. Nestes casos houve uma traição concreta, que traz uma terceira pessoa, um terceiro elemento para o relacionamento, rompendo de forma explícita o compromisso de fidelidade firmado no casamento. Mas a traição, muitas vezes não se restringe à que foi concretizada pelo comportamento infiel. E é sobre este contexto mais amplo da traição que vou me estender aqui: a traição dos sonhos e projetos em comum, a traição do parceiro não ter realizado a expectativa e a traição de si próprio.

Dois autores junguianos, Hillman (1981) e Carotenuto (2004) exploraram os múltiplos significados da traição. Algumas idéias defendidas por tais autores serão aqui referência para elucidar e discutir as sutilezas envolvidas nesta temática tão dolorosa da vida humana, tendo como base as vivências trazidas pelas mulheres do grupo.

*“E eu achei, como muitas acham, que **foi uma sacanagem da forma como foi feita**, parou de gostar, tem outros interesses, encheu, tem coisa melhor, quer experimentar, não experimentou na hora em que podia, foi recalçado e agora quer dar o salto de pára-quedas, tudo bem, mas eu acho que aqui não tem ninguém criança que vai falar: “Aí, se você me deixar eu me mato”, não é? Todo mundo adulto, espera-se uma compreensão para você poder olhar no olho do outro e falar: “Olha, alguma coisa está errada, vamos dar um tempo para falar”. No meu caso, em especial, não foi assim (...) E depois, lealdade, eu descobri que **fidelidade e lealdade são coisas diferentes (...)** Então eu, na verdade, eu acho que eu **perdoei várias infidelidades, traições, mas a deslealdade eu não perdoei, eu não quis saber, tanto é que mais uma vez, ainda mais no momento que, lógico, se ele saiu, se ele escolheu, se ele está com a lindinha, se ele está gostoso, se ele está no topo da pirâmide, que quem ajudou, ele subiu aquele topo e me deixou, para ficar lá em cima. Lógico que nessa hora você fala: ‘Caramba, não mereço!’ São trinta anos em um relacionamento, lógico que cometi várias falhas, eu tenho consciência, mas eu acho que poderia ser diferente.(...) E eu acho que nos relacionamentos a gente precisa ter mais lealdade, lealdade é aquele que está ali, na hora, independente de escolha, eu acho que isso é ser leal.” (Suzana)***

Nesta fala de Suzana percebe-se que não foram as “infidelidades” que a machucaram mais, e sim a “deslealdade” do marido. É interessante a discriminação que ela faz entre lealdade e fidelidade. Por infidelidade ela se refere ao envolvimento com outra pessoa, mas o sentido de lealdade dado por Suzana parece mais associado à quebra do compromisso investido na manutenção da relação. Lealdade nesta concepção está vinculada ao projeto de vida em comum, ao acordo feito de permanecer juntos “na alegria e na tristeza”, algo que vai além das flutuações e percalços da convivência. Depois de trinta anos de casamento, ela não esperava que ele rompesse este pacto. Sentia-se merecedora de uma atitude diferente, pois foi quem o ajudou a subir ao “topo da pirâmide”. Seu ex-marido não assumiu que estava se separando, saiu de casa falando em tirar um ano “sabático”, uma licença do casamento, e só depois de meses ela o confrontou, propondo a separação de fato. “Empenhei-me tanto por você, por um projeto seu (nosso), confiei tanto em você (nós), como agora você ousa me abandonar?” é o subtexto que ouvimos em sua fala.

Hillman (1981) denomina “confiança primordial” a expectativa de sermos perfeitamente contidos por um outro que jamais trairá, representada pela imagem arquetípica do Éden. Nas palavras de Carotenuto (2004), aspiramos inconscientemente ao estado de “ *fusão originária*”, ou de simbiose originária. No entanto, esta é uma expectativa que está fadada ao fracasso: a realidade do outro sempre se impõe e o estado de fusão é rompido. O casamento, ou a relação amorosa de modo geral, com toda sua intimidade, costuma ser um palco privilegiado onde se busca esta fusão com o outro, constituindo-se, portanto, em lugar provável de intensas frustrações. Para Hillman (1981, p.82):

Somos atraídos nas mesmas situações de relacionamento profundo em que a confiança primordial é possível. Só podemos ser realmente traídos quando realmente confiamos [...] Quanto maior o amor e a lealdade, o envolvimento e o compromisso, maior a traição. A confiança contém a semente da traição.

A deusa Hera e o casamento tradicional

A fala acima de Suzana também nos remete à deusa Hera, a esposa por excelência, dedicada ao grande e poderoso Zeus. A frase bem conhecida: “por trás de todo grande homem existe uma grande mulher”, sintetiza a dinâmica de Hera. Esta é a deusa do casamento, imagem arquetípica do vínculo conjugal, que deve ser preservado. Sua motivação gira sempre em torno do esposo e dos interesses deste. Em troca de sua renúncia, Hera exige fidelidade absoluta, sempre esperando de Zeus um compromisso que nunca terá (DOWNING, 1987). Uma mulher com as características de Hera, como parece ser Suzana, jamais tolera uma

traição ao pacto. A traição é vivida como uma ofensa e o parceiro é o “mal agradecido” por todo esforço e empenho que foi feito. Depois de muitas brigas, desentendimentos e perseguições a deusa acabava perdoadando as infidelidades de Zeus e, assim, o casal resistia. Só quando realmente Hera se cansava das infidelidades do marido é que ela se retirava para os confins da terra deixando o Olimpo, tornando-se nesta fase Hera Chera, isto é, a viúva (BOLEN, 1990). É o que parece ter feito Suzana que depois de meses numa situação em aberto, sem definição por parte do marido, coloca um limite e propõe o divórcio:

“Ficou assim em aberto e aí eu coloquei que assim não dava.” (Suzana).

O padrão de mulher regida por Hera parece ser um modelo presente para muitas mulheres. Além de Suzana, outras participantes apresentaram semelhante dinâmica:

*“Por mim, eu sou tão tradicional, **nunca ia abrir a boca para me separar**. Esperando que alguém tomasse alguma atitude; e eu não queria separação, porque a gente sempre acha que não devemos separar, muito chato, eu iria fazer de tudo, o possível para conciliar, mas, infelizmente meu marido achou melhor separar ... na verdade acho que ele arrumou outra pessoa na vida” (Ione).*

A partir desta fala de Ione, observa-se o quanto neste modelo o casamento é indissolúvel, principalmente se lembrarmos que Ione é oriental e teve uma educação bastante tradicional. Segundo seu relato, casou-se por vontade de seus pais, preenchendo as expectativas destes e desempenhando o papel que lhe cabia de boa filha e esposa.

Clara, como exposto acima, também foi testemunha das inúmeras infidelidades do marido, mas a separação não foi iniciativa dela. Segundo Bolen (1990), o divórcio para a mulher tipo Hera é inconcebível, o que a faz suportar o casamento a qualquer custo.

Como a deusa Hera, Beth vivia às brigas com o marido, em uma relação que demonstrava não ser saudável para nenhum dos dois. No entanto, também sentiu-se vítima de traição imperdoável quando ele a abandonou e logo apareceu com outra mulher.

*“(...) namorei sete anos, (fui) casada vinte e quatro, **eu não tinha respeito por ele**, se tivesse que xingar, mandar pra p. que pariu para ele, mandava mesmo, palavra de baixo calão mesmo, mas eu estava lá, eu cuidava dos filhos, da casa, trabalhava, eu fazia a minha parte, certinho.”(Beth)*

“Se eu cumpri minha parte do acordo, como você não cumpriu?” Mesmo afirmando que não tinha respeito pelo marido, ainda assim Beth tinha expectativa de ser respeitada, pois ela fazia tudo “certinho”. Este certinho parece referir-se a desempenhar o papel de esposa, mas que não implicava em uma relação de respeito à subjetividade e individualidade de cada parceiro, o que certamente não exclui certa dose de sofrimento intrínseco à convivência.

Dentro do modelo patriarcal de casamento, em que a relação é assimétrica, em que um é encarregado das funções de eros (em geral a mulher) e o outro é o provedor que sai para o mundo, a traição é uma convidada indesejada, mas talvez necessária a fim de promover o desenvolvimento da individualidade dos parceiros. O surgimento do terceiro elemento na relação conjugal acaba tendo o papel de impulsionar à diferenciação, à saída do estado fusional. Neste tipo de relação complementar e de fusão, excluem-se da consciência os aspectos que são projetados no outro, principalmente aspectos da sombra e do *animus/anima* que não foram desenvolvidos na consciência. Cada um desempenha um papel parcial de sua identidade, apenas feminino ou apenas masculino. E como aponta Jung (1925/1976a) neste nível de indiferenciação, não há uma verdadeira relação psicológica, pois esta pressupõe consciência. Neste quadro, a traição pode ser a protagonista que desnuda e obriga os parceiros a um confronto com sua realidade pessoal, pondo em movimento a individuação que, na segunda metade da vida, assume um papel relevante. É o que pode ter acontecido com Suzana:

*Eu acho que está sendo um enorme **aprendizado**, a dor e o sofrimento já foi muito grande, eu acho que já está mais recuperado, e eu acho que estou me encaminhando, estou me surpreendendo, como estou surpreendendo algumas pessoas (...) e agora eu acho que estou **recomeçando a olhar para mim, para ver que eu existo, que eu sou eu, independente da mãe, do filho, do vizinho, eu sou eu, eu gosto disso, eu gosto daquilo...** (Suzana)*

Aqui parece haver uma vivência de superação do padrão de Hera, através da dor de ter sido traída e enganada, oferecendo novas oportunidades e descobertas que a surpreendem. Sobre essa separação e traição necessárias ao desenvolvimento pessoal, Carotenuto (2004, p.114) explica:

Mas o crescimento psicológico, na maioria dos casos, não anda em paralelo com a evolução externa da relação de casal. Nesse caso, a traição se torna um aspecto fenomênico da procura interior de novas vias de realização e, por isso, constituiria uma passagem ao resgate da identidade pessoal: a ruptura do vínculo se mostra como necessária.

Como vemos, a experiência da traição pode levar a um aprendizado, mas por si só não é garantia de transformação. O que se faz com esta vivência é determinante se vamos permanecer como vítimas sempre nas mãos de um outro e com isso justificarmos a estagnação, ou se pelas interrogações que nos fizermos vamos trilhar uma vida mais plena integrando o lado sombrio da natureza humana.

Uma outra questão que cabe mencionar é que a traição é uma via de mão dupla, não pode ser atribuída a um só dos componentes do casal, nas palavras de Carotenuto (2004, p.132): “traído e traidor recitam um texto preciso”. Apesar de parecer cruel, o traído, às vezes de

forma inconsciente, “pede” para ser traído, quase poderíamos dizer, convida à traição. Seja através de um comportamento de extrema submissão ou doação, seja por delegar demais ao outro aspectos seus não desenvolvidos, é humanamente impossível suportar um investimento dessa magnitude. A traição pode ser um recurso inconsciente necessário para romper a fusão, criar a diferenciação através da crise que se instala e promover o crescimento. Nada melhor do que as estrofes de Chico Buarque em “Mil Perdões” para ilustrar esta dupla mão da traição:

*[...] Te perdôo
Por pedires perdão
Por me amares demais
[...] Te perdôo
Por queres me ver
Aprendendo a mentir (te mentir, te mentir)
[...] Te perdôo
Por te trair*

A perda da inocência

A experiência da traição leva à perda da inocência. A expulsão do paraíso remete à esse significado: ao se comer do fruto proibido da árvore do conhecimento, bem e mal são trazidos à consciência. Suzana apresenta esta perda:

*“(...) eu achei que estava **muito iludida, muito inocente...** Sabe aquela coisa de criança que acredita em tudo? Agora eu fiquei grilada porque em que eu vou acreditar, é justo ou não é justo, existe ou não existe justiça? Isso me pegou. Agora eu estou vendo que eu estou, estava muito iludida por tudo, com todos, acreditando assim, sem questionar. Porque eu acho que eu não vou falar mentira, que eu não vou ser desleal, então eu acho que as outras... É essa coisa do pressupor. (...) e entra naquela de ver o outro, o outro é o primeiro, a dor do outro, o lugar do outro, o pedaço do outro. (...) **Desconfiar do outro, eu acho que é uma conquista.**”
(Suzana)*

Como descreve Hillman (1981), a situação de aspiração por uma situação de confiança primordial é típica do *puer aeternus*, o estado pueril de inocência. A quebra deste estado de confiança pela traição tem o efeito de “morte” do puer, deste aspecto da psique que insiste em buscar no outro (seja um casamento, uma ideologia ou uma amizade) um paraíso idílico. É como diz Suzana ao “pressupor” que as outras pessoas nunca farão o que ela própria não faria, de sentir-se uma “criança que acredita em tudo”. Esta traição é condição para o crescimento psicológico, para a inserção no mundo real da responsabilidade humana em que se é falível. No mundo adulto não há garantias de que as coisas serão como havíamos planejado, que haverá um “foram felizes para sempre”. Carotenuto (2004) chega a afirmar que não há crescimento psicológico sem a experiência da traição. E Suzana reconhece este aspecto

necessário da traição quando considera que conseguir desconfiar das pessoas representa uma conquista.

A traição de si próprio

A separação pode denunciar um outro tipo de traição: a traição de si próprio durante o relacionamento.

“A pior traição não é aquela que você consuma de fato, é aquela que vem do teu coração, nesse ponto eu digo, eu trai o M, porque muitas vezes eu estive com ele e não queria, eu olhava ele dormindo do meu lado e falava: o que esse ‘ogro’ está fazendo do meu lado? Então pra mim essa traição, ela é muito maior do que ele ter saído e dado uma bimbada com qualquer outra; o que eu duvido, mas se ele fez também pra mim hoje não faz a mínima diferença.” (Dora)

Pode-se perguntar a quem de fato Dora “traiu” ao se perceber próxima ao marido mas sem querer estar a seu lado. Ela já não estava “em relação” com ele, em seu coração não havia lugar para o marido. Ao se dar conta disto, Dora percebe o risco de uma traição a si própria se permanecesse nesta situação, por isto ela atribui ao casamento um valor muito maior, o de uma auto-traição – ainda pior que a traição física pelo possível relacionamento dele com outra mulher.

Dora também descreve outra forma traição de si própria:

“(…) porque eu acho que com a relação, com o casamento, enfim, eu fui me brutalhando, me moldando ao modus operandi, do M, que era uma coisa muito brutalhada onde eu não podia exercer o meu feminino, aonde muitas vezes eu cheguei a colocar o prato em cima da mesa sem um jogo americano, sem uma toalha... E sempre foi uma coisa que eu curti, é quadrinho aqui, é um detalhe, é uma florzinha (...) Em toda essa situação o que me deixa mais puta é que eu abri mão de mim.” (Dora)

Dora julga ter abandonado seu lado feminino, se “abrutalhando” durante o casamento, mas parece que ainda atribui esta perda a seu marido, pois ela teria se amoldado a ele que, em sua visão, era o “abrutalhado”. Partes de sua personalidade foram sendo excluídas da relação, não havia mais espaço para sua feminilidade. Mas fica a questão de quanto nos deixamos amoldar e modificar na relação e quanto delegamos ao outro ou nos adaptamos ao outro. No caso de Dora parece que o relacionamento trazia à tona aspectos negativos e destrutivos de *anima/animus* do casal, de forma inconsciente e projetada. Pode-se falar em possessão por um *animus* negativo que destruiu ou anulou sua capacidade para os valores de eros, para sua feminilidade.

Um outro tipo de traição de si pode acontecer quando há um doar-se além da conta para a relação ou colocar as necessidades do parceiro sempre em primeiro lugar em

detrimento das próprias. A separação muitas vezes deflagra os mecanismos que foram atuantes na preservação do relacionamento:

*“(...) eu acho que **eu cedi, concedi, me doe**i porque quis, porque amei, porque curti, só que eu não dei limite; foi, foi...tudo sem limite, e não, assim, que eu me arrependa, mas eu acho que é um pouco demais, **eu me perdi nessa...** eu poderia ter falado: olha isso não.” (Suzana)*

*“(...) um ano que eu estou separada, eu estou reencontrando tanta gente, e o que é bom, e o que é gostoso, e como estão me falando de como sentiram falta... e, ele, simplesmente, sei lá, o grupo dele era mais importante? **A vida dele era mais importante?** Tudo era mais importante; e eu fui deixando... manda um email aqui, manda um email lá, e porque é que eu não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo? **Dá para fazer as duas coisas...**”(Lia)*

*“Acho que a **gente acaba se anulando em função do outro.**” (Beth)*

*“(...) por algum caminho por mais diferente que seja, colocar o outro como mais importante, para mim sempre foi assim, por algum caminho **o outro é mais importante**, então, eu não aprendi a negociar, **eu me tornei inexistente, eu me tornei invisível**, eu não mostrei que dói, que tem carne, que pulsa...(...) Outra coisa, **querer entender demais o outro; eu passo por cima dos meus sentimentos**, não, preciso aprender como ele funciona, não, se ele está falando isso só porque ele não gosta de mim, ele não, ele age assim com a mãe, com a comadre e ... é assim, então eu tenho que bancar a escolha... paciência, então tem tanta coisa para trabalhar (...). depois, quando ficou, no primeiro segundo que ficou mais estabilizado para ele, pau... então, **cadê eu? Onde eu estava?** Eu não estava, eu não me fiz presente, por que eu só fiquei o apoio para ele, ajudar ele fazer presente e com um detalhe, eu sabia que ele era dividido e eu estava inteira, então fiquei demais com ele ... e ele ficou pouco para mim, e eu estava atrás do quê? Não tinha, eu fiquei esperando o quê? Então eu me passei de tonta (...).” (Miriam)*

No relato destas participantes fica evidente que após a separação elas se dão conta desta “doação” que excedeu limites. O parceiro ocupou lugar de maior importância, seja por deixar de expressar seus sentimentos, por afastar-se dos próprios amigos para se dedicar mais à vida social do marido, ou por compreendê-lo demais, justificando sempre seu comportamento. Ao permitir este excesso, ao ultrapassar o limite, há uma traição da própria individualidade. É como expor a própria pele para que seja arranhada e o que é pior, por escolha, mesmo que inconsciente. Quando o outro representa o lugar de “confiança primordial” (e como vimos, o casamento costuma representar este cenário) faz-se de tudo, não se poupa esforços e mesmo sacrifícios para que este lugar seja preservado, para que as diferenças não apareçam e não perturbem a harmonia protetora que a relação de casal oferece. Mas a traição de si abre as portas para a traição do outro. Aparentemente pode ser mais fácil ficar no conforto deste lugar em que se reconstrói a simbiose originária, mas o custo pode ser alto: pode-se trair a própria alma. Ser fiel a si mesmo é condição da individuação.

Se o matrimônio representa apenas o expediente mágico para a negação da realidade da separação ou da realidade da diferença radical que nos constitui como

indivíduos, nunca abrigará uma relação psicológica (...). Nesse caminho espera-nos a traição (CAROTENUTO, 2004, p.110).

A consciência sobre a traição de si acontece como um efeito que sucede à separação, anulando a experiência vivida no relacionamento como se ela não tivesse sido válida. Esta situação é descrita por Miriam:

*(...) Agora ele já podia caminhar com as próprias pernas, e que ele descobriu que não precisava mais de mim. Então isso apagou essa história para mim, apagou, para mim eu não vivi nada, era um vazio, **para mim eu não vivi nada**. (...) Eu não consigo pensar as cenas externas que eu vivi com ele, porque todas as cenas perderam o sentido, não tiveram sentido (...) o que eu pensei que tinha vivido não era verdade. (Miriam)*

No exposto por Miriam, a sensação de ter sido enganada e descartada a leva à impressão de ter vivido uma relação sem sentido e mentirosa. Sua dor é tanta que uma forma de se defender é anular a sua vivência, que deixa de ter significado. Hillman (1981, p.89) descreve que uma das conseqüências de ser traído pode ser esta traição de si, ao voltar-se contra as próprias experiências, descartando aquilo que foi vivido e que na verdade representa valores profundos da pessoa, transformando-os em “nada mais que pó, grãos de areia”. Há um distanciamento de si mesmo ocasionado pela grande decepção sofrida.

3.7 Solidão e desamparo

A proteção e a segurança que o casamento oferecia se desfazem quando o casal se separa. A solidão e o desamparo podem ser vivenciados mais intensamente quanto maior for o vínculo de dependência emocional com o parceiro. Esta situação foi vivenciada pela participante Clara que em vários encontros do grupo expressou sua dor:

*“(...) então, eu choro porque sou eu e meus filhos, então, está sendo em parte bom (...) então eu acho que é uma nova fase, acho que **eu estou crescendo bastante com ela...** Como é que eu **estou dando conta**, como eu consigo, estou pagando as coisas, fazendo tudo direitinho, mas tem que tomar conta de tudo, agora, estou tomando... estou **tomando rédeas da minha vida**, ensinando as crianças, isso não dá, aquilo dá e a gente vai indo... Então fica essa parte, não tinha a dimensão, a gente dividia tudo, sempre dividia, ninguém pagou as minhas contas, mas as coisas eram divididas, acho que... estou indo, **difícil mesmo**. Duas coisas, que meu pai falou: filha, você não tem nenhuma doença incurável e tem seu emprego... É isso, dá pra seguir, quando vejo Nossa Senhora, todo dia eu peço, rezo pra Deus, peço para o anjo da guarda de manhã, pra ter força, saúde e coragem, acho que é isso.” (Clara)*

Clara se sente frágil para dar conta de sua vida. Nesta fala ela se refere especificamente à situação concreta de arcar com maiores despesas e cuidar sozinha dos dois filhos (com doze e sete anos). Apesar de considerar uma fase de crescimento, fica evidente que está sendo difícil. É natural que na separação aflorem sentimentos de abandono, rejeição e solidão, especialmente se a decisão pela separação foi tomada pelo outro. Suzana também manifesta o sentimento de abandono:

*“Lógico, **a dor de ser rejeitada, de ser abandonada**, ainda mais eu que já estou com os filhos grandes, já estou com mais de 50. Não é uma coisa ‘ah, fiquei feliz que vou viver a minha vida livre e solta, dividir agora o que ainda é meu, o dinheiro é lá e eu não tenho que dar satisfação, eu ponho, eu tiro’, mas tem uma dor, para passar isso, lógico que tem uma dor.” (Suzana)*

Suzana menciona sua idade e o fato de ter os filhos adultos como componentes ainda mais complicados para lidar com a separação. Em sua fala transparece a perspectiva de que seus filhos sendo adultos necessitam menos dela e logo sairão de casa: mais uma perda, mais abandono e solidão. A nova liberdade não parece suficiente para compensar esta perda. Enfrentar o envelhecimento sozinha parece ser a grande frustração vivenciada por Suzana: perder a fantasia de ter alguém ao lado para envelhecer junto.

No grupo, entretanto, Clara foi a participante que mais demonstrou o desamparo e o medo da solidão, associados ao sentimento de desvalor. Na maior parte dos encontros do grupo esta foi sua ênfase. Ela descreve assim seus sentimentos:

*“Estar sozinha, como sempre, isso me dói. O outro não apostar em você, te deixar, não é? Acho que essas duas coisas me doem. Desse meu... que foi meu namorado e depois meu marido, ele diz, eu me dediquei mais a ele do que ele a mim, e não via perspectiva para nós dois. Foi isso, de um dia para outro, só foi isso. Então, assim: “Poxa, ele não acreditou em mim?” Ainda falei: “Mas há duas semanas atrás, a gente, te perguntei está tudo bem? Está certo, não fui muito sincero”. Então... Eu tento achar justificativa, (...) Nossa, eu já fiz uma história: **o que eu fiz de errado?** Foi a minha atitude com os meus filhos? Porque ele tem quatro filhos, eu tenho dois. E uma vez ele falou assim: “Você fica diferente quando estão os meus filhos”. É a primeira vez que meus filhos me vêem com outra pessoa, o mais velho tinha ciúmes. Os deles não, acho que como ele casou, ficou viúvo, depois casou de novo e a mulher dele foi embora, então eles já eram mais acostumados (...) A gente ficou um ano e meio. Foi a minha atitude frente aos meus filhos, falei bom agora é o momento de eu viver com os meus filhos, viver com eles. Então, essas coisas, acho que a dor, eu acredito que **a dor é ficar sozinha, não acreditar em mim**, mas também as minhas perspectivas. Então no fim é isso, e eu vou tentando resolver com meus filhos, não é? Com os meus dois.” (Clara)*

Clara separou-se do marido há cerca de dois anos e depois teve um namorado por um ano e meio. Ela se refere a este último relacionamento na fala acima transcrita. Seu sentimento de maior sofrimento apareceu geralmente associado a esta última separação que aconteceu de forma repentina. Vamos examinar um pouco mais estes sentimentos.

Ao analisar a experiência amorosa Carotenuto (1994, p.126) descreve a solidão que acompanha o abandono:

A perda e o abandono nos confinam na solidão. Jamais fazemos uma experiência tão trágica como quando somos abandonados pela pessoa que amamos, porque não há possibilidade externa alguma, mas eu diria, nem interna, que nos ofereça um apoio. A única oportunidade que deve ser dada naquele momento é a da elaboração do próprio isolamento.

Para este autor a experiência de ser abandonado (quando é o outro que opta pelo fim da relação) evoca o sentimento de fracasso. Assim como Clara, busca-se uma explicação: “o que eu fiz de errado?” Clara pensa que foi sua atitude com os filhos que decepcionou o namorado e causou a separação. Mas esta explicação abala sua autoconfiança, transformando-se em um atestado de incapacidade e insuficiência. Em sua visão, se o namorado não “apostou” nela, é porque não foi merecedora. Este sentimento toca em outro aspecto importante da questão do abandono: a necessidade de confirmação externa do próprio valor.

A vivência amorosa é um contexto especial de reconhecimento e confirmação de nossa existência: o outro é nossa testemunha. Quando este testemunho vem a faltar, como diz Carotenuto (1994, p.143): “apagou-se aquele olhar que me mantinha em vida” - o golpe pode atingir o âmago do ser. O abandono do outro pode provocar um abandono de si próprio. Clara descredita de sua capacidade quando o parceiro “não aposta” mais nela.

Mas por que para algumas pessoas esta experiência pode ser mais devastadora do que para outras? Por que uma mulher como Clara, profissional competente e realizada, vive o desamparo e a desvalorização tão intensamente quando é abandonada pelos parceiros?

Pode-se ver em Clara uma *persona* adaptada que cumpre seu papel profissional no mundo, mas cuja identidade feminina não está solidamente enraizada no Self. O desempenho profissional e o relacionamento com um homem funcionam como alicerces para uma estrutura de ego frágil. Para compreender melhor este funcionamento reporto-me às idéias de autores junguianos (ZWEIG, 1994; PERERA, 1985; WEELWRIGHT, 1994 entre outros) que denominam de “filhas do pai” ou “filhas do patriarcado” às mulheres que apresentam este padrão. Perera (1985) pondera que mulheres feridas na relação com o feminino em geral apresentam uma *persona* eficiente e tendem a buscar no pai ou parceiro a sua realização, sendo dotadas do que ela chama de um “ego-*animus*”. A figura do pai é que conduz a menina do mundo materno ao mundo exterior. O pai é a primeira figura masculina da vida da mulher e representa o “outro”, o estranho diferente dela e da mãe, o que vai moldar significativamente sua singularidade e sua relação tanto com o *animus* quanto com os homens. Conforme foi o relacionamento com as figuras parentais vários desenvolvimentos são possíveis para a mulher como já vimos no capítulo sobre o desenvolvimento psicológico da mulher. Aqui enfatizo o fato de algumas mulheres permanecerem vinculadas a um modelo patriarcal distanciando-se do feminino representado pela mãe. O afastamento da mãe é uma etapa sem dúvida necessária à diferenciação da menina, mas por estar fixada no mundo do pai, pode aprisioná-la como portadora das projeções da anima paterna e de expectativas sócio-culturais do que deve ser uma mulher, como já foi apresentado no capítulo sobre o desenvolvimento psicológico da mulher. Sem dúvida esta questão transcende a dinâmica pessoal, tendo suas raízes na cultura em que vivemos e constitui um problema crucial para a individuação feminina, como vem sendo apontado por toda uma nova geração de analistas junguianos.

Distantes de seu solo feminino, sem uma identidade fundada no feminino arquetípico, literalmente longe de seu lar, as “filhas do pai” copiam o desempenho masculino ou permanecem como satélites ao redor de figuras masculinas, sempre na busca de um ideal de perfeição impossível de atingir.

Como já exposto anteriormente, Kast (1997b) complementa estas idéias ao afirmar que em nossa sociedade não se exige o desligamento do complexo paterno na época da adolescência da menina o que faz com que freqüentemente dependa da presença masculina para ser ela mesma. Segundo esta autora, mulheres que não desenvolveram uma identidade

original, não se desligaram do complexo paterno e não lidaram com o complexo materno reagem com depressão a separações.

A partir deste raciocínio, no caso de Clara, é como se a confirmação de seu valor e de sua identidade tivesse que ser sempre externa, por não ter sido internalizada. Disto advém a desconfiança nas próprias capacidades – daí as tentativas de buscar em sucessivos relacionamentos os recursos que lhe faltam.

*“É uma coisa que eu acho que **eu tenho mesmo de criança**, eu acho. É uma coisa no íntimo que eu ainda nem sei direito, mas acho que tem a ver com criança. E o ficar sozinha, nunca fiquei sozinha, tenho 44 anos e eu **nunca fiquei sozinha**, só agora estou uns quatro meses sozinha, mas eu sempre tinha alguém. Então agora eu acho que estou diferente, não tenho tanta vontade de sair para os lugares, minha vida é diferente, eu tenho dois filhos e aí eu fico com mais medo ainda (...) Pela idade, essa coisa toda, mas, realmente, de falar de namorado, sempre tinha, imagine, nem um mês eu ficava sem uma pessoa, namorava bastante tempo, aí terminava, já tinha outro. E eu sei que agora eu **tenho que contar comigo mesma**, acho que essa que é a parte mais difícil(...), resgatando, tendo que tomar conta de uma casa, de dois filhos. A parte profissional é a melhor parte de mim, faço o que gosto, sou muito realizada (...) Aí eu tenho que enfrentar, estava lá embaixo do tapete, **eu sempre tinha um outro, um outro homem do meu lado**, agora eu tenho que abrir e olhar. E a auto-estima é cada vez que alguém me deixa, eu acho que as pessoas te deixam, eu ouvi uma frase, a gente tem que respeitar o que o outro quer, olha que coisa mais difícil. O outro não quer ficar com você, mesmo nesse momento não quer e é tão duro a gente respeitar isso, não é? Eu tentei, fiz esforços enormes, não ligo, não faço, todas as minhas amigas falam ‘você tem que se valorizar’ e é nelas que eu acredito mesmo. (...) **Então acho que estou me descobrindo. E a auto-estima diminui muito**, apesar de que as pessoas podem me falar: “Nossa, você não parece que tem 44”, mas **me pega quando cada um me deixa. Tem que ser forte.** (Clara)*

Clara nunca ficou sozinha, sempre precisou de alguém. Ela percebe que sua dificuldade tem origem na infância, entretanto esta percepção não é suficiente para transformá-la. Seguir os conselhos das amigas é importante para ela, mas ainda assim o sofrimento é intenso. Se sua auto-estima depende da presença de um homem, ao perdê-lo, reduz-se a cinzas. Sem o masculino externo que a guia, ela fica à deriva e a perspectiva de solidão pode ser assustadora: ela se sente uma menina indefesa e frágil em um mundo frio e hostil.

A criança abandonada

A criança pode ser constelada quando ocorre a separação. Se o casamento é o lugar em que a criança encontra abrigo, como aponta Hillman (1981) a separação chama de volta o arquétipo da criança abandonada, orfã da proteção que a relação garantia. Clara deseja alguém que possa acolher sua criança:

“(...) mas agora bem que eu queria que alguém cuidasse de mim, bem que eu queria agora; assim: posso cuidar de você?” (Clara)

Cuidar do outro é fácil para Clara, que é mãe, enfermeira e professora. A criança desprotegida é projetada fora, nos outros a quem se dedica, como já foi discutido quando apresentei o padrão de Deméter-Perséfone. Cabe aqui explorar ainda outros aspectos do simbolismo da menina interior e da criança arquetípica.

Retomo as idéias de Leonard (1997) já esboçadas no capítulo sobre o desenvolvimento psicológico da mulher. Para esta autora, a *puella* (a eterna menina) é um dos padrões possíveis para a mulher que teve uma relação deficiente ou conflituosa com o pai. O padrão oposto é o da amazona de couraça. A *puella* é a filha dependente que aceita a identidade nela projetada pelos outros, sentindo-se fraca e impotente, sem desenvolver e integrar seu próprio potencial de força e poder ao delegá-lo para os outros. Já a amazona de couraça, identifica-se com as funções e poderes masculinos como um escudo ou armadura para sua vulnerabilidade. Nas mulheres os dois padrões costumam coexistir e podem se alternar, pois ambos na verdade representam uma alienação do próprio centro (ou Self). Ainda refletindo sobre Clara, como autêntica “filha do pai”, percebe-se que ela alterna uma amazona, combatente profissionalmente, uma guerreira dedicada ao trabalho, com uma menininha frágil e assustada interiormente, que não suporta ficar sozinha e se sente incapaz de gerir a própria vida sem ter um homem ao seu lado.

Em sua instigante conferência “*Abandonando a criança*”, Hillman (1981) amplia alguns significados do simbolismo da criança que podem trazer mais luz à questão da criança desamparada com a qual algumas mulheres, como Clara, se identificam. Apoiando-se em Jung para definir o “motivo mitológico da criança” como tudo aquilo que é abandonado e ao mesmo tempo possui poder divino, a criança assim apresentada contém em si a vulnerabilidade e também a futuridade. Na própria regressão ou na patologia pode-se encontrar o simbolismo da criança escondido no choro e nas inadequações, um lado sombrio temido, mas que traz indicações para o futuro. O arquétipo da criança “é o arauto, a prefiguração de toda mudança que ocorre profundamente dentro de nós” afirma Hillman (1981, p.35).

Se a *puella* não permanecer como vítima ao se identificar com a vulnerabilidade da criança, através da dor da perda da confirmação externa e de ter que enfrentar a solidão e o desamparo, pode abrir espaço para outros aspectos do arquétipo da criança: a jovialidade, a espontaneidade, o vir a ser.

Como lidar com esta criança abandonada que pede atenção e choraminga? É possível transformá-la? Concordo com Hillman (1981) que propõe dar voz a essa criança através da imaginação e não forçá-la a crescer ou tentar baní-la, pois ela sempre permanece, está lá em nosso interior - em certo sentido, é imutável. Ao discutir sobre como lidar com a criança quando ela reaparece (e vai reaparecer muitas vezes) Hillman se refere a duas figuras arquetípicas: a mãe e a ama. Em sua descrição a atitude da mãe é sempre exagerada, “arquetipicamente” pessoal, é tudo uma questão de vida ou morte. Já a ama não tem conexão pessoal com a criança – isenta de projeções e expectativas sobre aquele de quem cuida, é diferente da mãe que deposita esperanças sobre a criança. Na atitude da ama é possível permitir à criança permanecer em seu abandono, aceitando-a como ela é. A criança necessita de ambas: mãe e ama. É interessante este resgate da imagem da ama no cuidado com a criança abandonada, pois lhe restitui um lugar em que sua dor não é negada e suas queixas podem ser ouvidas e acolhidas.

Leonard (1997) sugere alguns passos para a cura e transformação do padrão da *puella*: a consciência deste padrão de funcionamento, a aceitação do sofrimento e confronto com a sombra ao sair do papel de vítima, podendo responsabilizar-se por suas escolhas e, finalmente, apropriar-se da força que estava na sombra. Eu complementaria que a criança como um arquétipo não pode mudar e sim a relação com ela, que passa a ser o guia para a alma assim como no conto “Pele de foca”: foi a criança, o filho da mulher-foca que encontrou a pele e a restituiu à mãe. A “volta para casa”, para o “lar da alma”, um tema recorrente na mitologia, se faz através da criança e não fugindo dela. Mas este processo exige o confronto com o feminino sombrio, com o poder da deusa escura que foi relegado ao inconsciente; um sacrifício da “filha do pai” é exigido e ela terá que suportar o sentimento de vazio sem buscar o preenchimento através do masculino externo. Neste ponto a volta necessária é para a mãe, para lidar com o complexo materno, a fim de se reconciliar com o feminino que foi rejeitado ao adotar um modelo coletivo do feminino ou aceitando a projeção paterna. Leonard (1997) ao final de seu livro sobre as feridas na relação pai-filha conclui que a redenção do pai está no encontro com o feminino. Na mesma linha encontra-se o texto de Perera (1985) em sua análise sobre o mito da descida de Inana ao mundo dos mortos. O encontro com a deusa sombria Ereshkigal, que representa o aspecto do feminino instintivo reprimido pela cultura patriarcal, parece inevitável para que a “filha do pai” possa se enraizar em sua própria natureza e singularidade femininas. Um caminho que passa necessariamente pelas terras tortuosas do sofrimento e da solidão.

Aprendizado na solidão

Voltemos a falar da solidão. Na vivência apresentada por Clara, em seu medo de ficar sozinha, ficam nítidos o desamparo e o abandono. Este é um tipo de solidão: imposta e involuntária. A opção pela separação não foi dela (pelo menos, não conscientemente):

“Geralmente eu deixo o outro me deixar. Não é que eu deixo, mas... antes eu acho que até escolhia, ‘não, isso eu não quero’, e agora não, não sou eu quem tomo essa decisão, no casamento eu já sabia há muito tempo, há uns dois anos que não estava bem, mas a decisão com coragem foi dele. Foi uma decisão corajosa. E é isso”.(Clara)

Como toda *puella*, são os outros que decidem por ela. Mas é curiosa sua fala: “eu deixo o outro me deixar”, como se houvesse um consentimento, uma permissão para ser deixada. Desta forma seria ela a cúmplice inconsciente da separação que a forçou à tão temida solidão? Um caminho que o próprio Self preparou para ela? Esta situação remete ao rapto de Core-Perséfone por Hades. Contra sua vontade, ela teve que permanecer no mundo dos mortos. Entretanto, foi este rapto que operou sua transformação de uma donzela inocente na poderosa rainha dos mortos, esposa de Hades. Através da visita não voluntária ao mundo inferior, ocorre a transformação da *puella* para a mulher, há uma apropriação de seus potenciais adormecidos. Concordo com Bolen (1990) ao afirmar que a experiência do divórcio para a mulher com uma tipologia de Perséfone (como é o caso de Clara) pode representar um genuíno rito de passagem.

A solidão “forçada” pode ter o sentido de oferecer uma oportunidade para o “despertar” da individualidade e singularidade. Recordo as palavras de Carotenuto: “cada indivíduo é testemunha de si próprio”. Essa é nossa riqueza e também nosso fardo. E, continua o autor, a solidão é a testemunha muda de nosso drama interior. Abre as portas para o encontro conosco.

A individuação requer a aprendizagem da solidão; é quando estamos sós que podemos dialogar conosco. Segundo Hollis (1995) é necessário que caminhemos da solidão ao que ele denomina “solitude”, um estado psíquico em que estamos totalmente presentes a nós mesmos, em união conosco. Este estado de solitude é diferente de se sentir solitário, pois fazemos companhia a nós mesmos, encontramos o Outro interior, a dimensão suprapessoal do Self.

Há também a solidão voluntária, escolhida. Após a separação algumas mulheres nem cogitam por enquanto entrar em novos relacionamentos amorosos:

“Cueca na gaveta nunca mais, só na cadeira. E se descer da cadeira, só da cadeira... vai da cadeira pro lixo (...) Enquanto relacionamento homem e mulher, sim, por que essa parte minha no momento está morta.” (Dora)

Outras mulheres como Lia e Miriam dizem ter “preguiça” ou “descrença” para investir em novas relações, como já vimos ao apresentar “As deusas negligenciadas” (pág. 113). Que significado pode ter este recolhimento? Seria apenas uma defesa ou fuga? Ou poderia representar uma necessidade legítima da alma para se recompor e cicatrizar as feridas? A vivência do luto requer um isolamento, um tempo de elaboração. Quando a ferida está muito aberta, expô-la pode causar muita dor e ainda há o risco de um novo ferimento. Recolher-se pode ser uma forma de proteção, um cuidado para que a pele possa se regenerar.

Estés (1994) recomenda a prática da solidão voluntária para as mulheres como forma de ter acesso à sua alma selvagem. É uma solidão temporária que tem o efeito de uma respiração vital que oxigena a vida interior e estabelece a conexão com o Self. Neste sentido, a reclusão e a recusa em estabelecer vínculos afetivos, mesmo que defensivas, seja por desilusão ou por raiva, podem representar uma etapa necessária para buscar nutrição em novas fontes internas de alimento – não mais depositando no parceiro a tarefa de suprir recursos para a sobrevivência psíquica. Como pontua Hollis (1995, p.87):

O antídoto para a solidão é abraçá-la. [...] quanto mais formos capazes de abraçar nossa separação, quanto mais formos capazes de viver com nós mesmos, melhor será o relacionamento.

3.8 As lágrimas – Luto e mundo inferior

O sentimento de tristeza acompanha a separação e a elaboração do luto pela perda do relacionamento. O grupo foi testemunha de muitas lágrimas derramadas, ora mais contidas, ora vertendo copiosamente:

*“Eu choro, eu também estou chorando, porque **no meu trabalho eu também não posso mais chorar**, todo mundo fica preocupado comigo, não posso mais chorar. (...) (Clara)*

*“(...) eu tive muito desde o começo essa coisa que você teve, esse **sentimento de profunda tristeza** mesmo, de... ai, lancinante mesmo (...) Agora eu tive muita tristeza, essa coisa de puta que o pariu, porque não deu certo? (Lia)*

*“Quando eu cheguei de volta de viagem eu senti que as veias do meu corpo dilatavam, perdiam o limite, e eu sangrei dez dias na viagem (...) coração para agüentar a vida, eu antes de ver qualquer coisa, tornar real a metade de mim que é **aquela sangria**, foi o que aconteceu naquela viagem (...) (Miriam)*

A mesma participante em outro momento:

*“Esse sentimento que eu tive hoje de tristeza, sabe o que foi? Eu não consigo olhar mais para trás e ficar lembrando, essa coisa de poderia ter dado certo; não tinha esse sentimento, mas a sensação de um vazio de história mesmo (...). Agora ele já podia caminhar com as próprias pernas e ele descobriu que não precisava mais de mim. Então isso apagou essa história para mim, apagou, para mim eu não vivi nada, **era um vazio, para mim eu não vivi nada**. E hoje na hora que eu estava tomando banho eu fiquei triste pensando assim, nossa, me deu uma sensação, assim como se eu estivesse há dez anos atrás chegando a São Paulo e emendou com hoje entendeu? Como se fosse a ponta, o começo, com esse fim, de repente dez anos, acho que pela primeira vez, dez anos, eu senti esses dez anos na minha mão assim, nada, porque **o sentido para mim esvaziou tudo** o que foi que preencheu esse espaço(...) (Miriam)*

*“(...) todo mundo de modo geral, muitas pessoas acabam ficando no vazio, **o vazio faz parte**, na hora que os filhos vão para a escola começa o vazio, é um pedacinho que está indo embora, você tem que reorganizar, é o tal dos ciclos ..se você não vai renovando vai ficando uma coisa assim agora... e que dá um baita de um vazio, cai o chão, dez anos, imagina trinta anos (...) acredito que a maioria das mulheres se sintam assim, e no meu caso em especial, eu fui tão lá, **eu fiquei de quatro**” (Suzana)*

Não ter lugar para chorar, perguntar-se porque não deu certo, “cair em um vazio”, “ficar de quatro” são todas expressões da intensidade de emoções que a separação evoca. Mesmo reconhecendo, como Suzana, que as perdas fazem parte dos ciclos da vida, é um processo que pode ser muito doloroso. Às vezes parece que o coração não vai agüentar: é uma “sangria”, como disse Miriam. É mesmo esperado que uma perda tão significativa como a separação amorosa desperte sentimentos depressivos como a sensação de vazio, a profunda tristeza, a pena de si, a desesperança.

Para analisar estes sentimentos é importante retomar e aprofundar algumas considerações sobre o luto e a depressão. Como qualquer situação de perda na vida humana, a separação envolve um processo de luto. O luto é definido por Kovács (2007) como um

processo de elaboração frente à perda de uma pessoa com quem havia um vínculo estabelecido. Em sua conceituação de luto estão incluídas as perdas de situações significativas, que não envolvem a morte concreta. São as mortes que ocorrem em vida e que são denominadas “mortes simbólicas”, como as separações, as doenças, as frustrações, as decepções. Kovács (2007) ainda assinala que na atualidade o luto é visto como uma crise da existência presente em várias fases do desenvolvimento. Gostaria de enfatizar aqui esta maneira de encarar o luto, qual seja: uma reação natural frente à perda e que se afina com o que será discutido a seguir. Não se fala mais em patologia com relação ao luto, mas em fatores complicadores. Sintomas que em outras circunstâncias seriam avaliados como doentios são esperados na situação de luto. É sua exacerbação e frequência que devem ser consideradas.

Já mencionei neste trabalho (pág. 55) as quatro fases características do luto citadas por Kovács: a fase de choque; a fase de desejo e busca da figura perdida; a fase de desorganização e desespero e por último, a fase de reorganização. Interessa-me agora especificar a fase de desespero e desorganização, pois é nesta fase que a depressão pode se prolongar ou se manifestar de maneira mais complicada. Esta fase ocorre quando a perda já é vista como realidade e sentida como irreversível e podem estar presentes comportamentos contraditórios, como a tentativa de se desfazer rapidamente de objetos que pertenciam ao morto e ao mesmo tempo guardar aqueles que trazem recordações felizes.

Maldonado (2000) descreve que há muitas perdas importantes no término do casamento: as coisas boas da relação, os projetos em comum, a possibilidade de acompanhar juntos o crescimento dos filhos, compartilhar problemas e momentos difíceis, perdas financeiras e sociais. Para esta autora, a depressão surge diante da percepção que a decisão do outro é irreversível, ou seja, nesta visão, a pessoa que é deixada estaria mais suscetível à depressão. Comenta que embora a dor da separação seja diferente para a pessoa que deixou e para a pessoa que foi deixada, as duas situações sempre envolvem perdas e a elaboração gradual do luto. Parece que passada a fase do choque e da revolta, a tristeza surge quando a pessoa se dá conta da realidade da perda. Seria então o primeiro passo para a aceitação da mudança e posterior reorganização.

De modo geral, na perspectiva junguiana a depressão pode ter o significado de uma transformação necessária à personalidade. A energia psíquica se introverte, volta-se para o inconsciente e com isto há um esvaziamento do ego. Este movimento compensatório pode acontecer quando algum conteúdo psíquico que precisa ser conscientizado atrai a libido a fim de acelerar a individuação. Desta forma a depressão é vista como um processo natural do

desenvolvimento da personalidade e não como patológica: a depressão assim descrita é potencialmente criativa e transformadora.

Steinberg (1992) ao refletir sobre as idéias de Jung afirma que a depressão que acompanha a perda é passageira para muitas pessoas enquanto, para outras, é uma experiência que tende a sobrepor-se a sofrimentos anteriores ocorridos ao longo da formação da personalidade – quando é esse o caso, tende a haver uma cronificação da depressão pré-existente.

O que é relevante na presente discussão, sem entrar no mérito da etiologia ou gravidade dos sintomas depressivos, é o caráter natural e potencialmente transformador da depressão que ocorre como resultado de uma perda.

A partir desta concepção sobre a depressão como uma regressão involuntária de libido para o inconsciente, a experiência da separação amorosa pode oferecer a oportunidade de um encontro consigo mesmo. Através da dor e da aridez da depressão e do luto, o ego terá a possibilidade de encontrar novos significados existenciais ao se defrontar e posteriormente reintegrar os conteúdos mobilizados pela perda do relacionamento.

Assim como aponta Harding (1970) em seu artigo sobre depressão, já citado (pág. 57) penso que a depressão vivenciada após a separação também pode apresentar um potencial criativo e transformador. Os aspectos antes projetados no vínculo conjugal e no parceiro, agora podem ser reintegrados à consciência, se a pessoa conseguir aceitar a experiência e olhar para dentro de si.

O mundo inferior – morte e renascimento

A jornada do herói ou heroína ao mundo dos mortos é um símbolo do processo de transformação vivenciado na depressão. O tema mítico da descida ao mundo inferior corresponde simbolicamente ao contato com o inconsciente em que o herói (entendido como o ego da pessoa) morre e depois renasce. Miriam retrata esta experiência de morte-renascimento:

“(....) é como eu estou me sentindo, eu não sei se estou morrendo, não sei se estou nascendo, entendeu?(...) de como se fosse um novelo de lã que era só desfazendo, desmontando, como se tivesse perdendo o corpo mesmo, acho que era isso e hoje eu fico sem saber, assim, se eu estou, se eu estou nascendo ou se eu estou morrendo, não sei...” (Miriam)

Sua fala é bastante expressiva do estado de fronteira entre os dois mundos: dos vivos e dos mortos. Na vivência da morte simbólica, não é possível saber se haverá ou não um retorno à vida.

A separação amorosa é uma das experiências existenciais que nos convida a visitar o mundo inferior. “Convidar” talvez não seja o termo mais adequado, pois esta jornada ao reino sombrio dos mortos não costuma ser voluntária. Mesmo que a separação tenha sido uma opção da própria pessoa ou de comum acordo do casal (como foi o caso da participante Lia) as mudanças envolvidas e os sentimentos de perda sempre tão presentes podem levar às sensações de derrota, tristeza e desesperança. Percorremos as frias e áridas terras dos mortos, um lugar deserto e inóspito.

Mas nesta experiência de morte em vida, o que é que morre? Morrem os sonhos em comum, as ilusões de que tudo seria lindo e perfeito. Morrem aspectos da persona e da antiga identidade. Morrem as expectativas e projeções depositadas no parceiro e naquela relação. Como já vimos, acontecem várias pequenas “mortes” nos relacionamentos: algumas ilusões e sonhos podem ter morrido gradualmente ao longo dos anos. Entretanto, nem todas estas mortes conduzem à separação, pelo contrário, podem trazer renovação e amadurecer o vínculo conjugal.

Mas quando a morte da relação sobrevém, a experiência de luto acontece e é necessária. No que consiste este luto? É empreender a viagem de descida e acompanhar o séquito da morte para que a despedida aconteça. Só aí o ego pode finalmente se render à transformação e aceitar a perda que naquele momento é irremediável. Não há um tempo determinado para este luto; a permanência no mundo inferior pode ter uma duração maior ou menor. Maldonado (2000) considera o primeiro ano após a separação como o mais marcado por grandes reformulações e abalos. Segundo Kovács (2007) o processo de luto nunca está totalmente concluído, embora, de modo geral, gradativamente se vá retomando a vida e reinvestindo a energia em novas atividades e relações.

No mito da descida de Inana, o mundo dos mortos é chamado de “a terra de onde não há retorno”, uma clara advertência para o risco de se permanecer para sempre neste lugar. Ficar um tempo excessivo neste mundo paralisa e congela a vida, o que acontece nas depressões mais graves.

Um simbolismo associado à depressão é o estágio da *nigredo* na alquimia. Corresponde à *prima matéria* em seu estado indiferenciado e caótico, o estágio inicial da *opus alquímica*, como já mencionei anteriormente. Apodrecer pendurada no poste como a deusa Inana durante os três dias em que visitou o mundo inferior é uma imagem da operação alquímica *putrefactio* ou *mortificatio*. Esta é considerada por Edinger (1990a) uma das mais negativas da *opus*, vinculada à morte, à derrota, tortura e putrefação, cuja marca registrada é a

cor negra. Em termos psicológicos, a *nigredo* se refere à sombra e a *mortificatio* é comumente vivenciada como derrota e fracasso.

As expressões usadas por Miriam de “perder o corpo” e “se desfazer” demonstram a profundidade do processo que ela vivencia. Perera (1985, p.24) se refere ao nível corporal e arcaico da experiência da descida ao mundo inferior. Descreve os domínios de Ereshkigal: “Essas profundezas são pré-verbais, frequentemente antecedem a imagem e são capazes de nos arrebatam e sacudir até a medula”. Em sua descida, a deusa Inana se rende aos poderes de sua irmã sombria, suas vestes são retiradas a cada portão, o que representa um desnudamento e despojamento da persona. Nas descidas mais profundas, o desnudamento e a dissolução das formas anteriores são exigidos como sacrifício para que a transformação possa ocorrer. Parece que para Miriam o processo de elaboração do luto implica nesta rendição ao nível básico e instintivo em que a nova vida poderá ser gestada. Ela não sabe se está “morrendo ou nascendo”, revelando uma percepção das duas polaridades implícitas na vivência da descida: morte e renascimento.

Neste sentido, a fala de Miriam também remete à dissolução experimentada na operação alquímica da *solutio* que provoca o desaparecimento de uma forma para o surgimento de uma nova forma regenerada associada a *nigredo* e à *mortificatio*. A *solutio*, em geral, significa o retorno da matéria diferenciada ao seu estado original indiferenciado, um retorno ao útero para fins de renascimento (EDINGER, 1990a).

O esforço para continuar – Ananke

Permanecer no mundo inferior e sobreviver a esta experiência requer um esforço enorme:

“eu estou muito estranha, eu estou num esforço de adormecer, de sonhar, de acordar, de todos os minutos e segundos do dia, como se fosse raspando o tacho da minha energia para refazer o corpo de novo” (Miriam)

É muito difícil continuar a viver e realizar as atividades cotidianas quando a energia submergiu no inconsciente. É preciso “raspar o tacho” como diz Miriam e o que antes era simples agora requer muito esforço. Assim como Psiquê que está desolada e angustiada após perder Eros, ela tem que realizar as tarefas que a vida exige. Cowan (2007, p.174) comenta que Psiquê se deixa conduzir por suas partes dissociadas e inconscientes para desempenhar suas tarefas: são as formigas que ajudam, o caniço que aconselha, a águia que vem em seu socorro, a torre que orienta. São seus aspectos internos, inconscientes e instintivos que preservam sua vida:

[...] quando você não dá conta, quando perde a coragem, quando não tem mais desejo de se relacionar ou quando sofre pela ausência de calor humano e de amor na vida, existe um instinto autônomo que assume o seu papel nessa jornada

Cowan (2007, p.176) se refere à divindade Ananke, a necessidade. Para esta autora, quando Eros parte, agimos sob influência desta deusa. Quando a consciência não sabe o que fazer, está impotente, sem saída, podemos permitir que sejamos alimentados por fontes internas:

O processo de individuação de Psiquê continua sem Eros, não por meio de uma integração de complexos problemáticos, nem da resolução de uma transferência, mas por meio da contínua experiência da dor e da perda, mantidas vivas pela Ananke, a Necessidade. É o caminho que os alquimistas, em tempos idos, chamavam de *via longíssima*, o caminho mais longo e mais lento.

A dor tem seu próprio tempo de elaboração, não pode ser apressada. Tem que ser vivida, “doída” até o fim. A descida é uma imagem arquetípica de um processo de iniciação e se não for completada, a transformação não ocorre. É preciso morrer para depois renascer. “Ir até o fundo do poço”, “estar na fossa”, são expressões coloquiais que remetem a este estado.

Assim continua Miriam:

“Você sabe que eu todo dia quando eu acordava, eu fazia um exercício enorme para conseguir pensar no meu dia; me forçava a pensar a semana, me forçava, para poder, porque se eu conseguisse pensar a semana, eu estava pensando em mim, e eu estava completamente embriagada do assunto. Então eu não consigo imaginar e pensar, quer dizer agora eu venho melhorando, eu já consigo, mas eu fazia isso na hora que eu acordava de manhã e a energia que eu gastava (...).” (Miriam)

Alguma “força” dentro de Miriam a impelia a pensar na semana e enfrentar seu dia a dia. Há um esforço muito grande feito para permanecer ligada ao mundo externo, quando a necessidade é de um mergulho profundo. Um significado semelhante apresenta o mito de Inana. Quando esta deusa está para empreender sua jornada ao mundo inferior, ela dá instruções precisas à sua serva Ninshubur para buscar ajuda com os deuses, caso ela não retornasse em três dias. Uma parte do ego necessita permanecer no mundo superior, realizando o esforço para seguir a vida enquanto a viagem ao mundo dos mortos acontece. Perera (1985) se refere à serva de Inana como àquela pequena parte que se mantém na superfície quando a alma afunda; um aspecto consciente e funcional da psique que testemunha o processo, garante a sanidade e um retorno seguro à vida após a descida. Esta figura diz respeito à parte do ego-observador que ao permanecer distanciado, é capaz de pedir ajuda e de colocar em ação os recursos disponíveis para preservar a vida. Isto implica em uma estrutura egóica preservada para, mesmo nas descidas mais profundas, ter capacidade para agir em favor da vida. Caso isto não aconteça, o risco de permanecer no mundo inferior – na

depressão, portanto – é grande. A serva Ninshubur também pode ser vista como a família e os amigos que dão apoio à pessoa que viveu a perda.

As lágrimas redentoras

As lágrimas podem ser redentoras e curativas. Elas podem lavar as feridas da alma. Há um tempo em que não há mais nada a fazer a não ser chorar e chorar, mas é preciso permitir que as lágrimas escurram livremente:

“Eu choro, eu também estou chorando, porque no meu trabalho eu também não posso mais chorar, todo mundo fica preocupado comigo, não posso mais chorar. (...)”(Clara)

Clara sente que não encontra mais lugar para chorar, pois seu choro deixa as pessoas preocupadas. O que ela quer dizer com isto? Que ela não se permite dar vazão a seus sentimentos, a encontrar este lugar externo (e principalmente interno) para expressar seu pesar?

Leonard (1997) escreve sobre o poder redentor e transformador das lágrimas. Explicitando um sofrimento intenso, são capazes de atravessar o muro das defesas da mulher a fim de que sua vulnerabilidade possa ser aceita e suas feridas curadas. Ao liberar o choro, há um reconhecimento dos limites, da fragilidade e impotência frente à situação. Segundo Leonard é comum serem interpretadas como lágrimas de fracasso, porém sua função é suavizar o terreno para frutificar o novo crescimento. Por trás da raiva e da mágoa podem estar escondidas as lágrimas que, se aceitas, conduzem ao amor e à compaixão. Estés (1994, p.499) também atribui às lágrimas uma função de proteção, pois favorecem a consciência: “Não há a menor chance de se voltar a adormecer quando se está chorando”. Não é mais possível negar, fugir, racionalizar ou fingir que nada está acontecendo quando as lágrimas brotam sem parar.

Mais uma vez recorro ao mito de Eros e Psiquê para analisar o tempo das lágrimas. A cada vez que recebia uma tarefa, Psiquê se sentia derrotada e, em seu desespero, desejava de acabar com a própria vida. Neste momento recebia auxílio e orientação para realizar a difícil tarefa. Foi quando reconheceu e aceitou sua limitação e dor, que foram acionados os recursos internos para ajudá-la. Em muitos momentos, entregar-se ao processo – sentar e chorar, sentar e esperar – é a única coisa que se pode fazer, o que representa uma rendição dos projetos e anseios do ego em favor do Self. Jung (1929/1981a, p.39) fala sobre isto: “[...] Só sei de uma coisa: é que, quando meu consciente encalha por não encontrar saídas viáveis, minha alma inconsciente vai reagir a essa estagnação insuportável”. Esta é uma situação arquetípica que aparece em muitos contos – e para a qual a ajuda vem de formas inesperadas.

O choro abre as portas para a alma, derrete o coração enregelado, e repara os danos e rasgos da pele onde havia um vazamento de energia. No grupo, Clara encontrou um lugar para suas lágrimas, que vieram em muitos momentos. Quietinha, em seu canto, ela chorava.

Novamente temos aqui a imagem da *solutio*, que pertence ao elemento água. Imagens da *solutio* são o banho, a chuva, a imersão na água, o afogamento, a inundação, o derretimento, o batismo e também a fragmentação e o desmembramento. Seu significado está associado à dissolução das formas e à purificação para o renascimento de uma nova vida. Para Edinger (1990a) a experiência da *solutio* “dissolve” os problemas psicológicos através do sentimento.

A participante Lia reconhece que precisa aprender a chorar:

Lia – Eu (estou) fazendo o exercício, exatamente contrário. Preciso muito aprender umas técnicas(se refere a chorar).

(...)

Beth – Aprender a chorar?

Lia – Eu sou exatamente o oposto.

Na entrevista inicial Lia relatou que, assim que se separou, “sublimou” seu sofrimento, levou como “trator”, pois estava muito envolvida com o fim de seu curso. Meses depois é que entrou em contato com sua tristeza: “*estou sofrendo mais agora do que no ano passado, não é um tempo, é um The End mesmo*”, ela disse. É quando se dá conta que a separação é definitiva que a dor surge mais intensa. No grupo ela se conscientiza da necessidade de dar vazão a seus sentimentos e de valorizar as lágrimas.

Mas as lágrimas também podem inundar, afogando a mulher. Há o risco de permanecer na atitude queixosa de autopiedade, de eterna vítima impotente. Neste tipo de choro não há cura ou transformação. Este tema surgiu em um desabafo de Dora:

*“Dora - Mas escuta: quando qualquer uma de nós casou, juntou, ou resolveu morar junto, você sabia se iria dar certo ou não? Eu casei para dar certo, qualquer uma de nós aqui casou, juntou, ou sei lá o quê, para dar certo, não deu certo por A por B, filha, minha prima diz isso, escorrega, cai, levanta e sai; você tem outra opção? Não, aliás, tem: ou você fica **chafurdada na lama** ou você vai encarar a vida. Se você quer a lama você fica, senão você dá a cara a tapa, você sai fazendo, rodando, batendo, entra no movimento e sai.*

Coordenadora – Agora... tem um tempo... tem um tempo que chafurdar na lama é importante também.

Dora - Não estou dizendo que eu também não chafurdei na lama e que, às vezes, não chafurdo.

Coordenadora - E você está reconhecendo hoje também, já que você falou que sentiu tristeza.

Dora – Sim.

Coordenadora - E isto é importante.

Dora - O que eu falo para ela eu falo para mim também.

(...)

Dora - Porque às vezes, eu me empolgo... enfim, não é um vomitório em cima de você, a coisa é de tomar posse. Está bom: você está na lama, aproveita bastante, porque na hora que eu sair da lama eu não quero voltar mais.”

Dora fala que não quer ficar na “lama”. Há uma dificuldade para lidar com a tristeza, com a perda. Neste encontro, que foi o penúltimo do grupo, Dora havia comentado que pela primeira vez durante a semana sentiu-se desamparada, muito triste e “brava” com a perspectiva de término do grupo. Como em outras ocasiões suas falas são enfáticas, dramáticas e nesse citado trecho ela está se dirigindo à participante Miriam que falava de sua tristeza. Percebe-se que a reação de Dora é de impaciência com os sentimentos de tristeza e dor. É mais fácil brigar e esbravejar. Por outro lado, mesmo sendo uma manifestação de sua dificuldade, não teria ela alguma razão em alertar para o risco de chafurdar demais na lama? De encalhar no pântano lodoso e com isto perder o chão e afundar? Há o tempo de chorar, de gemer no mundo inferior ao lado de Ereshkigal, mas um dia, as lágrimas param de jorrar.

Miriam questiona seu choro:

*“Hoje chorei muito, muito na rua, como que pingava, pingava, mas não consegui perceber isso, o que de novo, de dentro da dor me pega e dói. Eu queria saber o que estava doendo. E hoje eu consegui perceber que uma parte não valia a pena, não justificava ser tão chorado assim, entendeu? **Que dor era essa**, não é? Em que momento? Sinceramente... Eu estou até desconfiada dessa dor.” (Miriam)*

O choro começa a não fazer muito sentido. É um momento importante e delicado quando surgem as perguntas: afinal, porque é que estou chorando tanto? De onde vem tanta dor? Se não houver um bloqueio ou racionalização, este pode ser o início de uma transformação. Por que em geral as lágrimas são derramadas por muita coisa que vem a tiracolo com a perda do relacionamento e oferecem a oportunidade de um encontro com a dimensão interior. O questionamento que vem pelo sofrimento pode ser um verdadeiro despertar para a individualidade. É o que escreve Carotenuto (1994, p.205):

[...] mas este sofrimento profundo nos faz perceber que temos uma existência interior. [...] naquele momento nossa alma está gritando, e o que lhe ocorre é somente dar ouvidos à sua mensagem: deve-se, pois, aprender a manter um diálogo consigo mesmo de maneira individual, com uma linguagem pessoal.

Lugar do prazer
Do querer conhecer
Do querer abrir-se
Do querer ser tu.
Desvendar-te.

Ah! Sabor de segredo...
Rasga-me a carne
Retrai-me inteira tão inocente exploração!
Reação imprópria
Por eu duvidar que posso por mim mesma buscar esse sol,
saciar esse gosto bom de respirar e ser feliz simplesmente?

Se o outro me ensina isso.

Qual o problema?

Não quero mais ter vergonha de sentir prazer,
De ter necessidades ou desejos.
Reivindico esse direito.
Essa é a justiça que cometo:
Resgato-me inteira, livre, responsável

(Kátia Bastos)

4. O segundo momento do grupo – Retrospectiva e linha da vida

Após analisar os temas mais significativos apresentados no capítulo “Localização e reconhecimento das feridas”, inicio a apresentação do trabalho realizado com o grupo através das histórias pessoais das participantes. A partir deste bloco que compõe a análise do material o foco agora passa para as intervenções e atividades realizadas no grupo, seus efeitos e conteúdos mobilizados.

Todo acontecimento marcante em nossas vidas apresenta várias interpretações e significados possíveis. Especialmente quando se trata de fatos ou eventos dolorosos, temos que partir de algum ponto para poder assimilar, aceitar, integrar, transformar ou pelo menos aprender a conviver de modo razoável com a nova situação que foi desencadeada pelo acontecimento. Este ponto de partida pode ser percorrer a própria trajetória vivida até o momento, na tentativa de reconstituir o passado para buscar significados e traços em comum com a vivência atual. É comum a busca no passado de razões e culpados para a dor e o sofrimento do presente a fim de obter algum alívio ou para se eximir de um julgamento interior às vezes extremamente severo. Mas também se pode percorrer a biografia para inserir a vivencia atual dentro de uma perspectiva mais ampla de vida sem necessariamente representar uma investigação de causas ou de possíveis culpados e inocentes seja no passado distante ou mais recente. Foi com este propósito que escolhi este ponto de partida com o grupo neste segundo momento: resgatar a própria história através de um novo olhar que permitisse re-significar a experiência da separação através da escrita autobiográfica e da realização da linha da vida utilizando material de desenho e pintura.

Um olhar abrangente sobre a biografia pessoal pode favorecer uma atitude reflexiva sobre os fatos concretos. Possibilita também o reconhecimento de qual foi o repertório vivido, quais os traços e eventos mais marcantes e característicos tecidos na trama, identificar o que foi deixado para trás, e talvez acessar algum propósito ou direção ocultos nas entrelinhas do texto que já foi escrito. Hollis (1995) escreve que é necessário fazer a distinção entre o que somos e o que nos aconteceu, caso contrário seremos prisioneiros dos fatos que nos moldaram, sem a participação de nossa consciência e de nossa escolha.

De maneira sintética é possível ver a essência do processo de individuação como a busca do sentido da jornada individual juntamente com a capacidade de assumir a responsabilidade por ela. Descobrir os mitos que nos guiam, as imagens internas que nos movem e com isto sermos responsáveis pelas escolhas feitas são desafios da individuação

pois esta se realiza através da maneira como enfrentamos a nossa sina e dentro dos limites impostos por ela (HOLLIS, 1995).

A escrita autobiográfica ao ser realizada na terceira pessoa, começando com “Era uma vez” e com a liberdade de situá-la em outro tempo e espaço (esta foi a instrução dada para a tarefa a ser realizada em casa), introduzia o elemento de fantasia e poderia proporcionar uma observação mais distanciada da jornada: a própria história era recontada por uma testemunha única. A atividade não visava apenas acionar este testemunho, mas o ato em si da escrita já poderia ser mobilizador e representar uma conexão viva com a própria trajetória: debruçar-se sobre a tarefa, despertar as lembranças, a seleção do que iria ser relatado, a sequência dos acontecimentos, desenvolver a sua versão e leitura dos acontecimentos, etc.

Para escrever esta seção selecionei trechos das histórias escritas e das imagens da linha da vida, intercalados com alguns comentários que se seguiram às atividades a fim de ilustrar o que foi mobilizado, pontos em comum entre as participantes e as reflexões suscitadas. Em alguns momentos deixei as próprias palavras e imagens falarem por si.

4.1 Era uma vez...

No segundo encontro do grupo eu havia solicitado uma reflexão a respeito das figuras masculinas importantes de suas vidas a partir da figura paterna. Este exercício realizado no grupo foi um aquecimento para a tarefa de escrever em casa a autobiografia. Nem todas as participantes trouxeram suas histórias escritas no encontro seguinte: quatro das sete mulheres que compunham o grupo naquele momento realizaram a tarefa (Suzana, Dora, Beth e Lia). Apresento a seguir um resumo de suas histórias que se encontram na íntegra no anexo X.

Suzana conta a história de Estela, uma menina criada em um ambiente seguro e feliz, cercada de bonecas. Inocente e dedicada à família, teve um namoro sério que depois de dois anos terminou, fato que a entristeceu muito. Conheceu depois outro rapaz que se tornou seu marido. Descreve a vida de Estela como perfeita e feliz. Teve três filhos, viajou muito, sempre pronta para acompanhar seu “*querido marido*”.³⁶ Conta da morte de seu pai que a abalou muito, acentuado pelo fato de não contar com o apoio e solidariedade do marido neste momento. Estela sempre teve na religião uma fonte de força. Mas justamente quando pensava em se aposentar – depois de 32 anos de casamento – seu marido saiu de casa dizendo que ia fazer um caminho de espiritualidade que se revelou depois na liberdade de ter uma outra mulher. Suzana termina a história de Estela falando de sua grande desilusão, mas que está esperançosa e aberta para descobrir novos caminhos.

A história de **Dora** conta de uma linda princesinha que vivia muito feliz. Curiosa, um dia ela entrou na floresta do desencantamento e lá conheceu o que havia de ruim no reino. Cansada, adormeceu e teve um sonho com um ogro que lhe rogou uma praga: para ser feliz ela deveria se casar com alguém diferente de sua espécie e abrir mão de sua auto-estima. Ao acordar assustada, se esquece da bolsa onde levava seus valores. Perdida na mata, uma árvore falante a faz prometer nunca revelar seu sonho a ninguém caso contrário ele se realizaria. Anos depois conhece um homem andando a cavalo que se encanta por ela. Conversaram muito e a princesa acaba contando a ele seu sonho. O homem se mostrava gentil e ela acabou se casando com ele. Tiveram dois filhos lindos e parecia tudo bem, mas 12 anos depois, a energia da princesa não era a mesma. Um dia ao olhar-se no espelho se vê “*velha e desgastada*” e percebeu que o homem com quem se casara era o ogro do sonho. Munida de coragem com as poucas forças que lhe restavam saiu do castelo com seus filhos. Dora termina sua história afirmando sua certeza de que dias melhores virão.

³⁶ Coloquei itálico e aspas para algumas expressões utilizadas pelas participantes que considerei significativas.

Beth começa sua história falando de uma menina que queria ser médica para cuidar dos avós que adorava. Quando tinha 11 anos eles faleceram o que a deixou muito triste por 5 anos: vivia num “*mundo à parte*”, isolada, “*tudo era sem graça*”. Sonhava em ter uma família grande. A mãe a incentivava a ser uma moça prendada e o pai e o irmão estimulavam seus estudos. Formou-se, começou a trabalhar e se desenvolver profissionalmente na área artística. Mas segundo ela isto foi “*interrompido*” por seu casamento e a chegada dos filhos. Conta que teve que ir à luta para ajudar no orçamento doméstico e que foi um período de economia e alguma privação. Anos depois, perdeu seu pai e seu irmão, fatos que a deprimiram muito. Fez terapia e retomou sua atividade artística. Mas sofreu novo abalo pelo “*abandono*” do marido, que lhe trouxe sensações de “*medo, tristeza e liberdade*”. Finaliza afirmando que ela não sente saudades de nada a não ser a falta de seu pai e irmão e que a arte é sua grande “*paixão*”.

Lia inicia sua história com o nascimento de uma linda menina em um país distante na Europa. Logo depois ela e seus pais emigraram para a América do Sul. Descreve o nascimento de seu irmão, seus sucessos na escola e o ambiente politizado em que vivia. Logo ela se envolveu em passeatas e com a causa da justiça social. Seus pais se separaram e ela ficou com a mãe. Conta que seu pai “*desapareceu*” e só foi reencontrá-lo anos mais tarde. Também relata o assédio sexual que sofreu de um tio que a deixou “*muito triste e com muita raiva*”. A adolescência da garota foi marcada por rebeldia e aos 18 anos foi morar em outro país por um ano. Seguiram-se viagens para outros países, nas quais aprendeu outras línguas e fez muitas “*descobertas*”. Ao voltar para o Brasil, começou a trabalhar com sucesso e teve um relacionamento com um rapaz que inicialmente estava casado. Quando ele se separou, passaram a morar juntos, mas não deu certo. Logo depois conheceu outro rapaz, também casado e que depois se separou. Viveram juntos por muitos anos, mas ela nunca achava que “*aquela era a sua casa*”. Seu companheiro teve muito sucesso na carreira e os dois viajaram muito, mas ela, sem perceber, acabou “*virando outra mulher*”. Começou a fazer terapia e resolveu retomar os estudos: voltou a ter projetos e ideais, mas sua relação amorosa foi ficando “*morna e desrespeitosa*” e decidiram se separar. Foi muito triste, mas continuam se vendo de vez em quando e no momento ela se dedica à sua carreira. Termina dizendo que tem muito orgulho de sua história.

Alguns pontos se destacam nas histórias: Suzana e Beth, muito ligadas às famílias, relatam perdas significativas como a morte do pai e no caso de Beth, também do irmão e, quando menina, dos avós. Há a menção de sonhos, projetos e atividades que foram abandonados ou interrompidos durante o relacionamento, de forma mais nítida nas histórias

de Beth e Lia. Dora se vê diferente, sem “energia” depois de anos de casamento assim como Lia que diz ter se transformado em “outra mulher”. Beth e Suzana relatam a separação pelo abandono do marido: foram deixadas. Já Dora optou por sair do casamento e Lia tomou a decisão junto ao companheiro. Chama atenção a história de Dora que traz um enredo de conto de fadas e o feitiço do ogro. O desfecho das histórias traz esperança (Suzana, Dora) assim como resgates e investimentos na vida profissional (Lia, Beth).

Passarei a analisar alguns aspectos significativos tanto dos relatos escritos quanto dos comentários que surgiram no grupo a respeito da atividade³⁷.

Modelos masculinos

O exercício de retrospectiva da própria história trouxe questionamentos para a participante Beth:

“Eu fiquei a semana toda pensando, qual a relação, você falou assim, que a gente tem um modelo na infância, eu cresci com um modelo, eu amava o meu pai, eu era muito amiga do meu irmão, tipo assim, meu pai também nunca bebeu, nunca fumou, respeitava minha mãe, não berrava, não era grosso com a minha mãe, coisas que o meu marido foi a vida inteira comigo; e o meu irmão era uma gracinha, a gente se dava super bem, apesar de que eu fui criada pra casar, eu era obrigada a fazer as coisas pro meu irmão, tipo assim, à noite, eu lembro que eu namorava já com o J, a gente ficava vendo televisão na sala da minha casa, daqui a pouco vinha meu irmão e falava: B vem arrumar minha cama. Eu era obrigada, imagina, com dezessete anos, ir lá tirar a colcha, colocar o acolchoado pra ele poder dormir; eu não me revoltava com isso, porque eu já estava acostumada, mas tudo bem, eu fazia, né? Agora eu fiquei pensando qual a relação, como é que eu fui escolher um homem totalmente diferente dos que eu tinha de modelo? Como é que eu fui parar na mão de um homem assim? Eu fiquei martelando na minha cabeça, não tem explicação, um homem oposto de tudo, oposto?”(Beth)

Como vimos o pai e muitas vezes o irmão são os primeiros portadores do arquétipo do masculino e são a base de seu *animus* (LEONARD,1997; ZWEIG,1994). Evidencia-se na fala de Beth que as imagens idealizadas de seu pai e irmão possivelmente a mantiveram prisioneira desta idealização. A busca de um parceiro com características opostas às de seu pai e irmão revela que nenhum homem real poderia estar à altura deles. Como aponta Zweig (1994, p.183):

algumas mulheres buscam aqueles que sejam os opostos de seus pais, suas qualidades sombrias, pois essas mulheres estão determinadas (mesmo sem o saber) a não recriar o relacionamento pai-filha.

Há também um modelo de subserviência ao masculino (arrumar a cama do irmão) que de certa forma ela reproduz em seu casamento que durou mais de 20 anos mesmo em um

³⁷ Para facilitar a diferenciação entre as histórias escritas e as falas das participantes, tais conteúdos foram apresentados em formas diferentes. Mantive itálico para as falas e utilizei fonte distinta para os escritos.

ambiente de brigas e grosserias. O complexo paterno atuante parece perpetuar uma relação de submissão a um relacionamento patriarcal. Os complexos parentais são descritos em sua autobiografia:

"Enquanto a mãe pretendia direcioná-la para ser uma "prendada moça do lar", o pai e o irmão sempre a incentivavam a estudar e a ter uma profissão. Foi assim que ela se formou em Desenho Industrial ficando muito feliz ao obter seu primeiro emprego" (Beth).

O impacto da morte de ambos – pai e irmão – em curto espaço de tempo, a levaram a uma depressão:

"Em pouco mais de um ano, perdeu seu pai e seu único irmão. Isto ocasionou-lhe uma profunda depressão. Passou a fazer terapia bem como a se medicar. Isto durou 5 anos. Por aconselhamento médico voltou à arte como forma de terapia. Eis que então, novo abalo. Desta vez, oriundo do abandono do marido, o que veio a provocar-lhe uma simultânea sensação de medo, tristeza e liberdade.

Hoje, quando olha para trás, não sente saudades de nada, apenas se dá conta da falta do pai e do irmão a quem tanto amava. Hoje a sua arte é a sua grande paixão – foi para onde ela direcionou todo o seu sentimento." (Beth)

Neste pequeno trecho de sua história evidencia-se como as figuras masculinas do pai e do irmão ainda carregam parcelas da projeção de seu *animus*. Hoje através de sua atividade artística ela canaliza e realiza expectativas incentivadas por eles no passado.

A partir deste exercício, Lia também fez descobertas sobre os modelos masculinos de sua vida:

*"Olha que estou fazendo análise já há um tempão, mas é difícil de eu me pegar; essa coisa de pensar, por exemplo, nos padrões masculinos da minha vida foi um exercício que eu jamais tinha feito, e eu fiquei surpresa, inclusive eu sou meio movida à repetição mesmo, a repetição dos meus modelos masculinos, geralmente não foram os dez mais, até brinquei com ela, não foram uns modelitos mais exemplares, então, também, até na hora de falar, por exemplo, sobre a vida amorosa, eu desviei, eu sai meio fora; fico mais no concreto, programado, mais sistemático (...) com histórias com homens, sejam eles, pais, tios, irmãos, nunca fui muito feliz, pelo contrário... sempre teve coisas pesadas, então, eu acho que para evitar o desprazer eu... **deixa ficar mais na superfície...** e isso foi uma coisa que eu percebi aqui, eu vejo inclusive na intensidade das pessoas, nos relatos das separações.*

Lia atribui sua forma de expressão mais concreta a um recurso para evitar contato com a dor. Ela se dá conta de experiências difíceis e pesadas em relação às figuras masculinas de sua família como modelos inadequados ou ausentes. Sua reação de rebeldia característica de uma "amazona de couraça", possivelmente foi uma consequência das feridas na relação pai-filha que ela descreve em sua história:

"Seu pai desapareceu e ela só foi reencontrá-lo muitos e muitos anos mais tarde, tantos que ele nem sequer a reconheceu! Durante muitos anos essa garota sofreu o assédio sexual de um tio dela que tinha idade para ser seu avô! Foi um horror e ela foi ficando muito triste e com muita raiva" (Lia).

Leonard (1997) descreve que a mulher no padrão da amazona identifica-se com as funções masculinas ou paternas que atuam como uma armadura e proteção contra a dor do abandono ou rejeição pelo pai. Esta identificação ocorre em mulheres realizadas profissionalmente, independentes, ou que lutam por ideais, como fica explicitado na história escrita por Lia.

Os sonhos da menina – e os desvios de rota

Em geral, as histórias começam com imagens de uma linda menina ou princesa encantadora, cheia de sonhos e de vida. Mesmo no relato de Beth que não descreve um cenário idílico de flores ou de felicidade, havia o sonho de ser médica para cuidar dos avós. Nos outros relatos ficam evidentes a alegria, a espontaneidade ou a inocência da menina. Ainda que as instruções do “era uma vez” para a tarefa sugerissem que as recordações fossem permeadas por elementos de fantasia, é interessante que a menina espontânea, feliz e sonhadora fosse a marca inicial em suas histórias. O exercício parece ter permitido o acesso ao arquétipo da criança interior em sua faceta feliz e vivaz: inocente e crédula como descreve Suzana, alegre e popular como a princesinha de Dora ou inteligente e criativa como a menina de Lia. Já no relato de Beth, mais sintético, sua história praticamente se inicia com a perda dos avós aos onze anos seguida por um período de isolamento – uma imagem da criança abandonada e só:

“Ela passou a viver num mundo à parte, se isolou, brincava só, não sorria muito, não tinha muitos amigos, tudo era sem graça. Passou a sonhar em ter uma família grande, imaginava-se sendo uma boa mãe, boa esposa e dona de casa, tudo isto numa casa muito bonita.”
(Beth)

Beth não menciona o período mais remoto de sua infância, mas certamente um grande marco foi esta perda na pré-puberdade. Nos outros relatos o paraíso da infância também é interrompido ou parcialmente frustrado mais cedo ou mais tarde: a princesinha entra na floresta do desencantamento, a menina de Lia presencia a separação do pais e é assediada pelo tio, e Estela (Suzana) jovem, sofre sua primeira decepção amorosa. Eventos e frustrações mais ou menos dolorosos fazem parte das experiências de vida através das quais o ego pode se fortalecer e se estruturar no mundo. Alguns sonhos da infância se concretizam, mas outros foram deixados para trás. Alguns talentos podem ter sido abandonados, escolhas foram feitas. Rotas iniciais eventualmente se desviaram. Conquistas e perdas se sucedem. Constituem as aquisições e desafios da primeira metade da vida, em que nos adaptamos ao mundo externo.

Mas na segunda metade da vida, como é a etapa em que estão estas mulheres, as coisas mudam de figura. Há um apelo da psique à integração e à totalidade no processo de individuação, o que costuma exigir um olhar para dentro e um reposicionamento do ego. O fim do relacionamento neste momento da vida também pode ter trazido à tona alguns dos talentos esquecidos, aspectos da essência original que podem reaparecer, revisões que se insinuam através deste contato com a imagem da criança. Retomamos aqui o tema da criança arquetípica que foi abordado quando analisei a solidão e o desamparo vivenciados na separação (pág. 155). Lá o foco foi a criança abandonada, órfã da proteção que o casamento oferecia. Aqui, principalmente nas biografias de Lia, Suzana e Dora, configura-se a criança como jovialidade e inocência, outras facetas do arquétipo. O acesso à criança interior pode ter um significado especial neste momento e representar uma ponte com o que foi perdido e negligenciado ao longo da vida, refazer o percurso e recuperar o ponto em que pode ter ocorrido algum desvio.

Hollis (1995) aponta a necessidade de conexão com a criança interior na passagem da meia idade: precisamos perguntar-lhe o que ela deseja. Restabelecer o vínculo com a criança dentro de nós representa uma fonte de cura e renovação.

Hillman (1981, p.62) apresenta uma visão abrangente do arquétipo da criança, relacionando-a ao imaginal e mítico: “É preciso que o adulto retorne à infância para reencontrar a imaginação”. É a criança que dá as indicações para o futuro, afirma. Neste sentido desenvolve a idéia de Jung sobre o motivo da criança ser representativo não apenas de algo do passado, mas de um sistema que existe no presente, com o propósito de compensar ou corrigir a unilateralidade da consciência.

Escrever a história começando por “era uma vez” parece ter permitido esta conexão com o mundo da imaginação, uma abertura para a fantasia onde reina absoluta a criança:

“Então a história foi uma história... mas, eu achei... (...) não é iludida, mas assim, de um ponto de vista bem mais romântico, bem mais, não é fantasia no sentido de criação, mais assim, light no que foi escrito nos contatos com os pais, com o pai não, com as figuras, no último exercício que eu escrevi, eu senti mais pesado, na história eu achei que fluiu. Então, por exemplo, tinha assim descrições de lugares, aromas, tinha umas flores, então eu achei que... e fui contando, coloquei algumas perdas... mas foi simples, muito simples, tanto das coisas legais, das conquistas e das perdas; mas o que apareceu muito era assim, era muito mais com detalhes tipo flores, eram coloridas, ou então... aquele perfume e ela toda assim... feito uma... eu achei assim um pouco conto de fadas; lá no outro e no outro era a mesma história...” (Suzana)

Para Suzana o exercício da escrita permitiu maior fluidez à sua história do que a fala. Abriu-se um canal para a dimensão do imaginal que Hillman aponta. A mesma história

recontada e colorida pela imaginação tem o poder de reescrever a história real acessando novas paisagens internas.

O animus negativo

A história de Dora ocorre num clima de encantamentos e feitiços. É interessante ter retratado a figura do ogro que lança um feitiço sobre ela:

“Teve um sonho no qual se deparava com um ogro fedido e maltrapilho que bradava aos sete ventos, rogando uma praga: a princesa só seria feliz caso se casasse com alguém de uma espécie completamente diferente da sua. Alguém que tivesse o poder de realizar seus sonhos mais profundos, mas a quem a princesa deveria entregar sua auto-estima e o seu amor próprio (...)” (Dora).

Ogros, bruxos ou gigantes nos contos de fadas são imagens recorrentes do *animus* negativo. Em geral a heroína é feita prisioneira ou é ameaçada por um ser poderoso e maléfico e só depois de muitas peripécias é que consegue ser salva por alguma figura masculina positiva. Uma interpretação para este enredo é que a recuperação só ocorre quando são acionados aspectos mais positivos do *animus*. É comum a intercessão de figuras femininas (fadas, mulheres idosas) ou da natureza instintiva (animais) que protegem ou aconselham a jovem, criando uma barreira e fortalecendo o ego. O alicerce no feminino, através da Grande Mãe positiva muitas vezes aponta um caminho de cura e redenção. Às vezes a heroína terá que percorrer um longo caminho de dificuldades e desafios a fim de corajosamente poder desarmar o homem sinistro em sua psique. Estés (1994), em sua análise do conto “O Barba Azul”, denomina “predador natural da psique” a este aspecto destrutivo do *animus* que “assassina” a criatividade feminina.

É bastante ilustrativo o relato de Dora a respeito de como ficou possuída por este predador. Enfeitiçada e seduzida pela projeção do *animus*, assim como aconteceu com a donzela quando aceitou se casar com Barba Azul, Dora se sentiu depois prisioneira quando a idealização deixou de ser o elemento de união e atração. Em sua percepção realmente o marido passou a encarnar os aspectos destrutivos de sua psique: ele era de fato o terrível ogro. Não temos elementos para uma análise mais aprofundada da dinâmica do relacionamento conjugal de Dora, mas sob a possessão do *animus* negativo e a projeção maciça em seu parceiro, é pouco provável que houvesse condições de uma tomada de consciência do quanto era uma questão sua e não tanto do parceiro. Como já vimos a projeção também atua sobre quem a recebe, que pode passar a agir conforme a expectativa do outro. É possível que o marido tenha sido de certa forma “compelido” a atuar a figura do ogro que estava no

inconsciente de Dora, ou dizendo de outra forma: ele ofereceu um bom gancho para ela pendurar sua projeção.

Patrimônio existencial

Miriam relata que começou a escrever a história, mas não chegou a trazê-la para o grupo, pois não conseguiu ir adiante. Mesmo assim, sentiu-se mobilizada:

*“(...) com esta tentativa de fazer a história que foi eu me perguntar quem sou eu, quem sou eu, como mulher; assim, esse olhar para trás desde menina. Tentando ver isso, eu **senti um aumento de energia**, não no sentido de nenhum projeto pro futuro; mas, assim, **esse olhar pra trás me energizou**, e eu me peguei no final numa perplexidade assim, nossa, como se fosse assim, **porque eu tenho tanto motivo para sofrer**, eu ouvi tanta história, tanta energia, não sei explicar como é que é, cada pessoa, principalmente, quando eu fui assim, entrei assim, como que na sintonia da relação de cada namorado, que foram poucos, né? Acho que no total foram seis, e um deles foi... não foi um namorado, foi uma pessoa que eu vivi junto sem ser com a intenção de marido e mulher, nem de namorado, mas que a gente teve um trabalho muito junto assim criativo, um trabalho bem longo mesmo; mas eu incluí essa pessoa sabe, incluí, apesar de não ter sido namorado, a gente morou na mesma casa; acho que até ficou uma referencia pra minha filha na primeira separação, e eu resolvi considerar ele na lista, porque foi uma pessoa especial; e foi muito interessante observar como o olhar para cada uma dessas pessoas com a distancia do passado como é diferente, e **como foi bom, como foi bom, isso me energizou demais; porque naturalmente não vinha a coisa da dor**, eu acho que como que a distância faz com que fique mais num tipo uma síntese da coisa assim, e a partir desses olhares todos, não sei, dessa retrospectão que se fez na semana passada eu acho que, como que olhar pra trás sozinho, fez com que cada relacionamento que eu olhei, como **que reconectou com alguma aquisição**, com algo que existiu, são histórias, **são aquisições, e eu me senti tão assim alegre** (...) mas, o que me chamou a atenção foi a energização porque isso, eu fiz essa retrospectiva hoje de manhã, me energizei muito, só em olhar para essas relações passadas. Eu acho que eu reconheci essas experiências como um **patrimônio vivencial**.”(Miriam)*

A retrospectiva foi uma experiência rica para Miriam: ela sentiu-se “energizada” e alegre ao lembrar seus relacionamentos anteriores. Sua leitura é de que suas histórias passadas foram “aquisições”, constituíram seu “patrimônio existencial”. Poder olhar sem dor para o passado forneceu-lhe uma visão a partir de outra perspectiva sobre sua história atual e a levou a questionar-se sobre o sofrimento de hoje. É como se ao dirigir o olhar para trás, pudesse haver um redimensionamento da situação atual. Ela explica:

*“Eu não carrego aquilo com a sensação de que elas continuam dentro de mim, eu tenho facilidade sabe, assim... Eu sou muito intensa se está acontecendo, mas quando acaba é como se eu quisesse pra já, entendeu assim? Vou sofrer tudo, mas assim também, passou aquilo, parece que não faz parte mais da minha história, não é por raiva (...). Tanto que eu fiquei olhando pra essas histórias hoje, **não eram histórias que eu tenho tristeza de olhar pra elas, mas é como se nunca tivessem acontecido, nunca, nunca**. Eu acho que tem uma negligencia minha talvez em relação a isso, sabe? De **não me apropriar** de uma certa maneira dessas coisas ou então elas estão ai e eu não presto atenção de que maneira elas estão; **mas prestar atenção nessas coisas agora me energizou bastante**.”(Miriam)*

É interessante a percepção de Miriam de não ter se apropriado das histórias anteriores, como se depois de passadas perdessem sua realidade. O exercício lhe trouxe justamente esta possibilidade de apropriação de seu passado, compondo seu repertório, seu patrimônio pessoal. Ao se dar conta de ter sido a protagonista e a testemunha de sua história, o resultado foi acessar uma nova fonte de energia. Percorrer a própria vida, fazendo uma releitura dos acontecimentos pode permitir a reescrita através do acesso a novos significados em relação aos mesmos fatos. Há a possibilidade de resgatar tesouros enterrados e legitimar a herança da qual se é o portador insubstituível. Conectar-se desta forma à própria história é conectar-se à própria alma e é inevitável ser vivificado por esta experiência. Aproveito as palavras de Estés (1994, p.464): “O fato de se ter passado por tudo isso é uma vitória do espírito profundo e selvagem

Neste mesmo sentido Lia se orgulha de sua história:

“Mas de uma coisa ela tem certeza: tem muita história para contar e se orgulha muito disso. Apesar dos altos e baixos pelos quais passou em sua vida, ela tem a sensação de não estar passando pela vida sem deixar sua marca” (Lia).

A retrospectiva também trouxe o seguinte comentário:

“Eu fico pensando na minha história, eu tive momentos felizes, eu fui feliz nesses vinte e quatro anos, sabe? Eu não tive só coisas ruins. (Beth)

Nestas duas falas, observa-se que paralelamente aos sentimentos de perda e decepções houve um despertar para os aspectos positivos do relacionamento e das experiências da vida. É freqüente sermos levados à uma leitura negativa da vida quando olhamos para a devastação e a derrubada dos sonhos que ocorrem no presente. Pode parecer que nada valeu a pena, que foi um desperdício, que só erramos ou fomos vítimas de um destino cruel. A reconstituição da própria história parece ter favorecido a apropriação e o reconhecimento de que há luz (e já houve!) mesmo quando vivenciamos os momentos mais escuros e sombrios. De que a vida tem seus ciclos, que há *“muita história para contar”*, de que não houve só *“coisas ruins”*.

2. A linha da vida

A realização da “linha da vida” seguiu-se à história autobiográfica. A instrução era para desenhar ou pintar em cartolina a representação dos marcos importantes ocorridos na vida. A forma de expressão era livre, a não ser pela única regra de registrar com uma cruz preta os momentos de perdas significativas, mortes concretas ou simbólicas. Esta atividade aconteceu no terceiro encontro. Clara e Suzana faltaram neste dia, mas Suzana entregou-me posteriormente sua produção.

Este trabalho foi inspirado em Estés (1994) que utiliza a idéia de “descansos” ou sepulturas. Os “descansos” são as cruzes encontradas ao longo de estradas ou caminhos que representam os registros de que naquele lugar aconteceu uma morte. Sugere que as mulheres façam estes descansos, assinalando com uma cruz ao longo de uma linha cronológica desenhada os pontos em que morreram partes de sua vida:

Criar descansos significa examinar sua vida e marcar os pontos em que ocorreram as pequenas mortes, *las muertes chiquitas*, e as grandes mortes, *las muertes grandotas* (ESTÉS, 1994, p. 453).

Esta é uma forma de prantear as mortes, as estradas obstruídas ou as emboscadas ocorridas durante a vida. Os pontos marcados precisam ser “lembrados”, mas ao mesmo tempo “esquecidos”, o que exige tempo e paciência. Nas palavras de Estés (1994, p.453) os descansos assinalam os locais das mortes, os tempos sombrios, mas são também “cartas de amor ao sofrimento”. Escolhi esta atividade por apresentar um potencial transformador em relação às perdas vividas. Quando choramos e prestamos as homenagens devidas até esgotá-las (tantas vezes quantas forem necessárias) estamos realizando os rituais do luto. Aos poucos a energia estagnada ou presa pode voltar a fluir para novos objetivos.

Após a escrita da história, as participantes estavam mobilizadas para dar uma forma concreta ao que havia sido discutido no grupo sobre suas trajetórias. Contar a própria história através da escrita exigiu uma organização das idéias: uma história tem começo, meio e fim. Por outro lado, desenhar a linha da vida favoreceu a expressão através de um canal menos racional, uma linguagem não verbal. A expressão plástica pode ser reveladora de conteúdos inconscientes, mesmo em produções com uma instrução tão específica como a da linha da vida. Furth (2004), em seu livro sobre o uso dos desenhos no contexto psicoterápico a partir da abordagem junguiana, aponta que as figuras dos desenhos trazem muita informação psíquica e podem fornecer insights valiosos.

não era só ele, era a A também, por quem eu me apaixonei. Ai aqui lá vem a noiva, aleluia(...) Aqui, isso devia ser uns dolarezinhos, uns dinheirinhos, em termos de patrimônio. Ai, no começo do ano começa com a morte da minha avó (...) e aqui, embora ela não esteja tão grafada de preto, porque dentro de mim ela não morreu; mas é um marco bastante importante (...) E a mesma amarra que eu sentia aqui, ela quebrou aqui (...) aparecia uma corrente que ela arrebentava assim (...) foi o meu grito de liberdade, quando, naquela noite que eu sai de casa e dei um basta, eu sai em 2007 e ai continua, coloquei a coisa, porque a coisa vai continuar (...) eu não sei como vai ser (...) eu gostaria que ela fosse cor de rosa”.

Dora fez três linhas amarelas dividindo seu papel em três faixas. Se acompanharmos esta divisão, vemos que na faixa superior há menos cruces e na inferior as cruces estão enfatizadas. A localização das figuras no papel pode dar algumas indicações. Embora Furth (2004) seja contrário a uma generalização absoluta, ele adota a sugestão de que a parte inferior do desenho está geralmente mais ligada ao concreto e à realidade, mas pode revelar insegurança e tendência à depressão, caso seja muito realçada. No caso da linha da vida de Dora estas cruces podem ter o significado de que suas maiores perdas lhe trouxeram insegurança. Outra ênfase dada por ela são seus diversos corações de tamanhos diferentes. Um fato que chama atenção é ter desenhado correntes na parte superior do desenho associadas à menarca. Sua primeira menstruação teve o significado de uma prisão, o que é um dado interessante a respeito de sua feminilidade. Em seu relato ela arrebenta estas correntes ao separar-se do marido (lado direito do papel) que é também a última cruz representada. Mas qual o significado de associar esta última corrente à primeira? Parece que ela via o casamento como uma limitação provavelmente associada à sexualidade ou à sua feminilidade.



Foto 2 - Linha da vida de Lia

(...) eu tive uma dificuldade, eu sou péssima para coisas manuais, assim, então eu fiz uma coisa bem basiquinha, não escolhi cores, eu fui só fazendo colorido para mudar (...) então eu acho que

eu coloquei aqui a primeira (cruz) que foi quando os meus pais se separaram eu devia ter uns dez anos mais ou menos. Aqui foi uma fase que eu fiquei durante muitos anos de minha vida com um tio com assédio sexual, foi pauleira; então, foi uma perda (...) depois, aqui foi quando o meu pai morreu mesmo que aí eu estava com vinte de dois, vinte e três anos, e aqui o ano passado quando eu me separei. Essa é maior até porque acho que é a mais recente. A única coisa, que eu assim pensei em fazer foi aquela subida, eu acho que a minha vida sempre está subindo.. E eu coloquei aqui um ponto de interrogação, exclamação, umas reticências, que eu, enfim, que está aí por vir Aqui era grama, era só pra dar base (...)E aqui como se fosse um vento levando as coisas'' (Lia)

O que mais se destaca nesta linha é o grande sol vermelho em formato de lua (mas que também se assemelha a uma galinha!) e que parece espirrar raios vermelhos. O sol pode ser visto como a luz da consciência, o intelecto e também como o principio yang, masculino (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1973). Seria um masculino sangrento ou sangrando? Esta imagem sugere as feridas no masculino parental. Estas feridas podem estar associadas a uma integração deficiente do masculino. A posição no lado esquerdo aponta também o significado deste sol estar ligado às origens e ao passado. A ênfase dada por Lia ao sol que ocupa grande parte do espaço do papel mostra que ela se encontra sob sua influência ou que esteve influenciada por esta energia até metade de sua vida (os raios alcançam quase metade da linha). Ela menciona as figuras masculinas do pai ausente e do tio inadequado que a assediou, o que denota mais uma vez um masculino ferido (e que a feriu). Furth (2004) sugere que o vermelho sinaliza uma questão “abrasadora”, de importância vital para a pessoa. A linha apresenta um movimento ascendente em direção ao futuro, o que pode revelar uma expectativa e disposição positiva de Lia em relação ao que está por vir.



Foto 3 – Linha da vida de Beth

*“Eu me vejo uma árvore, a minha árvore da vida, eu dei dois frutos que são os meus filhos; eu joguei com amarelo que é alegria, vida, sol; aqui é minha infância. Aqui na árvore eu tive coisas coloridas boas e os pontos pretos são coisas ruins; e uma coisa preta foi um ciclo que encerrou na minha vida, que foi a minha separação, só que eu virei borboleta, eu sou uma mulher livre, hoje eu estou voando (...) a vida continua; pra mim não tem marco, para mim é uma coisa só (...).Eu acho que no fundo, quando eu fiz as duas nuvens, eu tentei uma encontrar a outra, eu ainda **pretendo encontrar alguém**; então talvez seja isso, delas se encontrarem (...)Aqui é minha infância, colorida, alegre, eu tive uma infância feliz; apesar de ter perdas, mas eu tive uma infância feliz, e eu levei essa alegria, essa felicidade para aquela minha vida lá de casada, de dona de casa, de criar filhos.” (Bia)*

É interessante a escolha de uma árvore para representar a linha da vida uma vez que é considerada um símbolo da vida em evolução, de morte e regeneração, devido a sua verticalidade. É tanto um símbolo fálico quanto ligado ao materno e feminino. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1973). Beth não desenhou raízes, usou as três cores básicas em seu lugar, parecendo caixas, fontes de energia vital. O uso das cores básicas na base revela uma riqueza potencial, mas que parece não estar sendo plenamente realizada, está “encaixotada”. A impressão que este desenho passa é de uma árvore organizada, mas certinha e contida. É tudo muito simétrico e pareado. O número dois sugere a temática do par, do casal que se desfez e que quer se refazer (em sua fala ela menciona que as nuvens representam a possibilidade de uma nova relação). Pode-se vislumbrar um rosto. A linha preta na copa da árvore dá a sensação de abafar e reprimir e por ser na copa da árvore (no lugar da cabeça) traz um peso às suas idéias e pensamentos. Beth associa este risco preto à sua separação, um “ciclo que encerrou”. Mas, ao mesmo tempo, o preto na parte superior da copa parece impedir o seu crescimento já que a tendência da copa é ir para cima, expandir-se. Isto é de certa forma compensado pelas borboletas acima da árvore pois, segundo ela, quer dar asas à sua vida, “borboletear”, permanecendo no efêmero. As borboletas também são símbolos de renascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1973).



Foto 4 – Linha da vida de Mirian

“Bom, é, acho que eu gastei muito tempo aqui, para tentar pegar um ponto de partida, e parece que não ia sair nunca daí, que era o meu comecinho de tudo, e esse comecinho eu senti que o que marcou pra mim é exatamente, os tesouros que meu irmão ensinou eu ver, que eu tinha. Ele nem sabe que eu assistia, eu só assistia, **eu tinha um grande olho só olhava tudo** (...) então eu estou sempre olhando tudo (...) mas aí me veio um coleguinha que tive na escola, eu era bem pequenininha, que ele morreu, então aparece que o **meu primeiro encontro com a morte** foi isso, na verdade durante o processo, quando eu comecei e num dado momento, **juntou todas as mortes aqui**, porque parece que o grande barato foi descobrir que **existia a morte, todas elas couberam numa única cruz** (...) numa parte de dez anos: morreu ele, morreu meu pai, morreu minha mãe e eu percebi que as perdas no relacionamento elas não apareceram aqui, assim, dessa maneira tão particular, mas como se fosse a morte. Então, esse meu colega ele foi inesquecível pra mim, não sei, eu era tão pequenininha, mas quando ele morreu muitas coisas aconteceram dentro de mim, inclusive imaginar se eu gostava dele e se ele gostava de mim, foi a primeira vez que eu me perguntei se alguém gostava de mim e se eu gostava de alguém, eu nunca soube distinguir esse sentimento (...) esse pedaço aqui foi tudo, pré-adolescência, toda a onipotência, prepotência, autoritarismo do meu pai (...) coube tudo aqui, e os namoros, tudo, casamento; e tudo mais começou a vir para cá, aqui a sensação de que essa minha experiência de vir pra São Paulo é como se ela começou a criar um mundo, independente dessa história toda de pai, de mãe, sabe? Assim, me senti totalmente desenraizada, a sensação que eu tenho é que me transplantei na verdade (...) nesses dez anos, na hora que eu estava nesse momento aqui, é como se a sensação saiu uma coisa aqui de dentro, mas a forma que aparecia, não preenchia o que eu estava sentindo (...) mas aí descobri é como se fosse, podia ser o pescoço, podia ser a metade do corpo, e essa forma tem aparecido em varias coisas espontâneas que eu tenho feito. Que eu nunca sei se eu estou, se está saindo essa parte no corpo ou se está saindo essa parte no corpo também, então teve uma hora que eu falei assim, aqui pode parecer um queixo (...). Teve uma hora que se eu fizesse assim poderia ser um esboço de um rosto, uma boca (...) me pareceu que podia ser a lateral de um corpo (...) aqui quase apareceu o rosto também, e aí no final que eu fui botar esse branco, **me deu vontade muito grande do branco**, de botar mais cores, é que não deu tempo de preencher; e aí no final ficou parecendo uma **pessoa que eu não sabia que ela estava escorregando pra dentro deste redemoinho ou se ela estava subindo**, eu falei assim aí, meu deus do céu, **não sei se eu estou encarnando para dentro de uma coisa ou se estou desencarnando, e é como eu estou meu sentindo, eu não sei se eu estou morrendo, não sei se estou nascendo, entendeu?** Então foi meu sentimento mais forte que ficou de tudo isso, parou onde eu estou; e a partir de lembrar as histórias de hoje é que eu tive a sensação que eu estou, eu sinto, **eu tive vida há pouco tempo, só que eu estava esquecida disso**. Mas vendo essa imagem hoje, é como se, eu acho que eu estava ascendendo, eu tive uma sensação muito grande, como há muito tempo, de como se **fosse um novelo de lã que era só desfazendo, dismantando, como se tivesse perdendo o corpo mesmo**, acho que era isso. E hoje eu fico sem saber, assim, se eu estou nascendo ou se eu estou morrendo, não sei, e aí é uma coisa que é muito difícil pra mim.” (Miriam)

O desenho de Miriam é bastante expressivo, com cores intensas e muito movimento, o que me trouxe diversas impressões e associações. Ela não utilizou uma seqüência cronológica ou linear para sua linha da vida, mas o movimento presente dá a sensação de um organismo vivo. A imagem de um grande olho amarelo ocupa a parte esquerda do papel e há também um olho pequeno na margem esquerda inferior. Que significado podem ter estes olhos? Miriam associa ao que aprendeu observando seu irmão. Um olho que assistia a tudo. Lembro que na atividade do primeiro encontro do grupo na escolha dos objetos, Miriam escolheu uma máquina fotográfica, uma indicação deste registro visual. Lá ela disse ter escolhido a máquina

como um objeto que ela não gostava por revelar o melhor e o pior das pessoas, um objeto “ameaçador”. Para Chevalier e Gheerbrant (1973), o simbolismo do olho está ligado à percepção intelectual e ao sol. Para os egípcios era um símbolo sagrado, mágico e purificador. A visão relaciona-se à consciência, à possibilidade de tomar consciência. Este olho remete também ao olhar de morte de Ereshkigal no mito de Inana. Descrito por Perera (1985) como o olho frio, objetivo e impessoal da deusa escura, penetrante e instintivo, não se deixa enganar e obriga a mulher a se desligar dos ideais coletivos e do *animus*. Mas é preciso suportar este olhar que é implacável, profundo e revelador. Em seus relatos, Miriam mencionou que em seus trabalhos de arte terapia o olho tem aparecido com frequência. É possível que este olho desenhado duas vezes por Miriam represente uma nova consciência, uma nova maneira de encarar este momento de sua vida, mesmo que ainda vivenciado como ameaçador (como na máquina fotográfica). Com esta ênfase colocada no olho fica difícil não enxergar, ou seja, não dá para permanecer na inconsciência.

Na parte mais central do desenho há linhas que convergem para dentro em cujo centro há uma grande cruz, na qual “couberam todas as mortes”. Sobre a cruz está uma figura branca que tem a forma de uma figura humana. Esta figura parece pendurada ou pairando e Miriam não sabe dizer se está escorregando para dentro do redemoinho ou subindo. Esta figura remeteu-me à carta do enforcado do Tarot, que simboliza a vivência de estar de cabeça para baixo, em uma posição invertida. A experiência de sacrifício, rendição e submissão está associada a esta carta, que marca o fim de um ciclo. O branco relaciona-se ao estágio *albedo* na alquimia. Segundo Jung (1944/1991) a partir da *nigredo* (da morte e do seu respectivo enegrecimento), a lavagem conduz ao embranquecimento. Atingir a *albedo*, que contém todas as cores, é considerada a primeira meta importante do trabalho alquímico. É interessante lembrar que no oriente o branco é um símbolo de luto, as pessoas enlutadas se vestem de branco. E é a cor de vários rituais de purificação.

No lado direito do papel emerge uma forma circular azul, formando uma espiral aberta, possivelmente indicando um movimento para a totalidade (não ficou claro se este é o redemoinho a que Miriam se refere). Uma linha vermelha ondulada separa a parte mais à direita do desenho o que pode representar um marco, uma linha divisória que separa a experiência da *crucificatio* da forma circular azul em aberto.



Foto 5 – Linha da vida de Ione

“Não sabia como expressar, porque é tão difícil a gente representar no papel sobre a vida inteira... Ai eu fiz a linha do tempo, como você pediu, fiz uma linha do tempo; ai dividi em fases, aqui ia ter dez anos, aqui ia ter vinte anos, aqui ia ter trinta, quarenta, cinqüenta e pra lá.. Aqui eu nasci, então é uma luz, **eu nasci na luz** (...); quando eu era **criança eu coloquei o verde**, era uma fase de infância, que é tudo assim, cheio de esperança, bonito, por isso eu pus a cor verde; depois, **a fase adolescente é cor de rosa**, então a fase de namoro, paquera, eu pus cor de rosa; depois dos vinte eu casei, então é uma fase de adulta, então eu **coloquei amarelo, ai fui amadurecendo mais, ficou uma cor mais marrom**; agora essa fase [risos] que **estou passando agora, está ficando preto**, esse verde escuro e **aqui estou com a esperança que melhore [risos] pus azul**; essas bolinhas pretas são, as marcas, assim tristes, essa fase foi que eu sai da minha terra, tive que abandonar minha terra natal pra tentar a vida no ocidente, então para mim foi um marco muito importante, (...) o medo, é a tristeza de deixar a minha terra, então foi um marco muito forte, aos sete anos. Depois daqui (...) nossa mais uma fase difícil, eu não sabia se ia dar certo ou não, então, a cruz eu coloquei aqui; aqui eu fiquei muito doente, eu fui operada, eu quebrei o joelho, eu tive tumor, então eu fiquei muito doente nessa fase. E agora, aqui, **os meus últimos anos, de 2001 para cá, só tive mortes**, perdi meu pai, perdi minha mãe, minha tia, meu sogro, agora a separação (...) isso significa minha rocha, minha (parte) espiritual, eu acho que eu estou crescendo espiritualmente e, essa fase, eu considero mais uma carreira, eu nunca tive muito assim, agora que eu estou começando, eu me separei, estou começando a deslanchar um pouco na vida profissional. Essa linha simboliza a minha pureza, eu sempre mantive assim a minha integridade, querer ser uma pessoa sempre assim honesta, sincera, então eu acho que sempre mantive (...) E esta **rosa é a amorosa, está caindo, está assim altos e baixos** e agora chega nessa fase, mas como eu pus aqui ... A gente deixa em aberto [risos]; agora essa linha amarela simboliza minha saúde, eu acho que estou entrando numa fase, sei lá, mais da **menopausa**, então a gente está decaindo um pouco, vigor, energia; esses passarinhos significa assim, o roxo são os anjos, anjos de guarda, as pessoas que me ajudam na vida; preto, são os inimigos, são os obstáculos da vida; rosa, são alguns amores que surgiram na minha vida, e verde são as amigas, que me ajudam também no decorrer da vida; então, mais ou menos simbolizei assim.” (Ione)

Ione desenhou sua linha de forma cronológica, organizada e detalhada, separando-a em fases marcadas por cores diferentes. Atribuiu um significado para as cores usadas: esperança para o verde, amor para o rosa e assim por diante. Outras linhas coloridas entrecruzam-se na linha maior, que representam sua vida amorosa, saúde, pureza. A fase mais escura é recente, em que teve muitas mortes e a separação. É interessante o uso de raios amarelos tanto no início quanto no final da linha simbolizando uma vivencia de luz, uma explosão de energia. Um aspecto que chama atenção é a presença de passarinhos por todo o

papel acima e abaixo da linha que seriam os seus “anjos da guarda”. Em geral, os pássaros, como elementos do ar, estão associados a estados mentais, pensamentos, idéias. Parece que sua experiência existencial está povoada por estados mentais diversos, uma multiplicidade que pode tanto ser rica como perturbadora. O excesso de pássaros sugere o risco de supervalorizar o mental e a fantasia.

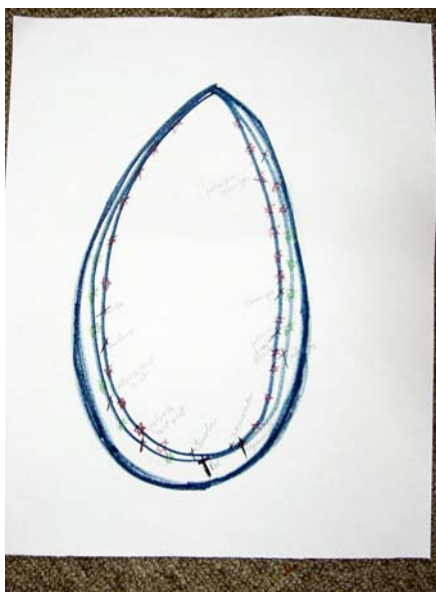


Foto 6 – Linha da vida de Suzana

Como Suzana havia faltado no dia em que foi feita a atividade da linha da vida e quis fazer em casa, ela entregou posteriormente seu desenho. Por isto não temos seus comentários e associações. Seu desenho foi feito em três linhas que criam uma forma ovalada. Ao longo destas linhas colocou algumas estrelas coloridas e cruces. Perto das cruces pretas escreveu algumas palavras de referência. O que mais sobressai no desenho é justamente sua forma de ovo. O ovo contém o germe da nova vida. Um tema comum em muitos mitos de criação é o nascimento do mundo a partir do ovo. Seu simbolismo também aparece relacionado à renovação periódica como o ovo da páscoa. Remete a ressurreição e renascimento.

Cabe ainda um comentário geral a respeito dos desenhos da linha da vida. Em vários desenhos estão presentes símbolos de renascimentos e aberturas. Este significado está claramente expresso na forma de ovo da linha de Suzana e na árvore de Beth, mas também na forma azul em espiral de Miriam, nos amarelos nas margens da linha de Ione. Parece que apesar das perdas vivenciadas com a separação ao mesmo tempo anuncia-se a possibilidade de novas aberturas e de renascimento.

Deusa interior

O sagrado me pertence
O sagrado-segreto me devora para devolver-me inteira.

Está tudo bem agora.

(Kátia Bastos)

5. O terceiro momento do grupo – recuperação – Nova pele

A partir do quinto encontro uma nova etapa iniciou-se no grupo. Já havíamos localizado as feridas e as perdas ocorridas com a separação. Depois, através das histórias autobiográficas e da linha da vida, foram identificadas as possíveis origens e a extensão destas feridas a partir de uma perspectiva mais ampla da vida. Perdas anteriores também foram conscientizadas. Agora começava um longo e lento processo de cicatrização que apresentou alguns vislumbres de recuperação.

Voltemos à analogia da pele para retratar o trabalho realizado neste momento. Depois de abertos, expostos e desinfetados (um processo que costuma ser “ardido”), os machucados necessitam ser fechados para poderem cicatrizar. Se os cortes forem muito profundos é preciso “dar pontos”, proceder à sutura e aos curativos. Com simples agulha e linha os rasgos são costurados e aos poucos a pele se regenera. É preciso ter paciência e cuidado, pois demora para cicatrizar completamente. Assim foi o trabalho realizado com o grupo: com pedaços de tecidos, linhas, fitas, agulhas e cola, as participantes faziam remendos e costuras nos pedaços perdidos e rasgados da pele da alma. Uma atividade que as mãos realizavam concretamente, mas cujo simbolismo remetia às costuras que precisavam ser feitas na alma, para que depois a natureza pudesse agir a seu tempo.

Neste capítulo será focalizado o processo de recuperação e cura que começava a se esboçar na dinâmica grupal: resgates de aspectos da alma que estiveram negligenciados, feridos e/ou inconscientes. Evidentemente não era meu objetivo ao trabalhar com um grupo por tão pouco tempo, em apenas oito encontros, chegar a uma elaboração completa do luto. Seria impossível e fora de propósito. As verdadeiras transformações ocorrem no inconsciente, o que leva tempo. Entretanto não podemos excluir o importante papel do ego neste processo. A ampliação de consciência, ganho que decorre da busca e significação do sofrimento vivido, é tarefa de individuação que cabe ao ego realizar. Uma das propostas do trabalho com o grupo foi oferecer pistas e indicações para que este processo pudesse ser desencadeado. Através do trabalho simbólico pretendia-se facilitar a conexão do ego com o Self e iniciar o diálogo com o inconsciente. Novas possibilidades e perspectivas aos poucos se configuravam e eram acessadas áreas da psique que estavam na sombra.

5.1 O curador ferido

No quarto encontro já havia sido contada a história “Pele de foca” para o grupo, o que trouxe a temática da perda da pele para o grupo. No encontro seguinte, retomamos as feridas, agora com a proposta de começar a elaborá-las ao refletir sobre possíveis maneiras de lidar com elas. Cada uma escrevia em um papel palavras representando as suas feridas (que chamei de “segredos”³⁸) que eram sorteados e lidos em voz alta no grupo sem haver uma identificação inicial de autoria. Cada participante deveria comentar, dar conselhos e sugestões a respeito do que estava escrito no papel que lhe coube. Só depois a autora se revelava e fazia seus comentários. As trocas foram ricas e permitiram que aos poucos fossem acionados recursos internos e curativos, espelhados nas falas dirigidas à outra integrante do grupo. Acolher a companheira mobilizava a acolhida a si mesma, o que permitiu a constelação do arquétipo do curador ferido.

O arquétipo do curador representa o potencial para a cura. A imagem mitológica de Quíron, mestre de Asclépio, o sábio centauro que conhecia o segredo de todas as ervas medicinais e que tinha uma ferida incurável é frequentemente citada por analistas junguianos para expressar como o processo de análise ocorre numa via de duas mãos. Ambos, terapeuta e paciente, são transformados na relação analítica. O arquétipo do curador ferido precisa ser ativado no paciente para que a partir de dentro sejam acionadas as próprias forças curativas, um processo que é facilitado pela atitude do terapeuta ao estar em contato com o pólo ferido do arquétipo do curador em si próprio.

Parceiras de dores semelhantes, as integrantes do grupo vivenciavam o que Hall (1992, p.93) expõe: “[...] a cura das feridas dos outros produz um efeito terapêutico recíproco nas próprias lesões dolorosas daquele(a) que cura”.

Seguem abaixo algumas destas falas e diálogos que ilustram como se deu esta atividade.

“Eu sobre isso digo o seguinte, que você não deve esperar que as pessoas reconheçam suas necessidades, que quando você perceber que você precisa de algo, se for algo que dependa do outro, você seja clara e explícita, que você não adie isso, principalmente se for uma necessidade real.(...) e se ele não quiser, ou você desiste da relação ou você vai rever: ‘será que eu mesma tenho que prover sozinha?’ Então não espere que o outro preencha suas necessidades. (...) Enquanto tiver um fio de respiração, você está na frente. Um fio de respiração puxa outro fio, você pode absorver toda a energia que você precisa para poder viver com o outro e fazer outro fio, fazer outra história. Enquanto tiver o ar entrando e saindo tudo pode acontecer. E o sexo de má qualidade, também, tem que ir atrás. Por isso que digo

³⁸ Jung (1929/1981, p.53) considera o segredo como um veneno psíquico, mas se partilhado com outras pessoas pode ser construtivo: “um segredo partilhado com diversas pessoas é tão construtivo, quanto destrutivo é o segredo estritamente pessoal.”

que suas reais necessidades sexuais, seu estilo, seu gosto, e não esperar que o outro adivinhe quais são suas necessidades. Assuma sua responsabilidade, assumo um compromisso com o seu prazer, descubra o que te dá prazer e se comprometa com isso.” (Miriam)

Esta fala de Miriam foi dirigida ao papel que continha as palavras: “desrespeito, esfacelamento, sexo de má qualidade”, escritas por Lia. É interessante como os conselhos foram significativos para a própria Miriam, que usualmente se mostrara muito abalada com a separação dizendo que sempre justificava as atitudes do parceiro e não o confrontava:

“Fui adiando, sabe? Teve uma hora em que ficou tudo formatado na vida dele e foi aí que eu fui descartada. Então não esperar que o outro reconheça o que é importante para você... Procure saber o que é que você quer da vida e vai atrás” (Miriam).

Esta clareza que ela sugeriu para Lia é fruto da percepção de sua própria dinâmica. Sua fala é menos para a outra do que para si própria. Abaixo segue a fala de Lia para as palavras: “grande desilusão: valores, crenças, justiça, lealdade, insegurança, auto-estima.”

“Então, eu acho que desilusão é crise, que vem para crescer. Sofrimento, no geral, eu acho que ajuda a crescer, sinceramente, não é frase feita (...) As crenças, elas podem mudar e os valores também podem mudar. A gente não precisa ter essas coisas fixas na vida da gente, essas crenças podem mudar, esses valores (...) porque às vezes a gente acha que porque entrou na desilusão fica uma pessoa mais amarga, uma pessoa mais ‘agora também não acredito mais em ninguém, todo mundo é uma bosta...’. Eu não acredito nisso, eu não acho isso, eu tenho fé no homem e vou ter fé no homem para o resto da vida, então eu acho que sempre tem gente bacana, acho que vale a pena continuar vivendo e que vai rolar gente interessante, vai rolar gente que vai te fazer bem. Então, lógico, a desilusão está aí e vai passar, nada como um dia após o outro, mas eu acho que ela serve para você rever valores, rever crenças mesmo. Essa coisa da lealdade, por exemplo, eu acho que é uma boa ocasião para você pensar na lealdade a você mesma também. Como a gente estava falando de perda de pele, a quem a gente deve ser legitimamente leal na vida? Acho que em primeiro lugar a nós mesmos, ao que a gente sonha, ao que a gente quer. Aí tem insegurança, não sei se insegurança é no momento de fragilidade porque eu sinceramente tenho a impressão de que todas as mulheres que estão aqui são bastante fortes. (...) Pode estar machucada, pode estar fragilizada, mas eu acho que todas aqui estão levando, estão aqui, inclusive, eu acho que porque querem realmente dar a volta por cima.(...) Todo mundo aí que levou cacetadas, então é lógico que a auto-estima, ela dá uma caída, fala: ‘Porra, mas ao final de contas então eu não valho a pena?’ mas eu acho que isso é passageiro. E eu acho que todas aqui estão num momento de recuperar essa auto-estima, sinceramente. E todo mundo aqui tem um monte de potencialidades.” (Lia)

A princípio Lia se dirigia para os “segredos” de Suzana, mas depois se estendeu de forma muito construtiva para todas as integrantes do grupo com uma visão a respeito da força de cada uma e transmitindo a crença de que a dor seria passageira. Suzana comentou esta fala:

“Acolheu porque, é engraçado, interessante como coisas ali que eu coloquei são coisas que eu vou falar para essas questões aqui. Então eu acho que dentro das diferenças, das cores e das tonalidades, eu acho que tem essa coisa em comum que é o feminino, que é a mulher”(Suzana)

Vemos aqui a descoberta de uma linguagem comum específica do feminino e que o confirma. Kast (1997b, p.29) fala sobre isto:

A relação com outras mulheres possibilita o processo de tornar-se consciente de si mesma como mulher: as mulheres, então, não se vêem apenas com os próprios olhos, mas também por meio dos olhos de outra mulher. Elas se refletem mutuamente, se percebem, se aceitam.

Ao falar para a outra elas utilizavam exemplos de sua própria experiência, o que evidencia como algumas vezes havia uma forte identificação de sentimentos e vivências entre as integrantes do grupo:

“(...) O feminino eu acho que está aí, está adormecido, está escondido, então eu acho que a gente não perde, eu acho que a gente esquece um pouco, sufoca, é só uma questão de ir lá e achar. E a perda da identidade e do brilho pessoal, eu acho que a identidade está relacionada com tudo isso, como você se vê, como você se aceita, eu acho que a palavra é aceitação. Na hora em que você tem conhecimento, você passa a se aceitar, porque eu vejo que comigo eu sou extremamente condescendente com todos e extremamente rígida e inflexível comigo. (...) Tanto a perda do feminino, eu acho que você não perde, está lá, dentro de você, é só uma questão que você não deu prioridade, você olhou mais para o outro do que para você. E o brilho pessoal é muito relativo, não é? Porque às vezes a sombra marca mais do que a própria figura.(...) Eu acho que talvez a pessoa tenha perdido ou desacreditado, eu acho que tudo, tudo, continua com a gente, tudo (...) Eu dou um conselho, eu acho que você tem tudo isso com você, olhe para dentro de você, se aceite.”(Suzana)

Dora, que escolheu o papelzinho dos “segredos” de Clara (“ficar sozinha; auto-estima diminuída”), assim se manifestou:

“Eu diria para a minha amiga que a pior solidão é aquela da gente com a gente mesmo. Porque talvez o caminho fosse se conhecer um pouquinho mais e descobrir as pérolas que tem dentro de você. (...) Na hora em que peguei o papel eu tinha certeza que era seu, e me pega porque sentir falta de alguém é uma coisa, mas se sentir sozinha, então eu te diria para buscar você mesma dentro de você. Porque eu acho que existe uma pessoa brilhante. Eu não te conheço, no entanto eu diria para você buscar a Clara reprimida aí dentro, as suas pérolas, e quando você estiver bem com o seu coração, você não vai ficar sozinha. Não espere que o outro faça por você porque ele não vai fazer (...) pensa, você é uma moça nova, bonita, inteligente, capaz pelo que você conta aqui, então a gente não tem que ser o pó do cocô do cavalo do bandido, a gente também pode ser a purpurina do sapatinho da Dorothy.” (Dora)

O colo oferecido, os conselhos, as palavras de consolo e estímulo, atuavam no grupo como um todo, criando um clima de acolhida. Ainda menciono Kast (1997b) ao considerar que a relação com outras mulheres proporciona a vivência em uma atmosfera de comunhão entre si, sem a necessidade de se proteger, o que abre inexploradas dimensões do ser mulher.

À medida que a atividade caminhava, não era só a pessoa incumbida de ler o papelzinho que falava, as outras também contribuíam com suas idéias, como aconteceu com Miriam e Suzana que sentiram necessidade de dirigir-se a Clara:

“(...) Desde quando ela falou, eu senti vontade de saber que ia chegar esse momento, mas de falar para você, não é que o outro nunca vai te ajudar, não é que o outro nunca vai fazer por você, mas não é bom contar apenas com isso, estar aberta que de repente o outro pode fazer, mas talvez tenha algo que você possa fazer por você mesma e que só você possa fazer por você mesma, e que talvez você não tenha prestado atenção direito que coisa é essa. Você ficou em mim essa semana, muitas vezes apareceu a sua fala na semana passada, eu conversei com

... você muitas vezes ou escutei várias vezes aquela fala sua. (...) Não sei por que, não sei o que isso tem de mim, mas me pegou muito porque eu olho para você, escuto, não só pelo que você fala, mas te vendo, essa coisa do brilho, e uma coisa que você passa, uma competência, um entusiasmo, vivacidade, eu acho um pouco de gás e, de repente, é como se você não tivesse noção de quando é que você está bem mesmo se não for no trabalho.” (Miriam)

Suzana – Quando você falou de deixar o outro, eu acho que você está se deixando, você é exatamente isso, olhando qual pedacinho, aonde você tem que se cuidar. Você não está sozinha, você está com você, a única pessoa com quem você realmente está, que nós realmente estamos, é conosco mesmo. E daí que vem essa...

Clara – Por isso que dói...

Suzana – Eu sei, imagino.

Clara - Mas agora sou eu mesma adulta tentando descobrir isso, mas é uma dor muito grande, eu acho que isso me deprime mais.

Suzana – Eu sei que você está forte, essa dor, você vai dar conta dessa dor.

Clara – Ah, sim... Eu estou reestruturando a minha vida. Fazendo um processo muito grande de mudança, vendi a minha casa que eu vivi 13 anos, imagina, eu vendi em uma semana, uma coisa que eu nunca esperava que ia ser rápido, final do mês vou ter que sair. Imagina 13 anos morar em uma casa e ir para um apartamento, o que eu tenho que mexer, estão nas caixas, eu não consigo nem abrir e mexer nas coisas e eu tenho que me desfazer de muitas coisas (...).

Elas se tornavam mães amorosas umas para as outras e... para si mesmas. Muitas vezes a mãe interna está cega ou surda para os apelos da alma ou não sabe como prover sustento verdadeiro. Estés (1994) em sua análise do conto “O patinho feio” aborda a necessidade de obter os cuidados maternos de nossa própria mãe interna quando vivenciamos rejeição e abandono ou quando carregamos vida afora a sensação de sermos órfãs ou inadequadas. Este cuidado pode ser obtido com mulheres reais que sejam mais velhas, sábias ou calejadas, “temperadas como o aço”, diz Estés. E, certamente, cada uma à sua maneira, as mulheres do grupo estavam sendo “temperadas” pelo processo de separação. A presença atenciosa de outras mulheres pode ter o efeito de acionar esta mãe interior, de velha curandeira, uma imagem do curador ferido de que falamos.

Muitas vezes quando estamos vagando pelo mundo inferior, nada mais tem valor, tudo que somos ou fazemos se torna deficiente, errado ou pequeno. A perda da confirmação do outro pela experiência da separação amorosa pode ser um golpe devastador para o ego, como já vimos. Neste momento uma testemunha que ateste e confirme as qualidades que nossos olhos encobertos pelas lágrimas ou secos pela descrença não conseguem enxergar pode ter o efeito de um bálsamo, conferindo validade e conforto à dor. A este respeito, Perera (1985) comenta sobre os dois pequenos seres assexuados, os dois carpídeos, que vão ao mundo dos mortos a serviço de Enki, o deus das águas para resgatar Inana. Com sua capacidade empática eles escutam e ecoam os gemidos de Ereshkigal que em gratidão lhes entrega Inana. Eles literalmente “sofrem junto” com a deusa escura e com as águas do sentimento restauram as terras devastadas.

5.2 O manto – *Coagulatio*

Em seguida às trocas e partilhas dos “segredos” foi realizada a confecção do “manto de cicatrizes” ou “manto de proteção”, uma atividade que ainda continuou no encontro seguinte. Estés (1994) sugere a confecção de um capote expiatório com tecido ou outro material para registrar as feridas, cicatrizes, ofensas ou traumas que ocorreram na vida da mulher, uma prova de sua resistência, suas vitórias e derrotas. Relaciona à experiência da mulher ter sido transformada em bode expiatório. Também o denomina manto de combate, mas prefiro chamá-lo apenas de manto de cicatrizes ou de proteção. A noção de bode expiatório sugere vitimização, o que em alguns casos pode até ser legítimo, mas dá a sensação de diminuir a parcela de responsabilidade pelos fatos ocorridos. A idéia de um manto contendo as cicatrizes e que ao mesmo tempo pode se transformar em algo protetor me parece mais fiel à proposta que eu tinha de facilitar um processo de transformação e elaboração da perda. Ao propor a atividade para o grupo, além de manto, também falei em colcha de retalhos, uma vez que o material de que dispúnhamos era constituído por pedaços de pano, retalhos e fitas e o tempo para sua realização também era limitado. Seriam, portanto, pequenos mantos ou colchas de retalhos.



Foto 7 – Confecção dos mantos

A costura, os tecidos e as roupas remetem à operação alquímica da *coagulatio*, vinculada ao simbolismo do elemento terra, através da qual os elementos se tornam sólidos.

Edinger (1990a) associa a *coagulatio* à criação, matéria, corpo, encarnação, alimentação, roupas. Em termos psicológicos relaciona-se ao processo arquetípico da formação do ego, através do enraizamento em uma estrutura firme e sólida. Representa a concretização de conteúdos psíquicos em uma forma particular. As imagens dos sonhos e da imaginação ativa vinculam o mundo exterior com o interior e por isso “coagulam” os conteúdos psíquicos, tornando tangíveis e visíveis os afetos e estados da alma ao conferir-lhes forma.

Segundo Edinger (1990a) em muitos textos alquímicos a opus é resumida em uma frase: “Dissolve e coagula”, uma síntese que liga as duas operações: *solutio* e *coagulatio*. Após a *solutio*, a dissolução nas águas da tristeza e do lamento, ao partilhar segredos e feridas no grupo, mais uma vez era proposta a materialização através de uma atividade concreta, propiciando uma *coagulatio*. A costura, colagens e remendos davam forma e traziam para a matéria concreta e palpável as emoções do processo vivenciado. É muito diferente pensar e falar sobre o sofrimento e as emoções do que “fazer” algo com eles. No trabalho manual o corpo também está envolvido, permitindo o acesso à esfera não racional e não verbal da psique e possibilitando uma integração maior entre corpo e espírito.

Ammann (2002) apresenta algumas idéias interessantes sobre o método terapêutico do jogo de areia (sandplay) que podem ser aplicadas à atividade da realização do manto. Esta autora ressalta o papel das mãos na terapia do jogo de areia. As mãos podem dar forma ao inconsciente e torná-lo visível por meio de uma imagem, sendo mediadoras entre espírito e matéria, entre o mundo interno e externo. Muitas vezes, não temos palavras para expressar nossos estados de alma, mas as mãos podem fazer isto por nós e acessar áreas até mesmo antes que a consciência possa registrá-los, o que foi observado por Jung: “Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender” (JUNG, 1958/2000a, p. 19)

A costura e a tecelagem são atividades tipicamente femininas e estão associadas à deusa Atena. Bolen (1990) explica que no artesanato ou na tecelagem é necessário ter método e planejamento, características desta deusa. Enquanto se faz um trabalho manual as idéias se acalmam e organizam, como disse Beth:

“Agora eu fui a única que não pensei em nada assim. A minha preocupação era costurar. E eu acho que quando estou fazendo algum trabalho manual, eu medito, fico fora, eu não sei o que eu penso. E uma coisa, quando estou pensando, é em dar certo ou estou fazendo uma coisa com as mãos...” (Beth)

O filme “Colcha de retalhos”³⁹ retrata de maneira muito bonita esta atividade sendo executada por um grupo de mulheres que tecem suas histórias com os retalhos. O enredo do

³⁹ Dirigido por Jocelyn Moorhouse (1995).

filme gira em torno de suas recordações através das imagens das colchas que eram confeccionadas.

As imagens mitológicas de fiandeiras são encontradas nas parcas ou moiras que teciam o destino. Edinger (1990a) associa a operação *coagulatio* a estas três divindades, uma vez que a realidade da vida de cada pessoa estaria sujeita ao quinhão que lhe fora destinado ao ser tecido pelas moiras (Cloto tecia o fio, Láquesis o media e Átropos o cortava). Esta relação da *coagulatio* com as deusas do destino também é discutida por Sanford (1999), referindo-se ao estágio da individuação em que nos tornamos personalidades sólidas e firmes, o que implica na capacidade de suportar nosso fardo. Assinala que a individuação se realiza através do modo como enfrentamos as circunstâncias de nossa sina. A atividade de criar o manto tem analogia com tecer a própria história e destino, incorporando e suportando as cicatrizes e marcas e desta forma criando a possibilidade de sua assimilação e transformação.

Também é possível associar o remendo com a operação alquímica da *coniunctio*. Remendar retalhos de pano é unir partes que antes estavam separadas e assim formar uma unidade distinta, o que faz parte do simbolismo desta operação. Usamos a expressão popular “juntar os cacos” para uma situação em que é necessário juntar as forças e se refazer para sobreviver a uma derrota. Algo importante se quebrou e terá que ser colado e remendado para poder seguir em frente. No grupo, ao criar seus mantos com os retalhos, as mulheres estavam literalmente colando os cacos quebrados e remendendo os rasgos de sua alma que ficaram dispersos ou perdidos com a separação. Uma nova *coniunctio* começava a ser configurada e dos panos emendados e costurados ou colados emergia o novo, um terceiro elemento, representando a função transcendente. Vestimentas e roupas estão relacionadas aos tecidos. São invólucro e proteção para o corpo, o que remete ao conceito de persona. Uma nova persona poderia ser reorganizada e refeita a partir da “pele” criada pelo manto. Se antes havia a sensação de “estar sem pele”, o manto se tornou símbolo do revestimento protetor e da regeneração para a pele machucada pelo processo de separação.

É importante ainda tecer alguns comentários sobre o material utilizado (a palavra “tecer” aqui foi utilizada propositalmente). Panos e tecidos apresentam uma grande diversidade de cores, formatos, texturas, volume, peso (grosso, fino, macio, áspero, transparente, duro, delicado, encorpado, leve, pesado, etc.). O toque pode ser suave, quase uma carícia, ou áspero e grosseiro, representando as inúmeras possibilidades de contato com o mundo externo.

Por mais duro e encorpado que seja, um tecido sempre conserva alguma maleabilidade, movimento e fluidez, qualidades semelhantes à alma em suas flutuações,

ciclos, altos e baixos. Mas justamente esse aspecto maleável às vezes torna mais difícil seu manuseio: o pano escapa das mãos, desliza, portanto torna-se necessário adaptar-se às características do material. Isto implica em uma adaptação à realidade, com suas limitações e disponibilidades, o que pode constituir um aprendizado de criatividade e flexibilidade do ego.

Vemos esta dificuldade nos comentários:

“E depois eu fiquei pensando em umas formas, mas primeiro que eu não tenho habilidade nenhuma para fazer essas coisas, eu não sabia costurar, então fiz dois pontos para cada coisinha, quase tudo que tinha visível. Eu fiquei pensando que eu não sei se é o que foi ou a forma como preferi enxergar que essas cicatrizes elas foram, elas estão ligadas por muito pouco, têm partes em que elas se soltam, não têm nada muito fixo que não possa ser retirado (...) Tive dificuldade sempre de fazer coisas com as mãos, sou péssima nessas coisas.” (Lia)

“Bom, na verdade, eu tive muita dificuldade. Primeiro eu pensei no manto, então eu achei que precisava de um tecido mais consistente, mais pesado, mas eu vi que é muito difícil trabalhar, também tenho pouca habilidade manual. E tive dificuldade, a cola não deu certo, e agora a Lia falou uma coisa interessante que eu fiquei pensando se o dela está solto, o meu está bem preso, bem dividido, bem delimitado. Mas eu curti porque eu achei que teve um laço aqui, eu pensei em coração, mas aí ele saiu um laço, eu achei que deu um ar e essas lantejoulas agora. Aí fiquei fazendo de um jeito, achei que ele estava muito quadrado, aí fiquei pensando num jeito de, puxa vida, se a gente olhasse assim, só que o avesso não dá para ver, não é? Inclusive tem sangue aqui porque eu me furei...” (Suzana)

Surge uma idéia, mas não é simples e fácil concretizá-la, exige esforço, adaptação, criatividade e, como disse Suzana, até sangue: um trabalho do ego que enraíza o mundo abstrato e volátil das idéias e dos afetos na concretude da realidade externa. Aceitar e enfrentar o desafio que a matéria (realidade) propõe é aprendizado para o ego. Em sua conferência sobre “*Os objetivos da psicoterapia*” Jung (1929/1981a, p.46) afirmou que o que realmente importa é o **esforço** que se faz para pintar e não a perfeição do quadro. É esta atitude que leva ao efeito terapêutico dos recursos expressivos na análise: (...) pois [o paciente] ao pintar-se a si mesmo – digamos assim – ele está se plasmando. No caso deste grupo, eu diria, elas estavam se “tecendo”.

Já na escolha por determinado tipo de tecido (e por isto foi muito útil dispor de uma variedade razoável de tecidos diferentes) puderam ser observadas necessidades específicas. No caso de Lia, a escolha foi por um tecido leve e solto, uma seda, já Suzana optou por um tecido mais pesado e consistente. É possível que o manto expressasse as imagens compensatórias necessárias para a psique neste momento: delicadeza para Lia e consistência para Suzana.

A escolha da cor do manto também foi significativa. Dora escolheu um tecido cor de rosa, o que surpreendeu o grupo. A realização do manto nesta cor sugere o acesso a um lado

seu até então não manifestado no grupo. Várias vezes no grupo ela disse ter se “abrutalhado” e perdido seu lado feminino. No grupo, Clara e Beth comentam a este respeito:

Clara – Eu acho que mostra uma delicadeza dela, Dora, delicadeza que não está correspondendo ao pessoal.

Beth – Com o que você é.

Clara – Rosa, imagina! Olhar para você, eu nunca iria imaginar que você ia gostar de rosa. E todo detalhado...

Beth – Delicado...

Coordenadora: Delicadinho, rosinha...

Beth – Lacinhos...

Clara – E acho que está sendo um começo se você está gostando de voltar a por as suas bijuterias, de se arrumar, então acho que é uma coisa que é importante para você.

Apresentação dos mantos

Após a confecção do manto, no encontro seguinte (sexto), ocorreram comentários espontâneos a respeito da execução e das percepções a respeito dos mantos individuais. Algumas integrantes do grupo também expressavam suas observações a respeito das produções das outras, o que contribuiu para uma troca bastante rica e proveitosa entre elas (as falas transcritas anteriormente a respeito do manto de Dora exemplificam esta troca). Em seguida propus uma forma de apresentação do manto na primeira pessoa, “como se” elas fossem o manto. Esta técnica tinha a finalidade de criar uma proximidade maior com o material produzido, além de favorecer a sua apropriação e a percepção de novos conteúdos e significados, o que constituía um treino da técnica de imaginação ativa⁴⁰ em que há um diálogo entre consciente e inconsciente. Abaixo seguem as figuras com o manto de cada participante e suas falas de apresentação.



Foto 8 – Manto Lia

⁴⁰ A técnica de imaginação ativa foi apresentada na página 59.

Lia - Eu sou um manto verde que vou deixar a vida da minha dona mais leve, com bastante esperança, eu sou um manto cheio de penduricalhos, pode ser que conforme ela vai me usando esses penduricalhos comecem a cair, mas eu acho que sempre sou um manto bonito, que verde é uma cor bonita e eu sou feito de seda, enfim, sou um manto fino. Acho que é isso, eu vou sempre proteger a minha dona.

(...)

Coordenadora - E o que o manto diria para ela? O manto.

Lia - O manto? “Então vai minha filha, seja fina de vez em quando, seja mais delicada!”

*Porque de delicada a Lia não tem muito não. Mas está vendo? Isso também sai, coisas delicadas também podem sair, mas não é o que me dá prazer. Aliás, acho que essa é uma mudança aí. **Com a separação acho que estou mais light, no geral.** Se fosse fazer esse manto, sem dúvida, se eu tivesse feito há uns 10 anos atrás estaria tudo no preto, no marrom, roxo.*

(...) Tem uma certa destrutividade que me marca, então acho que esse manto está mostrando um pouquinho de possibilidade de ser um pouco mais leve.

O manto criado por Lia dá mesmo a impressão de algo leve e delicado. Várias cicatrizes estão coladas com fita adesiva ao tecido de fundo, o que pode fazer com que se soltem com facilidade. Minhas intervenções acima transcritas visavam que ela percebesse o que havia falado como manto, trazendo à sua consciência as qualidades descritas. A imagem revela novas facetas, acrescenta informações, oferecem insights e podem ser assimiladas. O tom verde, a delicadeza e a soltura chamaram atenção no grupo:

“Nossa, mas esse verde me faz acessar acho que o outro lado seu (...) Sempre remeteu a mim mais esse verde, embora você tenha uma fisionomia forte, uma presença concreta no que refere a você. Mas não sei falar de um manto me proteger, ele para mim passa como algo bem calmo.” (Miriam)



Foto 9 - Manto Miriam

“Eu me sinto bem com essa marca aqui que Miriam colocou em mim porque ela colocou como sendo ela mesma, mas eu me sinto um umbigo. Aqui pode passar um monte de coisas, eu

*estou ligada a todas elas, têm cordões que me ligam a todas elas, eu posso tornar viva essa ligação ou não. Ela pensa que isso é ela e eu sinto que isso é, eu sou, **o meu eu é ser um umbigo**. E acontece que eu sou um umbigo bem cicatrizado para ela lembrar que existem várias formas de estabelecer relação, e agora ela tem que fazer ligações mais sutis, mais visíveis, mas as ligações não precisam ser muito concretas (...). Aqui é uma lembrança para ela descobrir novas formas de estabelecer relações.” (Miriam)*

O manto criado por Miriam apresenta um centro marcado com o tecido enrugado: é o umbigo mencionado por ela. O umbigo é a primeira cicatriz e marca o nascimento. Em muitas culturas a origem do mundo se dá pelo umbigo que é o símbolo do centro tanto físico como espiritual do mundo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1973). Para La Rocheterie (1984) sua presença nos sonhos simboliza o Self ou a mãe, a partir do qual pode ocorrer um renascimento. No simbolismo do manto apresentado por Miriam mais uma vez vemos a constelação de morte-renascimento, uma imagem de como vivenciava sua de separação.



Foto 10 – Manto Beth

Beth - Eu acho que a única que levou ao pé da letra a colcha de retalhos fui eu, não é? Eu quis fazer, eu quis recortar quadradinho e costurar. E eu não quis deixar as emendas feias, então eu coloquei uma fita na emenda, mas... Foi isso.

(...)

Beth - Eu sou uma colcha de retalhos, sou toda quadrada... Eu não fui feita de retalhos, eu fui cortada propositalmente para ser feita como uma colcha de retalhos.

(...)

Beth – Eu não sei, vocês estavam falando, falando e estava olhando para a minha colcha de retalhos e estava pensando, ficou uma coisa muito certinha, muito quadrada... Esconde a linha, esconde as emendas.

(...)

Coordenadora: O que você, colcha de retalhos, diria para a Beth?

*Beth – Acho que eu diria: “**pára de ser muito certinha, ponha mais cor na sua vida, não seja uma coisa tão pesada**”. Às vezes eu olho para isso e vejo um negócio muito pesado. “Não seja tão quadrada também”. É tudo que tem... tudo quadrado, podia ter um círculo. Acho que o principal é não andar em linhas retas. “Sai um pouco, põe uma curva... **Vai se aventurar**”.*

Foi difícil para Beth falar como colcha de retalhos. Não transcrevi o diálogo na íntegra por ser muito extenso, mas tive que intervir com perguntas para ajudá-la a “entrar” na atividade. Assim como em sua linha da vida (árvore), sua colcha é organizada e simétrica, mas também dá a impressão de contenção e necessidade de controle, através de sua preocupação em esconder as emendas feias e deixar seu trabalho esteticamente bonito.



Foto 11 – Manto Clara

Clara - Eu sou um manto que se mostra, um manto sozinho, eu sozinha. Por trás disso, eu sempre venho à busca do brilho e esse manto mostra meu brilho, que sempre acho que é dependente do outro para se sentir brilhante. Mas ele brilha. O coração são as minhas emoções que eu muitas vezes não mostro e no manto caiu o coração. E prático, acho que é um manto prático, pequeno, é o que eu consigo me expressar.

Coordenadora: E o que você vai fazer pela Clara?

*Clara – O que eu vou fazer para a Clara. Estou aprendendo a conhecer as cicatrizes. Aqui a cicatriz... O que vai fazer pela pessoa estar sozinha, aprender a ser sozinha.(...) O meu manto vai fazer para a Clara: **Ajudá-la a conviver sozinha, brilhar no fundo, brilhar e trazer grandes emoções.** Acho que é isso. É difícil se expressar.*

(...)

Coordenadora: E o que você manto diz para a Clara?

*Clara – **Ela tem a capacidade de brilhar todos os dias**, é só acreditar, e acho que é só dar força que sou capaz. Sou capaz de cuidar dos meus filhos, de fazer a minha mudança porque eu tenho que me mudar, de me estruturar de novo, então acho que ele diz isso, que eu sou capaz, só que tenho que ir com calma e acreditar em mim mesma.*

Delicado, transparente, utilizando um retalho de renda com um pouco de brilho, o manto de Clara tem um grande coração à esquerda e uma figura humana estilizada do lado direito. Sua associação com a necessidade de aprender a ficar sozinha e assumir seu brilho sintetiza o medo da solidão e a sensação de fragilidade que repetidas vezes mencionou no grupo.



Foto 12 – Manto Suzana

*“Eu sou um manto que trago o fundamental para a Suzana que é **acreditar que ela realmente é protegida, ela tem a sua própria força**, tem um manto que está à disposição dela, na hora em que ela precisar, porque a Suzana se sentiu **sempre protegendo muito a todos e se desprotegendo**. Deu o manto, passou o manto para outras pessoas. Traz a questão dos limites, cada coisa tem o seu tempo, sua hora, sua importância(...) E o contraste das coisas estruturadas vão salpicar um brilho que também está aí. O vermelho eu pensei em coração, mas acabei ficando num quadrado e tive a idéia de colocar o laço, justamente, pelos laços que a Suzana faz, como se ela estivesse **realmente costurando todo mundo**, colocando os vínculos e dando um laço (...) esses brilhaos é para ela ver que ela tem mesmo, mas ela não vê. Ela viu dos outros, dos filhos. Mas acho importante esse contraste, eu acho que a consciência de que algumas coisas são estruturadas, fechadas, têm os seus limites, mas o brilho pode circular, pode ir em cima, ir para o lado.” (Suzana)*

Suzana costurou “todo mundo” em seu manto, como se quisesse preservar os vínculos significativos, carregando-os consigo. É importante para ela o sentido de proteção e força que o manto pode lhe proporcionar, pois em sua visão ela entregou sua força e seu manto para os outros: protegeu os outros e não a si própria. Como já vimos, Suzana apresenta um padrão de Deméter, que agora é conscientizado. O tecido mais consistente e pesado que Suzana usou sugere solidez e força, o que parece ser uma compensação para a desproteção que vivenciava.



Foto 13 – Manto Dora

“Na verdade, eu não sou um manto, eu sou uma mandala.(...) a minha leitura de mandala é algo que te pontue o seu norte, é como se fosse uma bússola, alguma coisa que te protegesse contra alguns titãs que a gente encontra pelo meio da rua, algo que você um dia precise de uma inspiração, alguma coisa concreta que você olha e fala assim: “Me dá força!”. Então para mim isso é mandala. Por isso que isso é uma mandala... Não é uma mandala perfeita, eu digo isso pelos cortes, mas é uma mandala que traz muita vida. Eu acho que o rosa para mim vibra muito e o rosa sempre foi uma cor que a Dora gosta muito(...). Então, talvez, um dos motivos da escolha de ser rosa é a ausência da avó. Eu tenho uns limites, então dentro de determinados limites dá para viajar, dá para delirar, dá para tentar várias coisas, mas não dá para ultrapassar esses limites que são uma questão de proteção. Porque toda vez que foi tentado sair, a coisa não deu certo. Eu vou servir de fonte de inspiração, de lembranças para a Dora... Tanto de coisas muito boas, quanto de coisas péssimas, mas... No Judaísmo se diz muito: “Se eu me esquecer de ti, que eu me esqueça da minha direita”, se referindo à mão direita. Então eu acho que a Dora, quando olhar para mim, ela vai se permitir olhar com outros olhos e estar relendo as situações, já que não podem ser mudadas, de uma outra maneira. Eu acho que é isso (...) Para ela nunca se esquecer de quem ela é e das inúmeras possibilidades que existem, que não adianta tentar se esconder por trás de um manto, acho que até por isso acabou virando uma mandala. Não adianta tentar se esconder atrás, é como se tentasse esconder o sol com a peneira, a verdade sempre vai aparecer.” (Dora)

É interessante a escolha de Dora pelo tecido cor de rosa, uma referência à avó falecida. Seria uma busca por um enraizamento no feminino arquetípico, na Grande Mãe? Ela pensou em uma mandala, que mesmo sem apresentar um centro demarcado, tem a periferia delimitada pelas fitinhas, o que circunscreve seu manto e pode dar a sensação de proteção, de um campo fechado e seguro.

A elaboração – a linguagem das imagens

A atividade de criação dos mantos suscitou muitas observações entre as participantes, possibilitando descobertas. Um aspecto importante mencionado por Ammann (2002) é o olhar conjunto de analista e analisando sobre o cenário criado na caixa de areia. Sem antecipar interpretações, com uma atitude essencialmente observadora, o analista possibilita o desenvolvimento da percepção da realidade e da visão de mundo do analisando, oferecendo-lhe um ancoramento seguro. A troca realizada depois das atividades tinha um efeito semelhante, despertando novas percepções a partir do material produzido, demonstrando o importante papel de espelhamento que o grupo desempenhava:

Lia – Nossa, achei tão pontual o que você falou agora: “Eu sou um manto que vem atrás do brilho, eu vou ensiná-la a ficar bem sozinha e abrir as suas emoções”. Mais do que isso... Esse manto é...

Dora – Esse manto é poderoso, entendeu? Dá até um pouquinho de inveja, é sério, porque pelo que o manto colocou, ele tem um poder desgraçado de que ele vai curar todas as suas mágoas, entendeu? Vai chegar a melhorar, não se sentir sozinho, como se de repente ele realmente fosse um manto de cura milagroso, que na hora que você... Falando eu fico imaginando realmente assim, você vestida, duas coisas completamente diferentes, a Clara sem o manto e a Clara com o manto, como se fosse a santa. A comparação com a santa é porque

uma estatueta de santo sem manto, sem coroa ou não sei o quê, é um (...), mas na hora em que você coloca o manto todo enfeitado, não sei o quê, a pessoa ganha o santo ganha um certo volume... Então dá até inveja nesse sentido porque esse manto aí, fala sério, é poderoso.

Lia – É verdade.

Clara – É, eu gostei do pano mesmo. Ela falou tanto do brilho, do batom, do brilho que eu gosto, talvez eu esteja descobrindo que posso brilhar sem precisar de outra pessoa, ou seja, sem uma pessoa amada, querida...

Em seguida a estes comentários, Clara relatou algumas mudanças em suas atitudes na semana anterior, após a criação do manto:

“Clara - Mas acho que essa semana, eu acho que eu nunca tive tantas explosões na minha vida como agora. Não sei se tem a ver com a mudança... Nossa, eu acho que me estranhei muito, muito mesmo. Com uma coordenadora de uma outra faculdade falei: “Você não está entendendo, é um problema de comunicação!”. Nunca fiz isso, mais de vinte anos não fiz isso. Na classe tinha um menino que estava me desrespeitando, falei: “Caramba, você está me desrespeitando, eu quero respeito!” Nossa, nunca fiz isso. Com meus filhos então ontem foi o dia...

Miriam – Que bom... O coração está mostrando o outro lado.

Clara – É... Mas eu me achei demais, sabia? Olha... Não demais de satisfação, mas de ver a minha postura...(...) E é isso, acho que a semana foi muito poderosa.

Beth – É só o começo, não é, Clara? É só o começo...”

Clara parece estar mais firme, conseguiu colocar limites e se surpreende com estas mudanças. O manto estava mesmo se tornando poderoso, uma confirmação que o grupo proporcionou a ela.

A maneira de se referir à produção é apontada para Dora pelo grupo:

Dora - Exatamente, na cabeceira da minha cama, como põe um santo, cruz, terço ou não sei o quê, eu vou por (refere-se ao lugar onde vai colocar o manto em sua casa) Quando vocês forem na minha casa vai estar lá o negócio porque...

Miriam – O negócio não...

Clara – Olha lá!

Dora - Não, é modo de dizer. Mas...

Miriam – É que a gente já está tendo um carinho até por sua mandala.

Dora - Para mim está sendo muito importante buscar isso.

Coordenadora: Presta atenção na maneira, ela acabou de te dar um toque agora super importante, Dora, que é a maneira como você fala, se é tão importante assim, não pode se dirigir a isso como sendo um negócio. Foi o que ela te disse, não foi?

Miriam – É que a gente... eu estou sentindo até carinho.

Não dá para chamar o manto de “negócio”, o grupo reagiu à fala e espelhou para Dora sua forma de expressão, que contradizia o lugar de destaque que pretendia dar a ele em sua vida (colocá-lo na cabeceira).

Há uma atuação a *posteriori* das imagens criadas pelas mãos, afirma Ammann(2002).

“Parece uma cruz, isso aqui parece...(...) Mas eu só percebi isso hoje, quando eu pus no chão que eu notei.” (Beth)

“E até estava terminando ontem, foi difícil, cumpri a tarefa, imaginei que eu fosse ter condições, não tive e, de repente, faltou material, eu achei que não era só isso. E achei que, puxa vida, brinquei um pouco, mudou. Mas eu acho que o forte mesmo é essa coisa de colocar alguns limites, delimitar alguns espaços, mas transformando, por exemplo, ontem quando eu levei era uma coisa, virou outra e agora virou, está virando uma outra coisa para mim. Eu acho que é isso que diz.” (Suzana)

Olhar para o manto traz revelações: ele tornou-se outra coisa depois, como diz Suzana, e uma cruz é percebida por Beth em seu manto. Às vezes a imagem reverbera durante dias ou semanas trazendo novas relações, num entrelaçamento entre realidade externa e interna. É neste momento que ocorre o confronto entre a linguagem expressa pelo inconsciente através das imagens e o ego observador que procura apreender os significados e ao mesmo tempo captar as impressões estéticas e afetivas da produção. Para Jung (1958/2000a) esta fase do procedimento é a mais importante, quando começa a acontecer um diálogo entre consciente e inconsciente, que constitui a essência da função transcendente.

O ritual - O manto de poder

O manto pessoal ainda precisava ser imantado, adquirir magia e poder para se tornar eficaz, ou seja, era necessário criar um ritual para o manto. Propus que cada integrante do grupo executasse um gesto ou proferisse uma afirmação sintetizando o significado atribuído ao manto. Johnson (1989) ressalta o papel do ritual na imaginação ativa. Propõe o ritual como etapa final do trabalho, realizando pequenos atos simbólicos como representação concreta das imagens.

O poder do gesto, da palavra ritual implica no compromisso do ego com o que está acontecendo em um nível mais profundo e que foi expresso na criação. A atmosfera solene cria a demarcação necessária entre o profano e o sagrado, diferencia aquilo que é vivenciado internamente da experiência ordinária e comum.

Em silêncio, cada uma representou seu gesto ritual:

Lia assoprou o manto e colocou-o nas costas.

Clara com o manto no peito disse emocionada: *“Posso brilhar sozinha ou acompanhada.”* Depois, levantou-se e repetiu a mesma frase.

Dora ajoelhou-se com o manto no chão à sua frente e com a testa no manto disse: *“Para que eu nunca me esqueça de mim.”*

Beth dobrou bem seu manto e o colocou em seu peito do lado esquerdo, sob a blusa.

Miriam cruzou os braços sobre o peito, levantou seu manto e falou: *“Eu assumo meu lugar no mundo.”* Estendeu o manto no chão e cruzou novamente seus braços.

Suzana levantou-se com o manto no peito, virou-se de um lado para outro e disse: “*Eu vou continuar dando o meu sangue para tudo em que eu acreditar.*”

O silêncio seguiu-se à apresentação ritual. Não houve comentários sobre os gestos e afirmações. Era desnecessário. A atitude respeitosa e concentrada criou um clima de solenidade e reverência que calou fundo e emocionou a todas nós. Incluo-me, pois como observadora atenta e empática fui tocada pela vibração que emanou neste momento no grupo.

O manto coletivo – *Coniunctio*

O sexto encontro foi finalizado com a composição coletiva de um manto grupal constituído pelos mantos individuais. A finalidade era favorecer a formação e o fortalecimento de uma identidade grupal, uma *coniunctio* que já estava sendo constelada no decorrer dos encontros e que agora podia ser materializada. Solicitei para depositarem seus mantos no chão da sala e em silêncio procurar formar com eles uma peça única. Várias tentativas, uma mexeu aqui, outra ali, experimentaram de um jeito, de outro, até que finalmente surgiu uma forma que as satisfizes. Trocando olhares, consideraram o manto pronto.



Foto 14 - Manto coletivo.

Alguns comentários seguiram-se à composição coletiva:

Miriam – Agora virou uma saia se visto daqui.

Coordenadora: Olha, é verdade.

Miriam - É só a amarrar aqui agora.

Coordenadora: É, virou uma saia.

Lia – Já que é para ser para as mulheres

Dora - É uma saia para pôr na frente, não é para pôr atrás. (risos)

(...)

Dora - É engraçado a sensação de que estão mexendo em uma coisa que ninguém tem que por a mão, fiquei muito brava.

Coordenadora: Estavam mexendo no que era seu, não é?

Dora - Porra, me segurei aqui assim, olhei para a Lia, arregacei a manga, o Pit Bull aqui já começou a se incomodar um pouco, entendeu? “Tira a mão que o treco é sagrado”.

Suzana – O treco...

(...)

Clara – Isso que me incomodou, aí eu queria abrir, por isso que pedi licença.

Dora - E eu fiquei preocupada com a Clara de colocá-la sozinha ou acompanhada. E tem uma parte dela que está sozinha e tem uma parte que está forrada.

O formato final do manto coletivo sugeriu a forma de uma saia. Nada mais feminino. Um símbolo da identidade feminina que encontrou expressão no grupo?

Uma questão importante que surgiu nesta atividade foi como conciliar a individualidade e a preservação do espaço pessoal dentro da dinâmica grupal. Até que ponto é possível permitir a aproximação ou a interferência do outro? Qual o limite entre a individualidade e a relação com o outro no grupo? Dora manifestou esta dificuldade ao ficar “brava” por mexerem em seu manto. Ao mesmo tempo houve o cuidado para não invadir ou a preocupação para não deixar o manto de Clara sozinho, que sempre trouxe a temática da solidão no grupo: era preciso garantir sua inclusão, uma evidente proteção do grupo para com ela. Estas questões remetem a muitas dificuldades características das relações íntimas como já apresentadas no capítulo sobre fusão e diferenciação e que agora eram vivenciadas na execução do manto coletivo.

5.3 Caminhos de transformação – nova pele, nova identidade

O sétimo e o oitavo encontros ocorreram num clima de fechamento e avaliação do trabalho realizado. Puderam ser vislumbradas algumas mudanças potenciais em andamento a partir da ampliação de consciência ocorrida no grupo. Algumas feridas mostravam pequenos sinais de cicatrização ou tornava-se mais evidente o caminho para sua regeneração. A pele perdida começava a ser recuperada, adquirindo novos contornos. Aos poucos outras facetas da identidade feminina eram contatadas. A seguir apresento alguns comentários e diálogos que ilustram este processo.

Puella e Amazona – fragilidade e força

Lia percebe que legitimar os próprios sentimentos não significa ser frágil. Mostrar-se civilizada ou moderna demais (ela se refere à atitude racional e equilibrada na forma como lidou com a separação) foi um recurso racional utilizado para se proteger, um escudo para evitar a dor:

*(...) Acho que eu estou numa fase de conseguir já me respeitar mais, eu estava sendo muito moderna, muito civilizada demais(...) Isso é uma coisa que eu acho que tenho visto aqui no grupo, que para mim foi muito bom, **respeitar os próprios sentimentos, não precisar ficar só bancando para fora; eu sempre fiz isso a vida inteira comigo, bancar para fora; como eu sempre fui muito metida, bancar ser resolvida, bancar...** Eu não estou sendo menos, não estou sendo fragilzinha, coitadinha (...) e eu aprendi muito isso de perceber que eu posso entrar mais em contato com os meus sentimentos, sem por isso passar uma coisa de fragilidade, eu acho que eu sempre misturei muito as coisas, então, eu acho que desde moleca eu tive que peitar algumas cagadas grandes que aconteceram na minha vida familiar, eu achei que para ser mulher, tem que serbotar o pinto na mesa, e não é o caso, **eu acho que dá para ser forte, dá para ter controle e também dá para ser, chorar de vez em quando, mais feminina, mais suave, acho que dá para fazer as duas coisas; não precisa ser nem tão cá, nem tão lá, então para mim foi super bom.**" (Lia)*

Lia demonstrou ter desenvolvido um padrão de amazona de couraça, da mulher forte que encara tudo, um “trator”, como disse uma vez. Neste padrão, o caminho de transformação descrito por Leonard (1997) passa pela aceitação da sombra de vulnerabilidade e fragilidade. O questionamento feito por Lia representa um ganho de consciência e pode ser transformador.

Dora que havia se transformado em “ogra” e se abrutalhado, também terá que lidar com aspectos que ficaram na sombra. Começou a aparecer mais feminina, se arrumava mais para vir ao grupo, entrando mais em contato com seu lado cor de rosa e delicado:

(...) e tem me ajudado muito... a ponto de eu conseguir deixar as minhas unhas crescerem, de ter mudado um pouco o cabelo, começar a ser um pouco mais cuidadosa no armário, na hora de olhar.(...) Minhas portas estão mais abertas e as coisas estão mais chegando, e justamente, dentro daquilo, ninguém imaginou um lado frágil, um lado cor-de-rosa da Dora, e é justamente esta metade minha que eu deixei lá para trás, que eu estou querendo buscar;

*porque eu acho que na hora que eu estiver de posse dela de novo, eu vou estar completa e vou permitir que alguém entre, porque a minha solidão não é da falta de companhia de alguém, é uma solidão minha comigo, de experimentar essa sensação (...) Há muito tempo eu não usava as unhas, não estão compridas, mas no comprimento como elas estão. São pequenas coisinhas que aos poucos eu estou conseguindo resgatar e eu acho que é justamente por ter colocado os limites de até onde eu vou deixar ir ou não, e o reaprender a andar mesmo. É como uma **debutante que está aprendendo a usar o salto alto, eu acho que eu tenho que voltar e reaprender. Reaprender a andar chacoalhando a cadeira, ser um pouco mais frágil, um pouco mais...** (Dora)*

A imagem de uma debutante retrata bem seu sentimento: um ritual de passagem da garota que é socialmente apresentada à sociedade, passando a ser considerada uma “mocinha”. Recuperar o cuidado com a aparência e mostrar-se mais delicada pode ser um caminho para acessar a fragilidade (delicadeza) evitada pela consciência. Seu manto cor de rosa com lacinhos foi emblemático no grupo e parece ter trazido à tona uma Afrodite adormecida.

Já Suzana e Clara, cuja adaptação egóica era a fragilidade da *puella*, puderam acessar a força que já existia internamente mas não era reconhecida:

(...) e eu que me achava assim tão incapaz, enfim, tão fragilizada ...durante, essa coisa do sol que você cria o seu brilho, o sol está brilhando o tempo todo, tem nuvem mas ele continua lá, a gente que não vê; eu achei que eu estava mesmo fraca, incapaz, débil mental, idiota... Um monte de coisas, e de repente eu vi que quando você falou, foi uma metáfora, eu não pus o saco no lixo, mas quem pôs, quem resolveu, quem decidiu, quem assumiu, tirar, separar, fui eu, de outra forma, mas fui eu. Ele não voltou para pegar uma coisa, mas ter coragem de ir lá e falar assim olha, não fez e sorte, graças a Deus com muito esforço, eu fiz, contra a minha vontade, foi muito difícil, mas eu fiz, senão eu estaria até agora lá naquela coisa. Eu acho que isto são pontos importantes ...por exemplo quando a Lia falou, eu acho que é a coisa do sentimento que eu não estou colocando. Eu achei bárbaro ...eu só pus sentimento, não vi o outro lado; e esses encontros trouxeram de forma muito especial e muito diversa os pontos do lado feminino, como que a gente consegue as coisas, como a gente chega, quais são os caminhos ...Se voltar naquela cocha de retalhos, que a gente vai tirando, vai perdendo a pele, até chegar cadê, quem sou eu? E depois você vai lá pegar a sua pele, refazer, costurar, passar os creminhos, as pomadinhas, tudo o que você tem direito.”

Sua auto-imagem de *puella* começa a ser questionada. Será que Suzana era mesmo assim tão frágil já que foi ela que de fato concretizou a separação que vinha sendo adiada pelo marido? Identificada com a inocência (sempre confiava em todo mundo, não manifestava raiva) começa a reconhecer e se apropriar da força que antes não identificava em si própria: “a gente é que não vê.”

Como já vimos, Clara se surpreendeu com suas explosões na semana que seguinte à confecção do manto, chamando-a de “poderosa”. Começa a colocar limites em seu trabalho, participa de forma mais assertiva em sua vida e nos encontros do grupo. A menina frágil, dependente e assustada, com tanto medo de ficar sozinha, foi acolhida pelo grupo, o que

permitiu o contato com seu próprio brilho e poder que sempre foram delegados para as figuras masculinas de sua vida. O primeiro passo para transformar o padrão de *puella* é a sua conscientização. Uma autocrítica muito forte que a imobilizava, expressão de um *animus* negativo, agora é nomeada por ela:

“é um turbilhão de tantos pensamentos que a gente fica lá o tempo todo e às vezes você se torna o próprio... Como que a gente fala? (...) Não é isso? O algoz, seu próprio, seu mesmo, não é isso?”

Denominar o *animus* negativo de “algoz” cria a distância necessária para despotencializá-lo. Quando há a percepção das forças (complexos)⁴¹ que atuam internamente e é possível nomeá-las, uma importante diferenciação está em andamento. Uma quantidade de energia que estava presa no complexo é disponibilizada e pode ser vivida de forma criativa.

Raiva e perdão

Por trás da ira, estão as lágrimas, diz Leonard (1997). Com a finalização do trabalho no grupo, pela primeira vez, Dora se sente só e desamparada – mas também irada!

“Foi a primeira vez que eu me senti sozinha, desde que começou todo o processo de separação, foi a primeira vez que eu olhei e eu me senti sozinha, desamparada, chorei pra burro, eu não tinha me tocado, de que assim, o defunto estava morrendo e que eu sabia que tinha começo, meio e fim, que tinha uma proposta, mas foi com a tua fala que me fez cair a ficha, acho que tem realmente uma questão da perda, onde eu vou me ancorar ou aonde eu vou encontrar as minhas amigas, porque eu acho que por mais que a gente não tenha contatos muito estreitos aqui se cria um vínculo, um laço de amizade muito grande e me deu uma revolta muito grande, essa sensação de solidão, essa sensação de estar sozinha.” (Dora)

Ainda há um caminho a ser percorrido por Dora para integrar a sombra de delicadeza e fragilidade, mas parece que a separação do grupo acionou os sentimentos de tristeza escondidos por trás de sua braveza e raiva sempre tão presentes em suas falas. A permissão para lamentar e revoltar-se com o término do grupo traz à consciência a perda e a solidão que não eram manifestadas em relação à ruptura do casamento. Para Dora a ampliação de consciência implica na aceitação da perda e dos sentimentos de tristeza. No grupo sua postura inicial apresentada de orgulho pela maneira como saiu de casa começa a se desfazer pelas lágrimas derramadas. Uma descida ao mundo inferior parece ser necessária para a elaboração do luto negado por ela.

O caminho de Beth passa pelo perdão. Para sair do lugar de vítima e da sensação de injustiça, prisioneira de desejos de vingança, era necessário perdoar e com isto deixar de

⁴¹ Neste caso, o animus negativo atua como um complexo que “possui” a mulher.

atribuir culpa ao outro. Um fato curioso e sincrônico que aconteceu na vida de Beth no decorrer dos encontros possibilitou um confronto com seus sentimentos e a oportunidade de uma revisão:

*“Porque o que acontece é o seguinte, eu me queixei na segunda-feira, falei: Puxa, não é justo o cara estar feliz lá e eu aqui, aí na quarta-feira de manhã eu soube que a filha da mulher dele, ela tem duas meninas, uma de nove e uma de quatro, e a de nove estava internada, internada não, está até hoje na UTI em coma. Descobriram que a menina tem leucemia. Eu fiquei tão chocada, eu fiquei tão arrasada. **Me senti um pouco culpada porque eu desejei o mal para ele** e não é justo uma criança... Sabe, então quando ele me falou isso, falei: “Ai, meu Deus”, eu não quis que acontecesse isso. Eu passei a semana inteira assim, não é com ela nem com a mãe dela que tem que acontecer, é com ele, **eu continuo querendo que ele pague pelo que ele fez de errado** e pelo mal que ele fez para mim. Mas eu fiquei mal a semana toda, a menina não está nada bem, ela está na UTI... (...) Depois dessa semana eu falei, **eu não vou reclamar**, a minha vida está ótima, eu vou achar meu caminho, eu vou ser feliz, eu sou feliz, **na verdade eu sou feliz**, não posso reclamar. Eu queria ter mais coisas do que eu tenho? Acho que sim, mas não é por aí.(...) No domingo eu recebi uma mensagem da namorada do meu filho, então ela foi curta e direta para mim, ela falou: É nessas horas que a gente tem que aprender a perdoar. Eu respondi: Eu já perdoei. (Beth)*

Apesar de afirmar que já perdoou, Beth se mostra contraditória, pois ainda deseja que ele pague pelo que fez. Mas o episódio da doença da criança a abalou muito como se ela fosse indiretamente culpada por isto de alguma forma. Constela-se a criança ferida pela raiva de Medéia – conscientizar-se deste padrão arquetípico assustou Beth. Assim como Medéia, em sua raiva, ela quer atingir o parceiro. No mito, as crianças são assassinadas. A sincronicidade entre o que havia falado no grupo dois dias antes e a internação da menina a fizeram rever suas queixas e reclamações. Não dá mais para ficar como vítima queixosa (e raivosa) de que ele tem mais, de que ele pode isso ou aquilo e ela não. Assumir a responsabilidade pela própria vida e felicidade é o desafio proposto a Beth, o que pode libertá-la da prisão da mágoa e ira de Medéia.

A raiva começa a se transformar. Para Miriam a tristeza não está mais vinculada à raiva:

*“Eu senti também assim desde o final de semana, eu me senti sensível, não chorava muito, mas várias vezes em momentos diferentes do dia, vinha **um choro** leve, hoje eu chorei o banho inteiro, e o sentimento era, eu não sei se era sozinha o que eu estava me sentindo, mas, **me senti comigo, não era bem sozinha**, não sei se estava sentindo a falta, mas assim, talvez era um sozinha, mas não um sozinha sentindo falta, eu me sentia ..muito eu ...mas eu numa solidão diferente e aí eu identifiquei muito claro hoje: eu estou triste. É como se fosse uma dor, **uma tristeza, e pela primeira vez sem raiva**, não sei se dá para entender, acho que pela primeira vez **foi somente uma tristeza**. É a perda, tinha perda, tinha tudo que tinha antes eu acho, só não tinha raiva, foi uma experiência muito única, eu não lembro de ter sentido isto antes, eu não lembro e eu não vou esquecer, não dá para confundir.” (Miriam)*

Encoberto (ou misturado) pela raiva, o lamento pela perda não podia ser vivido plenamente. Foi “*somente uma tristeza*” que vinha aos poucos, uma voz da alma que chorava

e que ela agora pode escutar. Sua descrição deste “*choro leve*” sugere que já não há a revolta do ego desesperado e inconformado com a perda. É como dizer: não há mais nada a fazer. Há o reconhecimento e aceitação de sua vulnerabilidade e dor, o que ao invés de fragilizá-la, poderá transformar e fortalecer: “*me senti comigo*”, “*muito eu*”, ela diz. Em paz, eu diria também.

Elaboração das perdas

“(...) eu me identifiquei muito com o grupo e senti que é o lado feminino mesmo que a gente precisa acolher em primeiro lugar. Me conscientizei muito das perdas que já tive durante a vida e que foram perdas que eu acho que nem foram bem trabalhadas, e aí, de repente quando veio essa, parecia que essa era a única ..então eu acho que isto tirou um pouco a carga, e eu consegui ver essa coisa de eu estar vivendo uma linha do tempo mesmo.” (Suzana)

Lia- Que fica uma hora parecendo que é a maior da vida, e eu acho que uma coisa que nestes exercícios que a gente fez, naquela lá do cartazinho, também, eu fiquei pensando, porra, já aconteceu tanta coisa na minha vida, tanta, não é, e a gente está aqui firme e forte, (...) mas enfim, então nisso aqui na verdade é mais uma, e, possivelmente, não vai ser a última; eu acho que isso foi um exercício bem bacana, não para ficar na reminiscência da tristeza, não, mas é para ver que acontece.

Suzana - Para ver que você pode, que cada vez você encontra uma saída diferente.

Lia – Exatamente.

Estes comentários mostram que há a possibilidade de olhar para a perda atual a partir de uma nova perspectiva: esta não é a única perda da vida e pode ser enfrentada e superada assim como outras já foram no passado. A separação atual pode ser re-significada a partir desta visão mais ampla da própria trajetória. Outras mortes aconteceram e sobreviveu-se a elas. Outras virão. Há a consciência de fazer parte do ciclo de vida-morte-vida, da grande roda da vida, o que fortalece os alicerces na própria existência e oferece condições para suportar o próprio destino.

Reconhecimento da projeção

Uma constatação importante surge para Miriam:

“Eu fiquei pensando, será que a gente distorce o outro, o parceiro da gente, não é? (...) Distorce o outro na mesma proporção que o outro distorce a gente? Porque que dor que dá, viu? E a gente deve, claro (fazer) a mesma coisa. E nessa conversa hoje, essa pessoa como é que essa pessoa consiga ver, me ver ou interpretar a situação dessa maneira, entendeu? Nossa, será que eu faço a mesma coisa? (...) É porque hoje teve um episódio que numa conversa com o ex, fiquei muito perplexa de ver e machucada também de ver, como ele me via naquela situação, como ele via algumas situações. E para mim era tão... fiquei tão chocada de ver como me sentia tão distorcida naquela visão. E a visão dele também de algumas situações para mim era tão distorcida, tão outra coisa, tão inverdade, eu não me reconhecia naquilo. Aí fiquei pensando o quê é que a gente faz também, não é? Se a visão que a gente toma como tão verdadeira para a gente, será que o outro, é vista de dentro do outro mesmo? Por que será?”

Será que o outro é assim mesmo ou é fruto de minha projeção? É o que Miriam começa a questionar pela primeira vez. Ao sentir-se distorcida pela visão do parceiro, ela percebe que pode estar distorcendo-o da mesma forma. Este questionamento revela que ela começa a se conscientizar de conteúdos de sombra que pode ter depositado no parceiro e que não necessariamente correspondem ao que ele de fato é. É um primeiro passo no processo de retirada de projeções, como já vimos, mas fundamental: afinal, o outro pode nem ser tão “bandido” assim, são meus olhos que enxergam deste jeito. Pois é só quando o outro pode ser percebido em sua realidade que é possível uma relação de alteridade, entre dois seres inteiros e distintos.

5.4 A mulher interior

No sétimo encontro do grupo foi realizada uma imaginação dirigida.⁴² Escolhi duas imagens para esta vivência: um banho de purificação e um encontro com a mulher interior. No banho está o simbolismo da operação alquímica da *solutio*. Mais uma vez, estavam presentes as lágrimas, agora vivenciadas na imagem de um banho purificador e regenerador no qual elas pudessem “dissolver” suas mágoas e tristezas, “lavar” suas feridas e aliviar-se das cargas passadas. A *solutio* também está associada ao renascimento através da imersão nas águas uterinas, onde uma nova vida pode ser gestada. O banho equivale simbolicamente ao batismo, que para Edinger (1990a) representa uma conversão e a morte da velha vida. No batismo cristão une-se o indivíduo a Cristo: uma imagem do vínculo entre ego e Self. Este autor ainda assinala que no batismo há a dissolução de todas as distinções e separações individuais, o que equivale a uma integração de elementos separados.

A imaginação com a mulher interior visava acessar uma imagem-guia do feminino arquetípico com a qual elas pudessem interagir. O acolhimento no colo da Grande Mãe, na mulher selvagem ou deusa de muitos nomes, pode fornecer o enraizamento necessário no Self feminino, uma volta ao lar da alma. Depois de examinar as feridas e costurar a pele machucada, ainda faltava ancorar a mulher em solo feminino, numa base sólida e instintiva que pudesse ser fonte de inspiração e sustento, instrutora ou guia da psique.

Neste tipo de imaginação não costumo fornecer detalhes às personagens sugeridas a fim de permitir a manifestação de imagens espontâneas do inconsciente. Apenas proponho a presença de alguma figura. Quanto menor a intervenção e condução, maior a possibilidade de surgir material autêntico e único, propiciando um caminho intermediário entre a imaginação dirigida e a ativa. Foi assim que conduzi esta atividade: uma mulher (sem qualquer outra identificação) aparecia logo após saírem da água. Se esta fosse jovem ou velha, familiar ou desconhecida, deusa ou bruxa, seria uma “escolha” do inconsciente. E o encontro, o diálogo? Poderia ou não ocorrer. Foi apenas indicado. Em seguida à imaginação, ofereci material de pintura e argila para que expressassem suas vivências.

Abaixo apresento suas produções e o que foi relatado nesta vivência:

⁴² A imaginação dirigida tal como foi conduzida no grupo encontra-se no ANEXO E

“Eu não consegui, a água foi uma coisa, assim meio esquisita porque eu surgia de detrás da queda d’água, eu sentia, era como se descortinasse para eu olhar do lado de lá; eu não consegui ir para o lado de lá, então assim, a folha de plátano estava lá atrás, eu conseguir chegar até aqui, onde caia a água, eu conseguia abrir a água para ver o que acontecia, mas não consegui passar pela cachoeira.” (Dora)



Foto 15 – Imaginação dirigida Dora

Dora representa a folha de plátano que visualizou, mas é interessante que dela surge um rosto de mulher – uma metamorfose de mulher em planta. Será uma possível alusão à “Senhora das plantas” (NEUMANN,1996), um aspecto do feminino arquetípico que se materializa? Em sua imaginação ela não atravessou a cachoeira. Uma travessia ou mudança pode estar sendo sugerida mas ela ainda não consegue efetivar.



“O que eu tentei mostrar seria a cachoeira... para mim é diferente, eu entrei na água, na hora que você falou que não era fria, era gostoso, aí fiquei um tempão na cachoeira, me senti bem, leve, uma outra pessoa, que eu não sabia se era reflexo meu ou não, a outra mulher que você citou, mas, assim, um momento que me deu bastante alívio, frescor, eu me senti bem, a cachoeira; olha faz tempo que eu não mexo em argila.” (Clara)

Foto 16 – Imaginação dirigida Clara

O que se destaca na imaginação de Clara é a sensação prazerosa do banho, que a faz se sentir outra pessoa. Para que o banho possa ser realmente restaurador e revigorante é preciso uma entrega à vivência sensorial, no aqui e agora. Sua representação traz uma figura humana em um prato ou concha, para ela simbolizando o banho. Chama a atenção a ênfase na boca, desproporcional em relação ao resto do corpo. Seria a expressão de suas necessidades de ser alimentada e cuidada como havia manifestado no grupo?

“Posso falar eu, do meu envelope? De tudo, o que ficou foi uma mulher me dando em envelope fechado, engraçado Eu abri aqui, mas eu ia deixar ele fechado, mas depois eu resolvi abrir; não sei se é foto, não consegui resolver (...) Tentei imaginar Silvana, quem poderia ser? Alguém do meu passado, da minha infância, a minha mãe?” (Beth)

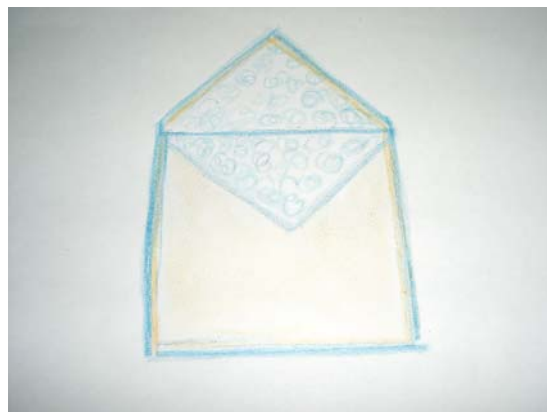


Foto 17 - Imaginação dirigida Beth

Um envelope fechado foi o que Beth recebeu da mulher em sua imaginação. Há algo a ser descoberto e revelado. Ela tenta abrir, mas não sabe o que tem dentro e fica curiosa a respeito da mulher: seria sua mãe? Um envelope pode conter muitas coisas o que sugere possibilidades a serem conscientizadas e aspectos do feminino ainda não acessados por Beth e que terá que desvendar. Como já vimos em sua linha da vida (as cores básicas encaixotadas na base da árvore) há potenciais a serem desenvolvidos por Beth – no caso do envelope, há potenciais a serem descobertos.



Foto 18 – Imaginação dirigida Suzana

“No começo até, um pouco antes, mas depois, assim, essa mulher não veio... e assim, mas eu tive uma sensação muito boa, sensação de estar descobrindo, separando as plantas, aquele sol, aquele calorzinho, depois a água, eu sentia mesmo descobrindo, fazendo esta coisa da aventura.(...) E o que veio para mim foi, que eu acho que a emoção, que é muito forte em mim; e eu acho que, principalmente agora eu estou tentando, eu não acho que seja consciente reffrear, mas eu acho que estou passando por uma fase onde a emoção está mais equilibrada, mais tranqüila. E ao mesmo tempo de emoção e ai eu vi uma ação, parece que as primeiras pegadas, os primeiros passos, eu acho que eu estou passando, caminhando, num outro lugar.”
(Suzana)

Suzana começa a se aventurar pelo desconhecido no meio da natureza; sua caminhada deixa pegadas. Estas representam o registro, as marcas do que foi trilhado, provas de sua resistência. Um grande coração é feito em argila e colocado ao lado das pegadas. Desta vez é um coração que contém vários outros pintados internamente, parece que está mais poderoso, muito diferente da imagem desenhada no primeiro encontro do grupo, que era de um coração partido.

“Eu, por incrível que pareça, eu sempre tive muita dificuldade de entrar nestas coisas, e hoje, eu fui mesmo, alias me emocionei em uma certa altura. Foi muito bom esta água, eu tenho um certo receio com água, mas achei, me senti super confortável na água morninha. A minha era morninha, e fiquei bem tocada com esta história desta mulher, porque no primeiro momento eu achei, porque eu fiquei muito ligada naquela coisa de tirar a roupa ou entrar e na hora de voltar a vestir e vestir só o que realmente era necessário; e eu me vi com uma pilha de coisas, mas uma pilha, eu botei um vestidinho e uma calcinha, nem sutiã; ai eu fiquei leve, leve,



Foto 19 – Imaginação dirigida Lia

quando você falou dessa mulher vieram duas coisas muito diferentes: uma como se fosse eu mesma olhando para mim toda vestida, e outra, a minha mãe. E aí, quando você começou a falar da tal da comunicação, a primeira coisa que veio na cabeça foi a palavra proteção, e em seguida, você falou: o que você pediria para esta mulher? Eu não estava pedindo mas veio, agora eu vou pedir, seja lá ela quem for, então, eu fiquei realmente, eu entrei mesmo nesta historinha, e ai o objeto era um anel, eu ganhei um anel, ele até brilhando ...eu fiquei ...eu fiquei até o final sem saber quem era essa mulher, se era eu mesmo ou minha mãe, enfim, mas eu acho que foi um pacto mesmo. Seja lá quem for esta mulher, de união mesmo, de proteção, o anel, gostei muito, foi bem, me surpreendi; porque geralmente eu sou meio dura nestas coisas, mas foi bem gostoso.” (Lia)

Lia se surpreende com a facilidade para entrar na vivência, chegando a se emocionar, uma experiência inédita para ela. A imagem da mãe emerge em sua imaginação, possivelmente sugerindo um resgate da mãe pessoal. O anel que Lia recebe também apresenta este significado: ela acessa a jóia que vem do feminino, na figura da mãe (que é ela própria, ao mesmo tempo). A mãe interior foi acionada e lhe traz proteção e união, uma fonte de alimento e de riqueza. O simbolismo do anel representa união, vínculo. No desenho a imagem da mãe aparece do lado direito do papel, em uma posição mais elevada do que ela, vestida com um amarelo forte. O lado direito está associado ao futuro e à consciência e a cor amarela a energia. Parece que o materno assume uma posição de destaque em sua consciência.



Foto 20 – Imaginação dirigida Miriam

*relacionamento confortável, e é uma coisa que estava apagada. E aí foi tão fácil, mas consegui sentir a água, o pescoço, a cabeça, foi muito bom esse banho (...) bebi a água inteirinha e na hora que eu sai, tinha que sair do outro do lado da cachoeira? Sai, e a figura que veio foi da minha mãe, mas .. não rolou não, falar nada, saiu alguma coisa dela para mim, agora eu não consigo lembrar o que é, só ficou a imagem, como se fosse, sabe alguém que traga um cigarro, ela nunca foi fumante, mas como tivesse saído daqui alguma coisa com um negocinho que tinha um brilho na ponta, mas para pedir alguma coisa não rolou. Quando chegou nesta hora, apareceu uma mulher atrás que eu, o mais próximo que eu vou chamar é de **Iemanjá**, porque **era uma mulher que apareceu atrás da minha mãe**, um pouco acima, só que **o vestido dela ia ao infinito lá atrás**, não dava para ver, e o cabelo, também, parece que emendava com as águas do rio. (...) Tinha um vestido que não acabava e aquele cabelo que eu não via para onde ia também. E na hora que essa mulher percebeu que eu percebi ela, que eu considere, que rolou, aí minha mãe virou uma mulher atrás de mim, sumiu lá para trás, quando você falou que eu pedia para a mulher, eu falei assim: - **eu sou mulher, eu sou uma mulher**; nada mais do que isso, quando essa outra apareceu e minha mãe sumiu não sei para onde, e nessa hora ...como se fosse assim: **minha mãe é uma mulher também e aí ficou essa mulher do cabelo grande e a roupa comprida e, aí quando você falou de dar alguma coisa, acho que na hora que ela foi me dar o presente que a minha mãe sumiu, acho, e aí ela tinha um jarro com flores, e eu já me vi com um buquê de flores na mão e eram flores para alegrar a minha vida. Então, eu fiz um vaso para guardar as flores com a esperança que essas flores lindas desse lugar não murchem, não morram, não preciso lavar; aí eu peguei e sai com esse coloridinho para simbolizar as flores.**” (Miriam)*

A imaginação de Miriam começa com boas recordações de seu relacionamento, vivências que estavam apagadas de suas lembranças. Em seguida mergulha na experiência sensorial do banho que ela bebe, parecendo saciar uma sede desta água purificadora. Assim como para Lia, a mulher visualizada é a mãe. Mas aqui o interessante é que por trás da mãe aparece uma figura que ela chama de Iemanjá, enfatizando a dimensão supra humana desta imagem: um vestido que vai ao infinito e cabelos que emendam com as águas do rio. Por trás da mãe pessoal emerge a mãe arquetípica da qual recebe flores. Sua imaginação apresenta um belo resgate do feminino e uma afirmação que brota de seus lábios: *eu sou uma mulher*.

*“Eu tinha acabado de chegar na beira de um riacho (...) e para mim foi muito forte na cachoeira, **eu me emocionei** porque essa coisa de deixar ir aquilo que não serve mais, eu nem sabia o que estava indo, mas era hora de ir, e aí eu me dei conta, que consegui imediatamente fazer contato com uma coisa do relacionamento que eu senti perder, a gente teve muito contato com a natureza, ele não tem medo de água fria, então qualquer água, inverno ou verão, é uma coisa que eu admirava também (...)...eu fiquei emocionada não só por isso, mas por lembrar de uma vertente do*

É importante comentar que em três das visualizações aparece a imagem da mãe, mesmo que de forma menos clara para Beth. Será um aspecto que pede para ser redimido na consciência destas mulheres? Autoras junguianas (WOODMAN, 1994; HUNT,1994; LOWINSKY,1994) falam sobre a importância para as mulheres de uma renovação das ligações inconscientes estabelecidas com as mães pessoais a fim de ratificar o feminino instintivo. Hunt (1994) chega a afirmar que a ferida mãe-filha é epidêmica, ressaltando o legado de um feminino ferido em nossa cultura de que as mulheres são herdeiras. Na visão de Lowinsky (1994, p. 143):

As mulheres que não têm contato com suas linhagens maternas são almas perdidas. São fantasmas famintos que habitam corpos que não lhes pertencem, pois para elas o solo feminino é um lugar estranho.

A imaginação dirigida trouxe à tona a imagem da mãe pessoal. No grupo elas foram mães umas das outras ao acolherem as feridas e segredos registrados nos papeizinhos, agora a imagem da mãe era evocada. Ao lidar com a mãe pessoal estamos lidando com seu cerne arquetípico: a Grande Mãe. A redenção da mãe é vital para a saúde psicológica das filhas do pai, para as órfãs de mãe de nossa cultura, para as filhas de mães que por sua vez também foram feridas.

5.5 Perdas e Ganhos

Uma última atividade foi proposta ao grupo: refletir e escrever uma lista do que consideravam as perdas e os ganhos vivenciados após a separação do casal. Até este momento o grupo já havia percorrido várias vezes o caminho das perdas, examinando sua extensão e buscando alternativas para cicatrizar as feridas. Agora, ao final da trajetória grupal, podia ser realizado um balanço, pareando as perdas com os possíveis ganhos que começavam a ser percebidos como potencialmente transformadores. A atividade visava trazer à consciência a reflexão sobre estas novas possibilidades. Apesar da dor e do difícil e lento processo de elaboração do luto, também era importante focalizar o outro lado da perda. Qual seria o significado desta perda? Qual seria a aprendizagem? Sim, mortes aconteceram, mas a morte pode constelar um novo nascimento.

Apresento a seguir alguns depoimentos das participantes sobre este balanço a título de ilustrar o processo vivenciado:

*“Bom, a minha listinha de perdas foi menor do que a de ganhos. Mas enfim, eu coloquei como perda, a primeira que realmente me vem na cabeça é um pouco do **financeiro**, que está realmente... E, em cima disso, evidentemente que você vai perder aquilo que a grana traz, não é? Viagens, restaurantes, enfim... Esse tipo de coisa mudou radicalmente na minha vida. **Perdi boas conversas, porque eu acho que a gente conversava muito**, ele era uma pessoa extremamente bem humorada, divertida. **A intimidade**, por mais que eu ache que a gente acabou se distanciando, eu vi que não tem alguém que me conheça melhor do que ele, e ele a mim, que eu conheça. Então, você já está todo certo em um monte de coisas, eu acho isso uma perda. Em compensação os ganhos, eu acho que foram bem maiores. Eu acho que estou com muito maior **autonomia**, muito mais **independência**, reativei contato com um monte de gente que eu tinha me afastado muito, amigos mesmo. Voltar a **ocupar o meu tempo com coisas que eu gosto de fazer e que eu fazia muito pouco ultimamente**, ler, ouvir música, sabe? Comer se quero comer, não comer se não quero comer, não ter que jantar todos os dias, não ter que fazer todos os dias as mesmas coisas, porque chega uma hora em que era uma grande rotina. A minha **reaproximação com a minha família**, que eu também tinha me afastado bastante, eu acho, me reaproximei muito agora. Eu estou sempre com gente em casa (...) Enfim, eu tenho um gatinho que eu jamais teria porque o C não ia admitir nenhum bichinho, e agora estou com um gatinho. Enfim! Em compensação também ganhei algumas coisas que... Porque ganhos a gente ganha também não só coisa boa, eu pensei aqui, eu **ganhei um certo receio de me auto gerir**, reaprender a gerir de novo. (...) Mas ao mesmo tempo eu acho que esse convívio maior comigo mesma tem sido muito interessante porque estou reaprendendo (...) eu acho que eu acabei virando outra pessoa para ele, muito mais dependente, muito menos... o que eu falei, autonomia, muito mais no embalo dele. Ele quem tinha grana, ele quem fazia, ele quem decidia, as viagens ele quem fazia o roteiro, sabe? E como estava tudo sempre bom, eu fui deixando... Então agora estou vendo, **estou reaprendendo a ser**. E às vezes quando dá umas panes, eu falo: “Você fazia isso quando tinha 20, você está com 43 agora e não vai saber? (...). Mas eu acho que na listinha **eu mais ganhei do que perdi**, sinceramente. E eu acho que eu ganhei, voltei a ter a **auto-estima um pouquinho mais elevada**, porque estava numa coisa muito desrespeitosa, no final das contas, então você acaba se sentindo um nada. Fala eu estou aqui e como alguém falou lá: “Você ficou por causa do conforto”. Eu falei assim: “Que vida é essa?”, eu gosto de conforto, mas você vai ficando meio esvaziada. Eu acho que no frígir dos ovos, foi mais positivo do que negativo, apesar dos altos e baixos. É isso.(...) Francamente, eu estou começando a sentir realmente falta de sexo, isso sim. Agora*

da companhia, não... Sair, dar uma namorada, mas ir para ficar assim não. Agora de fazer festinha, sim!” (Lia)

Lia está “*reaprendendo a ser*”, o que sintetiza sua percepção sobre este momento: ganhou autonomia, independência, auto-estima, recuperou laços de amizade e familiares. Suas perdas foram o conforto financeiro e a intimidade que tinha com o marido. Sente falta de sexo, mas não de um relacionamento.

*O meu é o mesmo que o da Lia, eu acho que eu **ganhei mais do que eu perdi**. Agora, **o que eu pensava que eu perdi, que era o mais importante na minha vida, eram os meus filhos**. Só que de um tempo para cá **eu estou feliz porque eles estão voltando**, eles estão vendo muita coisa errada do lado de lá. Minha filha está morando fora agora, ela já me escreveu que quando voltar, ela vem morar comigo (...). Agora outra coisa importante que eu ganhei, vocês podem até dar risada, mas é **saúde, eu vivia doente morando naquela casa**. Eu vivia gripada, eu vivia muito ruim.(...). Eu fazia terapia. Quando eu me separei falei: “Chega, não vou mais fazer nada”, eu nunca mais fiquei gripada, então foi ótimo, eu melhorei dos medos...(...). Então é isso, o que eu **perdi muito foi a estabilidade financeira, o meu apartamento e a família**. A família do lado de lá era muito grande e eu adorava todo mundo, agora acabou, **não tenho mais a família**. Minha família é só a minha mãe, uma tia, um tio e dois primos (...) Vou continuar namorando, isso faz parte. Sair, porque meu ex-marido nunca queria ir no cinema, balada, não queria ir em lugar nenhum. **Hoje eu saio, vou no cinema todo final de semana, vou pra balada, vou tomar café, saio, vou caminhar, eu adoro caminhar. Hoje eu faço tudo o que eu quero e não dou satisfação**, saio a hora que eu quero, volto a hora que eu quero, **sou dona do meu nariz**...(...) Mas eu ainda estou naquela fase da dúvida. Às vezes eu **acho que quero casar, às vezes eu acho que eu só quero namorar** e que eu não quero casar. Às vezes eu sinto falta.(...) Então às vezes eu queria ter alguém para preparar um jantar, a noite deitar para assistir televisão, sabe? No sofá, encostar a perna na pessoa, eu sinto falta disso.”(Beth)*

Para Beth a perda financeira também foi significativa e num primeiro momento sofreu com o distanciamento os filhos. Além disto, refere-se à perda dos vínculos com a família do ex-marido. Ganhou independência e liberdade: faz o que quer e não dá satisfação a ninguém. O mais interessante em seu relato foi a menção à recuperação da saúde. Antes vivia doente. Parece que seu corpo sinalizava a “doença” do casamento ou pelo menos era doentio para ela. Recuperar a saúde e perder seus medos certamente é um ganho bastante significativo. Mas sente falta da convivência e da parceria.

De maneira geral, as quatro participantes que fizeram a atividade (Suzana e Dora faltaram a este encontro) sentem que os ganhos foram maiores que as perdas. Beth e Lia enfatizam o ganho de independência e liberdade. Mas todas sentem a perda da intimidade, da parceria e da cumplicidade que o relacionamento oferece seja em relação à experiência vivida com o ex marido, seja pela falta de um companheiro na vida presente. Ganha-se o “eu”, perde-se o “nós”. Há uma nítida recuperação da individualidade, especialmente para Beth e Lia. A saída da relação de intimidade recupera o senso do eu, de ser um indivíduo distinto do

outro, de (re)aprender a se gerir e prover. Mas foi sacrificada a necessidade tão humana de parceria, de um vínculo íntimo e cúmplice. Perdeu-se Eros (ou ele já havia batido suas asas para longe há muito tempo e a separação foi apenas o desfecho final de sua partida). No “primeiro momento do grupo” já discutimos a necessidade de diferenciação e saída do estado de fusão que ocorre no casamento. Para estas mulheres a saída da simbiose se deu pela separação concreta, o que propiciou um encontro consigo e a aprendizagem de “ser”. Sair do “pertencer” conduziu ao “ser”. Uma questão a ser levantada é: seria este o único caminho possível (ou o mais viável) para a individuação destas mulheres? Esta pergunta fica em aberto, mas suscita alguma discussão. Já vimos as idéias de Guggenbühl-Craig (1980) a respeito do “casamento de salvação” que promove a individuação (e pode implicar em confronto e desarmonia, mas é fecundo e criativo) e do “casamento de bem-estar” que garante o conforto, mas sufoca a expressão da individualidade. Parece que foi este casamento de conforto (Lia, por exemplo, se refere claramente à situação confortável que perdeu) que teve que ser sacrificado e neste caso a separação representou um ganho considerável em direção ao desenvolvimento da personalidade e à individuação.

No processo de retirada de projeções que já ocorria durante o casamento e que pode ter sido intensificado durante e após a separação, uma quantidade enorme de conteúdos antes depositados no parceiro podem ser assimilados e reintegrados à consciência. Quando isto acontece, embora possa ser um processo bastante penoso, libera-se uma maior quantidade de energia que fica disponível ao ego para novos investimentos. Os “ganhos” relatados pelas participantes podem ser compreendidos desta maneira.

Sou indivíduo

Sou singular

Sou liga

Sou grupo

Sou categoria

Sou gênero

Sou mulher

Agradeço a cada mulher que vi

que vivi

que sofri

que perdi

que reconheci

Agradeço a todas as mulheres!

(Kátia Bastos)

6. O Processo grupal – uma nova *coniunctio*

Em vários momentos no decorrer dos encontros o próprio grupo foi objeto de comentários, em sua maior parte espontâneos, sem que houvesse uma solicitação minha neste sentido. Parecia ser uma grande descoberta ouvir histórias semelhantes, reconhecer-se nas falas da outra, às vezes, chocar-se ou emocionar-se percebendo as diferentes intensidades e nuances das experiências relatadas. A cada encontro novas revelações criavam uma cumplicidade maior e começou a se formar uma identidade grupal.⁴³ O que as unia desde o início era a experiência da separação amorosa e o motivo que as trouxe para o grupo: serem as participantes e colaboradoras de minha pesquisa. As conversas, tanto as que ocorriam no começo de cada encontro quanto as que seguiam as atividades, facilitavam o clima de acolhida, o reconhecimento de semelhanças e diferenças e fortaleciam os laços e a identidade grupal. Os recursos expressivos utilizados e a criação e manuseio dos materiais permitiram adentrar o campo simbólico e ritual ampliando o leque expressivo com a introdução da linguagem não verbal e possibilitando o acesso à consciência de novos conteúdos.

A seguir apresento alguns destes comentários que ilustram o processo vivido pelo grupo. Já no primeiro encontro algumas participantes observam semelhanças:

“Vai saber o que nós todas temos de semelhante para ter essa ruptura nos casamentos, deve ter alguma coisa comum, não sei.” (Clara)

*“Eu fiquei pensando, embora estejamos nos vendo pela primeira vez hoje, oficialmente, o **quanto nós somos iguais nessa coisa do sentimento**, sabe, que você deu o melhor de você, mas você também mostrou o seu lado mais podre, o que tinha de mais horrendo dentro de você e por um lado está me dando... é como se os elos de uma corrente que estivessem muito frágeis, como se eles fossem se solidificando por que eu sinto que não sou a única e que talvez vocês gostariam de ter colocado o marido pra fora com o oficial de justiça com as roupas dentro de um saco de lixo, eu tive essa coragem, mas também não sinto a dor que vocês sentem, então eu achei engraçado isso, essa **igualdade dentro da diferença**, cada uma viveu, do jeito que viveu, mas isso me chama a atenção, essa igualdade, esse sentimento da gente poder dividir...” (Dora)*

*“E hoje eu estou me sentindo de novo num ponto de relação e contato neste ponto de igualdade da dor igual, então **aqui eu estou me sentindo igual**. Porque eu estou me sentindo sem lugar; assim, esta ausência do meu corpo tem me deixado sem lugar, (...) e eu quero agradecer a cada uma de vocês.” (Miriam)*

Parece haver uma necessidade de encontrar pontos em comum e igualdade de sentimentos e com isto criar um sentimento de união **do** grupo e inclusão **no** grupo. Há

⁴³ Chamo de identidade grupal à unidade viva de um grupo: sentir-se como um grupo e pertencendo a um grupo. Pode ser denominado de Self grupal, termo sugerido por Freitas (2005a)

também a interessante constatação de igualdade dentro da diferença. As diferenças individuais não são negadas ou abolidas, mas há uma forte necessidade de identificar o que as une para formar uma identidade grupal. Nestes comentários percebo que começa a se esboçar um nascimento como grupo e não apenas uma somatória de partes isoladas, simples participantes de uma pesquisa.

Individual e coletivo se cruzam no espaço grupal. E essa é talvez sua maior sua riqueza. No espelhamento através do outro, na acolhida, a individualidade de cada um é reconhecida e respeitada, tem lugar. Um espaço que Héstia oferece, como apontado por Freitas (2005b). Ao mesmo tempo, na diversidade, há uma sensação de “igualdade”, como disse a participante. Há uma permissão para “ser” em sua singularidade, e pode-se “pertencer” à comunidade. Percebemos que temos algo em comum, que não somos os únicos a experimentar aqueles sentimentos, o que dá uma sensação de aconchego e de alívio. Há certa onipotência quando uma pessoa se crê a única a passar por um conflito ou sofrimento, e isto aumenta ainda mais sua dor, pois sentir-se dessa forma a coloca numa solidão enorme. Quando a dor é compartilhada, diminui a onipotência e a pessoa se humaniza. Sob a possessão de um complexo inconsciente, ficamos presos no reino dos deuses. Reconhecer nossa humanidade é um passo importante para começar a lidar com nossos complexos.

É possível que a vivência concreta e sofrida da separação (ou seja, sob a constelação da *separatio* e da *mortificatio*) mobilizasse uma compensação inconsciente para buscar a união e a integração (uma *coniunctio*) que faltava à consciência. Um “lugar” de união necessário à psique em meio à devastação ocasionada pela separação. Clara também manifesta ter encontrado um lugar para chorar:

“Aqui eu posso chorar, em outros lugares não posso mais, acho que é isso. [São]as histórias que sensibilizam, de cada uma.” (Clara)

O espaço grupal configura o “espaço seguro e protegido” da relação terapêutica em que é possível a expressão das emoções, a exposição mais íntima da alma. Desde o primeiro encontro, houve a sensação da demarcação deste lugar especial que o diferenciava de “outros lugares”. O “*temenos*”, a fronteira que delimita e separa o espaço sagrado do profano, estava em construção e já era palpável.

Em outro momento, Dora também se refere a este espaço:

“Então, eu acho que esta sensação do pertencimento e de ter um horário específico para mim. Eu sei que de segunda-feira, às sete horas eu venho aqui na Silvana, é um espaço onde as pessoas não estão para me criticar, simplesmente para me ouvir, e não para me julgar; porque eu posso me desnudar de todas as máscaras...” (Dora)

Um espaço que permite o desnudamento, onde não é preciso se defender. Um espaço para a alma. Bolen (2003) usa a palavra “santuário” que me parece bastante apropriada para descrever a atmosfera protetora que emana do grupo.

Miriam sente que o trabalho do grupo ajuda a “digerir” a experiência da separação:

*“como é que a gente trata de indigestão de comida que a gente come, e a gente não trata de indigestão de experiências que a gente vive? Porque com esse trabalho que estou fazendo, que nós estamos fazendo aqui, eu estou impressionada, **quantas vidas eu teria que viver pra conseguir digerir, o que nesses três encontros eu já, assim, não sei se dá pra entender (...)** eu nunca tomei um sorrisal em toda a minha vida; mas eu tenho uma sensação do que **eu sei que é tomar sorrisal desde o dia que eu entrei aqui; como se fosse uma pílula que está ajudando a digerir algo, sabe?** Até a imagem que eu vejo do sorrisal, não porque eu nunca comi, mas, assim, a sensação é que vai fazendo... E essa é a sensação que eu tenho, e foi essa sensação que eu tive de novo ao lembrar das coisas (...) eu nunca pude imaginar o tamanho do alívio e do ganho que se pode ter, da pessoa fazer esse trabalho; e porque que os psicólogos não divulgam, qual é o caso?”*

O grupo potencializa a ampliação de consciência e assimilação de conteúdos. Lembro que Sandor⁴⁴ (informação pessoal) falava da atuação da força (energia psíquica) do grupo em termos de uma progressão geométrica: há um efeito multiplicador em ação (e não de somatória) atuando no trabalho grupal. Farah (1995) também cita um termo empregado por Sandor: *sintalia grupal* (sin = junto; tália = talhar) referindo-se à sintonia e efeito que ocorre no trabalho realizado em grupo. Esta mobilização também é comentada pelas participantes:

*“Com o grupo dessa semana, eu consegui fazer melhor as reflexões, vocês me ajudaram também, apareceu um pouco mais de conteúdo. Ah, o livro, aquela música... Acho que isso ajudava bastante, isso contribuiu. Eu venho de uma terapia que é freudiana, então é completamente diferente. Muito diferente. **Comparando, acho que essa mexe mais do que a outra. Não sei, experimentando essas estratégias eu acho.** (Clara)*

“Então, deu uma localizada de novo na dor, porque eu acho que eu passava muito por cima.” (Lia)

*(...) como se, nesses setes encontros deu um freio de arrumação danado na história mesmo, o assunto que trouxe a gente aqui, a separação. Freio de arrumação é um termo que tem na X, sabe o que é freio de arrumação? Quando a gente anda de ônibus, ninguém aqui anda de ônibus? (...) o ônibus fica muito cheio e o povo meio espalhado(...) No final do dia está precisando de espaço... Então, o carro dá aquele freio, sai todo mundo catando pista (...) A sensação que dá é que **estava tudo meio espalhado, desarrumado**, os sete encontros deu um freio de arrumação ... **Agora tem espaço para respirar**, para outras coisas, você **pode arrumar diferente** ... então está tudo (...) tem folga para chorar essa tristeza, tem folga para alucinar (...) mas com **mais clareza dos sentimentos**. (Miriam)*

Esta fala de Miriam denota o efeito organizador que o trabalho realizado produziu. Antes, “estava espalhado”, parece que agora é possível dar espaço para outras coisas. A ruptura do vínculo leva à desorganização, à perda de referenciais, e isto ocupa um espaço

⁴⁴ Anotação pessoal de comentário feito pelo Prof. Sandor em grupo de estudos.

enorme na consciência, sufoca. Não cabe mais nada, tal é a intensidade de emoções e pensamentos. O efeito de organização que o grupo proporcionou a Miriam remete mais uma vez a Héstia, com sua capacidade de focalizar e apaziguar (FREITAS, 2005b). Há um fortalecimento do ego que começa a sair do caos das emoções e é capaz de fazer discriminações, arrumar cada coisa em seu lugar. Vejo também o trabalho das formigas que ajudaram Psiquê a separar as sementes que estavam misturadas na primeira tarefa dada por Afrodite. É preciso primeiro por ordem na confusão.

Os laços se estreitam e começam a se estender para fora do enquadre do grupo:

Dora – Semana passada eu senti uma falta de vocês...(havia faltado ao grupo)

Beth – Está sendo tão bom vir aqui conversar.

Dora – Queria falar com vocês, falava: “Ai, meu Deus, eu não tenho o telefone delas!”...

Há um apelo para serem mais pessoais, diretas e afetivas (esta fala aconteceu na atividade dos “segredos”):

*“Do tempo que eu estou ouvindo, eu tive dificuldade de entender, não é que você não explicou, eu acho que é a nossa resistência mesmo de entrar em contato com a dor, mas à medida que a coisa foi rolando, eu comecei a sentir falta de escutar a pessoa dizer como se estivesse: Eu digo a você... **tornar mais pessoal, sabe?** Porque eu acho que isso ajudaria a gente a **conectar o nosso coração...**(...) Eu estava me concentrando aqui, ouvindo cada palavra como se fosse para mim, para ajudar a conectar com o eu, porque **estava muito impessoal. É uma sensação..**” (Miriam).*

A presença da força vinculadora de Afrodite presente no grupo se faz sentir nestes comentários: elas querem mais proximidade, intimidade, sair do impessoal, qualidades que esta deusa imprime ao ambiente, criando e fortalecendo laços, uma vivência de *eros*.

Há também a percepção e o fortalecimento de uma identidade feminina comum:

“como é que uma mulher que sangra setes dias por mês, não morre de hemorragia como qualquer outro mortal, pode ser chamada de sexo frágil? Ai você falando este discurso me faz pensar ...o resgate maior é da nossa identidade mesmo dentro daquilo que a gente perdeu de mais precioso dentro desta relação...”(Dora)

*“(...) eu não estava achando que iria acabar, eu acho que não estava achando que iria acabar ainda, eu não estava na real, não estava com a sensação. Mas também percebi que este sétimo encontro... Ah, essa coisa de continuar para mim, o grande sentido de continuar para mim, é o seguinte, eu acho que **pela primeira vez na vida, eu realmente me levei a sério como mulher, foi nesse grupo.** Porque eu acho que eu nunca me trabalhei pensando que era mulher, não. Eu acho que em todo trabalho assim comigo, terapia, auto conhecimento, eu sou uma pessoa, um ser, mas nunca me pensei mulher, jurou por Deus.(...) Eu nunca me pensei como mulher, nada nesse sentido assim de gênero, masculino e feminino, e **isso para mim foi um grande achado**”. (Miriam)*

O feminino pode ser reconhecido, fortalecido e celebrado no grupo de mulheres. A este respeito Kast (1997b, p. 29) afirma:

[...] a relação com outras mulheres proporciona também uma qualidade de vivência que pode ser, em minha opinião, caracterizada antes de tudo pela “qualidade *anima*”: uma qualidade de comunhão entre si e do “tornar-se amplo” espiritualmente, sem que seja necessário proteger-se, é uma forma de abordagem erótica que não procura imediatamente a ação; uma fascinação com as possibilidades, ternuras femininas etc., que simplesmente podem ser experimentadas.

No pequeno livro “*O milionésimo círculo*”, Bolen (2003, p.20) fornece um guia para a formação de “círculos de mulheres”, pois “as mulheres têm um talento natural para eles. O círculo é uma forma arquetípica que parece familiar à psique da maioria das mulheres. Ele é pessoal e igualitário”.

O fato de ser um grupo só de mulheres trouxe uma cumplicidade de gênero, através olhar de outras mulheres que refletia em espelho as próprias questões, angústias e dores. Beth expõe o que sentiu:

*“Eu gosto desta troca, de ouvir as histórias; eu fico o tempo todo, nesses dois meses (...) eu pensei nas duas que choraram, que são as mais sofridas aqui, então, eu ficava pensando, meu Deus **como elas sofrem**, elas têm que sair dessa ...eu sofri também, não que eu não tenha sentido, eu senti muito, meus filhos saíram, a síndrome do ninho vazio, foi tudo junto na minha vida, eu endividada, meus filhos foram embora, o outro fugiu, trocou, me largou; então eu hoje estou dando a volta por cima, meu Deus, **elas têm que parar de sofrer, porque tem muita coisa boa pela frente**”.* (Beth)

Beth está separada há mais tempo do que as outras participantes. Seu depoimento mostra sua dificuldade em ver o sofrimento das outras mulheres, talvez um espelho do que ela mesma sofreu. Por outro lado, também traz a boa notícia ao grupo de que este sofrimento não dura para sempre.

Foi pouco tempo de trabalho:

“Esses sete encontros, deviam ser sete meses de trabalho.” (Miriam)

Os encontros (foram estendidos para oito) não puderam abarcar a necessidade das participantes (e nem o meu desejo de continuar com o grupo). Algumas participantes sugeriram a continuidade dos encontros do grupo. Mas infelizmente a impossibilidade de conciliar horários e disponibilidades impediu a concretização desta proposta.

A perda do grupo com o término que se aproximava (era o sétimo encontro) mobiliza algumas participantes:

*Dora-(...) acho que tem realmente uma questão da perda, **onde eu vou me ancorar** ou aonde eu vou encontrar as minhas amigas, porque eu acho que por mais que a gente não tenha contatos muito estreitos aqui se cria um vínculo, um laço de amizade muito grande e me deu **uma revolta muito grande, essa sensação de solidão, essa sensação de estar sozinha(...)** e aí*

eu não tinha atinado, não que seja culpa sua, mas eu acho que juntou talvez um certo tempo da separação, o final do grupo, eu fiquei muito brava mesmo. E agora você falando, eu fiquei mais brava ainda.

Beth - Hoje eu fiquei pensando comigo, eu fiquei chateada, será que eu não vou ver mais ninguém, como é que vai ser? Só daqui a um mês, e depois? Cada uma vai seguir seu rumo, a gente não vai ficar sabendo das histórias, no começo vai se mandar e-mails, mas depois, vai escassear.

Outra perda (agora do grupo) é anunciada. Um reflexo do vínculo que foi criado. Novamente a separação e a perda se configuravam, mobilizando sentimentos de abandono, desamparo, solidão e revolta. Mas também despertou gratidão:

*“Eu me senti premiada porque o processo aconteceu no auge, eu estava me sentindo no olho do furacão, literalmente, então para mim é um presente; **a gratidão que eu tenho é total e absoluta** (...)...no olho de furacão você tem a oportunidade de retomar o senso de si mesmo, da maneiraeu tive a oportunidade, por causa do processo da história individual, a gente foi buscar isto desde a infância, **isso para mim não tem preço**, isso que aconteceu aqui não tem preçoter ido lá na criança ..o senso de ser mulher, gente vocês não tem noção do que isso foi para mim, **eu nunca me pensei como mulher ...mulher, grupo, gênero**, eu acho que eu já falei isso aqui, e agora quando você perguntou, eu me dei conta de novo de como isso é importante para mim.” (Miriam)*

De maneira geral observo que o processo vivenciado pelo grupo apresentou um movimento em “espiral”: temas abordados nos encontros iniciais eram retomados em momentos posteriores do grupo através de um novo olhar mais abrangente e aprofundado que revelava uma elaboração simbólica sendo processada. Neste sentido, Jung (1944/1991, p.39) assinala que o processo de desenvolvimento psicológico acontece de forma espiral e não linear. Bolen (2003, p.29) também fala da forma espiral que se apresenta nos círculos de mulheres: “As mulheres conversam em círculos de inúmeras formas e maneiras; a conversa toma uma forma espiral na exploração subjetiva de cada tema”.

No início havia uma necessidade “catártica” muito acentuada para muitas participantes: elas demonstravam precisar compartilhar suas histórias e contar seus dramas para testemunhas empáticas e solidárias que entendessem e sintonizassem o que estavam sentindo. Também observei em algumas participantes a tendência a se referir aos parceiros de forma depreciativa, atribuindo-lhes culpa e delegando responsabilidades; as companheiras do grupo eram vistas como potenciais aliadas contra a crueldade ou traição dos homens. A percepção e a interpretação dos fatos estavam em geral dirigidas para fora: era o “outro” que estava no foco das conversas. Aos poucos, esta postura e o clima do grupo foram mudando: elas conseguiam realmente ouvir umas às outras, concentrarem-se nas atividades propostas e principalmente começaram a olhar para si próprias, para seu processo pessoal e para sua responsabilidade frente a esta situação existencial. Era o início de um “centramento” que

permitiu a ampliação de consciência e a descoberta de novas possibilidades internas para lidar com a perda. Atribuo esta mudança à introdução dos recursos vivenciais no grupo. Estes facilitaram a criação de um campo simbólico, um “espaço ritual” em que confluíam: a experiência e o repertório individual das participantes, a formação e consolidação de uma experiência enraizada na identidade feminina comum a todas e um contato vivo com o mundo imaginal. Enfatizo o uso do termo “ritual” no contexto do grupo vivencial, pois é o que confere a passagem da dimensão de um grupo que trabalha exclusivamente no nível verbal ou interpretativo para um grupo que se abre à dimensão imagética e simbólica.



Foto 21 - O grupo na exploração dos materiais.

Algumas palavras sobre os recursos utilizados

A diversidade dos recursos utilizados permitiu uma experiência dialética – um diálogo entre as participantes, a coordenadora, os materiais e as vivências – que acontecia em vários níveis mobilizando as diferentes funções da consciência: sentimento, sensação, pensamento e intuição⁴⁵.

A narrativa de contos e mitos possibilitou às participantes imagens que ofereciam um contorno coletivo universal que validava seus processos internos. Como já vimos, um fio

⁴⁵ Pensamento, sentimento, sensação e intuição são as quatro funções da consciência que associadas à orientação extrovertida ou extrovertida em relação ao objeto constituem a tipologia psicológica. Jung expõe esta conceituação em “Tipos Psicológicos” (JUNG, 1921/1976b).

condutor do trabalho com o grupo foi trazido pelo conto “Pele de foca, pele de alma”. A metáfora da perda da pele percorreu diversos encontros do grupo: a imagem criou uma linguagem comum ao grupo. Todas sabiam do que se falava quando alguém dizia “onde” ou “como” tinha perdido sua pele. Em alguns momentos do grupo apresentei uma breve descrição de algumas deusas gregas. Também narrei de forma resumida outro conto: “O quadro de pano”⁴⁶ em relação à confecção do manto. Estes *recursos culturais* como já vimos na seção “O grupo na Psicologia Analítica” foram utilizados no sentido descrito por Halpern-Chalom e Villares de Freitas (2006, p. 40): “como matriz e continente, gerador e contorno, a partir do qual os conteúdos individuais e grupais foram trabalhados”. Havia um respaldo arquetípico que ecoava as experiências pessoais e ampliava a perspectiva existencial. O efeito curativo das histórias, já apontado neste trabalho, era acionado.

Outros recursos utilizados foram a expressão através de materiais plásticos como pintura e argila, a realização da linha da vida, a confecção do manto, a escrita da história autobiográfica que compuseram outra categoria de atividades denominada *recursos fixos* por Halpern-Chalom e Villares de Freitas (2006). A concretização em diversos materiais permitiu um encontro diferenciado com as imagens internas. As mãos davam forma à experiência vivida, tornando-a visível, aproximando corpo, psique e matéria. No fazer manual o corpo também está convocado a participar: há uma ação que as mãos executam através do pintar, desenhar, esculpir ou costurar. Depois de prontas, as produções podiam “dialogar” com a participante individualmente e também com o grupo, pois cada produção exercia um efeito no grupo como um todo que contribuía com suas observações a respeito do material produzido. Neste sentido ocorria uma amplificação grupal no termos que Sant’anna (2005, p. 38) expõe:

A amplificação, no contexto grupal, ocorre quando a imagem é enriquecida pelos diversos enfoques que os diferentes elementos do grupo atribuem a uma imagem. Seja por meio de perguntas que visam a recuperar a imagem e explorar as associações que o sujeito faz com elas, seja por meio da troca de impressões ou sobreposição de imagens, oportunidade em que se amplifica a imagem inicial até que se obtenha uma resposta pessoal em relação a ela.

Algumas palavras sobre a coordenação

O primeiro desafio que tive ao planejar o trabalho com o grupo era conciliar a pesquisadora com a terapeuta. Anos de prática como psicoterapeuta em consultório e com

⁴⁶ O quadro de pano é um conto tibetano que narra a história de uma mulher muito pobre que encantada com um quadro resolveu tecê-lo. Esforçou-se muito para tecer o quadro, passava noites em claro, mas conseguiu terminar. Na hora que ficou pronto um forte vento o levou e aí começam as peripécias de seus filhos para reaverem o manto perdido (in BONAVENTURE, 1992).

grupos de mulheres certamente me habilitavam para lidar com o grupo sem muita dificuldade. Mas como ficaria a pesquisadora em uma situação grupal? O grupo piloto me ajudou a viabilizar este papel. A presença da colaboradora foi fundamental para me liberar da parte operacional (gravar, tirar fotos) e com isto pude estar totalmente focada no que acontecia com o grupo. Após a realização do grupo piloto, mais preparada, pude iniciar o grupo de pesquisa: ia dar conta de coordenar o grupo para realizar a pesquisa, tendo como instrumental a experiência acumulada como terapeuta.

A “sintonia fina”⁴⁷ foi a qualidade mais marcante na tarefa de coordenação que possibilitou um olhar atento às individualidades e ao mesmo tempo ao processo e movimentos que o grupo manifestava. A intuição e o sentimento, minhas funções mais apuradas, foram as que me guiaram na condução do grupo e permitiram esta sintonia com as sutilezas sempre apresentadas no grupo. As elaborações mais intelectuais do pensamento aconteciam em momentos posteriores aos encontros e no planejamento do encontro seguinte. Entretanto, este planejamento era apenas esboçado e sujeito a alterações e adaptações no confronto com a “realidade” do grupo. Considero esta flexibilidade sem perder o foco e o objetivo do trabalho fundamental no papel de condução de grupos vivenciais. Como aconselha Jung (1929/ 1981a, p. 38) em relação à psicoterapia: não se deve ter objetivos demasiados precisos, pois as grandes decisões da vida estão “muito mais sujeitas aos instintos e a outros misteriosos fatores inconscientes do que à vontade consciente”. O mesmo se aplica em relação aos grupos vivenciais. Penso que mesmo quando se trabalha em um grupo vivencial com duração restrita e/ou com alguns objetivos ou temas delimitados a priori, estes devem conservar fluidez para adaptações àquela realidade apresentada em cada encontro do grupo a fim de permitir a constelação do campo simbólico. Esta postura exige experiência e habilidade do coordenador que transita entre a condução propriamente do trabalho e manutenção de um campo fértil para a elaboração simbólica. Esta postura remete a outra recomendação de Jung (1929/1981a, p.43) de “fantasiar junto com o paciente”: “O meu esforço consiste justamente em fantasiar junto com o paciente. Pois não é pouca a importância que dou à fantasia.” O que implica certamente nesta abertura à fluidez do processo.

Como escreve Freitas (2005 a, p.50):

Coordenar um grupo vivencial implica encarregar-se do estabelecimento e manutenção de um campo interacional, no qual os símbolos possam se definir, apresentar, interagir e ser, em alguma medida, assimilados à consciência.

⁴⁷ Freitas (1995) se refere a uma “escuta em sintonia fina” que o coordenador do grupo vivencial deve ter para manter a conexão com a atmosfera grupal e os símbolos evocados.

Cabe ainda comentar sobre a relação transferencial que ocorria no grupo. Às vezes algumas participantes se dirigiam a mim solicitando uma explicação ou orientação seja no momento do grupo ou nos intervalos que fazíamos para um rápido lanche. Muitas vezes, ao relatar suas experiências e observações, dirigiam seu olhar a mim num pedido de confirmação, quase excluindo as outras participantes. Era nítida a transferência que acontecia comigo no papel de coordenadora. Algumas vezes esta situação me colocava numa “saia justa” e mesmo acolhendo a solicitação eu devolvia a questão para o grupo ou para a própria participante. Mas no decorrer dos encontros a formação de uma identidade grupal e as atividades propostas “diluíram” a transferência entre as participantes. Uma atividade foi especialmente facilitadora desta nova configuração: a rodada dos “segredos” em que cada uma dava conselhos à outra, no quinto encontro do grupo. Elas começavam a ser “co-terapeutas” e a relação grupal mesmo mantendo alguma assimetria óbvia, pois eu ainda era a coordenadora, passou a se dar de forma mais participativa e menos dependente de minha aprovação. O grupo passou a adquirir uma forma circular: um Círculo não tem hierarquia – é a própria expressão da equidade, como diz Bolen (2003, p. 29).

7. Seis meses depois...

Aproximadamente seis meses após o término do grupo foi realizada uma entrevista individual com as participantes. Das seis componentes do grupo, Lia, Miriam, Clara e Beth compareceram a esta entrevista que foi realizada em meu consultório em horários e dias diferentes. Dora e Suzana foram contatadas, se manifestaram disponíveis para a entrevista, mas foi difícil compatibilizar horários e eu não quis ser insistente. Esta entrevista se iniciou com as consignas: “Como você está neste momento em relação à separação? Como está sua vida de modo geral?” A partir destas duas questões, a entrevista seguia livremente o fluxo espontâneo das associações. Na entrevista eu procurava investigar:

1. O significado atribuído à separação a partir da perspectiva atual em termos de desafios, aprendizagens e elaboração da perda.
2. Uma avaliação pessoal sobre o trabalho realizado no grupo: estratégias utilizadas, sugestões, críticas e possíveis efeitos.

As entrevistas duraram cerca de uma hora e pudemos trocar idéias sobre o processo apresentado por cada uma. Além de oferecer uma escuta empática e sensível, também pude “devolver” algumas observações na medida em que era solicitada ou quando suas falas evocavam ressonâncias significativas.

A fim de ilustrar esta nova etapa na vida das participantes, sintetizo minhas impressões, apresentando algumas de suas falas.

Lia: O principal desafio que Lia enfrenta é lidar com as dificuldades financeiras do momento. Vivia uma situação muito confortável no casamento e hoje tem que enfrentar uma mudança no padrão de vida. Acha que fez um “*péssimo acordo*” na separação e sente que deu “*uma caída*” depois disto: “*Estou devagar, quase parando*”, diz. Também não está disponível e aberta para novos relacionamentos: “*estou meio ostra*”. Considera uma aprendizagem não confundir “gostar” com “se anular” – acha que abriu muito mão de si no casamento.

Sobre o grupo diz:

“quando me separei passei por cima como um trator; ter participado do grupo foi um desafio porque era tocar num assunto que eu não estava com vontade de falar. E não foi doloroso, ao contrário, foi muito bom. Foi bom para ver as diferenças, a maioria da minha idade. Serviu para me fortalecer um pouco, porque achei que bem ou mal, eu ainda estava menos fragmentada, menos raivosa (...) achei muito rico.”

A atividade que mais mobilizou Lia foi a imaginação dirigida com a mulher interior, na qual surgiu a imagem de sua mãe. Conta que hoje estão mais próximas:

“Bateu algo em relação à minha mãe. Ela foi ausente quando mais eu precisava (...). Estou numa fase diferente, resgatei muito minha relação com minha mãe. Acho que nunca tive isso. Acho que isso se deve um pouco ao grupo, sim.”

Apesar do tom de desânimo em seu depoimento, principalmente em relação às dificuldades financeiras, Lia demonstra consciência e capacidade para enfrentar os desafios que está encontrando.

Clara: Sempre um pouco reservada e sintética em sua fala, Clara se diz mais centrada do que na época do grupo, o que atribui ao novo namoro. Acha que está com menos expectativas e não pensa mais em se casar. Acredita que está aprendendo muito com este relacionamento:

“Prometi que só vou gostar de quem gosta de mim e eu vi que é possível. Tenho aprendido a respeitar: se ele não quer sair, ele fala. Estou aprendendo. No começo fiquei mal, mas é um aprendizado.”

Percebe que sua maior dificuldade é lidar com a rejeição: *“se eu lidasse com o afetivo como lido com o trabalho estava perfeito”*, diz. Acha que enfrentou situações que não imaginava ser capaz como vender a casa e depender mais de si própria para cuidar dos filhos.

Sobre o grupo, diz:

“Ouvir outras pessoas, algumas delas estavam melhores, conseguiam pensar o que fazer para se sentir melhor. Foi um momento crucial. Ouvir outras mulheres, eu estar falando... levei para o dia a dia, as falas delas me ajudaram. Tive oportunidade de falar da minha solidão (...) Senti um reconhecimento dos sentimentos.”

Gostou muito da confecção do manto e comenta que após o grupo leu o livro de Clarissa Estés⁴⁸, que se tornou uma grande fonte de descobertas para ela.

Beth: Conta que está trabalhando muito e não está aproveitando “as coisas de sua vida”. Relata também a reaproximação dos filhos: sua filha voltou a morar com ela e com sua mãe, o que a deixa feliz. Separou-se de um relacionamento que mantinha (durante o período do grupo ela estava afastada deste namorado, mas depois retomaram). Foram muitas idas e vindas, mas optou pelo término da relação: *“Eu quero escolher e não ser escolhida.”*

Avalia que depois do divórcio adquiriu mais confiança em seu trabalho que antes era um “hobby”. Acha que está mais responsável, calma e recolhida agora do que logo após a separação. Sente-se diferente. Até saber da doença da enteada do ex-marido sentia raiva, mas hoje diz: *“não reclamo de mais nada.”*

⁴⁸ O livro “Mulheres que correm com os lobos” (1994) foi comentado no grupo.

Em relação ao grupo, comenta que ver o sofrimento que algumas participantes manifestavam a ajudou a se sentir mais “forte”: *“Eu me senti privilegiada em relação às outras”*. Diz que adorou as trocas, as histórias e os exercícios. Mas confessa: *“a minha colcha de retalhos foi bobinha”*. Apontei a ela a maneira como se referia à sua produção, de forma muito severa, desvalorizando-se.

Foi a primeira vez que senti Beth mais introspectiva e realmente calma e reflexiva. Parece que mesmo manifestando algumas insatisfações ela está assumindo mais a responsabilidade por sua vida e por suas escolhas.

Miriam: Considera que está no começo de uma nova vida: mudou de casa e dá aulas numa faculdade: *“me sinto muito mais em mim”*, diz. Para se proteger tomou uma atitude radical, afastando-se completamente do ex-marido e das pessoas que mantêm relação com os dois: *“Os mesmos olhos que me vissem, não podiam vê-lo”*. Explica que esta reação foi instintiva pois não lhe fazia bem lembrar de sua história: *“ia ficar dolorido de novo, ia sentir raiva”*. Cheguei a perguntar se vir à entrevista não iria trazer estes sentimentos à tona. Ela respondeu

“Esse espaço tem outro significado, quando cheguei na porta, senti: aqui é permitido, aqui é protegido, aqui é comigo. Ficou um espaço muito especial, mágico mesmo. Espaço sagrado, alguma coisa assim. Tenho muita gratidão. As descobertas aqui me fortaleceram muito. Um outro tipo de solidão, me senti pela primeira vez como pertencente ao gênero feminino, dá uma sensação de respaldo atrás, diferente do apoio de uma amiga.”

Em relação à elaboração da perda comenta que às vezes ainda chora, mas é *“um choro diferente, é quieto, não necessariamente ruim.”* Está muito ocupada consigo e em retomar as rédeas de sua vida; tem uma clareza maior e uma sensação de alívio e abertura.

Em relação ao grupo, fala da cumplicidade que se estabeleceu e que mesmo com as diferenças elas tinham um ponto em comum: *“todas perceberam que abriram mão de si; cometemos o mesmo tipo de erro.”*

“Mas é diferente de como os amigos tentam dizer para gente. Aqui são pessoas que estão doloridas e estão dizendo isso de um lugar que elas entendem. (O grupo) deu uma pele, uma proteção, um colo, um abraço mesmo, um colo, não tem outra palavra, isso deu um respaldo muito grande. Aprendi muito como é o respeito que se deve ter em relação à dor do outro.”

Sempre muito expressiva e intensa, Miriam demonstra estar retomando sua vida. É capaz de acolher a tristeza quando esta se manifesta, mas não fica fragilizada por isto. Mesmo

a atitude de afastamento em relação a alguns amigos parece ter sido necessária para se proteger e lidar com a perda amorosa.

Foi realmente muito gratificante encontrá-las meses depois de encerrado o grupo. Pude ter um olhar mais apurado e sensível depois de conhecer suas histórias e acompanhá-las no grupo. Elas também demonstraram estar muito à vontade na situação de entrevista; era palpável o vínculo estabelecido comigo e com o grupo. Todas se referiam às outras participantes lembrando algum momento ou fala, flashes que ficaram registrados. Meu sentimento neste momento era de gratidão por terem partilhado comigo uma fase dolorosa de suas vidas e pelo reconhecimento de que mesmo com as dificuldades que pudessem estar enfrentando, elas estavam ali, sólidas, firmes, (re)construindo suas vidas. Tive a certeza de que o trabalho realizado no grupo contribuiu para isto.

Para fechar este capítulo, nada melhor do que a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1987):

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

(Ausência, 1987, p.25)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não fosse o limite do tempo, uma pesquisa nunca chegaria ao fim: as reflexões e discussões sobre o tema sempre permitem novos desdobramentos. O prazo de entrega de uma tese funciona como uma barreira na estrada que diz: “É proibido seguir em frente”. É desta forma que percebo a finalização deste trabalho. É assim também que percorro o caminho trilhado até aqui e destaco alguns pontos de parada necessários, atalhos descobertos e sinalizações importantes na análise do material. Espero deixar pegadas e indicações úteis do roteiro para que outros possam seguir adiante.

O objetivo desta pesquisa foi a compreensão, sob o enfoque da Psicologia Analítica, da experiência da separação amorosa para mulheres de meia idade particularmente no que diz respeito a seu processo de individuação. Para atingir este objetivo foram realizados oito encontros de grupo vivencial com sete participantes, no qual foram desenvolvidas e vivenciadas estratégias grupais a fim de mobilizar recursos internos e favorecer a ampliação de consciência para lidar com a perda amorosa. Esta proposta de trabalho grupal se constituiu em um objetivo específico decorrente do objetivo principal assim como também foi base para oferecer subsídios para uma atuação psicológica com grupos de mulheres na abordagem junguiana.

O tema estudado não foi esgotado, já que não seria viável dada sua abrangência e profundidade. Entretanto, esta pesquisa permitiu abertura para novos questionamentos e reflexões tanto a respeito dos conteúdos mobilizados pela separação amorosa articulados ao processo de individuação feminina quanto em relação às estratégias e atividades realizadas no contexto grupal. Estas últimas envolveram a narrativa de mitos e contos, assim como vivências expressivas e plásticas com materiais diversos. Constatou-se que as atividades propostas no contexto grupal se mostraram eficazes para promover a elaboração da perda e possibilitar ampliação de consciência às participantes. A seguir descrevo os principais passos e reflexões conduzidos no percurso deste trabalho.

O primeiro ponto de parada importante na compreensão dos dados foi identificar como era vivenciada a separação. Constatei uma diversidade muito grande de sentimentos manifestados pelas participantes do grupo. Enquanto algumas expressavam raiva, sentindo-se traídas e injustiçadas, tendendo a culpar o parceiro, esse visto como vilão, outras manifestavam tristeza, muitas vezes acompanhada pela sensação de vazio e desorganização ou pelo sentimento de desamparo e solidão. Mas para algumas mulheres também havia a percepção de que não houve culpados, que a separação foi conseqüente à dinâmica do próprio relacionamento. Observei no grupo uma tentativa de compreender e explicar a separação, organizando a experiência ao torná-la parte de um todo com significado. O tempo decorrido

desde a separação e “ter sido deixada” ou “deixar o outro” parecia trazer intensidades diferentes a vivência. As mulheres separadas há menos tempo demonstravam estar mais mobilizadas emocionalmente. Mas a escolha ou não pela ruptura do vínculo não pareceu ser uma garantia de que a separação estivesse mais “resolvida” ou elaborada, a não ser no caso em que a decisão foi tomada pelos dois.

A metáfora da “perda da pele” foi uma referência fundamental para aprofundar a compreensão da experiência vivida pelas participantes. A dor, que era expressa com modulações diversas e singulares no grupo, apresentou um denominador comum: a sensação de perda da identidade. Este tema foi unânime no grupo. A separação denunciava, de um lado, aspectos importantes da personalidade que tinham sido negligenciados ou permanecido subutilizados durante o casamento e de outro, “a perda do eu” foi sentida especialmente no processo de desorganização vivenciado com a ruptura do vínculo. Para algumas participantes, na perda do eu, é como se houvesse uma “traição de si própria”.

Recorrer ao conceito de projeção foi um dos atalhos tomados que permitiu avançar na análise da sensação de perda de identidade. Para seguir este caminho foi necessária uma revisão de alguns dinamismos atuantes no relacionamento conjugal. O sentimento de perda está relacionado principalmente ao que foi projetado no parceiro e no vínculo conjugal. Muitos conteúdos psíquicos ainda podem estar depositados no parceiro. A sensação de faltar um pedaço quando acontece a perda do relacionamento é característica de uma projeção que ainda não foi recolhida e reintegrada.

Muitas vezes o vínculo conjugal se sustentava sacrificando o desenvolvimento individual de um ou de ambos os parceiros, o que pode acarretar na repressão ou não conscientização de partes importantes da personalidade. Quando a relação acaba, os conteúdos que estavam, de certa forma, aprisionados pela projeção ou reprimidos pela necessidade de adaptação ao outro, começam a ser conscientizados e surgem as perguntas: *Quem sou eu agora? Onde foi parar aquela parte minha?*

O “nós”, símbolo da *coniunctio*, é projetado na conjugalidade: são os planos e projetos em comum, o que foi construído e investido na parceria. Quando se perde o “nós” que ainda está depositado naquele relacionamento, perde-se a conexão com o outro interior e com o simbolismo da *coniunctio*, da união dos opostos que era vivida concretamente na parceria. A solidão é vivida intensamente nesta dinâmica, pois se perdeu a conexão com o Self.

Neste trabalho observou-se que o vínculo estabelecido no casamento, que exige sempre alguma parcela de dependência mútua, pode ter sido baseado numa simbiose em grau maior ou menor. Se esta simbiose ou fusão foi vivida de modo a não permitir as fases de

afastamento naturais ao relacionamento, pode haver um impedimento para a individuação. A relação se cristaliza e sufoca, pois não há a vivência dos ciclos de fins e recomeços que vivificam as relações amorosas. Esta situação foi identificada em algumas participantes que descreveram a dificuldade para colocar limites e “dizer não” no casamento, retratando a manutenção de uma relação aparentemente harmoniosa, mas simbiótica.

O sentimento de desamparo que foi manifestado no grupo também pode ser uma reação à perda desta relação de dependência que oferecia proteção e confirmação do próprio valor. Neste quadro, mesmo que a separação seja experimentada de forma muito dolorosa – já que a identidade estava alicerçada no vínculo – separar-se pode ser uma oportunidade para uma diferenciação necessária ao desenvolvimento da personalidade. Enfrentar o desamparo e a solidão, conseqüentes à saída da fusão, pode promover uma experiência de iniciação através do resgate de potenciais que ficaram depositados no parceiro. O *animus* positivo pode começar a ser acionado. Também retratado no grupo, o reconhecimento da raiva silenciada que permaneceu na sombra do relacionamento simbiótico pode ter o mesmo efeito curativo e transformador sobre a personalidade.

Na análise das transformações observadas na identidade das participantes o referencial mitológico permitiu algumas amplificações. Um arquétipo feminino dominante na vida da mulher pode ter o efeito de eclipsar a influência de padrões de outras deusas. Outras facetas importantes da vida deixam de ser atendidas. No grupo, as deusas Hera e Afrodite foram as que se apresentaram mais feridas neste processo. Afrodite, a deusa do amor e da paixão parece ter sido negligenciada na vivência de algumas mulheres: no casamento, quando Deméter foi ativada pela experiência da maternidade, ou após a separação, pela indisponibilidade para novos relacionamentos. Também foi constatado o abandono de Afrodite no casamento, revelado no descuido com a aparência e na falta de delicadeza e charme, atributos desta deusa, que deram lugar à imagem arquetípica de um feminino mais selvagem e destrutivo ou ainda pela ativação do complexo materno negativo no vínculo conjugal.

Hera, a deusa do casamento, se sente muito ferida com a separação. Inconformismo ou raiva e desejos de vingança e justiça foram manifestados no grupo em maior ou menor grau, revelando a influência do padrão desta deusa por trás destas atitudes e sentimentos. Para algumas mulheres a experiência de terem sido traídas ativou a ira vingativa de Hera que clama por justiça. A raiva pode ser saudável e necessária para o fortalecimento do ego num primeiro momento, dentro do processo de elaboração do luto pela perda. Mas se há a permanência neste estado tais sentimentos podem aprisionar a mulher na posição de vítima, paralisando seu

desenvolvimento; uma dinâmica que foi observada em algumas participantes. Neste funcionamento, o perdão, que poderia ser transformador, é inatingível, uma vez que a libertação da raiva demanda assumir a responsabilidade pela própria individuação, saindo do conforto aparente que a vitimização oferece e recolhendo a projeção do papel de vilão no parceiro.

A separação constelou outros arquétipos em algumas participantes como as deusas virgens Atena e Ártemis, conferindo maior autonomia, independência e dedicação aos estudos ou trabalho, qualidades e atividades que tinham sido pouco desenvolvidas enquanto estavam casadas. Como pontuamos na seção 1, na atualidade há mais possibilidades arquetípicas disponíveis para a mulher. Desta forma, a dissolução do vínculo pode assumir modalidades bem menos assustadoras do que há algumas décadas atrás, uma vez que hoje a mulher pode desenvolver outras formas de individuação diferentes do modelo tradicional de casamento, para além do padrão da esposa Hera, como ficou evidenciado para algumas participantes que (re)descobriram seus potenciais intelectuais e profissionais.

No caminho trilhado por esta pesquisa foi inevitável percorrer as terras sombrias do mundo inferior constelado pela vivência do luto. A tristeza e os sentimentos depressivos evidenciaram que a deusa do mundo dos mortos convidava algumas participantes a visitar seus domínios. Faz parte do processo de luto vivenciar as fases de *nigredo* e da *mortificatio*, que representam a sombra, a indiferenciação e a morte e estão associadas à depressão e ao sentimento de fracasso. Mas o simbolismo da morte está vinculado ao renascimento, como vimos no mito da descida de Inana, que após o encontro com o feminino sombrio renasce transformada. Há neste processo uma rendição e aceitação do ego à realidade da perda ao mesmo tempo em que se realiza um esforço consciente para sobreviver à dor através das atividades cotidianas que o mundo externo exige. A experiência da descida remete ao encontro com o Self feminino, representado pela deusa escura e que esteve reprimido na sombra do patriarcado. O mito de Inana pode ser um guia para as mulheres contemporâneas cruzarem o limiar das expectativas coletivas e patriarcais a respeito de seu comportamento. Como foi abordado neste trabalho, este é um processo necessário à “filha do pai” para se reconciliar com a mãe e enraizar sua identidade em solo feminino, configurando uma volta ao “lar da alma”. Houve também um emergir da imagem da mãe arquetípica na vivência de algumas participantes, o que demonstra que este símbolo estava constelado na psique destas mulheres, trazendo a possibilidade de redenção da ferida mãe-filha.

A transformação de Core, a inocente filha de Deméter, em Perséfone, a poderosa rainha dos mortos, também pode ser uma imagem inspiradora para as participantes cuja

consciência estava mais identificada com o padrão da *puella* dependente e frágil. Neste caso, o abandono do parceiro pode representar uma iniciação através da descida não voluntária ao mundo inferior. Neste padrão de consciência, descrito no capítulo IV (pág.112), a força e poder individuais são delegados para os outros. A fim de sair deste padrão a mulher terá que aceitar o sofrimento e enfrentar a sombra para se apropriar de seus tesouros escondidos.

Pensando em possíveis caminhos para a individuação feminina sugeridos pela experiência da separação amorosa, além das imagens de Inana e Perséfone, o mito de Psiquê oferece também indicações valiosas através das tarefas que ela tem que cumprir. Psiquê inicia sua individuação ao sair da inconsciência e do conforto que a fusão inicial do casamento com Eros garantia. Este mito aponta uma trajetória heróica feminina, diferente do modelo masculino de empunhar a espada e matar o dragão. Algumas destas tarefas foram retratadas pelas participantes que agora se dão conta de ter que aprender a dizer “não” e serem mais assertivas. Poder ser receptiva e afirmar sua essência, fazer as suas escolhas, dizer o “sim” e o “não”, são alguns dos desafios da individuação para muitas mulheres na vivência da separação amorosa. A capacidade de fazer escolhas está associada ao simbolismo da *separatio*, que implica na discriminação e saída do estado de fusão e inconsciência. Segundo Neumann (1990a) Psiquê desenvolve o masculino interior na realização de suas tarefas. No grupo, para muitas participantes, começou a se perceber um resgate deste masculino capaz de discriminar, em sua função de logos, revelando um movimento na direção de um *animus* mais positivo a serviço do ego.

A experiência da separação observada nas participantes do grupo leva a refletir sobre algumas outras trajetórias de desenvolvimento. Dois encaminhamentos possíveis para o casamento patriarcal encontrados na mitologia são apontados por Neumann (2000). Um é a tragédia de Medéia que, após a traição e abandono por Jasão, regride à Mãe terrível, mata seus filhos e parte na carruagem do dragão; um caminho destrutivo e temido. Outro é a imagem de Ariadne que, abandonada por Teseu, em uma das versões do mito, é resgatada por Dioniso, tornando-se sua esposa. Segundo este autor, o casamento com este deus representa um encontro com o masculino transpessoal. A raiva de Medéia é muitas vezes vivida pela mulher enciumada ou traída, um padrão que estava nos bastidores das manifestações de algumas participantes. Já o encontro de Ariadne com Dioniso é bastante sugestivo de possibilidades transformadoras. Este é o deus andrógino, amado pelas mulheres e que tem o falo fertilizador do feminino. Ele dissolve as formas rígidas e apolíneas do patriarcado, gerando criatividade. Nesta versão do mito, segundo Downing (1987), o abandono de Ariadne por Teseu é o prelúdio necessário para o relacionamento com Dioniso. Nesta visão, ela precisa ser deixada

por Teseu a fim de abandonar sua dependência em representar o papel de anima para o parceiro.

Penélope é citada por Moraes (2000) como um modelo feminino compatível com a mulher contemporânea, salientando sua fidelidade a um ideal de parceria e sua resistência à ordem patriarcal. Segundo esta autora é um modelo que retrata a situação da mulher atual que vive sozinha, cria e sustenta seus filhos, livre para escolher um homem com quem possa viver um grande amor. Eu penso que há também neste mito uma indicação importante: além de não ceder às investidas dos pretendentes interesseiros, Penélope manifesta uma espera ativa quando tece o tapete à noite e o desfaz todos os dias. “Esperar ativamente” tem analogia com a gestação, um processo de espera, mas com uma atividade intensa e ininterrupta que ocorre interiormente; um símbolo essencialmente feminino, de quem sabe conviver com os ciclos e processos. Não me parece haver aqui uma imagem de passividade da mulher, tal como às vezes aponta-se neste mito.

Um olhar distanciado do processo do grupo permite-me observar agora que algumas participantes poderiam estar buscando a fidelidade de Penélope ou a descoberta de Dioniso dentro de si, uma fonte de regeneração para o feminino. Enquanto escrevia estas páginas ocorreu-me um insight: Ariadne tem o fio para percorrer o labirinto e Penélope tece. Temos aqui uma alusão aos tecidos e ao processo criativo feminino, que foi materializado no grupo na atividade da confecção do manto. Talvez sejam duas qualidades femininas que precisem voltar a ser prestigiadas, sob outras formas, pelas mulheres contemporâneas: o conhecimento dos caminhos do labirinto que conduzem ao Self e a habilidade de conviver com os ciclos da vida. Mas estender-me nestas idéias escapa aos objetivos do presente trabalho. Fica a sugestão para estudos posteriores.

Com relação aos objetivos específicos da pesquisa observo que uma fronteira foi atravessada no percurso desta tese: o trabalho vivencial realizado em grupo que caracterizou uma proposta de intervenção e apresentou afinidades com o método de pesquisa-ação. Havia um objetivo terapêutico vivencial acontecendo de forma simultânea à coleta de depoimentos nos encontros do grupo, o que introduzia variáveis novas. Observou-se desta forma um processo que era vivenciado no campo simbólico constelado no grupo e que afetava e operava transformações nas participantes e na coordenação a cada encontro. A elaboração da tese aconteceu em parte no fazer artesanal com o grupo, no planejamento e condução das atividades, muitas vezes guiados pela intuição, e de outra parte, na posterior escrita que permitiu a organização dos dados e um diálogo mais aprofundado com as teorias que deram sustentação à análise do material.

Neste trabalho pude constatar que o grupo vivencial pode ser bastante eficaz para promover a ampliação de consciência; possibilitou às participantes uma maior percepção de si próprias através do encontro das diversidades e das atividades desenvolvidas. O fato de ser um grupo delimitado a um tema e ter uma duração pré estabelecida também trouxe foco para o trabalho. Propiciou um espaço seguro e protegido oferecendo abrigo para a elaboração do luto e ao mesmo tempo despertou e colocou em movimento as forças curativas da personalidade.

Considero que uma característica diferencial deste grupo em relação a outras propostas grupais é o seu caráter vivencial, o que permitiu a criação de um espaço ritual e simbólico: um “*temenos*”, o espaço sagrado delimitado onde ocorre a transformação, foi assim configurado. A utilização de contos e mitos, o trabalho com imaginação e o manuseio de materiais como pintura, desenho e argila, permitiram a entrada no campo simbólico. O respaldo coletivo das histórias e mitos possibilitou um encontro entre o arquetípico e o pessoal, através das ressonâncias que ocorriam individualmente. Cada participante se “reconhecia” em algum ponto da história, o que propiciava a inserção num contexto mais amplo: sua história pessoal era legitimada pelo coletivo, pertencia à herança cultural da humanidade. A imaginação também facilitava o acesso a conteúdos psíquicos inusitados e desconhecidos, que depois eram materializados nas produções plásticas. Estas “dialogavam” com as participantes tanto no próprio manuseio do material, às vezes mais desafiador, quanto depois de prontas, trazendo novas percepções e significados e, com isto, favorecendo a elaboração simbólica.

Também o fato de ser um grupo de mulheres, só de mulheres, que passavam pela mesma situação, o diferencia de outros trabalhos. Elas estavam entre iguais e trocavam experiências semelhantes, mesmo que apresentando tonalidades singulares, o que sem dúvida facilitou a formação do vínculo. Em um nível mais profundo esta “igualdade” propiciou uma ancoragem no feminino, tão necessária à mulher contemporânea, filha do patriarcado, como já vimos, e que ofereceu confirmação e acolhida através do olhar de outras mulheres. No grupo de mulheres (e também coordenado por uma mulher) elas podiam ser elas mesmas, expressar raiva e vulnerabilidade, rir e chorar juntas.

Considero que o fio condutor (de Ariadne) do trabalho foi o relato do conto “Pele de foca, pele de alma” (Estés, 1994) a partir do qual o grupo ingressou na linguagem metafórica. Este tema constituiu o eixo do trabalho realizado encaminhado para a busca da alma perdida e/ou ferida com a separação. As atividades realizadas com o grupo se constituíram nos instrumentos e nos caminhos percorridos para o resgate da alma e a cicatrização destas feridas.

Nestes termos, penso que as atividades pilares realizadas no grupo foram: a retrospectiva da própria trajetória (através da escrita autobiográfica e da execução da linha da vida) e a confecção do manto de proteção. A retrospectiva permitiu a re-significação da perda amorosa e a apropriação da história de vida a partir de uma perspectiva mais ampla: tinham um patrimônio existencial e eram suas protagonistas. A realização do manto marcou o início da cicatrização das feridas que haviam sido identificadas nos primeiros encontros do grupo. Associei esta atividade a uma *coagulatio* – que enraizava o processo vivenciado na concretude da matéria – e a uma *coniunctio* – que unia os pedaços perdidos da alma, remendando os rasgos na psique ocasionados pela perda. Estas três atividades giraram em torno da idéia de tomar posse da própria história e da criação de uma nova “pele” – uma nova identidade que era reescrita e costurada. Um novo sentido podia ser atribuído à perda e à própria vida, que agora pertencia, e de forma maleável (como o pano), à pessoa.

Avalio que a maior riqueza desta pesquisa foi o trabalho de fato realizado com o grupo: lá encontrei a *prima matéria*, lá se esboçaram os contornos do vaso, lá foram feitos os experimentos com os diversos elementos para realizar as operações da *opus*. Os alquimistas realizavam suas experiências com a matéria, concentrados e perseverantes, com a atitude mental e o empenho adequados, depois relatavam suas experiências e transmitiam seus conhecimentos e fórmulas para que outros pudessem seguir seus passos. Mas há uma multiplicidade muito grande de receitas e instruções dos procedimentos alquímicos, o que demonstra que cada um realizava suas próprias descobertas individualmente, e que não havia uma receita única e válida para todos. Por que a verdadeira *opus* não está confinada à matéria concreta, sendo, na verdade, a expressão de processos psíquicos inconscientes.

Da mesma forma, considero que a experiência com cada grupo é única e resultado do encontro entre individualidades naquele momento específico e que não há uma receita geral a ser seguida, a não ser pela atitude e empenho adequados. Ainda assim, espero que o caminho trilhado com este grupo possa servir de inspiração e guia para futuros trabalhos grupais com mulheres que precisam lidar com perdas. Usei a palavra “perdas”, pois vejo que há indicações em alguns dos trabalhos desenvolvidos que também podem ser úteis em outros momentos da vida, em situações de crise ou de passagem que ocorrem não apenas na separação conjugal.

A separação amorosa pode ter ocorrido a favor de um crescimento individual ao desfazer o vínculo conjugal que paralisava ou impedia a individuação. Mas a separação também pode ter sido o recurso defensivo encontrado justamente para evitar as transformações e desafios no relacionamento que poderiam promover a individuação pois, muitas vezes, o desejo de separação é o símbolo de uma necessidade de reformulação do

vínculo e nem sempre precisa ser concretizado. Em relação às participantes, não há como afirmar com segurança se a dissolução do vínculo ocorreu de uma ou de outra forma. A separação já era um fato consumado. A tarefa exigida à consciência neste momento era lidar com esta perda. Assim como em outros eventos traumáticos na vida, a separação pode ser vivenciada de modo criativo ou paralisante. Desta última forma, os mecanismos inconscientes que podem ter contribuído para a separação correm o risco de se perpetuar, o luto não elaborado pode congelar o desenvolvimento, o abandono permanece como uma sentença condenatória de fracasso e incapacidade, a raiva pode aprisionar a pessoa na posição de vítima injustiçada: portanto, aqui não há crescimento nem transformação. A proposta deste trabalho com o grupo de mulheres visou mobilizar as forças construtivas e curativas da psique através da aceitação e do respeito pela dor vivida no confronto com a realidade da perda. Aí reside o papel do ego como sujeito de transformação: o que fazemos com as situações que o Self propõe em nosso percurso. E assim assumir a responsabilidade por nossas escolhas e nossas atitudes: esta, a maior tarefa da individuação.

O caminho percorrido pelas participantes do grupo demonstrou que houve uma percepção maior de que elas eram co-responsáveis no processo de separação, de que não eram vítimas indefesas, de que podiam expressar sua raiva e assertividade, de que podiam chorar, de que aquela perda dolorosa foi uma entre tantas outras na vida e que, de um modo ou de outro, foi possível sobreviver a todas elas. Também houve a constatação de que havia muito trabalho a ser realizado: recuperar a auto-estima, resgatar aspectos importantes da personalidade que foram negligenciados, recolher as projeções ainda depositadas no parceiro, descobrir novas possibilidades de realização além do modelo de casamento, perdoar e aprender a solidão e a autonomia. Na alquimia a *separatio* precede a *coniunctio*: é necessário ser indivíduo separado, com um ego firme e estruturado na individualidade, para poder unir os opostos na psique – meta da opus e da individuação.

Não se pode afirmar que futuras decepções ou separações amorosas na vida das participantes serão vivenciadas sem sofrimento, uma vez que não há como criar imunidade à dor sem pagar o preço de um distanciamento da vida. O sofrimento é inerente ao envolvimento e ao estar profundamente vinculado a alguém: *eros* e *pathos*, os dois lados inseparáveis da dimensão amorosa. Áreas de inconsciência sempre existem, os complexos não podem ser completamente eliminados, algumas projeções são inevitáveis e constituem a matéria-prima da atração e do amor. Mas talvez seja possível viver o relacionamento amoroso com maior consciência e de forma mais realista, em que cada individualidade seja respeitada, sabendo aceitar seus ciclos de vida e de morte. Ou a perspectiva da solidão poderá ser vivida

não como um exílio, mas como uma possibilidade enriquecedora no processo de individuação.

Considero que este tipo de abordagem em grupos vivenciais de mulheres necessita ser implementado e desenvolvido em consultórios e instituições de saúde para atender às demandas cada vez maiores de uma sociedade que assiste e vivencia tantos desencontros e separações nas relações entre homens e mulheres. Pensar na criação de espaços grupais de acolhida e que ofereçam recursos para a elaboração simbólica deste momento de crise pode ser a contribuição desta pesquisa para a área das relações de gênero. Numa época marcada pela revisão dos papéis masculinos e femininos, novos estudos neste campo também podem ser desenvolvidos com grupos de homens que vivenciam a perda e a separação amorosa.

Para finalizar esta pesquisa, nada mais apropriado do que a poesia escrita por uma das participantes durante o período dos encontros do grupo, cuja linguagem simbólica acessa o mundo das imagens e abre a dimensão dos possíveis significados e efeitos deste trabalho.

Sou uma cicatriz no corpo de Deus.

Sou uma lembrança de que uma ferida sempre pode ser aberta na carne do mundo.

Sou a memória de que há um coração no umbigo da terra.

Sou a lembrança-cicatriz de que a separação é uma ilusão.

*E que o outro que reabre a ferida é apenas um dos tantos eus que sou,
esquecido em mim.*

Começo a chegar perto do lugar onde quase agradeço.

*Talvez agradeça um dia à dor que me causou esta separação:
abertura que me lançou a novas paisagens dentro em mim*

(Kátia Bastos).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.B.V.B de.** *Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana.* São Paulo. 269f. 2007. Dissertação. (mestrado) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- AMANN, R.** *A terapia do jogo de areia : imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade.* São Paulo: Paulus, 2002 . 182 p.
- ANDRADE, C.D de.** *Corpo.* Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BACON, M.-A.** *I thought that love would last forever: a fenomenological study of divorce, grief and transformation.* Dissertation- Abstracts- International. The Sciences and engineering. Vol 63 (2-B) Aug 2002,1064.
- BOGDAN, R.; BILKEN, S. I.** *Investigação Qualitativa em Educação.* Portugal. Porto Ed, 1994.
- BOLEN, J. S.** Atena, Ártemis, Afrodite e a iniciação ao feminino consciente. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida.* São Paulo: Gente, 1994. pp.317-322.
- _____. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. 417 p.
- _____. *O milionésimo círculo: como transformar a nós mesmas: um guia para círculos de mulheres.* São Paulo: Triom, 2003. 115 p.
- BONAVENTURE, J.** *O que conta o conto?* São Paulo: Paulinas, 1992. 213 p.
- BRANDÃO, J. de S.** *Mitologia Grega v.1.* Petrópolis: Vozes, 1986. 404 p.
- BYINGTON, C. A. B.** Uma avaliação das técnicas expressivas pela psicologia simbólica Junguiana - *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.* São Paulo n. 11, p.134-149, 1993.
- CAMPBELL, J.** *As transformações do mito através do tempo.* São Paulo: Cultrix,1992. 246p.
- _____. *O herói de mil faces.* São Paulo : Cultrix/ Pensamento, 1995. 411 p.
- CAROTENUTO, A.** *Amar Trair : quase uma apologia da traição.* São Paulo: Paulus, 2004. 254 p.
- _____. *Eros e Pathos: amor e sofrimento.*São Paulo: Paulus, 1994. 239 p.

- CARUSO, I.** *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte.* São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- CASELLATO, G.** (Org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada?: perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade.* São Paulo: Livro Pleno, 2005. 158 p.
- CASTILLEJO, I. C. de.** *Knowing Woman: a feminine psychology.* Boston: Shambhala, 1973.
- CHIZZOTTI, A.** *Pesquisa em ciências humanas e sociais.* São Paulo: Cortez, 1998.
- CHANDER, W.** *Grupo de psicoterapia de curto prazo sob o enfoque da Psicologia analítica.* São Paulo. 2001. Dissertação (mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – PUCSP.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A.** *Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, mombres.* Paris : Seghers, 1973. 4 v.
- COLONNA, M. T.** Amor, separação e conhecimento. *Rivista de Psicologia Analítica* n. 21 1980. p. 55-69
- COWAN, L.** Quando Eros parte. In: **SALLES, C. A. C.; MELLO, J. M. F. C.** (Org.) *Sexualidade e individuação.* São Paulo: Vetor, 2007. p. 169 -184.
- _____. Quando Eros retorna. In: **SALLES, C. A. C.; MELLO, J. M. F. C.** (Org.) *Sexualidade e individuação.* São Paulo: Vetor, 2007. p.185- 196.
- DA MATTA, R.** Apresentação. In: *Os ritos de passagem.* **GENNEP, A.V** Petrópolis: Vozes, 1978.
- DI YORIO, V.** *Amor conjugal e terapia de casal: uma abordagem arquetípica.* São Paulo: Summus, 1996. 116 p.
- DOWNING, C.** *The goddess: mythological images of the feminine.* New York. Crossroad, 1987. 250 p.
- DUBY, G.** O modelo cortês. In: **DUBY, G; PERROT, M.**(orgs.). *História das mulheres no ocidente.* A idade media. Porto. Ed. Afrontamento, 1990. Vol.2.
- DUCATI, D. C. P.** O luto pelas separações amorosas. In: **CASELLATTO** (Org.): *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade.* Campinas, SP: Livro Pleno, 2005. p.77-94.
- EDINGER, E. F.** *Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia.* São Paulo: Cultrix, 1990a 274 p.
- _____. *Ego e arquetipo.* São Paulo: Cultrix, 1990b. 400 p.
- ELIADE, M.** *Birth and rebirth : the religious meaning of initiation in human culture.* New York : Harper & Brothers Publishers, 1958.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. 179 p.

ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 627 p.

FARAH, R. M. *Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Robe, 1995. 502 p.

FARIA, D. L. de *O pai possível: um estudo dos conflitos da paternidade em um grupo de homens*. 2001. Tese (doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 2001

_____. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo. EDUC/FAPESP, 2003. 286 p.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª edição, 6ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREITAS, L. V. *A máscara e a palavra: exploração da persona em grupos vivenciais*. 1995. 257f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. *Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. Psicologia USP: dossiê: Carl Gustav Jung e outros trabalhos*, São Paulo, USP-IP, v.16, n. 3, p.45-69, 2005a.

_____. *O calor e a luz de Héstia: sua presença nos grupos vivenciais. Cadernos de Educação*. Cuiabá, EdUNIC, Edição especial de 2005, p. 131-145, 2005b.

_____. *Processo de "Grupação"?: reflexões sobre o potencial dos grupos vivenciais*. In: Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana, 4, 2006, Punta del Este, Uruguay. *Anales del IV Congreso Latinoamericano de Psicologia Junguiana*. Montevideo : Imprenta Gega, 2006. p. 369-373.

_____. ;**HALPERN-CHALOM, M. H.** *Mitos, Contos e Recursos Expressivos no Contexto Grupal: parâmetros de uma prática*. In: Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, 3, 2003, Salvador. *Anais do III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana*. São Paulo: Lector, 2003. p. 259-264.

FURTH, G.M. *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. São Paulo: Paulus, 2004. 223 p.

GALLBACH, M. R. *Práticas de imaginação corpo-ativa nos grupos de vivência de sonhos: em direção à individuação em comunidade*. In: Congresso Latino –Americano de Psicologia Junguiana, 3, 2003. Salvador. *Anais do III Congresso latino-americano de Psicologia Junguiana*. São Paulo: Lector, 2003. p. 177-182

GIDDENS, A. *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1992.

- GOMES, P. B.** Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In: **GOMES** (Org.): *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003. pp.13-39.
- GUGGENBÜHL-CRAIG, A.** *O casamento está morto Viva o casamento*. São Paulo: Símbolo, 1980. 139 p.
- HALL, J. A.** *A experiência junguiana: análise e individuação*. São Paulo: Cultrix, 1992. 229p.
- HALPERN-CHALOM, M.; VILLARES DE FREITAS, L.** Mitos, contos e recursos diversos no Self grupal. *Hermes*. São Paulo, n.11 p.39-45, 2006.
- HANCOCK, E.** A menina interior: pedra de toque para a identidade das mulheres. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p. 87-99.
- HARDING, M. E.** *Os mistérios da mulher antiga e contemporânea: uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos*. São Paulo: Paulinas, 1985. 311 p.
- _____. *The value and meaning of depression*. New York: Analytical Psychology club of New York, 1970.
- HILLMAN, J.** *Estudos de Psicologia Arquetípica*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. 234 p.
- _____. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Paulinas, 1984 138 p.
- HOLLIS, J.** *A passagem do meio*. São Paulo: Paulus, 1995. 172 p.
- _____. *O Projeto Éden: a busca do outro mágico*. São Paulo: Paulus, 2002. 186 p.
- HOPKE, R.H.** *Persona: where sacred meets profane*. Boston/London: Shambhala, 1995.
- HUNT, N.** No colo das mães. In: **ZWEIG, C.**, (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p. 101-118.
- IBGE:** taxa de divórcio cresce 200% em 23 anos no país. 4/12/ 2008. Disponível em: < www.estadao.com.br. > Acesso em: 15 jan.2009.
- JACOBI, J.** *Complexo, arquétipo, símbolo: na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986. 170 p.
- JACOBY, M.** *O encontro analítico: transferência e relacionamento humano*. São Paulo: Cultrix, 1992. 139 p.
- JOHNSON, R. A.** *Sonhos, fantasia e imaginação ativa: a chave do reino interior*. São Paulo: Mercury, 1989. 244 p.

JUNG, C. G. (1958) A função transcendente. In: _____. *A Natureza da psique*. Tradução de Pe Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2000a p.11-22. (Obras Completas de C. G. Jung v.9/2).

_____. (1959) *Aion: estudos sobre o simbolismo de si-mesmo*. Tradução de Pe Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1982. (Obras Completas de C. G. Jung v.9/2).

_____. (1946) A psicologia da transferência. In: _____. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1987. p.35-219 (Obras Completas de C. G. Jung v. 16/2)

_____. (1934) Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: _____. *A Natureza da psique*. Tradução de Pe Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2000b p. 27-39 . (Obras Completas de C. G. Jung v.9/2).

_____. (1925) El matrimonio como relacion psicológica. In: *Problemas psíquicos del mundo actual*. Tradução de M. Ignacio Purroy. Caracas: Monte Ávila, 1976a. p.213-227.

_____. (1929) Os objetivos da Psicoterapia. In:_____. *A prática da psicoterapia*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1981a. p. 34-50. (Obras Completas de C.G. Jung, v.16/1).

_____. (1934) *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978. 159 p. (Obras Completas de C. G. Jung v.7/2).

_____. (1944) *Psicologia e alquimia*. Tradução de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1991. 566 p. (Obras Completas de C. G. Jung v.12).

_____. (1929) Os problemas da psicoterapia moderna. In:_____. *A prática da psicoterapia*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1981b. p. 51-72 (Obras Completas de C. G. Jung, v.16/1).

_____. (1945) Psicoterapia e atualidade. In:_____. *A prática da psicoterapia*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1981c. p. 90 -105 (Obras Completas de C. G. Jung, v.16/1).

_____. (1912) *Símbolos da transformação*. Tradução de Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras Completas de C. G. Jung v. 5)

_____. (1921) *Tipos psicológicos*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1976b. 567 p.

KAST, V. *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 2006. 214 p.

_____. *A imaginação como espaço de liberdade: diálogos entre o ego e o inconsciente*. São Paulo: Loyola, 1997a. 200 p.

_____. *Pais e filhas Mães e filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno*. São Paulo: Loyola, 1997b. 221 p.

- KOVÁCS, M. J.** A morte em vida. In: **BROMBERG, M.H.P.F** et al. *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p.11-33
- _____. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. 243 p.
- _____. Perdas e processos de luto. In: **INCONTRI, D. & SANTOS, F. S.** *A arte de morrer: visões plurais*. São Paulo: Comenius, 2007. p.217-238.
- LA ROCHETERIE, J. de.** *La symbologie des rêves: Le corps humain*. Paris: Imago. 1984. 254 p.
- LEONARD, L. S.** *A mulher ferida: em busca de um relacionamento responsável entre homens e mulheres*. São Paulo: Summus, 1997. 220 p.
- _____. *No caminho para as núpcias*. São Paulo: Paulus, 2000. 320 p.
- LIMA FILHO, A. P.** *O pai e a psique*. São Paulo: Paulus, 2002. 509 p.
- LISPECTOR, C.** *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 182 p.
- LOWINSKY, N. R.** Mãe das mães: o poder da avó na psique feminina social. In: **ZWEIG, C.**, (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p 135-150.
- MACLEAN, A.** *A deusa tríplice: em busca do feminino arquetípico*. São Paulo: Cultrix, 1992. 142 p.
- MALDONADO, M. T.** *Casamento, término e reconstrução: o que acontece antes, durante e depois da separação*. São Paulo: Saraiva, 2000. 299 p.
- MEZAN, R.** Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual do casamento. In: **GOMES** (Org.): *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003. pp159-171.
- MINAYO, M. C. de S.** *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 2000.
- MORAES, M. N.** *Sapos não viram príncipes: uma abordagem das perspectivas amorosas de mulheres contemporâneas*. São Paulo. 146 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1994.
- _____. *Fica comigo para o café da manhã: o mito amoroso e a mulher contemporânea*. São Paulo: Olho d'Água, 2000. 77 p.
- MOORE, T.** *Cuide de sua alma*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- NASIO, J.-D.** *A dor de amar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 170 p.

- NEUMANN, E.** *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.* São Paulo: Cultrix, 1996. 536 p.
- _____. *Amor e Psique: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina.* São Paulo: Cultrix, 1990a.
- _____. *História da Origem da Consciência.* São Paulo: Cultrix, 1990b. 323 p.
- _____. *O Medo do Feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina.* São Paulo: Paulus, 2000. 270p.
- OPITZ, C.** O cotidiano das mulheres no final da idade media (1250-1500) In **DUBY, G;** **PERROT, M.**(orgs.). *Historia das mulheres no ocidente.* A Idade media. Porto : Ed. Afrontamento, 1990. Vol.2.
- PAIVA, V.** *Evas, Marias, Liliths.: as voltas do feminino.* São Paulo: Brasiliense, 1989. 242p.
- PARISI, S.** Diálogos com o animus: imagens de transformação em grupo de mulheres.
In: Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana, 4, 2006, Punta del Este, Uruguay. *Anales del IV Congreso Latinoamericano de Psicologia Junguiana.* Montevideo: Imprenta Gega, 2006, p.289-293.
- _____. *Menopausa e iniciação: vivências de morte e renascimento no desenvolvimento da mulher.* São Paulo. 326 f. 2002. Dissertação (mestrado)- Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PENNA, E. M. D.** O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP.* Dossiê: Carl Gustav Jung e outros trabalhos, São Paulo, USP-IP, v.16, n. 3, p 71-94, 2005.
- _____. *Um estudo sobre o método de investigação da pesquisa na obra de C.G. JUNG.* Dissertação (mestrado). 221 f. 2003. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade de São Paulo - São Paulo, 2003.
- PERERA, S. B.** *Caminho para a iniciação feminina.* São Paulo: Paulinas, 1985. 145 p.
- PESSOA, F.** *Fausto tragédia subjectiva.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- PLATÃO** *Diálogos.* Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1957.
- PRADO, A.** *Poesia reunida.* São Paulo: Siciliano,1998.
- QUALLS- CORBETT, N.** *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. 220 p.
- RAMOS, M.** Novas parcerias, novos conflitos. In: **GOMES (Org.): Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares.** São Paulo. Callis, 2003.p. 57-75.

RINNE, O. *Medéia: o direito à ira e ao ciúme*. São Paulo: Cultrix, 1997. 146p.

RODRIGUES de OLIVEIRA, S. Sobre o uso de recursos expressivos e os fenômenos transferenciais em grupos terapêuticos-vivenciais. In: **DESAFIOS DA PRÁTICA: o paciente e o continente**,3, Salvador, 2003. *Anais do III Congresso latino-americano de Psicologia Junguiana*. São Paulo, Lector editora, 2004. p.189-195.

_____. *Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa: narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica*. São Paulo. 122f. 2006. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSEN, D. H. *Transforming depression : a Jungian approach using the creative arts*. New York: G.P.Putnam's Sons, 1993. 263 p.

ROY, M. Desenvolvendo o *animus* como um passo rumo à nova consciência feminina. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo. Gente, 1994. p.207-236.

SAMUELS, A. *Jung e os pós-jungianos*.Rio de Janeiro: Imago, 1989. 344 p.

SANFORD, J. A. *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1987. 170 p.

_____. *Destino, amor e êxtase: a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus 1999. 156 p.

SANT'ANNA, P.A. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da Psicologia Analítica. *Psicologia USP*. Dossiê: Carl Gustav Jung e outros trabalhos, São Paulo, USP-IP, v.16, n. 3, p 15-44, 2005.

STEIN, M. *Jung o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 2004. 212 p.

STEINBERG, W. *Aspectos clínicos da terapia Junguiana: uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 1992. 171 p.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1996.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis. Vozes, 2003.

VARGAS, N. de S. Descasamento, recasamento e a adolescência conjugal.: a vivência dialética e criativa das polaridades através da conjugalidade. In: **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v.15, p.8-16, 1997

_____. O masculino e o feminino na interação homem-mulher. In: **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v.4, p.117-126,1986

VEYNE, P. O império romano. In: **ARIÈS, P.; DUBY, G.** (Org.) *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VON FRANZ, M.-L. A psicologia em grupo. In: _____. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 1999a. p. 308-351.

_____. A projeção: seu relacionamento com a doença e com o amadurecimento psíquico. In: _____. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 1999b p. 280-290.

_____. *O feminino nos contos de fadas*. Petrópolis: Vozes, 1995. 262 p.

_____. El proceso de individuacion. In: **JUNG, C. G.** *El hombre y sus símbolos*. Madrid: Aguilar, 1969 p.158-229.

WHEELWRIGHT, J. A ruptura da identificação do *animus* na descoberta do feminino. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p.225-236

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo: conceitos básicos da psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix, 1990. 301 p.

_____. O futuro do feminino. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p.371-385.

_____. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991. 287 p.

WOODMAN, M. Feminilidade consciente: mãe, virgem, anciã. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p.151-169.

WOOLGER, J. B.; WOOLGER, R. *A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas*. São Paulo: Cultrix, 1990. 346 p.

YOUNG-EISENDRATH, P. *Bruxas e heróis : uma abordagem feminista na terapia junguiana de casais*. São Paulo: Summus, 1995. 179 p.

_____. Repensando o feminismo, o *animus* e o feminino. In: **ZWEIG, C.** (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. p.237-252.

ZAIDMAN, L. B. As filhas de Pandora. In: **DUBY, G; PERROT, M.** (Orgs.). *Historia da mulheres no ocidente . A Antiguidade*. Porto. Ed. Afrontamento, 1990. Vol.1.p.415-463.

ZINKIN, L. Dialogue in the analytic setting. London and Philadelphia. Jessica Kingsley, 1998.

ZWEIG, C. (Org.) *Mulher: em busca da feminilidade perdida*. São Paulo: Gente, 1994. 406p.

ANEXO A – Folheto de divulgação

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**CONVITE
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA*****“Metade Exilada de Mim”:*
Uma abordagem do sofrimento amoroso em grupo vivencial de
mulheres**

Muitos já afirmaram que uma das dores mais intensas que uma pessoa sofre ocorre no mundo das paixões. A perda amorosa pode ter o gosto de uma morte em vida, um luto de difícil elaboração, trazendo sentimentos de vazio e de desestruturação. Mas a dor amorosa também pode oferecer abertura para revisões e transformações.

Há anos trabalho com grupos de mulheres abordando temas do universo feminino, num espaço de trocas e vivências com cunho terapêutico. Minha proposta nesta pesquisa de doutorado está voltada para a experiência do sofrimento amoroso em situações de perdas e separações, através de um trabalho grupal utilizando recursos expressivos, histórias e mitos na busca de caminhos para lidar com a perda e suas possibilidades de transformação.

Se você tem entre 40 e 55 anos e está vivendo uma situação deste tipo ou tem alguma amiga ou conhecida que possa se interessar em colaborar com a pesquisa e participar do grupo, entre em contato conosco ou indique esta pessoa. Serão sete encontros, uma vez por semana, com duração de 2h30. A participação é voluntária e gratuita.

Data: Agosto e setembro de 2007. Horários possíveis: 2as. das 19h00 às 21h30

Ou 3as. das 9h30 às 12h00

Local: Av. Paulista, 2073, cjto 1815. Conjunto Nacional

Informações: (11) 3288-8487 ou (11) 3081- 4185 (r. 213)

Pesquisadora : SILVANA PARISI

Orientadora: Prof. Dra. MARIA JULIA KOVÁCS

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, SILVANA PARISI, CRP-06/4944, doutoranda no Instituto de Psicologia da USP, no departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, da área de Saúde e Desenvolvimento Humano, sou responsável pela pesquisa intitulada “**METADE EXILADA DE MIM: UMA ABORDAGEM DO SOFRIMENTO AMOROSO EM GRUPO VIVENCIAL DE MULHERES**”, sob orientação da Prof^a. Dr^a. MARIA JÚLIA KOVÁCS. Esta pesquisa tem o objetivo de compreender a experiência psicológica de mulheres que estejam vivenciando situações de sofrimento amoroso envolvendo perdas e separações, além de avaliar os efeitos do trabalho no contexto grupal para auxiliar na ampliação de consciência e desenvolver recursos internos para lidar com a situação de sofrimento e perda amorosa das participantes.

Este Termo de Consentimento visa obter sua autorização para que sua participação no grupo de mulheres seja gravada em fita K-7, fotografada e eventualmente filmada. O material verbal será transcrito e enviado a V. S^a. para que possa conferir, alterar, aprovar ou mesmo, não concordar com seu conteúdo. As fotografias e os trechos eventualmente filmados também serão mostrados a V.S^a. para que possa conferir, aprovar ou mesmo, não aprovar sua utilização.

Informo que esta pesquisa será desenvolvida conforme normas estabelecidas pela Resolução 196/ 96, referente a Pesquisa com Seres Humanos. Dados relevantes de sua participação poderão ser utilizados nesta pesquisa, bem como, para ensino e publicação em periódicos e/ou apresentações em encontros científicos, sendo garantido pela pesquisadora, que o sigilo de sua identidade será preservado em toda e qualquer situação. O mesmo se aplica ao material oriundo de fotografias e filmagens, em que será garantido o sigilo de sua identidade ao evitar uma exposição de fotos de rosto ou outros sinais identificadores.

Esta pesquisa não envolve riscos diretos, porém V.S. será prontamente atendida pela pesquisadora, ou pelo Serviço de Atendimento do Instituto de Psicologia caso se faça necessário.

V.S^a está ciente de que sua participação é voluntária e não estará recebendo nenhum tipo de pagamento, cabendo-lhe o direito de retirar-se desta a qualquer momento sem nenhum ônus à sua pessoa. Desistindo ou não desta pesquisa, terá o direito a todas as informações pertinentes ao presente estudo até o final deste.

Solicitamos que V.S. assine este Termo de Consentimento somente após sentir-se devidamente esclarecida sobre todos os passos da pesquisa, ciente de todos os seus direitos e de acordo com os procedimentos envolvidos na realização da mesma.

Para quaisquer esclarecimentos e/ou orientações disponibilizo meus telefones de contato e email: -3288-8487 (consultório) -9378-8443 (celular)

- Email: silparisi@gmail.com

Antecipadamente agradecemos sua colaboração.

Silvana Parisi

Doutoranda- 1849919

Profª Drª Maria Júlia Kovács

Orientadora

Assino este Termo de Consentimento após estar devidamente esclarecida sobre todos os objetivos e procedimentos desta pesquisa e de pleno acordo.

(assinatura da participante)

São Paulo, ____ de _____ de 200_

ANEXO C – Conto “Pele de foca, pele de alma” (ESTÉS, 1994)

“Houve um tempo que passou para sempre e que irá logo estar de volta, em que um dia corre atrás do outro de céus brancos, neve branca... e todos os minúsculos pontinhos escuros ao longe são pessoas, cães ou ursos. Nesse lugar nada viceja gratuitamente. Os ventos são fortes e as pessoas se acostumaram a trazer consigo os seus parkas, mamleks e botas, já de propósito. Nesse lugar, as palavras se congelam ao ar livre, e frases inteiras precisam ser arrancadas dos lábios de quem fala e descongeladas junto ao fogo para que as pessoas possam ver o que foi dito. Nesse lugar as pessoas vivem na vasta cabeleira da velha Annuluk, a avó, a velha feiticeira que é a própria Terra. E foi nessa terra que vivia um homem... um homem tão solitário que, com o passar dos anos, as lágrimas haviam aberto fundos abismos em seu rosto. Ele tentava sorrir e ser feliz. Ele caçava. Colocava armadilhas e dormia bem. No entanto, sentia falta de companhia, às vezes, lá nos bancos de areia, no seu caiaque, quando uma foca se aproximava, ele se lembrava de antigas histórias sobre como as focas haviam um dia sido seres humanos e como o único remanescente daqueles tempos estava nos seus olhos, que eram capazes de retratar expressões, aquelas expressões sábias, selvagens e amorosas. Às vezes ele sentia nessas ocasiões uma solidão tão profunda que as lágrimas escorriam pelas fendas já tão gastas do seu rosto. Uma noite ele caçou até depois de escurecer, mas sem conseguir nada. Quando a lua subiu no céu e as banquisas de gelo começaram a reluzir, ele chegou a uma enorme rocha malhada no mar e seu olhar aguçado pareceu distinguir movimentos extremamente graciosos sobre a velha rocha. Ele remou lentamente, e com os remos bem fundos para se aproximar, e lá no alto da rocha imponente, dançava um pequeno grupo de mulheres, nuas como no primeiro dia em que se deitaram sobre o ventre da mãe. Ora, ele era um homem solitário, sem nenhum amigo humano a não ser na lembrança - e ele ficou ali olhando. As mulheres pareciam seres feitos de leite da lua, e sua pele cintilava com gotículas prateadas como as do salmão da primavera, seus pés e mãos eram longos e graciosos. Elas eram tão lindas que o homem ficou sentado, atordoado no barco, e a água nele batia levando-o cada vez mais para junto da rocha. Ele ouvia o riso magnífico das mulheres... pelo menos elas pareciam rir, ou seria a água que ria às margens da rocha? O homem estava confuso, por se sentir tão deslumbrado. Entretanto, dispersou-se a solidão que lhe pesava no peito como couro molhado e, quase sem pensar, como se fosse o seu destino, ele saltou para a rocha e roubou uma das peles de foca ali jogadas. Ele se escondeu por trás de uma saliência rochosa e ocultou a pele de foca dentro do seu qutnquq, parka. Logo, uma das mulheres gritou numa voz que era a mais linda que ele já ouvira... como as baleias chamando de madrugada... ou não, talvez fosse mais parecida com os lobinhos recém-nascidos caindo aos tombos na primavera... ou então, não, era algo melhor do que isso, mas não fazia diferença, por que... o que as mulheres estavam fazendo agora? Ora, elas estavam vestindo suas peles de foca, e uma a uma as mulheres focas deslizavam para o mar gritando e ganindo de felicidade. Com exceção de uma. A mais alta delas procurava por toda parte sua pele de foca mas não a encontrava em lugar nenhum. O homem sentiu-se estimulado - pelo quê, ele não sabia. Ele saiu de trás da rocha, dirigindo um apelo a ela:

- Mulher... case-se comigo. Sou um homem sozinho.

Ah - ela respondeu – eu não posso me casar, porque sou de outra natureza, pertencço aos que vivem lá embaixo.

- Case-se comigo – insistiu o homem - em sete verões, prometo lhe devolver sua pele de foca e você poderá ficar ou ir embora como preferir.

A jovem mulher-foca ficou olhando muito tempo o rosto do homem com olhos que se não fossem suas origens verdadeiras, pareceriam humanos.

- Irei com você – disse ela, relutante- Dentro de sete verões tomaremos a decisão.

E assim, com o tempo, tiveram um filho a quem deram o nome de Ooruk. A criança era ágil e gorda. No inverno a mãe contava a Ooruk histórias de seres que viviam no fundo do mar enquanto o pai esculpia um urso em pedra branca com uma longa faca. Quando a mãe levava o pequeno Ooruk para a cama, ela lhe mostrava pelo buraco da ventilação as nuvens e todas as suas formas. Só que em vez de falar das histórias do corvo, do urso e do lobo, ela contava histórias da vaca marinha, da baleia, da foca e do salmão... pois eram essas as criaturas que ela conhecia. No entanto, à medida que o tempo foi passando, sua pele começou a ressecar. A princípio, ela escamou e depois passou a rachar. A pele de suas pálpebras começou a descascar. O cabelo de sua cabeça, a cair no chão. Ela se tornou naluaq, do

branco mais pálido. Suas formas arredondadas começaram a definir. Ela procurava esconder seu caminhar claudicante. A cada dia seus olhos, sem que ela quisesse, iam ficando mais opacos. Ela precisou a estender a mão para tatear porque sua vista estava escurecida. E as coisas iam dessa forma até uma noite em que o menino despertou ouvindo gritos e se sentou ereto nas cobertas de pele. Ele ouviu um rugido de urso, que era seu pai repreendendo a mãe, ouviu também um grito como o da prata que ressoa com uma pedra, que era sua mãe.

- Você escondeu a minha pele de foca há sete longos anos, e agora esta chegando o oitavo inverno. Quero que me seja devolvido aquilo de que sou feita – gritou a mulher foca.

- E você mulher – vociferou o marido- você me deixará se eu lhe der a pele.

- Não sei o que eu fazia, só sei que preciso daquilo a que pertença.

- E você me deixaria sem mulher, e a seu filho, sem mãe, você é má.

Com essas palavras, o marido afastou com violência a pele da porta e desapareceu noite adentro. O menino adorava a mãe. Ele tinha medo de perdê-la, por isso chorou até dormir... só para ser acordado pelo vento. Um vento estranho parecia chamá-lo.

- Ooruk, Ooorukk.

Ele pulou da cama tão apressado que vestiu o parka de cabeça para baixo e só puxou os muklus até a metade. Ao ouvir o seu nome chamado insistentemente, ele saiu correndo na noite estrelada.

- Ooooooorukk.

O menino correu até o penhasco de onde se via a água, e lá, bem longe no mar encapelado, estava uma foca prateada imensa e peluda... sua cabeça era enorme. Seus bigodes caíam até o peito. Seus olhos eram de um amarelo forte.

O menino foi descendo o penhasco de qualquer jeito e bem junto à base tropeçou em uma pedra, não, numa trouxa, que rolou de uma fenda na rocha. O cabelo do menino fustigava em seu rosto como milhares de acoites de gelo.

- Oooooorukk.

O menino abriu a trouxa e a sacudiu: era a pele de foca da sua mãe. Ah, ele sentia seu perfume na pele inteira. E, enquanto mergulhava o rosto na pele de foca e respirava seu cheiro, a alma da mãe penetrava nele como um súbito vento de verão.

- Ah – exclamou ele com alegria e dor, e levou novamente a pele ao rosto. Mais uma vez a alma da mãe passou pela dele. – Ah!!! - gritou ele de novo, porque estava sendo impregnado pelo amor infinito da mãe. E a velha foca prateada ao longe mergulhou lentamente para debaixo d'água. O menino escalou o penhasco, voltou correndo para casa com a pele de foca voando atrás dele e se jogou para dentro de casa. Sua mãe contemplou o menino e a pele e fechou os olhos, cheia de gratidão, pelo fato de os dois estarem em segurança. Ela começou a vestir a sua pele de foca.

- Ah, mãe, não – gritou o menino.

Ela apanhou o menino, ajeitou debaixo do braço e saiu correndo aos trambolhões em direção do mar revolto.

- Ai, mamãe não me abandona – implorava o menino.

Logo dava para se ver que ela queria ficar com o filho, queria mesmo, mas alguma coisa a chamava, algo que era mais velho do que ele, mais velho do que ela, mais antigo que o próprio tempo.

- Ah, mamãe, não, não – choramingou a criança.

Ela se voltou para ele com uma expressão de um profundo amor nos olhos, segurou o rosto do menino nas mãos, soprou para dentro dos pulmões do menino seu doce alento, uma vez, duas vezes, três vezes, depois, com o menino debaixo do braço, como uma carga preciosa, ela mergulhou bem fundo no mar, cada vez mais fundo. A mulher foca e seu filho não tinham dificuldade para respirar debaixo da água.

Eles nadaram muito para o fundo, até que entraram no abrigo subaquático das focas, onde todos os tipos de criaturas estavam jantando e cantando, dançando e conversando, e a enorme foca prateada que havia chamado Ooruk de dentro do mar, abraçou o menino e chamou de neto.

- Como você está se saindo lá em cima minha filha? – perguntou a grande foca prateada.

A mulher foca afastou o olhar e respondeu: - Magoei um ser humano, um homem que deu tudo para que eu ficasse com ele, mas não posso voltar para ele, porque, se o fizer estarei me transformando em prisioneira.

- E o menino? – perguntou a velha foca – meu neto? Ele estava tão orgulhoso que sua voz tremeu.

- Ele tem de voltar para o pai, ele não pode ficar aqui, ainda não chegou seu tempo de ficar conosco – ela chorou, e juntos eles choraram.

E assim passaram-se alguns dias e noites, exatamente sete, período durante o qual voltou o brilho aos cabelos e aos olhos da mulher foca. Ela adquiriu uma bela cor escura, sua visão se recuperou, seu corpo voltou às formas arredondadas e ela nadava com agilidade. Chegou, porém, a hora de devolver o menino à terra. Nesta noite, o avô foca e a bela mãe do menino nadaram com a criança entre eles. Vieram subindo, subindo, de volta ao mundo da superfície. Ali eles depositaram Ooruk delicadamente no litoral pedregoso ao luar.

– Estou sempre com você – afiançou-lhe a mãe- Basta que você toque algum objeto que toquei, minhas varinhas de fogo, minha ulu, faca, minhas esculturas de pedra de focas e lontras, e eu soprarei em seus pulmões um fôlego especial para que você cante as suas canções.

A velha foca prateada e sua filha beijaram o menino muitas vezes. Afinal, elas se afastaram, saíram nadando mar adentro e com um último olhar para o menino, desapareceram debaixo d' água. E Ooruk, como ainda não era sua hora, ficou.

Com o passar do tempo, ele cresceu e se tornou um famoso tocador de tambor, cantor e inventor de histórias. Dizia-se que tudo isso decorria do fato de ele, quando menino, ter sobrevivido a ser carregado para o mar pelos enormes espíritos das focas. Agora, nas névoas cinzentas das manhãs, ele às vezes ainda pode ser visto, com seu caiaque atracado, ajoelhado numa certa rocha no mar, parecendo falar com um certa foca fêmea que freqüentemente se aproxima da orla. Embora muitos tenham tentando caça-la, sempre fracassaram. Ela é conhecida como “a brilhante, a sagrada”, e dizem que, apesar de ser foca, seus olhos são capazes de retratar expressões, aquelas expressões sábias, selvagens e amorosas.”

ANEXO D – Era uma vez... (histórias escritas pelas participantes)

Suzana

Era uma vez, num país muito distante daqui, uma garotinha que com seus pais e seus dois irmãos, morava numa linda casa no meio de um imenso jardim. As flores eram muito coloridas e exalavam um delicioso perfume que ainda hoje existe em sua memória. Seu nome era Estela, seu irmão mais velho se chamava Sol e sua irmã mais nova Lua. Assim como seus nomes suas vidas pareciam vibrar no céu. Estela teve uma infância muito feliz e divertida, porém, com muita responsabilidade.

Com seus pais aprendeu a dar valor ao trabalho, respeitar o próximo e honrar seu nome. Com seus irmãos, além da parceria e cumplicidade aprendeu a dividir e perceber que todos são diferentes uns dos outros e por isso mesmo, muito especial. Cada qual com seu dom, o maior tesouro que podemos ter.

Muito meiga e sincera, adorava brincar com os animais, com seus irmãos e com suas bonecas. Ah! E sua coleção de bonecas era enorme com todo tipo de bonecas e de diferentes nacionalidades também. Vivendo num mundo tranquilo e seguro não precisava desconfiar de nada ou ninguém, passando a maior parte de sua vida como uma pessoa crédula, inocente, incapaz de prejudicar ou mesmo sentir raiva de alguém.

Estela adorava estudar e era muito dedicada à família. Conheceu lugares diferentes, fez amigos, namorou e um belo dia, conheceu um rapaz por quem se apaixonou e com quem namorou muito seriamente. Pela primeira vez pensou em casar.

No entanto, após dois anos de namoro, tudo terminou e Estela ficou profundamente triste e por um bom tempo não quis mais saber de namorar. Eis que de repente..., ainda decepcionada e magoada com o que havia acontecido; certo dia conheceu um jovem oriental muito alegre, inteligente e sedutor. Embora Estela resistisse, em pouco tempo se sentiu envolvida e muito atraída por ele. Após um ano e pouco de namoro se casaram.

A vida de Estela estava perfeita e ela muitíssimo feliz. Sentia-se amada e protegida por este homem. Logo vieram os três queridos filhos. Três rapazes fortes e carinhosos. Em cada nascimento uma conquista mais uma realização e muitas alegrias. Assim aconteceu com todos os três e por muito tempo viveu uma felicidade enorme. Estela trabalhava, cuidava dos filhos e estava sempre pronta para acompanhar seu querido marido. Para poder dar conta de tudo isto Estela fez muitas concessões deixando de lado alguns amigos e outras atividades que gostava muito. No entanto, não sentia falta do que deixava para trás, pois a felicidade de estar com seus filhos, marido e familiares era imensa. Estela também foi sempre muito religiosa, o que lhe concedeu muita força e coragem ao longo de seus anos.

Os filhos cresceram, estudaram fora do país, retornaram depois de alguns anos e hoje para sua alegria estão formados e vivendo, por enquanto, com ela.

Dez anos atrás seu pai faleceu e um pedacinho seu foi junto com ele. A dor foi imensa e o luto muito forte. Decepcionou-se ao se deparar com o fato de que para seu marido, a morte não passava de um ato natural da vida. Isso ela já sabia, porém havia um luto e uma dor da perda de não poder contar com a presença de entes tão queridos que só ela sentia. Infelizmente não pode contar com o apoio ou a solidariedade de seu marido.

A vida continuou e Estela seguiu sua caminhada com muita fé e esperança. Já havia planejado sua aposentadoria e começava a sonhar com a próxima etapa de sua vida. Ser avó e poder a voltar a ter mais tempo para se dedicar às suas atividades preferidas, tocar piano e dançar e, poder ter mais tempo com seu marido.

Infelizmente, com um enorme pesar, quase sem poder acreditar, viu seu mundo desabar quando depois de mais de 32 anos de casada, seu marido saiu de casa dizendo ir fazer o caminho de espiritualidade “o caminho de Jesus ou de Buda” conforme suas palavras, e não mais quis voltar para a família. Resolveu querer viver em liberdade. Liberdade esta que se traduziu em viver com outra mulher. Tudo o que Estela levou para construir em 32 anos, toda sua dedicação e amor não foram suficientes para que a família pudesse prosseguir unida.

Após um período de grande decepção e desilusão, Estela percebeu que, apesar da imensa dor e tanto sofrimento, seus filhos são o seu maior tesouro e que a vida continua num outro ciclo vital.

Hoje ela sabe que ele escolheu viver com outra mulher e ela se encontra mais forte do que jamais pensou. Forte e esperançosa para descobrir novos caminhos, para lutar pelos seus futuros sonhos e projetos. Aberta para um outro tempo que talvez possa lhe trazer a melhor fase de sua vida.

Dora

Era uma vez uma linda princesinha de cabelos loiros e cacheados, olhos verdes azulados tais como esmeraldas furta-cor, bochechas rosadas e um largo sorriso. Por onde andava, a princesinha encantava a todos com o seu jeito alegre e matreiro de ser, tinha amigos no parque, no clube, na rua, por onde passava.

E o tempo foi passando, a princesinha tornou-se uma bela moça, cheia de charme e amigos. Tinha de tudo, um berço esplendido, pais carinhosos, amigos, boas notas e alegria de viver.

Curiosa como toda jovem, a princesa em algum dia, entrou na floresta do desencantamento e lá foi-lhe mostrado tudo que havia de ruim naquele reino, a maldade, os espinhos, a arrogância, a impertinência, a falta de auto-estima e a indecisão. Cansada de olhar para tudo isso, tão diferente do que havia visto até então, a princesa deitou-se sob uma árvore frondosa e adormeceu profundamente, refrescando-se com a brisa suave e aconchegando-se na relva macia e fofa.

Teve um sonho no qual se deparava com um ogro fedido e maltrapilho que bradava aos sete ventos, rogando uma praga: a princesa só seria feliz caso se casasse com alguém de uma espécie completamente diferente da sua. Alguém que tivesse o poder de realizar seus sonhos mais profundos, mas a quem a princesa deveria entregar sua auto-estima e o seu amor próprio, para viver em função e respeitar, ajudar a se fazer gente. Era uma troca justa, embora o ogro lhe garantisse que teriam os filhos mais lindos do reino, a princesa não entendeu, por ingenuidade e pelo desejo profundo de ser mãe e casar-se, que através deste feitiço, a princesa murcharia lentamente, iria perder sua auto-estima, transformando-se na sombra do ogro, pois somente assim ele teria brilho próprio.

Ainda meio entorpecida pelo sonho que tivera, a princesa aturdida e chocada com o sonho saiu correndo mata adentro, mas esquecera de levar junto todos os seus valores que estavam numa bolsinha que sempre carregava. Até que, perdida ao entardecer e perdida no meio da mata, a princesa encontra uma árvore falante que lhe diz que se quisesse voltar para casa, deveria prometer nunca contar este sonho a ninguém, caso contrário ele se realizaria. E num passe de mágica, lá estava a princesa de volta a seu palácio.

Anos mais tarde, surge um homem andando a cavalo e se encantou com a beleza e a bondade da princesa, dela se aproximou, mostrou seus dotes, suas habilidades. Conversaram horas a fio, até que a princesa, esquecendo-se da promessa feita à árvore falante, contou ao desconhecido, sua aventura na mata.

- Ora, deixe de bobagens, isto foi apenas um sonho ruim, onde já se viu, ogros não existem, além do mais, por aqui, só andam pessoas de bom coração.

Aos poucos aquela fala foi fazendo sentido, o homem se mostrava gentil, inteligente, amigável e bastante sincero. A princesa achou que já era hora de se casar, formar um lar e uma família, então casou-se com aquele homem, de papo tão agradável, porém sempre misterioso e cheio de histórias para contar.

Tiveram dois filhos lindos, saudáveis, inteligentes, e a cada dia que se passava, a princesa sentia-se mais orgulhosa de sua empreitada, afinal já tinha escrito um livro, plantado uma árvore e tido seus dois filhos. Mas havia lago esquisito, a energia e a vitalidade da princesa já não eram mais as mesmas. Sentia-se cansada, vazia, até que um dia olhou-se profundamente no espelho e viu, através de seus olhos, na profundidade de sua alma, que estava velha e desgastada, fora de seu eixo e prumo. Procurou por todos os lugares por onde estivera nos últimos 12 anos onde aquele emaranhado todo havia começado.

Aos poucos e com este novo olhar crítico cheio de coragem, foi se apercebendo que o homem com quem se casara não era ninguém menos do que aquele ogro com quem um dia havia sonhado na mata. Percebeu-se desvitalizada, envelhecida, pequena, e o ogro continuava a bradar: Eu te avisei, era uma troca justa, você não escutou a árvore falante? Acreditou nos meus devaneios, perdeu seu brilho e sua paz. Há! Há! Há! Dane-se pobre princesinha, sua tola sonhadora... Foi tão fácil te enganar. Há! Há Há!

A princesa, em completo desespero viu-se nua diante da situação, e ao olhar-se naquele estado, procurou na janela um pouco de amor próprio e de coragem, não mais do que apenas um grão de cada virtude, de cada um daqueles valores que havia esquecido na bolsinha na floresta.

Pediou forças ao Supremo Mestre e com as poucas que encontrou, rompeu os grilhões que a uniam ao ogro, sim, era o ogro em carne e osso! Saiu daquele castelo carregando consigo apenas as duas jóias que ainda possuía e não tinham sido destruídas, embora estivessem arranhadas e com pouco brilho.

E lá se foi a princesa e seus dois filhos em busca de algo melhor, maior e que os fizesse felizes. Esta história não termina aqui, ainda há muita água para rolar embaixo da ponte, mas uma única certeza move a princesa: de que dias melhores virão!

E que assim seja...

Beth

Era uma vez uma menina que queria ser médica para poder cuidar dos avós por quem tinha verdadeira adoração. No entanto a avó veio a falecer seguida três meses mais tarde pelo avô. Ela tinha apenas 11 anos.

Estas duas perdas representaram para esta menina uma enorme frustração por não ter havido tempo de salvá-los. Isto ocasionou nela uma grande tristeza que se prolongou por mais de 5 anos. Ela passou a viver num mundo à parte, se isolou, brincava só, não sorria muito, não tinha muitos amigos, tudo era sem graça.

Passou a sonhar em ter uma família grande, imaginava-se sendo uma boa mãe, boa esposa e dona de casa, tudo isto numa casa muito bonita. Enquanto a mãe pretendia direcioná-la para ser uma “prendada moça do lar”, o pai e o irmão sempre a incentivavam a estudar e a ter uma profissão. Foi assim que ela se formou em Desenho Industrial ficando muito feliz ao obter seu primeiro emprego.

Ela passou a fazer diversos cursos paralelos, especializou-se na área artística, para onde direcionou toda sua energia e emoção. Esta fase tão produtiva foi interrompida por um casamento e os desdobramentos naturais que se seguiram daí em diante – filhos, afazeres domésticos, etc.

Passados alguns anos viu-se numa situação onde foi obrigada a ir à luta para ajudar no orçamento doméstico. Foi um tempo de economia e alguma privação, durante o qual conseguiu construir um pequeno patrimônio.

Anos mais tarde, acontecimentos tristes abalaram sua estrutura emocional. Em pouco mais de um ano, perdeu seu pai e seu único irmão. Isto ocasionou-lhe uma profunda depressão. Passou a fazer terapia bem como a se medicar. Isto durou 5 anos. Por aconselhamento médico voltou à arte como forma de terapia. Eis que então, novo abalo. Desta vez, oriundo do abandono do marido, o que veio a provocar-lhe uma simultânea sensação de medo, tristeza e liberdade.

Hoje, quando olha para trás, não sente saudades de nada, apenas se dá conta da falta do pai e do irmão a quem tanto amava. Hoje a sua arte é a sua grande paixão – foi para onde ela direcionou todo o seu sentimento.

Lia

Era uma vez uma linda garotinha que nasceu no alto de uma montanha, num dia de muita neve e muito frio, num país do velho continente europeu. Logo em seguida, seus pais resolveram emigrar para um país grande e distante, lá da América do Sul e assim se foram os três para aquelas paragens sem fim.

Essa menininha foi crescendo e ela aprendeu a falar o português, embora em sua casa sua mãe e seu pai só conversassem com ela em italiano, assim ela ia misturando as duas línguas e, às vezes, inventava algumas palavras que não existiam em nenhuma das duas línguas originais, e ela achava isso super divertido.

Quando essa garota estava com quase 3 anos, ganhou um irmão Zinho que toda vez que estava para dormir, ela ia lá e enfiava os dedos nos olhos dele, daí ele chorava e sua mãe dava altas broncas... Mas depois sempre ficava tudo bem.

Ela aprendeu a ler e escrever antes de ir para a escola, pois sua mãezinha a alfabetizou em casa e assim, quando ela começou a estudar era sempre uma das melhores de sua sala; aliás, ela ganhou

várias medalhas de melhor aluna, uma inclusive, do Estado de São Paulo, e de matemática!!! Ficou toda orgulhosa, mas conforme o tempo foi passando, ela foi se desinteressando pela matemática e acabou se apaixonando pela Língua Portuguesa, pela História e pela Geografia.

Nessa época o país vivia sob uma dura ditadura e na casa dessa mocinha sempre se discutia muita política e havia opiniões absolutamente opostas: uma banda se dizia socialista (de esquerda, enfim...) e outra , radicalmente contra, era de direita. A garota resolveu que ia ficar com a ala da esquerda e comprou muitas brigas ao longo da vida por causa dessa opção. Meteu-se em passeatas, em reuniões clandestinas, aprendeu o método Paulo freire e saiu tentando alfabetizar adultos, tudo por uma nobre causa: justiça social e igualdade para todos.

O tempo foi passando e essa menina foi virando uma mulher. Seus pais, depois de muitas discussões, acabaram se separando e ela e seu irmão passaram a viver só com a mãe. Seu pai desapareceu e ela só foi reencontrá-lo muitos e muitos anos mais tarde, tantos que ele nem sequer a reconheceu! Durante muitos anos essa garota sofreu o assédio sexual de um tio dela que tinha idade para ser seu avô! Foi um horror e ela foi ficando muito triste e com muita raiva.

Durante sua adolescência ela foi muito rebelde, ia sempre muito bem na escola, mas era cheia dos ideais de mudar o mundo. Como percebeu que não ia conseguir mudar o mundo, ela resolveu mudar, pelo menos, o mundo dela! E quando fez 18 anos decidiu ir embora do Brasil. Foi para a Venezuela, onde ficou quase um ano e aprendeu o espanhol, língua que até hoje ela gosta muito. De lá ela voltou para seu país de origem e morou lá por quase três anos, fazia faculdade de Línguas e Literatura Estrangeira Moderna, tentou aprender o alemão, mas não deu certo. Morava em uma pensão de freiras e teve grandes brigas com algumas delas.

Quando voltou para o Brasil não quis mais morar com a sua mãe, já era uma mulher e queria um canto só para ela. Mudou de São Paulo e foi morar em Campinas e lá começou a fazer Ciências Sociais. Mas, um belo dia recebeu uma carta de uma amiga sua italiana que estava morando na Inglaterra , convidando-a para ir ficar em seu lugar, pois ela estava voltando para a Itália e a família que a hospedou queria uma outra garota que cuidasse das crianças, as levasse para escola, enfim, essas coisas. E lá se foi ela, mais uma vez de mala na mão! Foi para Londres e de lá para outra cidadezinha onde morou por um ano. Aprendeu inglês, fazia cursos e conheceu gente do mundo todo: Alemanha, El Salvador, Filipinas, Suécia, Espanha, foi uma época de grandes descobertas.

Depois, voltou para o Brasil e começou a trabalhar em uma escola de idiomas, dando aulas de italiano, inglês e espanhol. Como sempre. Era uma ótima profissional e teve uma carreira de sucessos, a cada dois anos foi sendo promovida até que virou diretora de uma filial. Nessa época conheceu um belo moreno que a encantou, só que era casado! Depois de quase um ano, ele se separou e os dois passaram a viver juntos. Infelizmente as coisas não deram muito certo, havia muita diferença entre os dois, e menos de uma ano depois, eles já se separaram. Foi aí que ela conheceu um outro rapaz, bem mais velho do que ela, uns 13 anos. Médico e... casado, também!!! Mais uma vez, depois de um bom tempo ele também se separou e os dois ficaram juntos por muitos e muitos anos. Cada uma morava em sua casa, até que um belo dia ela acabou mudando para a casa dele, e apesar de uma grande reforma que fizeram no apartamento, no fundo, no fundo, ela nunca achou que aquela era a sua casa.

A carreira de seu companheiro foi tendo um sucesso estrondoso e ela aos poucos, foi abrindo mão de uma série de coisas e, sem muito perceber, acabou virando uma outra mulher. Os dois viajaram muito, para todos os lados: China, África, Fiji, Austrália, Europa, Estados Unidos, América do Sul, enfim, levaram uma vida bem movimentada. Esse rapaz já tinha um filhinho com quem ela sempre se deu bem, embora nunca tenha querido assumir nenhum papel de mãe. Aliás, ela também nunca quis ter filhos e como ele também não fazia questão, nunca tiveram um.

Um belo dia, essa moça resolveu fazer terapia e durante esse processo foi se dando conta de que ela quase nem se reconhecia mais, havia mudado tanto que nem se lembrava mais do que é que gostava, o que é que queria e de quem era. Foi então que ela resolveu voltar a estudar e dessa vez, decidiu fazer algo que ela sempre quis, mas que devido às agruras e andanças de sua vida, acabou não fazendo e foi estudar Psicologia.

Ela foi mergulhando nesse novo mundo e foi ficando encantada. Reencontrou o prazer de estudar, voltou a ter projetos e ideais, mas, ao mesmo tempo, infelizmente sua relação amorosa foi ficando cada vez mais morna e com o tempo, diria até um tanto desrespeitosa, de ambas as partes, é bom que se diga. Foi então que para variar, os dois marcaram uma viagem com o objetivo de discutir e conversar sobre o que estava acontecendo. De fato, não se conversou muito, parecia que já se sabia o

que devia acontecer e foi assim que quando voltaram, decidiram que iriam se separar. Isso aconteceu no último ano da faculdade dela e foi muito triste.

Ambos tomaram todas as decisões práticas e ela foi morar em um apartamento muito bonitinho, no mesmo bairro. Ela se formou, foi a oradora da turma dela e recebeu muitos elogios pelo seu discurso, que diga-se de passagem, foi mesmo inspirado. Ele e sua mãe estavam presentes à cerimônia e quando ela agradeceu aos ex- maridos, todo mundo deu muita risada!

Os dois continuaram se vendo de vez em quando, afinal ficaram juntos 20 anos e tem muitos amigos em comum, ela às vezes fica muito triste e acha que ele também, aliás, ele mesmo já disse isso a ela! Mas, sem nem entender muito bem o que é que foi acontecendo, o fato é que eles foram se afastando e agora o que resta é carinho e boas lembranças.

Ele já está namorando uma outra mulher, ela não. Por enquanto ela decidiu se dedicar à sua carreira, está fazendo cursos de especialização, grupos de estudos, estágio em uma clinica de um renomado instituto de São Paulo e não tem se entusiasmado muito com a possibilidade de uma nova relação amorosa, pelo menos não por enquanto, é o que ela sempre diz.

Seu irmão agora tem uma filhinha de 2 anos e ela tem estado muito com eles, se divertindo muito com as descobertas da sobrinha e bancando a tia coruja. Aliás, ela acabou ficando com um gatinho da sobrinha que não estava dando muito certo com ela, e agora seu apartamento conta com um gatinho todo preto, de olhos verdes, chamado Mingau.

Isso é um pouco da história até aqui, o que lhe reserva o futuro, não se sabe. Mas de uma coisa ela tem certeza: tem muita história para contar e se orgulha muito disso. Apesar dos altos e baixos pelos quais passou em sua vida, ela tem a sensação de não estar passando pela vida sem deixar sua marca. E agora seu novo projeto é escrever um livro e até os 50 anos mudar para uma casa com quintal, onde ela possa ter um belo jardim e um cachorro bem grandão para brincar com o Mingau.

ANEXO E – Imaginação dirigida com a mulher interior

Vou pedir para vocês ficarem numa posição confortável, fechar os olhos, vou apagar a luz ; [pausa] posição confortável, fechem os olhos, prestem atenção no corpo, nas sensações corporais [pausa]. Observe a sua respiração [pausa], não interfira no ritmo da respiração, apenas observe [pausa], se tiver alguma parte desconfortável do seu corpo, ajeite-se melhor, tente relaxar o rosto, a expressão facial, os ombros, as costas, o quadril, as pernas, vá soltando todas as tensões [pausa] entre em contato com o seu corpo [pausa]. Imagine que você está em um lugar de natureza, uma floresta [pausa]; você vai caminhando por esta floresta, observando os cheiros [pausa – começa musica]; observando as sensações ao andar por esta floresta, os sons desta floresta, a sombra das arvores. À medida que você vai caminhando em silêncio, permaneça numa escuta interna dos seus sentimentos e das suas sensações e numa escuta externa de tudo que cerca você; [pausa] nesse caminho você encontra uma cachoeira de águas límpidas e puras, aproxime-se desta cachoeira, observe o movimento, a força da água. E você começa a se preparar para entrar nesta cachoeira, pode ir tirando toda a sua roupa, todas as suas cargas, tudo aquilo de que você não precisa. Comece a entrar na água, a água é fresca, você não sente frio, deixe que a água deslize sobre o seu corpo, levando de você tudo o que precisa ser limpo, tudo o que precisa ser levado embora, aquilo que você não necessita mais, as suas cargas, o seu cansaço, as suas dores, as suas tristezas [pausa]. É uma água revigorante, tem o poder de cura e de purificação, que lava o seu corpo e a sua alma [pausa]; aos poucos você vai deixando tudo para trás, lavando tudo em você [pausa]; a água é pura e se você quiser beba também desta água, deixando que ela purifique você, também por dentro, é uma água, é uma água que alimenta o seu corpo e a sua alma, saciando a sua sede, e purificando você; fique o tempo que necessitar [pausa]. Quando você se sentir revitalizada, pronta, você começa a sair desta água, a se secar, veja como você se sente agora [pausa]. E comece a se arrumar, preste bastante atenção naquilo que você veste, o que é realmente necessário você levar com você, vá se arrumando, detalhe por detalhe, lentamente [pausa]; deixando tudo o que você não precisa mais para você poder empreender a sua caminhada [pausa]. Quando você estiver pronta, você percebe que tem uma mulher aí te observando, uma mulher que já conhece você há muito tempo. E é uma mulher que sempre existiu na memória dos tempos, observe-a bem, observe também como você se sente na presença dela. Algum tipo de comunicação acontece entre vocês. Ela transmite algo a você, ela fala algo a você, procure estabelecer algum tipo de diálogo com ela. O que você diria a ela? O que você diz a ela? O que você pede a ela? Veja o que ela diz ou transmite a você [pausa]. Ela lhe entrega algo, um objeto. O que ela entrega a você? Continue procurando estabelecer algum tipo de diálogo ou comunicação, se você tiver algo para dar a ela, entregue também. Observe como você se sente neste encontro, e o que é passado entre vocês. Como você recebe aquilo que ela te dá? [pausa] Agora você pode começar a se despedir dela, chegou a hora dela partir e de você também partir para a sua caminhada, para o seu retorno. Despeça-se dela. [pausa]. Guarde com você este momento, esta

vivência, traga com você aquilo que ela lhe deu. E agora, você já sabe que pode voltar a este lugar para encontrá-la sempre que você precisar. [pausa] Comece a voltar, saindo da floresta, voltando para cá.... sinte seu corpo, dê uma espreguiçada, abra os olhos, vá voltando para cá. [pausa] Vou sugerir que vocês façam alguma coisa com argila, se alguém quiser, eu deixo também coisas para pintar ou desenhar.